UNE ✦ SACRA

Celta

Mabinogion

✦ ✦ ✦

Anônimo (País de Gales)

Tradução (edição 1.4)

Créditos

Autor	Anônimo (País de Gales)
Data	séc. XI–XIII; manuscritos de c. 1350–1400
Idioma original	wlm
Versão	Tradução (edição 1.4)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de Lady Charlotte Guest (1838–1849)
Fonte	Project Gutenberg — The Mabinogion (Lady Charlotte Guest), eBook 5160
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

O Mabinogion é a coleção dos contos em prosa mais antigos da literatura galesa, conservados em dois manuscritos medievais, o Livro Branco de Rhydderch (c. 1350) e o Livro Vermelho de Hergest (c.

1400), mas com raízes na mitologia e na tradição oral celtas muito anteriores. O nome vem de Lady Charlotte Guest (1812–1895), que o traduziu para o inglês e publicou entre 1838 e 1849, a primeira tradução completa.

O centro da coleção são as "Quatro Ramificações do Mabinogi" — Pwyll, príncipe de Dyfed; Branwen, filha de Llŷr; Manawydan, filho de Llŷr; e Math, filho de Mathonwy —, cheias de figuras que parecem antigos deuses celtas: Rhiannon, Bran, o Bendito, cuja cabeça continua a falar depois de cortada, o mago Gwydion e Blodeuwedd, a mulher feita de flores.

Há também os contos arturianos: Culhwch e Olwen, com a caça ao javali Twrch Trwyth, o mais antigo relato em prosa sobre o rei Artur; o Sonho de Rhonabwy; e os três romances

— A Dama da Fonte, Peredur e Geraint —, versões galesas das histórias de Owain, Percival e Erec.

Completam o volume o Sonho de Maxen Wledig, a História de Lludd e Llefelys e a história de Taliesin, o bardo que nasceu de três gotas do caldeirão de Ceridwen.

Nesta edição os contos seguem a ordem de Guest e os nomes estão na grafia dela (Kilhwch, Dyved, Caridwen). As poucas notas curtas que vêm no texto estão no fim do conto; a introdução e as notas longas da edição original não entram.

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/5160

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

A Dama da Fonte

Peredur, o Filho de Evrawc

Geraint, o Filho de Erbin

Kilhwch e Olwen, ou o Twrch Trwyth

O Sonho de Rhonabwy

Pwyll, Príncipe de Dyved

Branwen, filha de Llyr

Manawyddan, o Filho de Llyr

Math, filho de Mathonwy

O Sonho de Maxen Wledig

A História de Lludd e Llevelys

Taliesin

A DAMA DA FONTE

✦

O rei Artur estava em Caerlleon, às margens do Usk; e um dia estava sentado em sua câmara; e com ele estavam Owain, filho de Urien, Kynon, filho de Clydno, e Kai, filho de Kyner; e Gwenhwyvar e suas damas faziam trabalhos de agulha junto à janela. E, se alguém dissesse que havia um porteiro no palácio de Artur, não havia nenhum.

Glewlwyd Gavaelvawr estava ali, fazendo as vezes de porteiro, para acolher hóspedes e estrangeiros, recebê-los com honra e informá-los dos modos e costumes da corte; e para orientar os que vinham ao salão ou à câmara de audiências, e os que vinham se hospedar.

No centro da câmara, o rei Artur estava sentado sobre um assento de juncos verdes, sobre o qual se estendia uma cobertura de cetim da cor de chama, e havia uma almofada de cetim vermelho sob seu cotovelo.

Então Artur falou: “Se eu pensasse que vocês não me censurariam”, disse ele, “eu dormiria enquanto espero minha refeição; e vocês podem se entreter contando histórias uns aos outros, e pedir a Kai uma jarra de hidromel e um pouco de carne.” E o rei adormeceu. E Kynon, filho de Clydno, pediu a Kai o que Artur lhes havia prometido.

“Eu também quero a boa história que ele me prometeu”, disse Kai. “Não”, respondeu Kynon, “será mais honroso que você cumpra primeiro a ordem de Artur, e então contaremos a melhor história que conhecemos.” Assim, Kai foi à cozinha e à adega de hidromel, e voltou trazendo uma jarra de hi-

dromel, uma taça de ouro e um punhado de espetos, nos quais havia fatias de carne grelhadas.

Então comeram a carne e começaram a beber o hidromel. “Agora”, disse Kai, “é hora de vocês me contarem minha história.” “Kynon”, disse Owain, “conte a Kai a história que lhe é devida.”

“Na verdade”, disse Kynon, “você é mais velho, conta histórias melhor e viu mais coisas maravilhosas do que eu; portanto, conte a Kai a história que lhe deve.” “Comece você mesmo”, disse Owain, “com a melhor que conhece.” “Assim farei”, respondeu Kynon.

“Eu era o único filho de minha mãe e de meu pai, e tinha enormes ambições, e minha ousadia era muito grande. Pensava que não havia no mundo empreendimento grande demais para mim, e, depois de ter levado a cabo todas as aventuras que havia em minha própria terra, equipei-me e parti para viajar por desertos e regiões distantes. E por fim aconteceu de eu chegar ao vale mais belo do mundo, onde havia árvores de igual porte; e um rio corria pelo vale, e havia um caminho ao lado do rio.

E segui o caminho até o meio-dia, e continuei minha viagem pelo restante do vale até o anoitecer; e, na extremidade de uma planície, cheguei a um castelo grande e resplandecente, ao pé do qual corria uma torrente. E me aproximei do castelo, e ali vi dois jovens de cabelos louros e encaracolados, cada qual com um diadema de ouro na cabeça, vestidos com uma roupa de cetim amarelo, e tinham fechos de ouro sobre o peito dos pés. Na mão de cada um havia um arco de marfim, cuja corda era feita de tendões de veado; e suas flechas tinham hastes de osso de baleia e penas de pavão; as hastes também tinham pontas de ouro.

E eles tinham adagas com lâminas de ouro e cabos de osso de baleia. E estavam disparando suas adagas.

"E, a pouca distância deles, vi um homem no vigor da idade, com a barba recém-aparada, vestido com uma túnica e um manto de cetim amarelo; e ao redor da parte superior de seu manto havia uma faixa de renda de ouro. Nos pés, trazia sapatos de couro de várias cores, presos por dois botões salientes de ouro. Quando o vi, fui até ele e o cumprimentei, e tamanha era sua cortesia que, assim que recebeu minha saudação, retribuiu-a. E ele foi comigo em direção ao castelo. Ora, não havia moradores no castelo além daqueles que estavam em um salão. E ali vi vinte e quatro donzelas bordando cetim junto a uma janela.

E isto lhe digo, Kai: a menos bela delas era mais bela do que a mais bela donzela que você já viu na ilha da Bretanha, e a menos encantadora delas era mais encantadora do que Gwenhwyvar, a esposa de Artur, quando ela se mostrou mais encantadora na oferenda, no dia do Natal ou na festa da Páscoa. Elas se levantaram à minha chegada, e seis delas pegaram meu cavalo e me despiram da armadura; e outras seis pegaram minhas armas e as lavaram em uma vasilha até ficarem perfeitamente brilhantes. E o terceiro grupo de seis estendeu toalhas sobre as mesas e preparou a comida.

E o quarto grupo de seis tirou minhas roupas sujas e me vestiu com outras; a saber, uma camisa de baixo e um gibão de linho fino, uma túnica, uma sobreveste e um manto de cetim amarelo com uma larga faixa de ouro. E puseram almofadas debaixo de mim e ao meu redor, com coberturas de linho vermelho; e me sentei. Ora, as seis donzelas que haviam pegado meu cavalo tiraram seus arreios tão bem como se fossem os melhores escudeiros da ilha

da Bretanha. Então, eis que trouxeram bacias de prata com água para me lavar e toalhas de linho, algumas verdes e outras brancas; e me lavei. E, pouco depois, o homem se sentou à mesa.

E eu me sentei ao lado dele, e abaixo de mim se sentaram todas as donzelas, exceto as que nos serviam. E a mesa era de prata, e as toalhas sobre a mesa eram de linho; e nenhuma vasilha era posta sobre a mesa que não fosse de ouro, de prata ou de chifre de búfalo. E nossa comida nos foi trazida. E, de fato, Kai, vi ali todo tipo de comida e todo tipo de bebida que já vi em outros lugares; mas a comida e a bebida eram mais bem servidas ali do que jamais vi em qualquer outro lugar.

"Até a metade da refeição, nem o homem nem qualquer uma das donzelas me dirigiu uma única palavra; mas, quando o homem percebeu que me seria mais agradável conversar do que continuar comendo, começou a perguntar quem eu era. Eu disse que estava contente por descobrir que havia alguém que conversaria comigo, e que naquela corte não se considerava um crime tão grande as pessoas conversarem entre si. 'Chefe', disse o homem, 'teríamos falado com você antes, mas receávamos incomodá-lo durante a refeição; agora, porém, conversaremos.'

Então contei ao homem quem eu era e qual era o motivo de minha viagem; e disse que procurava saber se alguém era superior a mim, ou se eu poderia vencer a todos. O homem olhou para mim, sorriu e disse: 'Se eu não receasse afligi-lo demais, mostraria o que você procura.' Com isso, fiquei ansioso e triste, e, quando o homem percebeu, disse: 'Se você prefere que eu lhe mostre o que lhe trará desvantagem em vez de vantagem, assim farei.

Durma aqui esta noite e, pela manhã, levante-se cedo e tome a estrada que sobe pelo vale, até chegar ao bosque pelo qual veio até aqui.

Pouco depois de entrar no bosque, você encontrará uma estrada que se desvia para a direita, pela qual deverá seguir até chegar a uma grande clareira abrigada, com uma elevação no centro. E verá um homem negro de grande estatura no alto da elevação. Ele não é menor do que dois dos homens deste mundo. Tem apenas um pé e um olho no meio da testa. E tem uma clava de ferro, e é certo que não há dois homens no mundo para quem essa clava não fosse um fardo. E ele não é um homem de boa aparência; pelo contrário, é extremamente feio; e é o guardião daquele bosque. E você verá mil animais selvagens pastando ao redor dele.

Pergunte-lhe o caminho para sair da clareira, e ele responderá brevemente e indicará a estrada pela qual você encontrará aquilo que procura.'

"E aquela noite me pareceu longa. E, na manhã seguinte, levantei-me, equipei-me, montei em meu cavalo e segui direto pelo vale até o bosque; e tomei a estrada que se desviava, que o homem havia me indicado, até que por fim cheguei à clareira. E ali fiquei três vezes mais espantado com o número de animais selvagens que vi do que o homem havia dito que eu ficaria. E o homem negro estava ali, sentado no alto da elevação. Embora o homem me tivesse dito que ele era enorme, achei que ultrapassava em muito a descrição que me dera dele.

Quanto à clava de ferro que o homem me dissera ser um fardo para dois homens, tenho certeza, Kai, de que seria um grande peso para quatro guerreiros levantarem; e ela estava na mão do homem negro. E ele só falava comigo para responder às minhas perguntas. Então perguntei que poder ele

tinha sobre aqueles animais. ‘Vou lhe mostrar, homenzinho’, disse ele. E pegou sua clava na mão e com ela deu um grande golpe em um veado, de modo que ele bramiu com força, e, ao seu bramido, os animais se reuniram, tão numerosos quanto as estrelas do céu, de modo que me foi difícil encontrar espaço na clareira para ficar de pé entre eles.

Havia serpentes, dragões e diversos tipos de animais. E ele olhou para eles e mandou que fossem se alimentar; e eles baixaram a cabeça e lhe prestaram homenagem, como vassalos a seu senhor.

“Então o homem negro me disse: ‘Está vendo agora, homenzinho, que poder tenho sobre estes animais?’ Então lhe perguntei o caminho, e ele passou a me tratar com muita rudeza; contudo, perguntou aonde eu queria ir. E, quando lhe disse quem eu era e o que procurava, ele me orientou. ‘Tome’, disse ele, ‘aquele caminho que leva à extremidade superior da clareira e suba a encosta coberta de árvores até chegar ao topo; e ali encontrará um espaço aberto semelhante a um grande vale, e no meio dele uma árvore alta, cujos ramos são mais verdes do que os pinheiros mais verdes.

Debaixo dessa árvore há uma fonte, e ao lado da fonte uma laje de mármore, e sobre a laje de mármore uma tigela de prata, presa por uma corrente de prata para que não seja levada embora. Pegue a tigela e jogue uma tigelada de água sobre a laje, e ouvirá um estrondo poderoso de trovão, de modo que pensará que o céu e a terra estão tremendo com sua fúria. Com o trovão virá uma chuva tão forte que mal lhe será possível suportá-la e continuar vivo. E a chuva será de pedras de granizo; e, depois da chuva, o tempo ficará bom, mas todas as folhas que estavam na árvore terão sido arrancadas pela chuva.

Então virá um bando de pássaros, que pousará na árvore; e em sua própria terra você nunca ouviu uma melodia tão doce quanto a que eles cantarão. E, no momento em que estiver mais encantado com o canto dos pássaros, ouvirá murmúrios e queixas que vêm em sua direção pelo vale. E verá um cavaleiro sobre um cavalo negro como carvão, vestido de veludo preto e com uma flâmula de linho preto na lança; e ele cavalgará em sua direção, à maior velocidade, para enfrentá-lo. Se você fugir dele, ele o alcançará; e, se ficar ali, tão certo quanto você é um cavaleiro montado, ele o deixará a pé. E, se não encontrar dificuldades nessa aventura, não precisará procurá-las pelo resto da vida.'

"Assim, segui viagem até chegar ao alto da encosta íngreme, e ali encontrei tudo como o homem negro me havia descrito. Fui até a árvore e, debaixo dela, vi a fonte e, ao lado, a laje de mármore e a tigela de prata presa pela corrente. Então peguei a tigela e despejei uma tigela cheia de água sobre a laje; e logo veio o trovão, muito mais violento do que o homem negro me levara a esperar; e depois do trovão veio a chuva; e, em verdade lhe digo, Kai, não há homem nem animal que possa suportar aquela chuva e sobreviver. Pois nenhuma daquelas pedras de granizo seria detida pela carne ou pela pele antes de chegar ao osso.

Virei o flanco do meu cavalo para a chuva e coloquei a ponta do meu escudo sobre a cabeça e o pescoço dele, enquanto segurava a parte de cima sobre a minha própria cabeça. E assim resisti à chuva. Quando olhei para a árvore, não havia nela uma única folha; então o céu clareou, e logo as aves pousaram na árvore e cantaram. E, de fato, Kai, nunca ouvi melodia igual àquela, nem antes nem depois. E quando eu estava mais encantado ouvindo as aves, ouviu-se pelo vale uma voz murmurante, que se aproximava

de mim e dizia: 'Ó cavaleiro, o que o trouxe aqui? Que mal lhe fiz, para que tratasse a mim e aos meus bens como fez hoje?

Não sabe que a chuva de hoje não deixou vivo, em meus domínios, nenhum homem nem animal que estivesse exposto a ela?' E então apareceu um cavaleiro num cavalo preto, vestido de veludo negro como azeviche, com um tabardo de linho preto sobre o corpo. Investimos um contra o outro e, como o choque foi furioso, não demorou muito para que eu fosse derrubado. Então o cavaleiro passou a haste de sua lança pela rédea do meu cavalo e partiu com os dois cavalos, deixando-me onde eu estava. E nem sequer me deu atenção suficiente para me aprisionar, nem me despojou das minhas armas. Assim, voltei pelo caminho por onde tinha vindo.

E quando cheguei à clareira onde estava o homem negro, confesso a você, Kai, que é um espanto eu não ter me derretido numa poça, tamanha a vergonha que senti diante da zombaria do homem negro. E naquela noite cheguei ao mesmo castelo onde havia passado a noite anterior. Fui recebido com mais gentileza naquela noite do que na anterior; serviram-me uma refeição melhor, conversei à vontade com os moradores do castelo, e nenhum deles fez alusão à minha expedição à fonte, nem eu a mencionei a ninguém; e ali passei aquela noite.

Quando me levantei na manhã seguinte, encontrei um palafrém castanho-escuro já selado, com as narinas vermelhas como escarlate; e, depois de vestir minha armadura e deixar ali minha bênção, voltei à minha própria corte. Ainda possuo aquele cavalo, e ele está no estábulo ali adiante. E declaro que não o trocaria pelo melhor palafrém da ilha da Bretanha.

"Em verdade, Kai, nenhum homem jamais confessou uma aventura que tanto o desabonasse, e de fato me parece estranho que, nem antes nem depois, eu tenha ouvido falar de outra pessoa além de mim que conhecesse essa aventura, e que o lugar onde ela se passou exista dentro dos domínios do rei Artur sem que nenhuma outra pessoa tenha dado com ele."

"Ora", disse Owain, "não seria bom irmos tentar descobrir esse lugar?"

"Pela mão do meu amigo", disse Kai, "muitas vezes você diz com a língua aquilo que não cumpriria com seus atos."

"Na verdade", disse Gwenhwyvar, "seria melhor que você fosse enforcado, Kai, do que dirigir palavras tão descorteses a um homem como Owain."

"Pela mão do meu amigo, boa senhora", disse Kai, "seus elogios a Owain não são maiores que os meus."

⁂

Nesse momento Artur acordou e perguntou se não havia dormido um pouco.

"Sim, senhor", respondeu Owain, "o senhor dormiu um pouco."

"Está na hora de irmos comer?"

"Sim, senhor", disse Owain.

⁂

Então soou a trompa que anunciava a hora de lavar as mãos, e o rei e todos os de sua casa se sentaram para comer. Quando a refeição terminou, Owain

se retirou para seus aposentos e preparou seu cavalo e suas armas.

Na manhã seguinte, ao amanhecer, vestiu sua armadura, montou seu cavalo de batalha e viajou por terras distantes e por montanhas desertas. Por fim, chegou ao vale que Kynon lhe havia descrito; e teve certeza de que era aquele que procurava. Seguindo pelo vale à beira do rio, acompanhou seu curso até chegar à planície e avistar o castelo.

Ao se aproximar do castelo, viu os jovens lançando suas adagas no lugar onde Kynon os tinha visto, e o homem amarelo, a quem pertencia o castelo, de pé ali perto. E, assim que Owain saudou o homem amarelo, ele retribuiu a saudação.

E seguiu em direção ao castelo, e ali viu o aposento; ao entrar nele, avistou as donzelas trabalhando em bordados de cetim, sentadas em cadeiras de ouro. E sua beleza e sua graça pareceram a Owain muito maiores do que Kynon lhe havia descrito. Elas se levantaram para servir Owain, como tinham feito com Kynon, e a refeição que puseram diante dele agradou mais a Owain do que havia agradado a Kynon.

Por volta do meio da refeição, o homem amarelo perguntou a Owain o propósito de sua viagem. E Owain lhe contou, dizendo: “Estou em busca do cavaleiro que guarda a fonte.” Ao ouvir isso, o homem amarelo sorriu e disse que tinha tanta relutância em indicar aquela aventura a Owain quanto tivera em indicá-la a Kynon. Mesmo assim, descreveu tudo a Owain, e eles se retiraram para descansar.

Na manhã seguinte, Owain encontrou seu cavalo preparado pelas donzelas, partiu e chegou à clareira onde estava o homem negro. A estatura do

homem negro pareceu a Owain ainda mais extraordinária do que parecera a Kynon, e Owain lhe perguntou pelo caminho, e ele o indicou.

Owain seguiu pela estrada, como Kynon tinha feito, até chegar à árvore verde; e viu a fonte e a laje ao lado da fonte, com a tigela em cima dela. Owain pegou a tigela e despejou uma tigela cheia de água sobre a laje. E logo se ouviu o trovão, e depois do trovão veio a chuva, muito mais violenta do que Kynon havia descrito; e depois da chuva o céu clareou.

Quando Owain olhou para a árvore, não havia nela uma única folha. Imediatamente as aves vieram, pousaram na árvore e cantaram. E quando seu canto mais agradava a Owain, ele avistou um cavaleiro vindo em sua direção pelo vale e se preparou para recebê-lo; e enfrentou-o com violência.

Depois de quebrarem ambas as lanças, desembainharam suas espadas e lutaram lâmina contra lâmina. Então Owain desferiu no cavaleiro um golpe que atravessou seu elmo, a proteção da cabeça e a viseira, e a pele, a carne e o osso, até ferir o próprio cérebro. Então o cavaleiro negro sentiu que havia recebido uma ferida mortal; virou a cabeça de seu cavalo e fugiu.

Owain o perseguiu e o seguiu de perto, embora não estivesse perto o suficiente para golpeá-lo com a espada. Então Owain avistou um castelo vasto e resplandecente. E chegaram ao portão do castelo.

Permitiram a entrada do cavaleiro negro, e a grade levadiça foi solta sobre Owain; ela atingiu seu cavalo atrás da sela, cortou-o em dois e arrancou as rosetas das esporas que Owain trazia nos calcanhares. E a grade levadiça desceu até o chão.

As rosetas das esporas e parte do cavalo ficaram do lado de fora, e Owain, com a outra parte do cavalo, ficou entre os dois portões; e o portão interno estava fechado, de modo que Owain não podia sair dali; e Owain se encontrava numa situação difícil. Enquanto estava assim, podia ver por uma abertura no portão uma rua à sua frente, com uma fileira de casas de cada lado.

E viu uma donzela de cabelos loiros e encaracolados, com um diadema de ouro na cabeça; ela vestia um traje de cetim amarelo e calçava sapatos de couro de várias cores. Ela se aproximou do portão e pediu que fosse aberto.

"O céu sabe, senhora", disse Owain, "que me é tão impossível abrir para a senhora daqui quanto é para a senhora me libertar." "De fato", disse a donzela, "é muito triste que você não possa ser libertado, e toda mulher deveria socorrê-lo, pois nunca vi ninguém mais fiel que você no serviço às damas. Como amigo, você é o mais sincero, e como amante, o mais dedicado. Portanto", disse ela, "farei tudo o que estiver ao meu alcance para libertá-lo. Pegue este anel e coloque-o no dedo, com a pedra virada para dentro da mão; e feche a mão sobre a pedra. Enquanto você a esconder, ela o esconderá.

Depois de se reunirem para decidir o que fazer, eles virão buscá-lo para matá-lo; e ficarão muito contrariados por não conseguirem encontrá-lo. Eu o esperarei junto à pedra de montar ali adiante; e você poderá me ver, embora eu não possa vê-lo; por isso, venha e ponha a mão no meu ombro, para que eu saiba que você está perto de mim. E acompanhe-me pelo caminho que eu tomar ao sair daqui."

⁂

Então ela se afastou de Owain, e ele fez tudo o que a donzela lhe havia dito. E os moradores do castelo vieram procurar Owain para matá-lo; e, quando não encontraram nada além da metade de seu cavalo, ficaram muito contrariados.

Owain desapareceu do meio deles, foi até a donzela e pôs a mão em seu ombro; então ela partiu, e Owain a seguiu até chegarem à porta de um aposento grande e belo. A donzela a abriu, eles entraram e fecharam a porta. Owain olhou ao redor do aposento, e não havia nele sequer um único prego que não estivesse pintado com cores magníficas; e não havia um único painel que não tivesse várias imagens retratadas em ouro.

A donzela acendeu uma fogueira, pegou água numa tigela de prata, pôs uma toalha de linho branco no ombro e deu a Owain água para se lavar. Então colocou diante dele uma mesa de prata com incrustações de ouro, sobre a qual havia uma toalha de linho amarelo; e lhe trouxe comida.

E, de fato, Owain nunca tinha visto nenhum tipo de carne que não estivesse ali em abundância, mas ali era mais bem preparada do que ele jamais encontrara em qualquer outro lugar. E nunca tinha visto uma oferta tão excelente de comidas e bebidas como ali. E não havia um único recipiente em que fosse servido que não fosse de ouro ou de prata.

Owain comeu e bebeu até o fim da tarde, quando ouviram um grande clamor no castelo; e Owain perguntou à donzela o que era aquela gritaria. “Estão administrando a extrema-unção”, disse ela, “ao nobre que é dono do castelo.” E Owain foi dormir.

O leito que a donzela havia preparado para ele era digno do próprio Artur; era feito de tecido escarlate, peles, cetim, seda fina e linho fino. No meio da noite, ouviram um grito de grande aflição. “Que gritaria é essa agora?”, disse Owain. “O nobre que era dono do castelo acaba de morrer”, disse a donzela. E, pouco depois do amanhecer, ouviram um clamor e um pranto extremamente altos. Owain perguntou à donzela qual era a causa daquilo. “Estão levando para a igreja o corpo do nobre que era dono do castelo.”

Owain se levantou, vestiu-se, abriu uma janela do aposento e olhou em direção ao castelo; e não conseguia ver os limites nem a extensão das tropas que enchiam as ruas. Estavam inteiramente armadas; e havia com elas um grande número de mulheres, tanto a cavalo como a pé, e todos os clérigos da cidade, cantando.

E pareceu a Owain que o céu ressoava com a força de seus gritos, com o som das trombetas e com o canto dos clérigos. No meio da multidão, avistou o esquife, coberto por um véu de linho branco; e velas de cera ardiam ao lado dele e ao seu redor, e nenhum dos que sustentavam o esquife tinha posição inferior à de um poderoso barão.

Nunca Owain vira uma comitiva tão esplêndida em cetim, seda e cendal. E, seguindo o cortejo, avistou uma dama de cabelos louros que lhe caíam sobre os ombros e estavam manchados de sangue; ela vestia um traje de cetim amarelo, que estava rasgado. Nos pés trazia sapatos de couro de várias cores.

E era de admirar que as pontas de seus dedos não estivessem machucadas, tamanha a violência com que batia as mãos uma contra a outra. Na verdade, ela teria sido a mais bela dama que Owain já vira, se estivesse com sua

aparência habitual. E seu grito era mais alto que o clamor dos homens ou o estrondo das trombetas.

Assim que viu a dama, ele se inflamou de amor por ela, de tal modo que esse amor tomou conta dele por inteiro.

Então ele perguntou à donzela quem era aquela dama. “O céu sabe”, respondeu a donzela, “pode-se dizer que ela é a mais bela, a mais casta, a mais generosa, a mais sábia e a mais nobre das mulheres. E ela é minha senhora; e é chamada de Condessa da Fonte, esposa daquele que você matou ontem.” “De fato”, disse Owain, “ela é a mulher que mais amo.” “De fato”, disse a donzela, “ela também o amará, e não será pouco.”

⁂

Com isso, a donzela se levantou, acendeu um fogo, encheu uma panela de água e a pôs para aquecer; e trouxe uma toalha de linho branco e a colocou ao redor do pescoço de Owain; e pegou uma taça de marfim e uma bacia de prata, e as encheu de água morna, com a qual lavou a cabeça de Owain.

Então abriu uma caixinha de madeira e tirou uma navalha cujo cabo era de marfim e tinha dois rebites de ouro. E fez a barba dele e enxugou sua cabeça e seu pescoço com a toalha. Depois se levantou de diante de Owain e lhe trouxe o que comer. E, na verdade, Owain nunca tivera uma refeição tão boa, nem jamais fora tão bem servido.

Quando ele terminou a refeição, a donzela preparou seu leito. “Venha aqui”, disse ela, “e durma, e eu irei cortejá-la por você.” E Owain foi dormir, e a donzela fechou a porta do aposento ao sair e seguiu em direção ao cas-

telo. Quando chegou lá, encontrou apenas luto e tristeza; e a condessa, em seu aposento, não suportava ver ninguém, tamanha era sua dor.

Luned veio e a cumprimentou, mas a condessa não lhe respondeu. E a donzela se inclinou para ela e disse: "O que a aflige, para que não responda a ninguém hoje?"

"Luned", disse a condessa, "que mudança houve em você, para que não tenha vindo me visitar em minha dor? Você agiu mal, depois de eu tê-la enriquecido; agiu mal ao não vir me ver em minha aflição. Você agiu mal."

"Na verdade", disse Luned, "eu pensava que seu bom senso fosse maior do que vejo agora. É bom para a senhora lamentar a perda daquele bom homem, ou de qualquer outra coisa que não possa ter?"

"Declaro diante do céu", disse a condessa, "que no mundo inteiro não há homem igual a ele." "Não é assim", disse Luned, "pois um homem feio seria tão bom quanto ele, ou melhor."

"Declaro diante do céu", disse a condessa, "que, se não me repugnasse mandar matar alguém que criei, eu mandaria executá-la por me fazer tal comparação. Sendo assim, vou bani-la."

"Fico contente", disse Luned, "que não tenha outro motivo para isso além de eu ter desejado ajudá-la quando a senhora não sabia o que era de seu interesse. E, de agora em diante, que o mal recaia sobre aquela de nós que der o primeiro passo para se reconciliar com a outra, quer eu procure um convite da senhora, quer a senhora, por vontade própria, mande me convidar."

Com isso, Luned saiu; e a condessa se levantou, seguiu-a até a porta do aposento e começou a tossir alto. E, quando Luned olhou para trás, a condessa

lhe fez sinal; e ela voltou para junto da condessa. “Na verdade”, disse a condessa, “seu temperamento é mau; mas, se sabe o que é de meu interesse, diga-me.” “Assim farei”, disse ela.

“A senhora sabe que, sem guerra e armas, é impossível preservar suas posses; por conseguinte, não demore a procurar alguém que possa defendê-las.” “E como posso fazer isso?”, disse a condessa.

“Eu lhe direi”, disse Luned. “Se não puder defender a fonte, não poderá conservar seus domínios; e ninguém pode defender a fonte, a não ser um cavaleiro da casa de Artur; e eu irei à corte de Artur, e que o mal recaia sobre mim se eu voltar de lá sem um guerreiro que possa guardar a fonte tão bem quanto aquele que antes a defendia, ou ainda melhor.” “Isso será difícil de realizar”, disse a condessa. “Vá, porém, e ponha à prova o que prometeu.”

Luned partiu sob o pretexto de ir à corte de Artur; mas voltou ao aposento onde havia deixado Owain; e permaneceu ali com ele pelo tempo que poderia ter levado para viajar até a corte do rei Artur. E, ao fim desse tempo, vestiu-se e foi visitar a condessa. E a condessa se alegrou muito ao vê-la e perguntou que notícias trazia da corte.

“Trago-lhe as melhores notícias”, disse Luned, “pois alcancei o objetivo de minha missão. Quando deseja que eu lhe apresente o chefe que veio comigo até aqui?”

“Traga-o aqui para me visitar amanhã, ao meio-dia”, disse a condessa, “e farei reunir o povo da cidade até essa hora.”

E Luned voltou para casa. E, no dia seguinte, ao meio-dia, Owain se vestiu com uma túnica, uma sobreveste e um manto de cetim amarelo, no qual havia uma larga faixa de renda de ouro; e nos pés trazia sapatos altos de couro de várias cores, presos por fivelas de ouro em forma de leões. E eles seguiram para o aposento da condessa.

A condessa ficou muito contente com a chegada deles e, olhando fixamente para Owain, disse: "Luned, este cavaleiro não tem aparência de viajante." "Que mal há nisso, senhora?", disse Luned.

"Tenho certeza", disse a condessa, "de que foi este homem, e nenhum outro, quem expulsou a alma do corpo de meu senhor." "Tanto melhor para a senhora", disse Luned, "pois, se ele não fosse mais forte que seu senhor, não poderia ter lhe tirado a vida. Não há remédio para o que passou, seja como for." "Voltem para sua morada", disse a condessa, "e eu buscarei conselho."

No dia seguinte, a condessa mandou reunir todos os seus súditos e lhes mostrou que seu condado havia ficado sem defesa e que só poderia ser protegido com cavalos, armas e habilidade militar. "Por conseguinte", disse ela, "é isto que lhes ofereço para que escolham: ou um de vocês me toma por esposa, ou dão seu consentimento para que eu tome um marido de outro lugar para defender meus domínios."

Assim, decidiram que seria melhor lhe dar permissão para se casar com alguém de outro lugar; e, então, ela mandou chamar os bispos e arcebispos para celebrar suas núpcias com Owain. E os homens do condado prestaram homenagem a Owain.

E Owain defendeu a Fonte com lança e espada. E era desta maneira que a defendia: sempre que um cavaleiro chegava ali, ele o derrubava e o vendia por todo o seu valor, e o que assim ganhava repartia entre seus barões e seus cavaleiros; e nenhum homem no mundo inteiro poderia ser mais amado por seus súditos do que ele. E assim foi por três anos.

⁂

Aconteceu que, certo dia, ao sair com o rei Artur, Gwalchmai percebeu que ele estava muito triste e pesaroso. E Gwalchmai ficou muito aflito ao ver Artur nesse estado; e lhe perguntou: "Ó meu senhor! O que lhe aconteceu?"

"Na verdade, Gwalchmai", disse Artur, "estou aflito por causa de Owain, que perdi há três anos, e certamente morrerei se o quarto ano passar sem que eu o veja. Agora tenho certeza de que foi por causa da história que Kynon, filho de Clydno, contou que perdi Owain."

"Não há necessidade", disse Gwalchmai, "de convocar às armas todos os seus domínios por esse motivo, pois o senhor e os homens de sua casa poderão vingar Owain, se ele tiver sido morto; ou libertá-lo, se estiver preso; e, se estiver vivo, trazê-lo de volta consigo." E ficou decidido conforme o que Gwalchmai havia dito.

Então Artur e os homens de sua casa se prepararam para ir em busca de Owain, e eram três mil, além de seus servidores. E Kynon, filho de Clydno, lhes serviu de guia. E Artur chegou ao castelo onde Kynon estivera antes, e, quando chegou lá, os jovens estavam praticando tiro no mesmo lugar, e o homem amarelo estava de pé ali perto.

Quando o homem amarelo viu Artur, cumprimentou-o e o convidou para o castelo; e Artur aceitou o convite, e entraram juntos no castelo. E, por maior que fosse o número dos integrantes de sua comitiva, a presença deles mal era percebida no castelo, tão vasto ele era.

E as donzelas se levantaram para servi-los, e a todos pareceu que o serviço das donzelas superava qualquer atendimento que já tivessem recebido; e até os pajens encarregados dos cavalos foram tão bem servidos naquela noite quanto o próprio Artur teria sido em seu palácio.

Na manhã seguinte, Artur partiu dali, tendo Kynon como guia, e chegou ao lugar onde estava o homem negro. E a estatura do homem negro surpreendeu Artur ainda mais do que a descrição que lhe haviam feito. E chegaram ao alto da encosta arborizada e atravessaram o vale até alcançar a árvore verde, onde viram a fonte, a tigela e a laje. Então Kai se aproximou de Artur e lhe falou.

"Meu senhor", disse ele, "sei o significado de tudo isto, e meu pedido é que me permita jogar a água sobre a laje e enfrentar a primeira aventura que surgir." E Artur lhe deu permissão.

Então Kai jogou uma tigela cheia de água sobre a laje, e imediatamente veio o trovão, e depois do trovão, a chuva. E eles nunca haviam presenciado uma tempestade como aquela, e muitos dos servidores que faziam parte da comitiva de Artur foram mortos pela chuva. Depois que a chuva cessou, o céu clareou; e, ao olharem para a árvore, viram que ela estava inteiramente sem folhas.

Então os pássaros desceram sobre a árvore, e seu canto era muito mais doce que qualquer melodia que eles já tivessem ouvido. Então avistaram um cavaleiro num cavalo negro como carvão, vestido de cetim preto, que vinha depressa em sua direção. E Kai foi ao seu encontro e o enfrentou, e não demorou muito para que fosse derrubado. E o cavaleiro se retirou, e Artur e suas tropas acamparam para passar a noite.

E, quando se levantaram pela manhã, perceberam o sinal de combate na lança do cavaleiro. E Kai se aproximou de Artur e lhe falou: "Meu senhor", disse ele, "embora eu tenha sido derrubado ontem, se lhe parecer bem, enfrentaria de bom grado o cavaleiro outra vez hoje."

"Pode fazê-lo", disse Artur. E Kai foi em direção ao cavaleiro. E ali mesmo ele derrubou Kai e o atingiu na testa com a ponta da lança, de modo que rompeu seu elmo e a proteção da cabeça, e perfurou a pele e a carne em toda a largura da ponta da lança, até o osso. E Kai voltou para junto de seus companheiros.

Depois disso, todos os homens da casa de Artur saíram, um após o outro, para combater o cavaleiro, até que não restou nenhum que não tivesse sido derrubado por ele, exceto Artur e Gwalchmai. E Artur se armou para enfrentar o cavaleiro.

"Ó meu senhor", disse Gwalchmai, "permita-me lutar com ele primeiro." E Artur lhe deu permissão. E ele saiu ao encontro do cavaleiro, tendo sobre si e sobre seu cavalo um manto de honra de cetim que lhe fora enviado pela filha do conde de Rhangyw, e, com esse traje, não foi reconhecido por ninguém das tropas.

E investiram um contra o outro e lutaram durante todo aquele dia até o anoitecer, e nenhum dos dois conseguiu derrubar o outro do cavalo.

No dia seguinte, lutaram com lanças fortes, e nenhum dos dois conseguiu levar a melhor.

E no terceiro dia eles lutaram com lanças extremamente fortes. E estavam tomados de ira e lutaram furiosamente até o meio-dia. E se chocaram com tanta força que as cilhas de seus cavalos se romperam, de modo que caíram ao chão por cima das garupas dos animais.

E se levantaram depressa, desembainharam as espadas e retomaram o combate; e a multidão que assistia à luta estava certa de nunca ter visto dois homens tão valentes ou tão poderosos. E, se fosse meia-noite, haveria claridade por causa do fogo que faiscava de suas armas.

E o Cavaleiro deu em Gwalchmai um golpe que deslocou seu elmo, deixando-lhe o rosto à mostra, de modo que o Cavaleiro reconheceu Gwalchmai. Então Owain disse: “Meu senhor Gwalchmai, não reconheci meu primo por causa do manto de honra que o envolvia; tome minha espada e minhas armas.” Gwalchmai disse: “Você, Owain, é o vencedor; tome minha espada.”

Nisso, Artur viu que eles conversavam e se aproximou. “Meu senhor Artur”, disse Gwalchmai, “aqui está Owain, que me venceu e não quer aceitar minhas armas.” “Meu senhor”, disse Owain, “foi ele quem me venceu, e ele não quer aceitar minha espada.”

“Deem-me suas espadas”, disse Artur, “e assim nenhum de vocês terá vencido o outro.” Então Owain passou os braços ao redor do pescoço de Artur,

e eles se abraçaram. E toda a comitiva se apressou para ver Owain e abraçá-lo; e quase houve mortes, tamanha era a aglomeração.

⁂

E eles se recolheram naquela noite, e no dia seguinte Artur se preparou para partir. “Meu senhor”, disse Owain, “não está certo agir assim; pois estive afastado do senhor durante estes três anos e, durante todo esse tempo, até este mesmo dia, venho preparando um banquete para o senhor, sabendo que viria me procurar. Fique comigo, portanto, até que o senhor e seus acompanhantes tenham se recuperado das fadigas da viagem e recebido unções.”

E todos seguiram para o Castelo da Condessa da Fonte, e o banquete que levara três anos para ser preparado foi consumido em três meses. Nunca haviam desfrutado de um banquete mais delicioso ou agradável. E Artur se preparou para partir.

Então enviou uma comitiva à Condessa para lhe suplicar que permitisse a Owain acompanhá-lo por três meses, para que pudesse apresentá-lo aos nobres e às belas damas da Ilha da Bretanha. E a Condessa deu seu consentimento, embora isso lhe fosse muito doloroso. Assim, Owain foi com Artur para a Ilha da Bretanha.

E, quando se viu novamente entre seus parentes e amigos, ficou com eles três anos, em vez de três meses.

E, certo dia, quando Owain estava à mesa, na cidade de Caerlleon, às margens do Usk, eis que entrou uma donzela montada num cavalo castanho, de crina encaracolada e coberto de espuma, e as rédeas e tudo o que se via

da sela eram de ouro. E a donzela usava um vestido de cetim amarelo. E ela se aproximou de Owain e tirou o anel de sua mão. “Assim”, disse ela, “será tratado o enganador, o traidor, o infiel, o desonrado e o imberbe.” E ela virou a cabeça de seu cavalo e partiu.

Então Owain se lembrou de sua aventura e ficou triste; e, depois de terminar de comer, foi para seus aposentos e fez seus preparativos naquela noite. E no dia seguinte se levantou, mas não foi à Corte; em vez disso, vagou por regiões distantes da terra e por montanhas incultas. E permaneceu ali até que todas as suas roupas se gastaram, seu corpo definhou e seu cabelo cresceu.

E andava entre os animais selvagens e se alimentava com eles, até que se acostumaram com ele; mas, por fim, ficou tão fraco que já não conseguia acompanhá-los. Então desceu das montanhas para o vale e chegou a um parque que era o mais belo do mundo e pertencia a uma Condessa viúva.

Certo dia, a Condessa e suas donzelas saíram para passear junto a um lago que ficava no meio do parque. E viram a figura de um homem. E ficaram apavoradas. Ainda assim, aproximaram-se dele, tocaram nele e o observaram. E viram que havia vida nele, embora estivesse exausto pelo calor do sol.

E a Condessa voltou ao Castelo, pegou um frasco cheio de um unguento precioso e o entregou a uma de suas donzelas. “Vá com isto”, disse ela, “e leve aquele cavalo e aquelas roupas, e coloque-os perto do homem que acabamos de ver. E unte-o com este bálsamo, perto do coração; e, se houver vida nele, ele se levantará pela eficácia deste bálsamo. Depois observe o que ele fará.”

E a donzela se afastou dela, derramou todo o bálsamo sobre Owain e deixou o cavalo e as roupas bem perto; então se afastou um pouco e se escondeu para observá-lo. Em pouco tempo, viu que ele começava a mover os braços; e ele se levantou, olhou para o próprio corpo e se envergonhou de sua aparência indecorosa. Então percebeu o cavalo e as roupas que estavam perto dele.

E se arrastou até conseguir puxar para si as roupas que estavam sobre a sela. E se vestiu e, com dificuldade, montou no cavalo. Então a donzela saiu de seu esconderijo e o saudou. E ele se alegrou ao vê-la e lhe perguntou que terra e que território eram aqueles.

"Na verdade", disse a donzela, "uma Condessa viúva é dona daquele Castelo; quando seu marido morreu, deixou-lhe dois condados, mas hoje ela tem apenas esta morada, que ainda não lhe foi tomada por um jovem Conde, seu vizinho, porque ela se recusou a se tornar sua esposa."

"É uma pena", disse Owain. E ele e a donzela seguiram para o Castelo; ali ele desmontou, e a donzela o conduziu a um aposento agradável, acendeu uma fogueira e o deixou.

E a donzela foi até a Condessa e lhe entregou o frasco. "Ah, donzela", disse a Condessa, "onde está todo o bálsamo?" "Não usei tudo?", disse ela. "Oh, donzela", disse a Condessa, "não posso perdoar isso facilmente; é triste para mim ter desperdiçado cento e quarenta libras em unguento precioso com um estranho que não conheço. Porém, donzela, cuide dele até que esteja inteiramente recuperado."

E a donzela assim fez, fornecendo-lhe comida e bebida, fogo, abrigo e remédios, até que ele voltou a ficar bem. E em três meses recuperou a aparência de antes e ficou ainda mais belo do que jamais fora.

Certo dia, Owain ouviu um grande tumulto e um ruído de armas no Castelo, e perguntou à donzela qual era a causa. "O Conde", disse ela, "de quem lhe falei, chegou diante do Castelo com um exército numeroso para subjugar a Condessa." E Owain lhe perguntou se a Condessa possuía um cavalo e armas. "Ela tem os melhores do mundo", disse a donzela. "Você pode ir e pedir emprestados um cavalo e armas para mim", disse Owain, "para que eu possa ir ver esse exército?" "Posso", disse a donzela.

E ela foi até a Condessa e lhe contou o que Owain havia dito. E a Condessa riu. "Na verdade", disse ela, "eu lhe darei até mesmo um cavalo e armas para sempre; ele nunca teve um cavalo e armas como esses, e fico contente que os leve hoje, para que meus inimigos não os tomem contra minha vontade amanhã. Ainda assim, não sei o que ele pretende fazer com eles."

A Condessa mandou que trouxessem um belo corcel negro, sobre o qual havia uma sela de faia, e uma armadura para o homem e outra para o cavalo. E Owain se armou, montou no cavalo e saiu, acompanhado de dois pajens completamente equipados, com cavalos e armas. E, quando chegaram perto do exército do Conde, não conseguiam ver nem sua extensão nem seu fim.

E Owain perguntou aos pajens em qual tropa estava o Conde. "Naquela tropa", disseram eles, "em que há quatro estandartes amarelos. Dois deles estão à frente dele, e dois atrás."

"Agora", disse Owain, "voltem e esperem por mim perto do portão do Castelo." Assim, eles voltaram, e Owain avançou até encontrar o Conde. E Owain o arrancou inteiramente da sela e virou a cabeça de seu cavalo em direção ao Castelo; e, embora com dificuldade, levou o Conde até o portão, onde os pajens o esperavam. E eles entraram.

E Owain apresentou o Conde como um presente à Condessa. E lhe disse: "Eis uma retribuição por seu bendito bálsamo."

⁂

O exército acampou ao redor do Castelo. E o Conde devolveu à Condessa os dois condados que havia tomado dela, como resgate por sua vida; e, em troca de sua liberdade, deu-lhe metade de seus próprios domínios, todo o seu ouro, sua prata e suas joias, além de reféns.

E Owain partiu. E a Condessa e todos os seus súditos lhe suplicaram que ficasse, mas Owain preferiu vagar por terras distantes e desertos.

E, enquanto viajava, ouviu um alto rugido num bosque. E ele se repetiu uma segunda e uma terceira vez. E Owain foi em direção ao lugar e viu uma enorme elevação escarpada no meio do bosque; em sua encosta havia uma rocha cinzenta. E havia uma fenda na rocha, e uma serpente estava dentro da fenda.

E perto da rocha estava um leão negro, e toda vez que o leão tentava sair dali, a serpente se lançava contra ele para atacá-lo. E Owain desembainhou a espada e se aproximou da rocha; e, quando a serpente saltou para fora, ele a golpeou com a espada e a cortou em duas. E secou a espada e seguiu seu caminho, como antes.

Mas eis que o leão o seguiu e brincou ao seu redor, como se fosse um galgo que ele tivesse criado.

Assim seguiram durante todo o dia, até o anoitecer. E, quando chegou a hora de Owain descansar, ele desmontou e soltou seu cavalo num prado plano e arborizado. E produziu fogo e, quando a fogueira estava acesa, o leão lhe trouxe lenha suficiente para três noites. E o leão desapareceu. E pouco depois voltou, trazendo um belo e grande corço. E o largou diante de Owain, que o levou para perto da fogueira.

E Owain pegou o corço, tirou-lhe a pele e colocou fatias de sua carne em espetos ao redor da fogueira. O restante do corço ele deu ao leão para devorar. Enquanto fazia isso, ouviu um suspiro profundo perto dele, e um segundo, e um terceiro. E Owain chamou em voz alta para saber se o suspiro que ouvira vinha de um mortal; e recebeu a resposta de que sim.

"Quem é você?", disse Owain. "Na verdade", disse a voz, "sou Luned, a criada da Condessa da Fonte." "E o que faz aqui?", disse Owain. "Estou presa", disse ela, "por causa do cavaleiro que veio da Corte de Artur e se casou com a Condessa. E ele ficou pouco tempo com ela, mas depois partiu para a Corte de Artur e desde então não voltou. E ele era o amigo que eu mais amava no mundo. E dois dos pajens dos aposentos da Condessa o difamaram e o chamaram de enganador. E eu lhes disse que os dois juntos não eram páreo para ele sozinho.

Então me prenderam na câmara abobadada de pedra e disseram que eu seria morta, a menos que ele próprio viesse me libertar até um determinado dia; e esse dia é depois de amanhã. E não tenho ninguém para mandar procurá-lo por mim. E seu nome é Owain, filho de Urien."

"E você tem certeza de que, se esse cavaleiro soubesse de tudo isso, viria em seu socorro?" "Tenho toda a certeza", disse ela.

Quando as fatias de carne ficaram assadas, Owain as dividiu em duas partes, entre ele e a donzela; e, depois de comerem, conversaram até o amanhecer. E na manhã seguinte Owain perguntou à donzela se havia algum lugar onde pudesse conseguir comida e hospedagem para aquela noite. "Há, senhor", disse ela; "atravesse por ali e siga pela margem do rio, e em pouco tempo verá um grande Castelo, no qual há muitas torres, e o Conde que é dono desse Castelo é o homem mais hospitaleiro do mundo. Ali poderá passar a noite."

Nunca uma sentinela vigiou seu senhor com mais atenção do que o leão vigiou Owain naquela noite.

E Owain equipou seu cavalo, atravessou o vau e chegou à vista do Castelo. E entrou nele e foi recebido com honra. E seu cavalo foi bem cuidado, e puseram diante dele bastante forragem. Então o leão foi deitar-se na manjedoura do cavalo, de modo que ninguém do Castelo ousava se aproximar dele.

O tratamento que Owain recebeu ali foi como nenhum que conhecera em outro lugar, pois todos estavam tão tristes como se a morte tivesse caído sobre eles. E foram comer; e o Conde sentou-se de um lado de Owain, e do outro, sua única filha. E Owain nunca tinha visto ninguém mais bela do que ela.

Então o leão veio e se acomodou entre os pés de Owain, e ele o alimentou com todos os tipos de comida que ele mesmo comia. E nunca tinha visto

nada que se igualasse à tristeza daquelas pessoas.

No meio da refeição, o Conde começou a dar as boas-vindas a Owain. “Então”, disse Owain, “veja, é hora de se alegrar.” “O Céu sabe”, disse o Conde, “que não é sua chegada que nos entristece, mas temos motivos de sobra para tristeza e preocupação.”

“Quais são?”, disse Owain. “Tenho dois filhos”, respondeu o Conde, “e ontem eles foram caçar nas montanhas. Ora, há na montanha um monstro que mata homens e os devora, e ele capturou meus filhos; e amanhã é o dia que marcou para vir aqui, e ameaça matar meus filhos diante dos meus olhos, a menos que eu entregue em suas mãos esta minha filha. Ele tem a forma de um homem, mas em tamanho não é menor que um gigante.”

“De fato”, disse Owain, “isso é lamentável. E o que fará?” “O Céu sabe”, disse o Conde, “que será melhor que meus filhos sejam mortos contra a minha vontade do que eu entregar voluntariamente minha filha a ele para que a maltrate e destrua.” Então conversaram sobre outras coisas, e Owain ficou ali naquela noite.

⁂

Na manhã seguinte, ouviram um enorme alvoroço, causado pela chegada do gigante com os dois jovens. E o Conde estava ansioso tanto por proteger seu Castelo quanto por libertar seus dois filhos. Então Owain vestiu sua armadura e saiu para enfrentar o gigante, e o leão o seguiu. E quando o gigante viu que Owain estava armado, avançou contra ele e o atacou.

E o leão lutou com o gigante com muito mais ferocidade do que Owain. “De fato”, disse o gigante, “eu não teria dificuldade em lutar com você, se

não fosse o animal que o acompanha." Diante disso, Owain levou o leão de volta ao Castelo e fechou o portão, deixando-o lá dentro, e então voltou para lutar com o gigante, como antes.

E o leão rugiu muito alto, pois ouviu que Owain estava em dificuldades. E escalou até alcançar o alto do salão do Conde, e dali chegou ao alto do Castelo, e saltou das muralhas e foi se juntar a Owain. E o leão deu uma patada no gigante, que o rasgou do ombro ao quadril, deixando seu coração exposto, e o gigante caiu morto. Então Owain devolveu os dois jovens ao pai.

O Conde implorou a Owain que ficasse com ele, mas ele não quis e partiu em direção ao prado onde Luned estava. E quando chegou lá, viu uma grande fogueira acesa, e dois jovens de belos cabelos castanho-avermelhados e cacheados conduziam a donzela para lançá-la ao fogo. E Owain lhes perguntou de que a acusavam.

E eles lhe contaram sobre o acordo que havia entre eles, como a donzela fizera na noite anterior. "E", disseram eles, "Owain a abandonou, por isso estamos levando-a para ser queimada."

"De fato", disse Owain, "ele é um bom cavaleiro, e, se sabia que a donzela corria tamanho perigo, admiro-me de que não tenha vindo salvá-la; mas, se me aceitarem no lugar dele, lutarei com vocês." "Aceitaremos", disseram os jovens, "por aquele que nos criou."

E atacaram Owain e o puseram em grandes dificuldades. E então o leão veio em auxílio de Owain, e os dois levaram a melhor sobre os jovens. E eles lhe disseram: "Chefe, o acordo era que lutaríamos apenas com você, e para nós é mais difícil enfrentar aquele animal do que você."

E Owain pôs o leão no lugar onde a donzela estivera presa, bloqueou a porta com pedras e foi lutar com os jovens, como antes. Mas Owain não tinha sua força habitual, e os dois jovens o pressionavam duramente. E o leão rugia sem parar ao ver Owain em dificuldades; e rompeu a parede até abrir uma saída, lançou-se contra os jovens e os matou imediatamente. Assim Luned foi salva de ser queimada.

Então Owain voltou com Luned aos domínios da Condessa da Fonte. E quando partiu de lá, levou a Condessa consigo à Corte de Artur, e ela foi sua esposa enquanto viveu.

E então tomou a estrada que levava à Corte do homem negro e selvagem, e Owain lutou com ele, e o leão não deixou Owain até que ele o tivesse vencido. E quando chegou à Corte do homem negro e selvagem, entrou no salão e viu vinte e quatro damas, as mais belas que se podia ver. E as roupas que usavam não valiam vinte e quatro pence, e elas estavam tão tristes quanto a morte.

E Owain lhes perguntou a causa de sua tristeza. E elas disseram: “Somos filhas de Condes, e todas viemos aqui com nossos maridos, a quem amávamos muito. E fomos recebidas com honra e alegria. E fomos postas em estado de torpor, e, enquanto estávamos assim, o demônio que é dono deste Castelo matou todos os nossos maridos e nos tomou os cavalos, as roupas, o ouro e a prata; e os corpos de nossos maridos ainda estão nesta casa, e muitos outros com eles. E esta, Chefe, é a causa de nossa dor, e estamos tristes por você ter vindo aqui, pois tememos que algum mal lhe aconteça.”

E Owain ficou triste ao ouvir isso. E saiu do Castelo e viu um cavaleiro se aproximando, que o saudou de maneira amistosa e alegre, como se fosse um

irmão. E esse era o homem negro e selvagem.

"Na verdade", disse Owain, "não estou aqui para buscar sua amizade." "Na verdade", disse ele, "então não a encontrará." E com isso avançaram um contra o outro e lutaram furiosamente. E Owain o venceu e amarrou suas mãos atrás das costas.

Então o selvagem negro implorou a Owain que lhe poupasse a vida e falou assim: "Meu senhor Owain", disse ele, "foi previsto que você viria aqui e me venceria, e assim fez. Eu era um ladrão aqui, e minha casa era uma casa de saques; mas poupe minha vida, e me tornarei o responsável por uma hospedaria, e manterei esta casa como hospedaria para fracos e fortes enquanto eu viver, pelo bem de sua alma." E Owain aceitou essa proposta e ficou ali naquela noite.

E no dia seguinte levou as vinte e quatro damas, seus cavalos, suas roupas e os bens e as joias que possuíam, e seguiu com elas para a Corte de Artur. E, se Artur se alegrou ao vê-lo depois de tê-lo perdido pela primeira vez, sua alegria agora foi muito maior. E, daquelas damas, as que desejaram permanecer na Corte de Artur ficaram ali, e as que desejaram partir partiram.

E dali em diante Owain viveu na Corte de Artur, muito amado, como chefe de sua casa, até que partiu com seus seguidores; e estes eram o exército de trezentos corvos que Kenverchyn lhe deixara. E onde quer que Owain fosse com eles, saía vitorioso.

E este é o conto de A DAMA DA FONTE.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PEREDUR, O FILHO DE EVRAWC

✦

O conde Evrawc possuía o Condado do Norte. E tinha sete filhos. E Evrawc se sustentava não tanto com suas próprias posses, mas participando de torneios, guerras e combates. E, como muitas vezes acontece aos que participam de confrontos e guerras, ele foi morto, assim como seis de seus filhos. O nome de seu sétimo filho era Peredur, e ele era o mais novo de todos.

E ainda não tinha idade para ir às guerras e aos confrontos, senão poderia ter sido morto como seu pai e seus irmãos. Sua mãe era uma mulher de muitos planos e reflexiva, e se preocupava muito com esse seu único filho e com os bens dele. Assim, decidiu deixar as terras habitadas e fugir para os desertos e as regiões selvagens pouco frequentadas.

E não permitiu que ninguém a acompanhasse até lá, a não ser mulheres, meninos e homens sem ânimo, que não estavam acostumados nem eram aptos para a guerra e a luta. E ninguém ousava levar cavalos ou armas ao lugar onde seu filho estava, para que ele não se interessasse por eles. E o jovem ia todos os dias se divertir na floresta, atirando paus e varas.

E um dia viu o rebanho de cabras de sua mãe, e perto das cabras estavam duas corças. E ficou muito admirado por aquelas duas não terem chifres, enquanto as outras os tinham. E pensou que elas viviam soltas havia muito tempo e, por isso, tinham perdido os chifres.

E, com agilidade e rapidez de pernas, conduziu as corças e as cabras juntas para o abrigo que havia para as cabras na extremidade da floresta. Então Pe-

redur voltou para sua mãe.

"Ah, mãe", disse ele, "vi uma coisa maravilhosa no bosque: duas de suas cabras se tornaram selvagens e perderam os chifres por terem passado tanto tempo perdidas no bosque. E ninguém jamais teve tanto trabalho quanto eu para fazê-las entrar." Então todos se levantaram e foram ver. E, quando viram as corças, ficaram muito espantados.

E um dia viram três cavaleiros vindo pelo caminho dos cavalos, nas bordas da floresta. E os três cavaleiros eram Gwalchmai, filho de Gwyar, Geneir Gwystyl e Owain, filho de Urien. E Owain seguia o rastro do cavaleiro que havia repartido as maçãs na corte de Artur, a quem eles perseguiam.

"Mãe", disse Peredur, "o que são aqueles ali?" "São anjos, meu filho", disse ela. "Por minha fé", disse Peredur, "vou me tornar um anjo com eles." E Peredur foi até o caminho e os encontrou.

"Diga-me, boa alma", disse Owain, "você viu um cavaleiro passar por aqui, hoje ou ontem?" "Não sei", respondeu ele, "o que é um cavaleiro." "Alguém como eu", disse Owain.

"Se você me disser o que eu lhe perguntar, direi o que você me pergunta." "Farei isso com prazer", respondeu Owain. "O que é isto?", perguntou Peredur, referindo-se à sela.

"É uma sela", disse Owain. Então ele perguntou sobre todos os apetrechos que via nos homens, sobre os cavalos e as armas, para que serviam e como eram usados. E Owain lhe mostrou todas essas coisas em detalhe e lhe disse que uso se fazia delas.

"Siga em frente", disse Peredur, "pois vi alguém como aquele que você procura, e eu o seguirei."

Então Peredur voltou para sua mãe e seus acompanhantes e lhe disse: "Mãe, aqueles não eram anjos, mas honrados cavaleiros." Então sua mãe desmaiou. E Peredur foi ao lugar onde guardavam os cavalos que carregavam lenha e traziam comida e bebida das terras habitadas para o deserto. E pegou um cavalo magro e malhado, que lhe pareceu o mais forte deles.

E apertou uma carga até lhe dar a forma de uma sela e, com ramos torcidos, imitou os arreios que tinha visto nos cavalos. E, quando Peredur voltou para sua mãe, a condessa havia se recuperado do desmaio.

"Meu filho", disse ela, "você deseja partir a cavalo?" "Sim, com sua licença", disse ele. "Espere, então, para que eu possa aconselhá-lo antes de partir." "Com prazer", respondeu ele, "fale depressa."

"Siga, então", disse ela, "para a corte de Artur, onde estão os melhores, os mais valentes e os mais generosos dos homens. E onde quer que veja uma igreja, reze ali seu pai-nosso diante dela. E, se vir comida e bebida e precisar delas, e ninguém tiver a bondade ou a cortesia de dá-las a você, pegue-as por si mesmo. Se ouvir um grito, vá em sua direção, especialmente se for o grito de uma mulher. Se vir uma bela joia, tome posse dela e dê-a a outra pessoa, pois assim receberá elogios. Se vir uma bela mulher, faça-lhe a corte, quer ela queira ou não, pois assim você se tornará um homem melhor e mais estimado do que era antes."

Depois dessas palavras, Peredur montou no cavalo e, levando na mão um punhado de forcados de pontas afiadas, partiu. E viajou dois dias e duas

noites por regiões selvagens cobertas de matas e por lugares desertos, sem comida nem bebida. E então chegou a um vasto bosque selvagem e, bem no interior do bosque, viu uma bela clareira plana, e na clareira viu uma tenda.

E, como a tenda lhe pareceu uma igreja, rezou seu pai-nosso diante dela. E se aproximou, e a porta da tenda estava aberta. E havia uma cadeira de ouro perto da porta. E na cadeira estava sentada uma linda donzela de cabelos castanho-avermelhados, com um diadema de ouro na testa, pedras cintilantes no diadema e um grande anel de ouro na mão.

E Peredur desmontou e entrou na tenda. E a donzela se alegrou com sua chegada e lhe deu as boas-vindas. Na entrada da tenda ele viu comida, dois frascos cheios de vinho, dois pães de fina farinha de trigo e fatias de carne de javali.

"Minha mãe me disse", falou Peredur, "que, onde quer que eu visse comida e bebida, deveria pegá-las." "Sirva-se da comida à vontade, chefe", disse ela. Assim, Peredur pegou para si metade da comida e da bebida e deixou o restante para a donzela. E, quando Peredur terminou de comer, ajoelhou-se diante da donzela.

"Minha mãe", disse ele, "me disse que, onde quer que eu visse uma bela joia, deveria pegá-la." "Faça isso, minha alma", disse ela. Então Peredur pegou o anel. E montou no cavalo e prosseguiu em sua viagem.

Depois disso, eis que chegou o cavaleiro a quem pertencia a tenda; e ele era o Senhor da Clareira. E viu o rastro do cavalo e disse à donzela: "Diga-me quem esteve aqui desde que parti."

"Um homem", disse ela, "de modos extraordinários." E ela lhe descreveu a aparência e a conduta de Peredur. "Diga-me", disse ele, "ele fez algum mal a você?" "Não", respondeu a donzela, "por minha fé, ele não me fez mal."

"Por minha fé, não acredito em você; e, até que eu possa encontrá-lo, reparar a afronta que ele me fez e descarregar minha vingança sobre ele, você não passará duas noites na mesma casa." E o cavaleiro se levantou e partiu em busca de Peredur.

⁂

Enquanto isso, Peredur seguia viagem rumo à corte de Artur. E, antes que chegasse, outro cavaleiro havia estado ali, e dera um anel de ouro grosso junto ao portão para que segurassem seu cavalo, e entrara no salão onde estavam reunidos Artur e os membros de sua casa, e Gwenhwyvar e suas donzelas. E o pajem da câmara servia Gwenhwyvar com uma taça de ouro.

Então o cavaleiro lançou a bebida que havia nela sobre o rosto e o peitilho de Gwenhwyvar, deu-lhe uma violenta bofetada e disse: "Se alguém tiver a ousadia de disputar esta taça comigo e vingar a afronta a Gwenhwyvar, que me siga até o prado, e ali o esperarei." Assim, o cavaleiro pegou seu cavalo e foi para o prado.

E todos os membros da casa baixaram a cabeça, para que nenhum deles fosse chamado a ir vingar a afronta a Gwenhwyvar. Pois lhes parecia que ninguém teria se atrevido a um ultraje tão ousado, a menos que possuísse, por magia ou encantamentos, poderes tais que ninguém pudesse se vingar dele.

Então, eis que Peredur entrou no salão, montado no cavalo magro e malhado, com seus arreios grosseiros; e assim percorreu toda a extensão do salão. No centro do salão estava Kai.

"Diga-me, homem alto", disse Peredur, "aquele ali é Artur?" "O que você quer com Artur?", perguntou Kai. "Minha mãe me disse para procurar Artur e receber a honra de me tornar cavaleiro."

"Por minha fé", disse ele, "você está muito mal equipado de cavalo e de armas." Nisso, todos os membros da casa o perceberam e lhe atiraram paus. Então, eis que um anão se adiantou. Ele já estava havia um ano na corte de Artur, tanto ele como uma anã. Tinham pedido abrigo a Artur e o haviam obtido; e, durante todo aquele ano, nenhum dos dois dissera uma só palavra a ninguém.

Quando o anão viu Peredur, disse: "Ah, ah! Que o Céu lhe dê as boas-vindas, belo Peredur, filho de Evrawc, o primeiro entre os guerreiros e a flor da cavalaria."

"De fato", disse Kai, "você é mal-educado por ficar um ano calado na corte de Artur, tendo tão boa companhia à escolha, e agora, diante de Artur e de todos os membros de sua casa, gritar e declarar um homem como este o primeiro entre os guerreiros e a flor da cavalaria." E deu-lhe um tapa tão forte no ouvido que ele caiu sem sentidos no chão. Então a anã exclamou: "Ah, ah! Belo Peredur, filho de Evrawc; que o Céu lhe dê as boas-vindas, flor dos cavaleiros e luz da cavalaria."

"Na verdade, donzela", disse Kai, "você é malcriada por ficar calada durante um ano na corte de Artur e depois falar assim de um homem como

este." E Kai lhe deu um pontapé, de modo que ela caiu sem sentidos no chão.

"Homem alto", disse Peredur, "mostre-me qual deles é Artur." "Fique quieto", disse Kai, "e vá atrás do cavaleiro que saiu daqui para o prado, tome-lhe a taça, derrube-o e fique com seu cavalo e suas armas; então você será admitido na ordem da cavalaria."

"Farei isso, homem alto", disse Peredur. Então virou a cabeça de seu cavalo na direção do prado. E, quando chegou lá, o cavaleiro andava a cavalo de um lado para o outro, orgulhoso de sua força, de sua coragem e de seu porte nobre.

"Diga-me", disse o cavaleiro, "você viu alguém vindo da corte atrás de mim?" "O homem alto que estava lá", disse ele, "mandou que eu viesse, derrubasse você e tomasse sua taça, seu cavalo e sua armadura para mim."

"Silêncio!", disse o cavaleiro. "Volte à corte e diga a Artur, de minha parte, que venha ele mesmo ou mande outro para lutar comigo; e, se não fizer isso depressa, não esperarei por ele."

"Por minha fé", disse Peredur, "escolha se será por bem ou por mal, mas ficarei com o cavalo, as armas e a taça." E, diante disso, o cavaleiro avançou furiosamente contra ele e lhe deu uma violenta pancada com a haste da lança, entre o pescoço e o ombro.

"Ah, ah! Rapaz", disse Peredur, "os criados de minha mãe não costumavam brincar comigo desse jeito; por isso, é assim que vou brincar com você." E então o atingiu com um forcado de ponta afiada, que lhe acertou o olho e saiu pela nuca, de modo que ele caiu morto no mesmo instante.

“Na verdade”, disse Owain, filho de Urien, a Kai, “você agiu sem pensar quando mandou aquele louco atrás do cavaleiro. Pois uma de duas coisas terá de lhe acontecer: ou será derrubado, ou será morto. Se for derrubado pelo cavaleiro, este o julgará uma pessoa honrada da Corte, e isso será uma vergonha eterna para Artur e seus guerreiros. E, se for morto, a vergonha será a mesma, e, além disso, a culpa por sua morte recairá sobre você; por isso, irei ver o que lhe aconteceu.”

Assim, Owain foi até o prado e encontrou Peredur arrastando o homem de um lado para outro. “O que você está fazendo?”, perguntou Owain. “Esta roupa de ferro”, disse Peredur, “não sai de cima dele de jeito nenhum; pelo menos, não com os meus esforços.” E Owain soltou a armadura e as roupas do homem.

“Aqui, meu bom amigo”, disse ele, “estão um cavalo e uma armadura melhores que os seus. Receba-os com alegria e venha comigo até Artur, para receber a ordem de cavalaria, pois você a merece.”

“Que eu nunca mais mostre o rosto se for”, disse Peredur; “mas leve a taça a Gwenhwyvar e diga a Artur que, onde quer que eu esteja, serei seu vassalo e lhe prestarei todo o auxílio e serviço que puder. E diga que não irei à sua Corte até encontrar o homem alto que está lá, para vingar a ofensa que ele fez ao anão e à anã.” E Owain voltou à Corte e contou todas essas coisas a Artur, a Gwenhwyvar e a todos os da casa.

E Peredur seguiu cavalgando. E, enquanto avançava, eis que um cavaleiro veio ao seu encontro. “De onde você vem?”, perguntou o cavaleiro. “Venho da Corte de Artur”, disse Peredur.

"Você é um dos homens dele?", perguntou ele. "Sim, por minha fé", respondeu. "É um bom serviço, de fato, esse de Artur." "Por que você diz isso?", perguntou Peredur.

"Vou lhe dizer", respondeu ele; "sempre fui inimigo de Artur, e matei todos os homens dele que encontrei." E, sem mais conversa, lutaram, e não demorou para que Peredur o lançasse ao chão por cima da garupa de seu cavalo. Então o cavaleiro lhe implorou misericórdia.

"Você terá misericórdia", disse Peredur, "se me jurar que irá à Corte de Artur e lhe dirá que fui eu quem o derrubou, pela honra de servi-lo; e diga que nunca irei à Corte até ter vingado o insulto feito ao anão e à anã." O cavaleiro deu sua palavra de que faria isso e seguiu para a Corte de Artur, onde disse o que havia prometido e transmitiu a ameaça a Kai.

⁂

E Peredur seguiu cavalgando. E, naquela semana, encontrou dezesseis cavaleiros e derrubou todos de maneira vergonhosa. E todos foram à Corte de Artur, levando a mesma mensagem que o primeiro cavaleiro havia transmitido da parte de Peredur, e a mesma ameaça que ele havia enviado a Kai. Por isso, Kai foi repreendido por Artur; e Kai ficou muito magoado com aquilo.

E Peredur seguiu cavalgando. E chegou a uma floresta vasta e deserta, em cujos limites havia um lago. E, do outro lado, havia um belo castelo. E, à margem do lago, viu um homem venerável, de cabelos brancos, sentado sobre uma almofada de veludo e vestido com uma roupa de veludo. E seus servidores pescavam no lago.

Quando o homem de cabelos brancos viu Peredur se aproximar, levantou-se e foi em direção ao castelo. E o velho era manco. Peredur cavalgou até o palácio, e a porta estava aberta, e ele entrou no salão. E ali estava o homem de cabelos brancos sentado sobre uma almofada, com uma grande fogueira ardendo diante dele.

E os da casa e os convidados se levantaram para receber Peredur e lhe tiraram os apetrechos. E o homem pediu ao jovem que se sentasse na almofada; e eles se sentaram e conversaram. Quando chegou a hora, as mesas foram postas, e eles foram comer. E, quando terminaram a refeição, o homem perguntou a Peredur se ele sabia lutar bem com a espada.

"Não sei", disse Peredur, "mas, se me ensinassem, sem dúvida saberia." "Quem sabe manejar bem o bastão e o escudo também será capaz de lutar com uma espada." E o homem tinha dois filhos; um era loiro, e o outro tinha cabelos castanho-avermelhados.

"Levantem-se, jovens", disse ele, "e pratiquem com o bastão e o escudo." E assim fizeram. "Diga-me, meu querido", disse o homem, "qual dos jovens você acha que maneja melhor as armas?"

"Acho", disse Peredur, "que o jovem loiro poderia fazer o outro sangrar, se quisesse." "Levante-se, meu querido, pegue o bastão e o escudo das mãos do jovem de cabelos castanho-avermelhados e faça o jovem loiro sangrar, se puder."

Então Peredur se levantou e foi praticar com o jovem loiro; e ergueu o braço e lhe deu um golpe tão forte que a pele da testa caiu sobre o olho, e o sangue jorrou.

"Ah, meu querido", disse o homem, "venha agora e sente-se, pois você se tornará o melhor espadachim de toda esta ilha; e eu sou seu tio, irmão de sua mãe. E você ficará comigo por algum tempo, para aprender os modos e costumes de diferentes países, a cortesia, a gentileza e a postura nobre. Deixe, então, os hábitos e o modo de falar de sua mãe, e eu serei seu mestre; e, de agora em diante, eu o elevarei à condição de cavaleiro. E faça o seguinte: se vir algo que lhe cause espanto, não pergunte o que significa; se ninguém tiver a cortesia de lhe explicar, a censura não recairá sobre você, mas sobre mim, que sou seu mestre."

E receberam muitas honras e atenções. E, quando chegou a hora, foram dormir. Ao amanhecer, Peredur se levantou, pegou seu cavalo e, com a permissão do tio, partiu. E chegou a uma vasta floresta deserta, e, na outra extremidade da floresta, havia um prado, e, do outro lado do prado, viu um grande castelo.

E Peredur se dirigiu para lá, encontrou o portão aberto e seguiu até o salão. E viu um homem imponente, de cabelos brancos, sentado a um lado do salão, com muitos pajens ao seu redor, que se levantaram para receber e honrar Peredur. E o acomodaram ao lado do dono do palácio.

Então conversaram; e, quando chegou a hora de comer, fizeram Peredur se sentar ao lado do nobre durante a refeição. E, quando comeram e beberam tanto quanto desejavam, o nobre perguntou a Peredur se ele sabia lutar com uma espada.

"Se eu recebesse instrução", disse Peredur, "acho que saberia." Ora, havia no chão do salão um enorme grampo de ferro, tão grande quanto um guerreiro conseguia abarcar com a mão.

“Pegue aquela espada”, disse o homem a Peredur, “e golpeie o grampo de ferro.” Então Peredur se levantou e golpeou o grampo, cortando-o em dois; e a espada também se partiu em dois pedaços.

“Encoste as duas partes e una-as de novo”; e Peredur as encostou, e elas ficaram inteiras como antes. E uma segunda vez ele golpeou o grampo, de modo que tanto este quanto a espada se partiram em dois, e, como antes, voltaram a se unir. E, na terceira vez, deu um golpe igual e encostou as partes quebradas, mas nem o grampo nem a espada se uniram como antes.

“Jovem”, disse o nobre, “venha agora e sente-se, e que minha bênção esteja com você. Você luta com a espada melhor que qualquer homem do reino. Já alcançou dois terços de sua força, e ainda não obteve o outro terço; e, quando atingir toda a sua força, ninguém será capaz de enfrentá-lo. Sou seu tio, irmão de sua mãe, e sou irmão do homem em cuja casa você esteve ontem à noite.”

Então Peredur e seu tio conversaram, e ele viu dois jovens entrarem no salão e seguirem até o aposento, levando uma lança enorme, com três filetes de sangue escorrendo da ponta até o chão. E, quando todos os presentes viram aquilo, começaram a chorar e a se lamentar. Apesar disso, o homem não interrompeu sua conversa com Peredur.

E, como ele não explicou a Peredur o significado do que via, este se conteve e não perguntou a respeito. E, quando o clamor diminuiu um pouco, eis que duas donzelas entraram, levando entre elas uma grande bandeja, na qual havia a cabeça de um homem, cercada por uma grande quantidade de sangue.

Então os da corte soltaram tamanho clamor que era penoso ficar no mesmo salão que eles. Mas, por fim, se calaram. E, quando chegou a hora de dormir, Peredur foi levado a um belo aposento.

E, no dia seguinte, com a permissão de seu tio, ele partiu a cavalo. E chegou a uma floresta e, bem no meio dela, ouviu um grito alto e viu uma bela mulher de cabelos castanho-avermelhados, com um cavalo selado perto dela e um cadáver ao seu lado. E, enquanto ela se esforçava para colocar o cadáver sobre o cavalo, ele caiu no chão, e então ela se pôs a lamentar em voz alta.

"Diga-me, irmã", disse Peredur, "por que está chorando?" "Oh! Maldito Peredur, pouca compaixão minha desgraça jamais encontrou em você." "Por que", perguntou Peredur, "sou maldito?"

"Porque você foi a causa da morte de sua mãe; pois, quando partiu a cavalo contra a vontade dela, a angústia tomou seu coração, e ela morreu; e por isso você é maldito. E o anão e a anã que você viu na Corte de Artur eram os anões de seu pai e de sua mãe; e eu sou sua irmã de criação, e este era meu marido, e ele foi morto pelo cavaleiro que está na clareira da floresta; e não se aproxime dele, para que ele não o mate também."

"Minha irmã, você me censura injustamente; por ter ficado tanto tempo entre vocês, mal conseguirei vencê-lo; e, se tivesse ficado mais tempo, seria realmente difícil ter sucesso. Pare, portanto, de se lamentar, pois isso de nada serve, e eu enterrarei o corpo, depois irei em busca do cavaleiro e verei se posso me vingar dele."

E, quando terminou de enterrar o corpo, foram ao lugar onde estava o cavaleiro e o encontraram cavalgando orgulhosamente pela clareira; e ele per-

guntou a Peredur de onde vinha.

"Venho da Corte de Artur." "E você é um dos homens de Artur?" "Sim, por minha fé." "É uma aliança vantajosa, de fato, essa com Artur." E, sem mais conversa, eles se enfrentaram, e imediatamente Peredur derrubou o cavaleiro, que lhe implorou misericórdia.

"Você terá misericórdia", disse ele, "sob estas condições: que tome esta mulher como esposa e lhe preste toda a honra e reverência ao seu alcance, uma vez que matou seu marido sem motivo; e que vá à Corte de Artur e lhe diga que fui eu quem o derrubou, para lhe prestar honra e serviço; e que lhe diga que nunca voltarei à sua Corte até encontrar o homem alto que está lá, para me vingar dele pelo insulto que fez ao anão e à anã."

E recebeu do cavaleiro a garantia de que cumpriria tudo isso. Então o cavaleiro providenciou para a dama um cavalo e roupas adequadas a ela e a levou consigo à Corte de Artur. E contou a Artur tudo o que havia acontecido e transmitiu o desafio a Kai. E Artur e todos os da sua casa repreenderam Kai por ter afastado de sua Corte um jovem como Peredur.

⁂

Disse Owain, filho de Urien: "Este jovem nunca virá à Corte enquanto Kai não tiver saído dela." "Por minha fé", disse Artur, "vasculharei todos os lugares desertos da Ilha da Bretanha até encontrar Peredur, e então deixarei que ele e seu adversário empreguem todas as suas forças um contra o outro."

Então Peredur seguiu cavalgando. E chegou a um bosque deserto, onde não viu rastros de homens nem de animais, e onde só havia arbustos e ervas da-

ninhas. E na extremidade mais alta do bosque viu um vasto castelo, com muitas torres fortes; e, quando se aproximou do portão, encontrou ervas daninhas mais altas do que as que havia visto em qualquer outro lugar.

E bateu no portão com a haste de sua lança, e então um jovem magro, de cabelos castanho-avermelhados, apareceu numa abertura das ameias. "Escolha, chefe", disse ele, "devo abrir o portão para você ou anunciar aos que comandam que você está à entrada?"

"Diga que estou aqui", disse Peredur, "e, se desejarem que eu entre, entrarei." E o jovem voltou e abriu o portão para Peredur. E, quando entrou no salão, ele viu dezoito jovens, magros e ruivos, da mesma altura, com a mesma aparência, as mesmas roupas e a mesma idade daquele que lhe havia aberto o portão. E eram muito hábeis na cortesia e no serviço. E retiraram seus trajes.

Então se sentaram para conversar. Nisso, cinco donzelas vieram do aposento para o salão. E Peredur teve certeza de que nunca havia visto outra de aparência tão bela quanto a principal das donzelas. Ela vestia uma velha roupa de cetim, que um dia fora bonita, mas então estava tão esfarrapada que se podia ver sua pele através dela.

E sua pele era mais branca que o brilho do cristal, e seus cabelos e suas duas sobrancelhas eram mais negros que o azeviche, e em suas faces havia duas manchas vermelhas, mais vermelhas que tudo o que há de mais vermelho. E a donzela deu as boas-vindas a Peredur, passou os braços ao redor de seu pescoço e o fez sentar-se ao seu lado.

Pouco depois, ele viu duas freiras entrarem, uma trazendo uma garrafa cheia de vinho, e a outra, seis pães brancos. “Senhora”, disseram elas, “o Céu é testemunha de que não resta naquele convento, esta noite, tanta comida e bebida quanto isto.” Então foram comer, e Peredur percebeu que a donzela desejava dar a ele mais comida e bebida do que a qualquer um dos outros.

“Minha irmã”, disse Peredur, “eu repartirei a comida e a bebida.” “Não, minha alma”, disse ela. “Por minha fé, eu repartirei.” Assim, Peredur pegou o pão e deu uma porção igual a cada um, bem como uma taça cheia de bebida. E, quando chegou a hora de dormirem, prepararam um aposento para Peredur, e ele foi descansar.

“Veja, irmã”, disseram os jovens à mais bela e mais elevada das donzelas, “temos um conselho para você.” “Qual seria?”, perguntou ela. “Vá ao jovem que está no aposento de cima e ofereça-se para ser sua esposa, ou a dama de seu amor, se isso lhe agradar.”

“Isso seria de fato impróprio”, disse ela. “Até hoje não fui a amada de nenhum cavaleiro, e fazer-lhe tal oferta antes de ser cortejada por ele, isso, na verdade, não posso fazer.”

“Por nossa confissão ao Céu, se não agir assim, nós a deixaremos aqui com seus inimigos, para que façam com você o que quiserem.” E, por medo disso, a donzela saiu; e, derramando lágrimas, dirigiu-se ao aposento. Com o ruído da porta se abrindo, Peredur acordou; e a donzela chorava e se lamentava.

"Diga-me, minha irmã", disse Peredur, "por que está chorando?" "Eu lhe direi, senhor", disse ela. "Meu pai possuía estes domínios como seu chefe, e este palácio era dele, e com ele detinha o melhor condado do reino; então o filho de outro conde pediu minha mão a meu pai, e eu não queria ser dada a ele, e meu pai não quis me dar contra minha vontade, nem a ele nem a qualquer conde do mundo. E meu pai não tinha outro filho além de mim. Após a morte de meu pai, estes domínios passaram às minhas mãos, e então eu estava ainda menos disposta a aceitá-lo do que antes.

Por isso ele me fez guerra e conquistou todas as minhas posses, exceto esta única casa. E, graças à coragem dos homens que você viu, que são meus irmãos de criação, e à força da casa, ela jamais poderá ser tomada enquanto houver comida e bebida. Agora nossas provisões se esgotaram; mas, como você viu, temos sido alimentados pelas freiras, que podem circular livremente pelo país. E, por fim, elas também ficaram sem provisões de comida ou bebida. E, o mais tardar amanhã, o conde virá contra este lugar com todas as suas forças; e, se eu cair em seu poder, meu destino não será melhor do que ser entregue aos tratadores de seus cavalos.

Por isso, senhor, vim oferecer-me para ficar em suas mãos, para que você me socorra, seja me levando daqui, seja me defendendo aqui, conforme lhe parecer melhor."

"Vá, minha irmã", disse ele, "e durma; não me afastarei de você até fazer o que me pede, ou descobrir se posso ajudá-la ou não." A donzela voltou a descansar; e na manhã seguinte veio até Peredur e o saudou.

"Que o Céu lhe dê êxito, minha alma, e que notícias traz?" "Apenas que o conde e todas as suas forças desmontaram junto ao portão, e nunca vi lugar

algum tão coberto de tendas e cheio de cavaleiros desafiando outros para o combate."

"De fato", disse Peredur, "que preparem meu cavalo." Assim, seu cavalo foi equipado, e ele se levantou e saiu para o prado. E havia um cavaleiro que percorria orgulhosamente o prado, tendo erguido o sinal de batalha. E eles se enfrentaram, e Peredur lançou o cavaleiro por cima da garupa de seu cavalo ao chão.

E, ao fim do dia, um dos principais cavaleiros veio lutar com ele, e ele também o derrubou, de modo que o cavaleiro lhe pediu misericórdia. "Quem é você?", disse Peredur.

"Na verdade", disse ele, "sou o Mestre da Casa do conde." "E quanto das posses da condessa está em seu poder?" "A terça parte, na verdade", respondeu ele. "Então", disse Peredur, "devolva-lhe por inteiro a terça parte de suas posses, e todo o lucro que obteve com elas, e leve à corte dela esta noite comida e bebida para cem homens, com seus cavalos e armas. E você permanecerá prisioneiro dela, a menos que ela deseje tirar sua vida."

E ele fez isso imediatamente. E naquela noite a donzela ficou muito alegre, e eles comeram e beberam em abundância.

⁂

E no dia seguinte Peredur saiu a cavalo para o prado; e naquele dia venceu uma multidão do exército. E, ao fim do dia, veio um cavaleiro orgulhoso e imponente, e Peredur o derrubou, e ele lhe pediu misericórdia.

"Quem é você?", disse Peredur. "Sou o Administrador do Palácio", disse ele. "E quanto das posses da donzela está sob seu controle?" "Uma terça parte", respondeu ele.

"Na verdade", disse Peredur, "você devolverá integralmente à donzela suas posses e, além disso, lhe dará comida e bebida para duzentos homens, e seus cavalos e suas armas. E, quanto a você, será prisioneiro dela." E isso foi feito imediatamente.

E no terceiro dia Peredur saiu a cavalo para o prado; e naquele dia venceu mais homens do que em qualquer um dos dias anteriores. E, ao fim do dia, um conde veio enfrentá-lo, e ele o derrubou, e o conde lhe pediu misericórdia.

"Quem é você?", disse Peredur. "Sou o conde", disse ele. "Não esconderei isso de você." "Na verdade", disse Peredur, "você devolverá todo o condado da donzela e lhe dará seu próprio condado além dele, e comida e bebida para trezentos homens, e seus cavalos e armas, e você mesmo permanecerá em poder dela." E assim se cumpriu.

E Peredur permaneceu três semanas no país, fazendo com que se prestassem tributo e obediência à donzela, e que o governo fosse colocado em suas mãos. "Com sua licença", disse Peredur, "irei embora daqui."

"De fato, meu irmão, é isso que deseja?" "Sim, por minha fé; e, se não fosse por amor a você, eu não teria ficado aqui tanto tempo." "Minha alma", disse ela, "quem é você?"

"Sou Peredur, filho de Evrawc, do Norte; e, se algum dia estiver em dificuldades ou em perigo, avise-me, e, se eu puder, a protegerei."

Assim, Peredur seguiu cavalgando. E, longe dali, encontrou uma dama montada num cavalo magro e coberto de suor; e ela saudou o jovem. "De onde vem, minha irmã?" Então ela lhe contou o motivo de sua viagem. Ora, ela era a esposa do Senhor da Clareira.

"Veja", disse ele, "sou o cavaleiro por cuja causa você está em dificuldades, e aquele que a tratou assim se arrependerá." Nisso, um cavaleiro se aproximou e perguntou a Peredur se ele havia visto um cavaleiro como o que procurava.

"Cale-se", disse Peredur, "sou eu quem você procura; e, por minha fé, você merece a censura de sua casa pelo modo como tratou a donzela, pois ela é inocente no que diz respeito a mim." Assim, eles se enfrentaram, e não combateram por muito tempo antes que Peredur derrubasse o cavaleiro, e ele lhe pedisse misericórdia.

"Você terá misericórdia", disse Peredur, "desde que volte pelo caminho por onde veio e declare que considera a donzela inocente, e desde que reconheça diante dela a derrota que sofreu em minhas mãos." E o cavaleiro lhe deu sua palavra de que faria isso.

Então Peredur seguiu cavalgando. E acima dele avistou um castelo, e foi para lá. E bateu no portão com sua lança, e então um belo jovem de cabelos castanho-avermelhados abriu o portão, e ele tinha a estatura de um guerreiro e a idade de um menino.

E, quando Peredur entrou no salão, havia uma dama alta e imponente sentada numa cadeira, e muitas criadas ao seu redor; e a dama se alegrou com sua chegada. E, quando chegou a hora, foram comer. E, depois que termi-

naram a refeição, “Seria bom para você, chefe”, disse ela, “ir dormir em outro lugar.”

“Por que não posso dormir aqui?”, disse Peredur. “Há nove feiticeiras aqui, minha alma, das feiticeiras de Gloucester, e seu pai e sua mãe estão com elas; e, se não conseguirmos escapar antes do amanhecer, seremos mortos; e elas já conquistaram e devastaram todo o país, exceto esta única morada.”

“Veja”, disse Peredur, “ficarei aqui esta noite e, se estiverem em dificuldades, prestarei toda a ajuda que puder; mas de mim não sofrerão mal algum.” Assim, foram descansar. E, ao raiar do dia, Peredur ouviu uma gritaria terrível.

E se levantou às pressas e saiu de colete e gibão, com a espada pendurada ao pescoço, e viu uma feiticeira alcançar um dos guardas, que gritava desesperadamente. Peredur atacou a feiticeira e lhe golpeou a cabeça com a espada, de modo que achatou seu elmo e sua proteção de cabeça como um prato sobre a cabeça.

“Sua misericórdia, nobre Peredur, filho de Evrawc, e a misericórdia do Céu.” “Como sabe, bruxa, que sou Peredur?” “Pelo destino e pelo conhecimento antecipado de que eu sofreria mal em suas mãos. E você receberá de mim um cavalo e uma armadura; e comigo irá aprender a cavalaria e o uso de suas armas.”

Disse Peredur: “Você terá misericórdia se der sua palavra de que nunca mais prejudicará os domínios da Condessa.” E Peredur obteve garantia disso e, com a permissão da Condessa, partiu com a feiticeira para o palácio

das feiticeiras. E lá permaneceu por três semanas, e então escolheu um cavalo e armas e seguiu seu caminho.

⁂

E ao anoitecer entrou num vale, e na cabeceira do vale chegou à cela de um eremita, e o eremita o acolheu com alegria, e ali ele passou a noite. E pela manhã se levantou, e, quando saiu, viu que havia caído uma nevada na noite anterior, e um falcão havia matado uma ave selvagem diante da cela. E o barulho do cavalo afugentou o falcão, e um corvo pousou sobre a ave.

E Peredur ficou parado e comparou o negrume do corvo, a brancura da neve e o vermelho do sangue aos cabelos da dama que mais amava, que eram mais negros que o azeviche, e à sua pele, que era mais branca que a neve, e às duas manchas vermelhas em suas faces, que eram mais vermelhas do que parecia ser o sangue sobre a neve.

Ora, Arthur e os membros de sua casa estavam à procura de Peredur. "Sabem quem é o cavaleiro com a lança comprida que está junto ao riacho ali adiante?", perguntou Arthur.

"Senhor", disse um deles, "irei descobrir quem é." Então o jovem foi até onde Peredur estava e perguntou por que ele agia daquela maneira e quem era. E, tão profundamente pensava na dama que mais amava, Peredur não lhe deu resposta.

Então o jovem investiu contra Peredur com sua lança, e Peredur se voltou contra ele e, com um golpe, lançou-o ao chão por cima da garupa de seu cavalo. Depois disso, vinte e quatro jovens se aproximaram dele, e ele não res-

pondeu a nenhum, mas deu a todos a mesma acolhida, derrubando cada um ao chão com um único golpe de lança.

Então veio Kai e falou com Peredur de modo rude e irritado; e Peredur o atingiu com a lança debaixo do queixo e o arremessou para longe com um golpe, de modo que ele quebrou o braço e a omoplata, e passou a cavalo sobre ele vinte e uma vezes. E, enquanto Kai jazia assim, atordoado pela violência da dor que sofrera, seu cavalo voltou em disparada, dando saltos.

E, quando os membros da casa viram o cavalo voltar sem seu cavaleiro, partiram depressa para o lugar onde ocorrera o confronto. Ao chegarem, primeiro pensaram que Kai estivesse morto; mas descobriram que, se tivesse um médico habilidoso, ainda poderia viver. E Peredur não saiu de sua meditação ao ver a multidão ao redor de Kai.

E Kai foi levado à tenda de Arthur, e Arthur mandou chamar médicos habilidosos para atendê-lo. E Arthur ficou triste por Kai ter sofrido aquela desgraça, pois o amava muito.

"Ora", disse Gwalchmai, "não convém que alguém perturbe sem pensar um cavaleiro honrado em sua reflexão; pois ou ele está pensando em algum dano que sofreu, ou na dama que mais ama. E talvez tenha sido por agir de maneira tão imprudente que essa desventura aconteceu ao último que o enfrentou. E, se lhe parecer bem, senhor, irei ver se esse cavaleiro já saiu de sua reflexão; e, se tiver saído, pedirei com cortesia que venha visitá-lo."

Então Kai se enfureceu e disse palavras cheias de raiva e maldade. "Gwalchmai", disse ele, "sei que você o trará porque ele está exausto. Pouco louvor e honra, contudo, terá por vencer um cavaleiro esgotado, cansado de lutar.

Mas foi assim que levou vantagem sobre muitos. E, enquanto durarem sua conversa e suas palavras suaves, uma túnica de linho fino lhe bastará como armadura, e não precisará quebrar lança nem espada ao lutar com o cavaleiro no estado em que ele está."

Então Gwalchmai disse a Kai: "Você poderia usar palavras mais agradáveis, se assim quisesse; e não lhe cabe descarregar em mim sua raiva e seu desagrado. Creio que trarei o cavaleiro comigo até aqui sem quebrar o braço nem o ombro."

Então Arthur disse a Gwalchmai: "Você fala como um homem sábio e prudente; vá, vista uma armadura suficiente para se proteger e escolha seu cavalo." E Gwalchmai se equipou e cavalgou depressa até o lugar onde Peredur estava.

E Peredur estava apoiado na haste de sua lança, entregue ao mesmo pensamento, e Gwalchmai se aproximou sem nenhum sinal de hostilidade e lhe disse: "Se eu achasse que isso lhe seria tão agradável quanto seria para mim, conversaria com você. Também trago uma mensagem de Arthur, que lhe pede que venha visitá-lo. E dois homens já vieram antes com esse propósito."

"É verdade", disse Peredur, "e vieram sem cortesia. Eles me atacaram, e isso me irritou, pois não me agradava ser afastado do pensamento em que estava, porque pensava na dama que mais amo, e foi assim que ela me veio à mente: eu olhava para a neve, para o corvo e para as gotas de sangue da ave que o falcão matara sobre a neve. E pensei que a brancura dela era como a da neve, que o negro de seus cabelos e de suas sobrancelhas era como o do

corvo, e que as duas manchas vermelhas em suas faces eram como as duas gotas de sangue."

Gwalchmai disse: "Esse era um pensamento nobre, e eu me admiraria se lhe fosse agradável ser afastado dele." "Diga-me", disse Peredur, "Kai está na corte de Arthur?"

"Está", respondeu ele, "e veja, ele é o cavaleiro que lutou com você por último; e teria sido melhor para ele não ter vindo, pois o braço e a omoplata dele se quebraram na queda que sofreu por causa de sua lança."

"De fato", disse Peredur, "não lamento ter começado assim a vingar o insulto ao anão e à anã." Então Gwalchmai se admirou ao ouvi-lo falar do anão e da anã; aproximou-se, abraçou-o pelo pescoço e perguntou qual era seu nome.

"Chamo-me Peredur, filho de Evrawc", disse ele; "e você, quem é?" "Chamo-me Gwalchmai", respondeu ele. "Fico muito feliz em encontrá-lo", disse Peredur, "pois em todos os países por onde passei ouvi falar de sua fama de valentia e retidão, e peço sua amizade." "Você a terá, por minha fé, e conceda-me a sua", disse ele. "Com prazer", respondeu Peredur.

⁂

Então os dois cavalgaram juntos, alegres, para o lugar onde Arthur estava, e, quando Kai os viu chegar, disse: "Eu sabia que Gwalchmai não precisaria lutar com o cavaleiro. E não é de admirar que ele ganhe fama; consegue mais com suas belas palavras do que eu com a força do meu braço." E Peredur foi com Gwalchmai à tenda dele, e tiraram suas armaduras.

E Peredur vestiu roupas semelhantes às que Gwalchmai usava, e os dois foram juntos até Arthur e o saudaram. “Veja, senhor”, disse Gwalchmai, “aquele que o senhor procurou por tanto tempo.”

“Seja bem-vindo, chefe”, disse Arthur. “Você ficará comigo; e, se eu soubesse que seu valor era tão grande, você não teria me deixado como deixou; contudo, isso foi predito a seu respeito pelo anão e pela anã, que Kai maltratou e que você vingou.” E então chegaram a rainha e suas criadas, e Peredur as saudou. E elas se alegraram ao vê-lo e lhe deram as boas-vindas. E Arthur lhe prestou grande honra e respeito, e eles voltaram para Caerlleon.

E, na primeira noite em que Peredur chegou a Caerlleon, à corte de Arthur, enquanto caminhava pela cidade depois de sua refeição, encontrou Angharad Law Eurawc.

“Por minha fé, irmã”, disse Peredur, “você é uma donzela bela e encantadora; e, se isso lhe agradasse, eu poderia amá-la acima de todas as mulheres.” “Dou minha palavra”, disse ela, “de que não o amo, nem jamais o amarei.”

“Também dou minha palavra”, disse Peredur, “de que nunca mais direi uma palavra a nenhum cristão até que você venha a me amar acima de todos os homens.”

No dia seguinte, Peredur partiu pela estrada principal, ao longo de uma crista de montanha, e viu um vale de forma circular, cujas bordas eram rochosas e cobertas de mata. E a parte plana do vale era formada por prados, e havia campos entre os prados e a mata. E, no interior da mata, viu grandes casas negras de construção grosseira.

E desmontou e conduziu seu cavalo em direção à mata. E, pouco depois de entrar nela, viu uma saliência rochosa por onde passava a estrada. E sobre a saliência havia um leão preso por uma corrente, dormindo. E, abaixo do leão, viu um poço profundo e imenso, cheio de ossos de homens e animais.

E Peredur sacou a espada e golpeou o leão, de modo que ele caiu na boca do poço e ficou ali pendurado pela corrente; e, com um segundo golpe, atingiu a corrente e a rompeu, e o leão caiu no poço; e Peredur conduziu seu cavalo pela saliência rochosa até chegar ao vale. E, no centro do vale, viu um belo castelo e seguiu em sua direção.

E, no prado junto ao castelo, avistou um enorme homem grisalho sentado, maior do que qualquer homem que já tivesse visto. E dois jovens pajens estavam arremessando os cabos de suas adagas, feitos de osso de cavalo-marinho. E um dos pajens tinha cabelos ruivos, e o outro, castanho-avermelhados.

E eles foram à frente dele até o lugar onde estava o homem grisalho, e Peredur o saudou. E o homem grisalho disse: “Desonra à barba do meu porteiro.” Então Peredur entendeu que o porteiro era o leão.

— E o homem grisalho e os pajens entraram juntos no castelo, e Peredur os acompanhou; e achou o lugar belo e nobre. E seguiram para o salão, onde as mesas já estavam postas, e sobre elas havia comida e bebida em abundância. E então ele viu uma mulher idosa e uma jovem saírem do quarto; e eram as mulheres de porte mais majestoso que já tinha visto.

Então se lavaram e foram comer, e o homem grisalho se sentou no lugar de honra, à cabeceira da mesa, com a mulher idosa ao seu lado. E Peredur e a

donzela foram colocados juntos, e os dois jovens pajens os serviram. E a donzela olhava com tristeza para Peredur, e Peredur lhe perguntou por que estava triste.

"Por sua causa, minha alma; pois, desde a primeira vez que o vi, eu o amo acima de todos os homens. E me dói saber que um jovem tão nobre como você terá o destino que o espera amanhã. Viu as numerosas casas negras no interior da mata? Todas pertencem aos vassalos daquele homem grisalho, que é meu pai. E todos eles são gigantes. E amanhã se levantarão contra você e o matarão. E este vale se chama Vale Redondo."

"Escute, bela donzela, você dará um jeito de fazer com que meu cavalo e minhas armas fiquem no mesmo alojamento que eu esta noite?" "Com prazer farei isso, pelo Céu, se puder."

E quando chegou a hora de dormir em vez de festejar, foram descansar. E a donzela mandou que o cavalo e as armas de Peredur ficassem no mesmo alojamento que ele. E na manhã seguinte Peredur ouviu um grande tumulto de homens e cavalos ao redor do castelo. E Peredur se levantou, armou a si mesmo e ao seu cavalo e foi para o prado.

Então a mulher idosa e a donzela vieram até o homem grisalho: "Senhor", disseram elas, "aceite a palavra do jovem de que nunca revelará o que viu neste lugar, e nós seremos suas fiadoras de que a cumprirá."

"Não farei isso, por minha fé", disse o homem grisalho. Assim, Peredur lutou contra o exército e, ao cair da tarde, havia matado um terço deles sem sofrer nenhum ferimento. Então a mulher idosa disse: "Veja, muitos dos

seus soldados foram mortos pelo jovem; portanto, tenha misericórdia dele."

"Não terei, por minha fé", disse ele. E a mulher idosa e a bela donzela estavam nas ameias do castelo, olhando para fora. E naquele momento Peredur enfrentou o jovem de cabelos louros e o matou.

"Senhor", disse a donzela, "tenha misericórdia do jovem." "Isso não farei, pelo Céu", respondeu ele; e então Peredur atacou o jovem de cabelos castanho-avermelhados e também o matou.

"Teria sido melhor que tivesse concedido misericórdia ao jovem antes que ele matasse seus dois filhos; pois agora dificilmente o senhor mesmo escapará dele." "Vá, donzela, e suplique ao jovem que tenha misericórdia de nós, pois nos entregamos em suas mãos."

Assim, a donzela foi ao lugar onde Peredur estava e suplicou misericórdia por seu pai e por todos os seus vassalos que haviam escapado com vida. "Você a terá, com a condição de que seu pai e todos os que estão sob suas ordens vão prestar homenagem a Artur e lhe digam que foi seu vassalo Peredur quem lhe prestou este serviço."

"Faremos isso de boa vontade, pelo Céu." "E vocês também receberão o batismo; e mandarei uma mensagem a Artur, suplicando que conceda este vale a você e aos seus herdeiros depois de você, para sempre." Então entraram, e o homem grisalho e a mulher alta saudaram Peredur.

E o homem grisalho lhe disse: "Desde que possuo este vale, não vi nenhum cristão sair com vida, a não ser você. E iremos prestar homenagem a Artur, abraçar a fé e receber o batismo." Então Peredur disse: "Ao Céu dou graças

por não ter quebrado meu voto à dama que mais amo, que era não dizer uma só palavra a nenhum cristão."

⁂

Naquela noite ficaram ali. E no dia seguinte, pela manhã, o homem grisalho, com sua comitiva, partiu para a corte de Artur; e prestaram homenagem a Artur, e ele mandou que fossem batizados. E o homem grisalho contou a Artur que fora Peredur quem os havia vencido. E Artur deu o vale ao homem grisalho e à sua gente, para que o possuíssem como seus vassalos, conforme Peredur havia suplicado. E, com a permissão de Artur, o homem grisalho voltou ao Vale Redondo.

Peredur seguiu a cavalo no dia seguinte e atravessou uma vasta região deserta, onde não havia moradias. E por fim chegou a uma habitação pobre e pequena. E ali ouviu dizer que havia uma serpente que ficava sobre um anel de ouro e não permitia que ninguém habitasse aquelas terras num raio de sete milhas. E Peredur foi ao lugar onde ouvira dizer que estava a serpente.

E lutou contra a serpente com ira, fúria e desespero; e por fim a matou e levou o anel. E assim passou muito tempo sem dizer uma palavra a nenhum cristão. E por isso perdeu a cor e a boa aparência, pela imensa saudade da corte de Artur e da companhia da dama que mais amava e de seus companheiros.

Então seguiu para a corte de Artur, e no caminho encontrou os homens da casa de Artur, que iam cumprir uma missão específica, com Kai à frente. E

Peredur conhecia todos eles, mas nenhum dos homens da casa o reconheceu.

"De onde vem, chefe?", perguntou Kai. E perguntou isso duas e três vezes, e ele não respondeu. E Kai lhe atravessou a coxa com a lança. E, para que não fosse obrigado a falar e a quebrar seu voto, seguiu adiante sem parar.

"Pois bem", disse Gwalchmai, "declaro perante o Céu, Kai, que você agiu mal ao cometer tamanha violência contra um jovem como este, que não pode falar."

E Gwalchmai voltou à corte de Artur. "Senhora", disse ele a Gwenhwyvar, "veja que terrível violência Kai cometeu contra este jovem que não pode falar; pelo Céu e por mim, providencie cuidados médicos para ele antes que eu volte, e eu lhe pagarei a despesa."

E antes que os homens voltassem de sua missão, um cavaleiro veio ao prado ao lado do palácio de Artur para desafiar alguém a enfrentá-lo. E seu desafio foi aceito; e Peredur lutou contra ele e o derrubou. E durante uma semana derrubou um cavaleiro a cada dia.

E certo dia Artur e os homens de sua casa iam à igreja e viram um cavaleiro que havia erguido o sinal de combate. "De fato", disse Artur, "pelo valor dos homens, não sairei daqui até que tenha meu cavalo e minhas armas para derrubar aquele grosseirão." Então os servidores foram buscar o cavalo e as armas de Artur.

E Peredur encontrou os servidores quando voltavam, tomou deles o cavalo e as armas e seguiu para o prado; e todos os que o viram se levantar e ir lutar contra o cavaleiro subiram aos telhados das casas, aos outeiros e aos lu-

gares altos para assistir ao combate. E Peredur fez um sinal com a mão ao cavaleiro para começar a luta.

E o cavaleiro investiu contra ele, mas não conseguiu tirá-lo do lugar onde estava. E Peredur esporeou seu cavalo e avançou contra ele com ira, fúria, ferocidade, desespero e enorme cólera, e lhe deu sob a mandíbula um golpe mortal, violento, furioso, hábil e forte, erguendo-o da sela e lançando-o para bem longe de si.

E Peredur voltou, deixou o cavalo e as armas com o servidor como antes e foi a pé para o palácio.

Então Peredur era conhecido pelo nome de Jovem Mudo. E eis que Angharad Law Eurawc o encontrou. "Declaro perante o Céu, chefe", disse ela, "é triste que você não possa falar; pois, se pudesse falar, eu o amaria mais do que a todos os homens; e, por minha fé, embora não possa, eu o amo acima de todos."

"Que o Céu a recompense, minha irmã", disse Peredur, "por minha fé, eu também a amo." Então se soube que ele era Peredur. E ele passou a conviver com Gwalchmai, Owain, filho de Urien, e todos os da casa, e permaneceu na corte de Artur.

Artur estava em Caerlleon, às margens do Usk; e saiu para caçar, e Peredur foi com ele. E Peredur soltou seu cão atrás de um cervo, e o cão matou o cervo num lugar deserto. E a pouca distância dali ele viu sinais de uma moradia, e foi em sua direção, e avistou um salão, e à porta do salão encontrou jovens calvos de pele morena jogando xadrez.

E quando entrou, viu três donzelas sentadas num banco, e todas estavam vestidas da mesma maneira, como convinha a pessoas de alta posição. E ele se aproximou e se sentou ao lado delas no banco; e uma das donzelas olhou fixamente para Peredur e chorou. E Peredur lhe perguntou por que chorava.

"De tristeza, por ter de ver um jovem tão belo como você ser morto." "Quem vai me matar?", perguntou Peredur. "Se tiver a ousadia de ficar aqui esta noite, eu lhe contarei."

"Por maior que seja o perigo que eu corra ao ficar aqui, eu a ouvirei." "Este palácio pertence àquele que é meu pai", disse a donzela, "e ele mata todos os que vêm aqui sem sua permissão."

"Que espécie de homem é seu pai, para ser capaz de matar todos dessa maneira?" "Um homem que comete violência e injustiça contra seus vizinhos e não faz justiça a ninguém." E então ele viu os jovens se levantarem e retirarem as peças de xadrez do tabuleiro.

E ouviu um grande tumulto; e depois do tumulto entrou um homem negro, enorme e de um olho só, e as donzelas se levantaram para recebê-lo. E elas lhe tiraram as vestes, e ele foi se sentar; e, depois de descansar e refletir por algum tempo, olhou para Peredur e perguntou quem era o cavaleiro.

"Senhor", disse uma das donzelas, "ele é o jovem mais belo e gentil que o senhor já viu. E pelo Céu e por sua própria dignidade, tenha paciência com ele." "Por você terei paciência e lhe pouparei a vida esta noite." Então Peredur se aproximou deles junto ao fogo, comeu e bebeu e começou a conversar com as damas.

E, animado pela bebida, disse ao homem negro: “É de admirar que, sendo tão poderoso quanto diz ser, alguém tenha conseguido arrancar seu olho.” “É um dos meus costumes”, disse o homem negro, “que todo aquele que me faz a pergunta que você fez não escape com vida, nem de graça nem por preço algum.”

“Senhor”, disse a donzela, “seja o que for que ele lhe diga por brincadeira e pela animação da bebida, cumpra o que acabou de dizer e me prometer.” “Farei isso de bom grado, por você”, disse ele. “De boa vontade lhe poupa-rei a vida esta noite.” E assim ficaram naquela noite.

⁂

E no dia seguinte o homem negro se levantou, vestiu sua armadura e disse a Peredur: “Levante-se, homem, e receba a morte.” E Peredur lhe disse: “Faça uma de duas coisas, homem negro: se quer lutar comigo, tire sua pró-pria armadura ou me dê armas para que eu possa enfrentá-lo.”

“Ah, homem”, disse ele, “você conseguiria lutar se tivesse armas? Então tome as armas que escolher.” E então a donzela trouxe a Peredur as armas que lhe agradavam; e ele lutou contra o homem negro e o obrigou a implo-rar por sua misericórdia.

“Homem negro, você terá misericórdia, desde que me diga quem é e quem lhe arrancou o olho.” “Senhor, eu lhe contarei; eu o perdi lutando contra a Serpente Negra do Monte de Pedras. Há um outeiro chamado Outeiro do Lamento; e no outeiro há um monte de pedras, e no monte de pedras há uma serpente, e na cauda da serpente há uma pedra, e os poderes da pedra são tais que aquele que a segurar numa das mãos terá na outra tanto ouro

quanto desejar. E foi lutando contra essa serpente que perdi meu olho. E sou chamado de Opressor Negro.

E sou chamado de Opressor Negro por esta razão: não há um só homem ao meu redor que eu não tenha oprimido, e não fiz justiça a ninguém." "Diga-me", disse Peredur, "a que distância fica daqui?"

"No mesmo dia em que partir, você chegará ao Palácio dos Filhos do Rei das Torturas." "Por que são chamados assim?" "O Addanc do Lago os mata uma vez por dia. Quando sair de lá, chegará à corte da Condessa das Façanhas."

"Que façanhas há ali?", perguntou Peredur. "Há trezentos homens em sua casa, e a todo forasteiro que chega à corte são contadas as façanhas dos homens de sua casa. E é assim que se faz: os trezentos homens da casa se sentam junto à senhora; e isso não é por desrespeito aos convidados, mas para que possam contar as façanhas da casa. E no dia em que sair de lá, você chegará ao Outeiro do Lamento, e ao redor do outeiro estão os donos de trezentas tendas guardando a serpente."

"Já que você de fato foi um opressor por tanto tempo", disse Peredur, "farei com que não continue a sê-lo." Então o matou.

Então a donzela falou e começou a conversar com ele. "Se você era pobre quando chegou aqui, de agora em diante será rico graças ao tesouro do homem negro que matou. Você vê as muitas belas donzelas que há nesta corte; terá aquela de quem mais gostar como a dama do seu amor."

"Senhora, não vim da minha terra até aqui para procurar uma esposa; casem-se como lhes agradar com os belos jovens que vejo aqui; e não desejo

nenhum dos seus bens, pois não preciso deles."

Então Peredur seguiu a cavalo e chegou ao Palácio dos Filhos do Rei das Torturas; e, quando entrou no palácio, não viu ninguém além de mulheres; e elas se levantaram e se alegraram com sua chegada; e, quando começaram a conversar com ele, ele viu chegar um cavalo de guerra, com uma sela sobre ele e um cadáver na sela.

E uma das mulheres se levantou, tirou o cadáver da sela e o ungiu numa vasilha de água morna que ficava abaixo da porta, e passou nele um bálsamo precioso; e o homem se levantou vivo, foi até o lugar onde estava Peredur, cumprimentou-o e se alegrou ao vê-lo.

E outros dois homens entraram montados em suas selas, e a donzela tratou os dois da mesma maneira que havia tratado o primeiro. Então Peredur perguntou ao chefe por que aquilo acontecia. E lhe disseram que havia um Addanc numa caverna, que os matava uma vez por dia. E assim passaram aquela noite.

Na manhã seguinte, os jovens se levantaram para sair, e Peredur lhes implorou, pelas damas de seu amor, que permitissem que ele fosse com eles; mas eles recusaram, dizendo: "Se você for morto lá, não terá ninguém para trazê-lo de volta à vida."

E eles seguiram a cavalo, e Peredur foi atrás deles; e, depois que desapareceram de sua vista, ele chegou a uma colina onde estava sentada a mais bela dama que já havia visto.

"Sei o que você procura", disse ela; "você vai enfrentar o Addanc, e ele o matará, não pela coragem, mas pela astúcia. Ele tem uma caverna, e na en-

trada dela há uma coluna de pedra, e ele vê todos os que entram, mas ninguém o vê; e, de trás da coluna, mata a todos com um dardo envenenado. E, se você me der sua palavra de que me amará acima de todas as mulheres, eu lhe darei uma pedra com a qual poderá vê-lo quando entrar, e ele não poderá ver você."

"Eu prometo, por minha honra", disse Peredur, "pois desde a primeira vez que a vi eu a amei; e onde devo procurá-la?" "Quando me procurar, procure na direção da Índia." E a donzela desapareceu, depois de colocar a pedra na mão de Peredur.

E ele se dirigiu a um vale por onde corria um rio; e as bordas do vale eram cobertas de árvores, e de cada lado do rio havia prados planos. E de um lado do rio ele viu um rebanho de ovelhas brancas, e do outro, um rebanho de ovelhas negras.

E sempre que uma das ovelhas brancas balia, uma das ovelhas negras atravessava e se tornava branca; e, quando uma das ovelhas negras balia, uma das ovelhas brancas atravessava e se tornava negra. E ele viu uma árvore alta à beira do rio, com uma metade em chamas da raiz até o topo, e a outra metade verde e cheia de folhas.

E perto dali viu um jovem sentado numa colina, com dois galgos malhados de peito branco, presos a correias, deitados ao seu lado. E ele tinha certeza de que nunca havia visto um jovem de porte tão nobre. E no bosque em frente ouviu cães espantando uma manada de cervos. E Peredur saudou o jovem, e o jovem retribuiu a saudação.

E havia três caminhos que partiam da colina; dois deles eram largos, e o terceiro era mais estreito. E Peredur perguntou aonde levavam os três caminhos. “Um deles vai para o meu palácio”, disse o jovem; “e aconselho você a fazer uma de duas coisas: seguir até meu palácio, que está à sua frente e onde encontrará minha esposa, ou ficar aqui para ver os cães perseguindo os cervos espantados do bosque até a planície.

E você verá os melhores galgos que já viu, e os mais ousados na caçada, matá-los junto à água ao nosso lado; e, quando chegar a hora de comer, meu pajem virá ao meu encontro com meu cavalo, e você descansará em meu palácio esta noite.”

“Que o Céu o recompense; mas não posso me demorar, pois preciso seguir adiante.” “O outro caminho leva à cidade, que fica aqui perto e onde se pode comprar comida e bebida; e o caminho mais estreito que os outros vai na direção da caverna do Addanc.” “Com sua permissão, jovem, seguirei por esse caminho.”

⁂

E Peredur foi em direção à caverna. E tomou a pedra na mão esquerda e a lança na direita. E, ao entrar, avistou o Addanc, atravessou-o com sua lança e cortou sua cabeça. E, quando saiu da caverna, eis que os três companheiros estavam na entrada; e saudaram Peredur e lhe disseram que havia uma previsão de que ele mataria aquele monstro.

E Peredur deu a cabeça aos jovens, e eles lhe ofereceram em casamento qualquer uma das três irmãs que escolhesse, e metade do reino com ela. “Não vim aqui para procurar uma esposa”, disse Peredur, “mas, se por

acaso eu me casasse, preferiria a irmã de vocês a todas as outras." E Peredur seguiu a cavalo e ouviu um ruído atrás de si.

E olhou para trás e viu um homem num cavalo vermelho, vestindo uma armadura vermelha; e o homem se aproximou a cavalo, pôs-se ao seu lado, saudou-o e lhe desejou o favor do Céu e dos homens. E Peredur cumprimentou o jovem com gentileza.

"Senhor, venho lhe fazer um pedido." "O que deseja?" "Que me aceite como seu acompanhante." "Quem, então, eu tomaria como meu acompanhante, se fizesse isso?" "Não vou esconder do senhor a que linhagem pertenço. Chamo-me Etlym Gleddyv Coch, um conde da Terra do Oriente."

"Admiro-me de que você se ofereça para ser acompanhante de um homem cujas posses não são maiores que as suas; pois tenho apenas um condado, assim como você. Mas, já que deseja ser meu acompanhante, eu o aceitarei com alegria."

E seguiram até a corte da condessa, e todos na corte se alegraram com sua chegada; e lhes disseram que não era por desrespeito que lhes davam lugares abaixo dos membros da casa, mas que esse era o costume da corte. Pois quem derrubasse os trezentos homens de sua casa se sentaria ao lado da condessa, e ela o amaria acima de todos os homens.

E Peredur, tendo derrubado os trezentos homens de sua casa, sentou-se ao lado dela, e a condessa disse: "Agradeço ao Céu por ter um jovem tão belo e tão valente como você, já que não consegui o homem que mais amo."

"Quem é aquele que mais ama?" "Por minha fé, Etlym Gleddyv Coch é o homem que mais amo, e nunca o vi." "De fato, Etlym é meu companheiro;

e veja, aqui está ele, e foi por causa dele que vim disputar justas com os homens de sua casa. E ele poderia ter feito isso melhor do que eu, se tivesse desejado. E eu a entrego a ele."

"Que o Céu o recompense, belo jovem, e eu aceitarei o homem que amo acima de todos os outros." E a condessa se tornou esposa de Etlym a partir daquele momento.

E no dia seguinte Peredur partiu em direção à Colina do Luto. "Por sua mão, senhor, eu irei com o senhor", disse Etlym. Então seguiram adiante até avistarem a colina e as tendas.

"Vá até aqueles homens", disse Peredur a Etlym, "e peça que venham me prestar homenagem." Assim, Etlym foi até eles e lhes disse: "Venham prestar homenagem ao meu senhor."

"Quem é seu senhor?", disseram eles. "Peredur da lança longa é meu senhor", disse Etlym. "Se fosse permitido matar um mensageiro, você não voltaria vivo ao seu senhor, por fazer a reis, condes e barões uma exigência tão arrogante como a de ir lhe prestar homenagem." Peredur pediu que ele voltasse até eles e lhes desse a escolha entre prestar-lhe homenagem ou lutar contra ele.

E eles preferiram lutar. E naquele dia Peredur derrubou os donos de cem tendas; e no dia seguinte derrubou os donos de mais cem; e no terceiro dia os cem restantes se reuniram em conselho e decidiram prestar homenagem a Peredur. E Peredur lhes perguntou por que estavam ali. E lhe disseram que estavam vigiando a serpente até que ela morresse.

"Pois então lutaríamos entre nós pela pedra, e aquele que vencesse ficaria com ela." "Esperem aqui", disse Peredur, "e eu irei enfrentar a serpente." "Não, senhor", disseram eles; "iremos todos juntos enfrentar a serpente."

"Certamente", disse Peredur, "não permitirei isso; pois, se a serpente for morta, não ganharei com isso mais fama que qualquer um de vocês." Então ele foi ao lugar onde estava a serpente, matou-a, voltou até eles e disse: "Calculem quanto gastaram desde que estão aqui, e eu lhes pagarei tudo." E pagou a cada um a quantia que este disse ter a receber.

E exigiu deles apenas que se reconhecessem como seus vassalos. E disse a Etlym: "Volte para aquela que você mais ama, e eu seguirei adiante, e o recompensarei por ter sido meu acompanhante." E deu a pedra a Etlym. "Que o Céu o recompense e lhe dê prosperidade", disse Etlym.

E Peredur partiu dali a cavalo e chegou ao vale mais belo que já havia visto, por onde corria um rio; e ali avistou muitas tendas de várias cores. E se admirou ainda mais com a quantidade de moinhos de água e de vento que viu. E um homem alto de cabelos castanho-avermelhados, vestido como um trabalhador, aproximou-se dele a cavalo, e Peredur lhe perguntou quem era.

"Sou o moleiro-chefe", disse ele, "de todos aqueles moinhos." "Você me dará hospedagem?", disse Peredur. "Darei, com prazer", respondeu ele. E Peredur foi à casa do moleiro, e o moleiro tinha uma moradia bela e agradável.

E Peredur pediu dinheiro emprestado ao moleiro, para comprar comida e bebida para si e para os moradores da casa, e prometeu que lhe pagaria an-

tes de partir dali. E perguntou ao moleiro por que tamanha multidão estava reunida ali. Disse o moleiro a Peredur: "Uma coisa é certa: ou você é um homem de longe, ou está fora de si. A imperatriz de Cristinobyl, a Grande, está aqui; e ela não aceitará ninguém além do homem mais valente; pois não precisa de riquezas. E era impossível trazer comida para tantos milhares como os que estão aqui, por isso todos esses moinhos foram construídos." E naquela noite eles descansaram.

⁂

E no dia seguinte Peredur se levantou e preparou a si mesmo e a seu cavalo para o torneio. E entre as outras tendas viu uma que era a mais bela que já havia visto. E viu uma linda donzela com a cabeça para fora de uma janela da tenda, e nunca havia visto donzela mais bela que ela. E ela vestia uma roupa de cetim.

E ele olhou fixamente para a donzela e começou a amá-la profundamente. E permaneceu ali, contemplando a donzela desde a manhã até o meio-dia, e do meio-dia até a tarde; e então o torneio terminou, e ele foi para sua hospedagem e tirou a armadura.

Depois pediu dinheiro emprestado ao moleiro, e a mulher do moleiro ficou zangada com Peredur; apesar disso, o moleiro lhe emprestou o dinheiro. E no dia seguinte ele fez o mesmo que havia feito no dia anterior. E à noite voltou à sua hospedagem e tomou dinheiro emprestado ao moleiro.

E no terceiro dia, enquanto estava no mesmo lugar, contemplando a donzela, sentiu um forte golpe entre o pescoço e o ombro, dado com o fio de um machado. E quando olhou para trás, viu que era o moleiro; e o moleiro

lhe disse: “Faça uma destas duas coisas: ou desvie o olhar daqui, ou vá ao torneio.”

E Peredur sorriu para o moleiro e foi ao torneio; e derrubou todos os que o enfrentaram naquele dia. E todos os que venceu ele enviou como presente à Imperatriz, e os cavalos e as armas deles enviou como presente à mulher do moleiro, em pagamento do dinheiro emprestado.

Peredur participou do torneio até que todos fossem derrubados, e enviou todos os homens à prisão da Imperatriz, e os cavalos e as armas à mulher do moleiro, em pagamento do dinheiro emprestado. E a Imperatriz mandou chamar o Cavaleiro do Moinho, pedindo que viesse visitá-la. E Peredur não foi, nem ao primeiro nem ao segundo chamado.

E na terceira vez ela enviou cem cavaleiros para trazê-lo à força, e eles foram até ele e lhe contaram a missão que a Imperatriz lhes havia dado. E Peredur lutou bem contra eles e mandou que fossem amarrados como cervos e lançados no canal do moinho.

E a Imperatriz pediu conselho a um sábio que fazia parte de seu conselho; e ele lhe disse: “Com sua permissão, irei pessoalmente até ele.” Assim, ele foi até Peredur, saudou-o e lhe suplicou, pela dama de seu amor, que viesse visitar a Imperatriz. E eles foram, junto com o moleiro. E Peredur entrou e se sentou no aposento externo da tenda, e ela veio e se colocou ao seu lado. E pouco conversaram. E Peredur se despediu e foi para sua hospedagem.

E no dia seguinte ele veio visitá-la, e quando entrou na tenda, não havia um aposento menos adornado que os outros. E eles não sabiam onde ele se sentaria. E Peredur foi se sentar ao lado da Imperatriz e conversou com ela

cortesmente. E enquanto estavam assim, viram entrar um homem negro com uma taça cheia de vinho na mão.

E ele se ajoelhou diante da Imperatriz e lhe suplicou que não a desse a ninguém que não lutasse com ele por ela. E ela olhou para Peredur. “Senhora”, disse ele, “conceda-me a taça.” E Peredur bebeu o vinho e deu a taça à mulher do moleiro.

E enquanto estavam assim, eis que entrou um homem negro de estatura maior que o outro, com a garra de uma fera na mão, trabalhada em forma de taça e cheia de vinho. E ele a ofereceu à Imperatriz e lhe suplicou que não a desse a ninguém, a não ser ao homem que lutasse com ele.

“Senhora”, disse Peredur, “conceda-a a mim.” E ela a deu a ele. E Peredur bebeu o vinho e enviou a taça à mulher do moleiro. E enquanto estavam assim, eis que um homem de aparência rude e cabelos crespos, mais alto que os outros dois, entrou com uma tigela cheia de vinho na mão; e se ajoelhou e a entregou nas mãos da Imperatriz, e lhe suplicou que não a desse a ninguém, a não ser àquele que lutasse com ele por ela; e ela a deu a Peredur, e ele a enviou à mulher do moleiro.

E naquela noite Peredur voltou à sua hospedagem; e no dia seguinte equipou a si mesmo e a seu cavalo, foi ao prado e matou os três homens. Então Peredur seguiu para a tenda, e a Imperatriz lhe disse: “Nobre Peredur, lembre-se da fidelidade que me jurou quando lhe dei a pedra, e você matou o Addanc.”

“Senhora”, respondeu ele, “a senhora diz a verdade, eu me lembro.” E Peredur foi hóspede da Imperatriz durante catorze anos, conforme conta a

história.

Artur estava em Caerlleon, junto ao Usk, seu principal palácio; e no centro do salão estavam quatro homens sentados sobre um tapete de veludo: Owain, filho de Urien, e Gwalchmai, filho de Gwyar, e Howel, filho de Emyr Llydaw, e Peredur da lança longa.

E então viram entrar uma donzela negra de cabelos crespos, montada numa mula amarela, com correias de bordas recortadas na mão para fazê-la avançar; e ela tinha um aspecto rude e horrendo. Seu rosto e suas duas mãos eram mais negros que o ferro mais negro coberto de piche; e sua cor não era mais assustadora que sua forma.

Tinha as maçãs do rosto altas, o rosto alongado para baixo e um nariz curto com narinas dilatadas. E um olho era de um cinza manchado e penetrante, e o outro era negro como azeviche, profundamente afundado na cabeça. E seus dentes eram longos e amarelos, mais amarelos que a flor da giesta. E sua barriga se erguia desde o osso do peito, mais alta que seu queixo.

E suas costas tinham a forma de um gancho, e suas pernas eram grandes e ossudas. E seu corpo era muito magro e descarnado, exceto pelos pés e pelas pernas, que eram enormes. E ela saudou Artur e todos os de sua casa, exceto Peredur. E a Peredur dirigiu palavras duras e iradas.

"Peredur, não o saúdo, pois você não merece. Cego foi o destino ao lhe dar fama e favor. Quando você esteve na corte do Rei Manco e viu ali o jovem que carregava a lança da qual escorria sangue, de cujas pontas gotas de sangue fluíam em torrentes até a mão do jovem, e também muitas outras maravilhas, não perguntou seu significado nem sua causa. Se o tivesse feito, o

Rei teria recuperado a saúde, e seus domínios, a paz. Mas, de agora em diante, ele terá de suportar batalhas e conflitos, e seus cavaleiros perecerão, e esposas ficarão viúvas, e donzelas ficarão sem dote, e tudo isso é por sua causa."

Então ela disse a Artur: "Se lhe agrada, senhor, minha morada fica longe daqui, no imponente castelo de que já ouviu falar, e nele há quinhentos e sessenta e seis cavaleiros da ordem da Cavalaria, e com cada um está a dama que ele mais ama; e quem desejar conquistar fama nas armas, nos combates e nos conflitos a conquistará ali, se a merecer. E quem desejar alcançar o auge da fama e da honra, sei onde poderá encontrá-lo. Há um castelo numa montanha elevada, e nele há uma donzela que é mantida prisioneira, e quem a libertar alcançará o auge da fama no mundo." E então ela partiu montada em sua mula.

⁂

Disse Gwalchmai: "Por minha fé, não descansarei tranquilo até ter posto à prova se posso libertar a donzela." E muitos dos que pertenciam à casa de Artur se juntaram a ele. Então Peredur também disse: "Por minha fé, não descansarei tranquilo até conhecer a história e o significado da lança de que falou a donzela negra."

E enquanto se equipavam, eis que um cavaleiro chegou ao portão. E ele tinha o porte e a força de um guerreiro, e estava equipado com armas e vestes. E avançou e saudou Artur e todos os de sua casa, exceto Gwalchmai. E o cavaleiro trazia no ombro um escudo incrustado de ouro, com uma faixa horizontal azul sobre ele, e toda a sua armadura era da mesma cor.

E disse a Gwalchmai: “Você matou meu senhor com sua traição e seu engano, e eu o provarei em combate contra você.” Então Gwalchmai se levantou. “Veja”, disse ele, “aqui está meu penhor de desafio contra você, para sustentar, neste lugar ou onde mais quiser, que não sou traidor nem enganador.”

“Quero que meu combate com você aconteça diante do Rei a quem obedeço”, disse o cavaleiro. “Com prazer”, disse Gwalchmai; “siga adiante, e eu o seguirei.” Assim, o cavaleiro partiu, e Gwalchmai se equipou, e lhe ofereceram muitas armaduras, mas ele não quis aceitar nenhuma além da sua.

E quando Gwalchmai e Peredur estavam equipados, partiram para seguilo, por causa de seu companheirismo e da grande amizade que havia entre eles. E não foram juntos atrás dele, mas cada um seguiu seu próprio caminho.

Ao amanhecer, Gwalchmai chegou a um vale, e no vale viu uma fortaleza, e dentro da fortaleza um vasto palácio com torres elevadas ao redor. E viu um cavaleiro saindo para caçar pelo outro lado, montado num fogoso palafrém negro que resfolegava, avançava empinado, pisava com orgulho, saltava com agilidade e tinha o passo firme; e esse era o homem a quem pertencia o palácio.

E Gwalchmai o saudou. “Que o Céu lhe dê prosperidade, chefe”, disse ele, “e de onde vem?” “Venho”, respondeu Gwalchmai, “da corte de Artur.” “E é vassalo de Artur?”

“Sim, por minha fé”, disse Gwalchmai. “Vou lhe dar um bom conselho”, disse o cavaleiro. “Vejo que está cansado e exausto; vá ao meu palácio, se lhe

agrada, e fique lá esta noite."

"Com prazer, senhor", disse ele, "e que o Céu o recompense." "Leve este anel como sinal para o porteiro e siga até aquela torre, e nela encontrará minha irmã." E Gwalchmai foi até o portão, mostrou o anel e seguiu para a torre.

E ao entrar viu um grande fogo ardente, que queimava sem fumaça e com uma chama brilhante e alta, e uma bela e imponente donzela estava sentada numa cadeira junto ao fogo. E a donzela se alegrou com sua chegada, deu-lhe as boas-vindas e veio ao seu encontro. E ele foi se sentar ao lado da donzela, e fizeram sua refeição.

E quando terminaram a refeição, conversaram agradavelmente. E enquanto estavam assim, eis que entrou um venerável homem de cabelos brancos. "Ah! Moça indigna", disse ele, "se você achasse que era certo receber aquele homem e se sentar ao lado dele, não faria isso." E ele recolheu a cabeça e saiu.

"Ah! Chefe", disse a donzela, "se quiser seguir meu conselho, feche a porta, para que o homem não arme uma cilada contra você." Então Gwalchmai se levantou, e quando se aproximou da porta, o homem, com outros sessenta, todos completamente armados, estava subindo a torre.

E Gwalchmai defendeu a porta com um tabuleiro de xadrez, para que ninguém entrasse até que o homem voltasse da caça. E então, eis que o Conde chegou. "O que é tudo isso?", perguntou ele.

"É uma coisa triste", disse o homem de cabelos brancos; "aquela jovem esteve sentada e comendo com aquele que matou seu pai. Ele é Gwalchmai,

filho de Gwyar." "Então fique calado", disse o Conde, "vou entrar." E o Conde ficou alegre por causa de Gwalchmai.

"Ah! Chefe", disse ele, "você fez mal em vir à minha corte, sabendo que matou meu pai; e embora não possamos vingá-lo, o Céu o vingará contra você." "Meu caro", disse Gwalchmai, "é assim: não vim aqui para reconhecer nem para negar que matei seu pai; mas estou numa missão de Artur, e por isso peço o prazo de um ano, até que eu volte de minha embaixada, e então, por minha fé, voltarei a este palácio e farei uma destas duas coisas: ou o reconhecerei, ou o negarei."

E o prazo lhe foi concedido de boa vontade; e ele permaneceu ali naquela noite. E na manhã seguinte partiu a cavalo. E a história nada mais conta de Gwalchmai a respeito desta aventura.

E Peredur seguiu cavalgando. E percorreu toda a ilha, buscando notícias da donzela negra, mas não conseguiu encontrar nenhuma. E chegou a uma terra desconhecida, no centro de um vale banhado por um rio. E, enquanto atravessava o vale, viu um cavaleiro vindo em sua direção, vestido com os trajes de um sacerdote; e pediu-lhe a bênção.

"Homem infeliz", disse ele, "você não merece bênção alguma, e nenhuma lhe seria de proveito, pois está vestido de armadura num dia como este." "E que dia é hoje?", perguntou Peredur.

"Hoje é Sexta-feira Santa", respondeu ele. "Não me repreenda por eu não saber disso, pois hoje faz um ano que parti de minha terra." Então desmontou e conduziu o cavalo pela rédea. E não tinha avançado muito pela es-

trada principal quando chegou a uma estrada transversal, que atravessava um bosque.

E, do outro lado do bosque, viu um castelo sem fortificações, que parecia habitado. E, à porta do castelo, veio ao seu encontro o sacerdote que vira antes, e ele lhe pediu a bênção.

"Que a bênção do Céu esteja com você", disse ele. "É mais adequado viajar como está agora do que como estava há pouco; e esta noite você ficará comigo." Assim, ele permaneceu ali naquela noite.

⁂

E, no dia seguinte, Peredur quis partir. "Hoje ninguém deve viajar. Você ficará comigo hoje, amanhã e depois de amanhã, e eu o orientarei da melhor maneira que puder até o lugar que procura." E, no quarto dia, Peredur quis partir e pediu ao sacerdote que lhe dissesse como encontrar o Castelo das Maravilhas.

"O que sei a respeito dele eu lhe direi", respondeu ele. "Atravesse aquela montanha, e do outro lado encontrará um rio; e no vale por onde o rio corre há o palácio de um rei, onde o rei passou a Páscoa. E, se em algum lugar você puder obter notícias do Castelo das Maravilhas, será ali."

Então Peredur seguiu cavalgando. E chegou ao vale onde ficava o rio, e um grupo de homens que ia caçar veio ao seu encontro; e no meio deles havia um homem de alta posição, e Peredur o saudou.

"Escolha, chefe", disse o homem, "se quer ir comigo à caça ou seguir até meu palácio; e mandarei alguém de minha casa apresentá-lo à minha filha,

que está lá e o receberá com comida e bebida até eu voltar da caça; e, seja qual for o motivo de sua viagem, de bom grado terá tudo o que eu puder conseguir para você."

E o rei mandou com ele um pequeno pajem louro para acompanhá-lo; e, quando chegaram ao palácio, a dama havia se levantado e estava prestes a se lavar antes da refeição. Peredur se aproximou, e ela o saudou com alegria e o fez sentar-se ao seu lado. E fizeram sua refeição. E, fosse o que fosse que Peredur lhe dissesse, ela ria alto, de modo que todos no palácio podiam ouvir.

Então o pajem louro falou à dama. "Por minha fé", disse ele, "este jovem já é seu marido; ou, se não é, sua mente e seus pensamentos estão voltados para ele." E o pequeno pajem louro foi até o rei e lhe disse que lhe parecia que o jovem que ele havia encontrado era marido de sua filha ou, se ainda não fosse, logo se tornaria, a menos que o rei tomasse cuidado.

"Qual é seu conselho neste assunto, jovem?", perguntou o rei. "Meu conselho", respondeu ele, "é que mande homens fortes prendê-lo, até que tenha apurado a verdade a esse respeito." Assim, ele mandou homens fortes contra Peredur, que o agarraram e o lançaram na prisão.

E a donzela foi à presença de seu pai e perguntou por que ele havia mandado prender o jovem da corte de Arthur. "Na verdade", respondeu ele, "ele não ficará livre esta noite, nem amanhã, nem depois de amanhã, e não sairá de onde está." Ela não respondeu ao que o rei dissera, mas foi até o jovem.

"É desagradável para você estar aqui?", perguntou ela. "Eu não me importaria de não estar", respondeu ele. "Sua cama e o tratamento que receberá não serão de modo algum inferiores aos do próprio rei, e você terá a melhor hospitalidade que o palácio oferece. E, se lhe agradasse mais que minha cama ficasse aqui, para que eu pudesse conversar com você, assim seria feito, de bom grado."

"Isso não posso recusar", disse Peredur. E permaneceu na prisão naquela noite. E a donzela providenciou tudo o que lhe havia prometido.

E, no dia seguinte, Peredur ouviu um alvoroço na cidade. "Diga-me, bela donzela, que alvoroço é esse?", perguntou Peredur. "Todas as tropas e forças do rei vieram hoje à cidade."

"E o que procuram aqui?", perguntou ele. "Há um conde perto deste lugar que possui dois condados e é tão poderoso quanto um rei; e hoje haverá uma batalha entre eles."

"Peço-lhe", disse Peredur, "que mande trazer um cavalo e armas, para que eu possa ver o combate, e prometo voltar à minha prisão." "De bom grado", disse ela, "lhe darei cavalo e armas." Assim, ela lhe deu um cavalo e armas, um manto de honra de um escarlate vivo por cima da armadura e um escudo amarelo sobre o ombro.

E ele foi ao combate; e derrubou todos os homens do conde que o enfrentaram naquele dia; e voltou à sua prisão. E a donzela perguntou a Peredur o que havia acontecido, e ele não lhe respondeu palavra alguma. E ela foi pedir notícias ao pai e perguntou quem, entre os homens de sua casa, havia se saído melhor.

E ele disse que não sabia, mas que fora um homem com um manto de honra escarlate por cima da armadura e um escudo amarelo sobre o ombro. Então ela sorriu e voltou para onde Peredur estava, e lhe prestou grandes honras naquela noite. E por três dias Peredur matou os homens do conde; e, antes que alguém pudesse saber quem ele era, voltava à sua prisão.

E, no quarto dia, Peredur matou o próprio conde. E a donzela foi até seu pai e lhe perguntou as novidades. "Tenho boas notícias para você", disse o rei. "O conde está morto, e sou o dono de seus dois condados."

"Sabe, senhor, quem o matou?" "Não sei", disse o rei. "Foi o cavaleiro com o manto de honra escarlate e o escudo amarelo." "Senhor", disse ela, "sei quem ele é."

"Pelo Céu!", exclamou ele. "Quem é?" "Senhor", respondeu ela, "é o cavaleiro que mandou prender." Então ele foi até Peredur, saudou-o e lhe disse que recompensaria o serviço que lhe havia prestado da maneira que ele desejasse. E, quando foram comer, Peredur foi colocado ao lado do rei, e a donzela do outro lado de Peredur.

"Eu lhe darei", disse o rei, "minha filha em casamento, e com ela metade de meu reino, e os dois condados de presente." "Que o Céu o recompense, senhor", disse Peredur, "mas não vim aqui em busca de casamento."

"O que procura então, chefe?" "Procuro notícias do Castelo das Maravilhas." "Sua empreitada é maior, chefe, do que desejará levar adiante", disse a donzela. "Mesmo assim, terá notícias do castelo, e terá um guia pelas terras de meu pai e provisões suficientes para a viagem, pois você é, ó chefe, o homem a quem mais amo."

Então ela lhe disse: "Atravesse aquela montanha e encontrará um lago; e no meio do lago há um castelo, e esse é o castelo chamado Castelo das Maravilhas; e não sabemos que maravilhas há nele, mas é assim que se chama."

E Peredur seguiu em direção ao castelo, e o portão do castelo estava aberto. E, quando chegou ao salão, a porta estava aberta, e ele entrou. E viu um tabuleiro de xadrez no salão, e as peças jogavam umas contra as outras, sozinhas. E o lado pelo qual ele torcia perdeu a partida, e então as outras peças soltaram um grito, como se fossem homens vivos.

E Peredur ficou furioso, recolheu as peças no colo e lançou o tabuleiro no lago. E, depois que fez isso, eis que entrou a donzela negra e lhe disse: "Que o Céu não lhe dê as boas-vindas. Você prefere fazer o mal a fazer o bem."

"Que queixa tem contra mim, donzela?", perguntou Peredur. "Você fez a imperatriz perder seu tabuleiro de xadrez, do qual ela não abriria mão nem em troca de todo o seu império. E a maneira de recuperar o tabuleiro é ir ao Castelo de Ysbidinongyl, onde há um homem negro que devasta os domínios da imperatriz; e, se puder matá-lo, recuperará o tabuleiro. Mas, se for até lá, não voltará vivo."

"Você me indicará o caminho até lá?", perguntou Peredur. "Eu lhe mostrarei o caminho", respondeu ela. Assim, ele foi ao Castelo de Ysbidinongyl e lutou com o homem negro. E o homem negro pediu misericórdia a Peredur.

"Eu lhe concederei misericórdia", disse ele, "com a condição de que faça o tabuleiro de xadrez ser devolvido ao lugar onde estava quando entrei no salão." Então a donzela veio até ele e disse: "Que a maldição do Céu o acom-

panhe pelo que fez, pois deixou vivo aquele monstro que devasta todas as terras da imperatriz."

"Poupei-lhe a vida", disse Peredur, "para que ele fizesse o tabuleiro ser devolvido." "O tabuleiro não está no lugar onde você o encontrou; volte, portanto, e mate-o", respondeu ela. Assim, Peredur voltou e matou o homem negro. E, quando retornou ao palácio, encontrou ali a donzela negra.

"Ah, donzela", disse Peredur, "onde está a imperatriz?" "Declaro perante o Céu que você não a verá agora, a menos que mate o monstro que está naquela floresta."

"Que monstro há lá?" "É um cervo tão veloz quanto a mais veloz das aves; e tem um chifre na testa, tão comprido quanto a haste de uma lança e tão afiado quanto o que há de mais afiado. E ele destrói os galhos das melhores árvores da floresta e mata todos os animais que encontra nela; e os que ele não mata morrem de fome. E, o que é pior, ele vem todas as noites e bebe toda a água do viveiro de peixes, deixando os peixes expostos, de modo que a maioria morre antes que a água volte."

"Donzela", disse Peredur, "você virá me mostrar esse animal?" "Não", disse a donzela, "pois há mais de um ano ele não permite que nenhum mortal entre na floresta. Veja, aqui está um cachorrinho da imperatriz, que fará o cervo sair e o perseguirá em sua direção, e o cervo o atacará."

Então o cachorrinho foi como guia de Peredur, fez o cervo sair e o levou em direção ao lugar onde Peredur estava. E o cervo atacou Peredur, e ele o deixou passar ao seu lado e, enquanto o animal passava, cortou-lhe a cabeça

com a espada. E, enquanto olhava para a cabeça do cervo, viu uma dama a cavalo vindo em sua direção.

E ela recolheu o cachorrinho numa aba de sua touca, e a cabeça e o corpo do cervo estavam diante dela. E ao redor do pescoço do cervo havia uma coleira de ouro.

"Ah, chefe", disse ela, "você agiu sem cortesia ao matar a mais bela joia que havia em meus domínios." "Pediram-me que fizesse isso; e há alguma maneira de obter sua amizade?"

"Há", respondeu ela. "Siga até aquela montanha, e lá encontrará um bosque; e no bosque há um cromeleque; ali desafie um homem três vezes para lutar, e terá minha amizade."

Assim Peredur seguiu adiante, chegou à beira do bosque e desafiou qualquer homem a lutar. E um homem negro surgiu debaixo do dólmen, montado num cavalo ossudo, e tanto ele quanto seu cavalo estavam cobertos de enormes armaduras enferrujadas. E eles lutaram. E, toda vez que Peredur derrubava o homem negro no chão, ele saltava de volta para a sela.

E Peredur desmontou e sacou a espada; então o homem negro desapareceu com o cavalo de Peredur e o seu próprio, de modo que Peredur não conseguiu vê-lo outra vez. E Peredur seguiu pela montanha, e do outro lado avistou um castelo no vale, onde havia um rio. E foi até o castelo; ao entrar, viu um salão, cuja porta estava aberta, e entrou nele.

E ali viu um homem coxo e de cabelos grisalhos sentado de um lado do salão, com Gwalchmai ao seu lado. E Peredur viu seu cavalo, que o homem negro havia levado, na mesma baia que o de Gwalchmai. E eles se alegra-

ram com a chegada de Peredur. E ele foi sentar-se do outro lado do homem de cabelos grisalhos.

Então veio um jovem de cabelos loiros, ajoelhou-se diante de Peredur e pediu sua amizade. "Senhor", disse o jovem, "fui eu que vim à corte de Artur na forma da donzela negra, e quando você derrubou o tabuleiro de xadrez, e quando matou o homem negro de Ysbidinongyl, e quando matou o cervo, e quando foi lutar contra o homem negro do dólmen. E vim com a cabeça ensanguentada na bandeja e com a lança da qual o sangue escorria da ponta até a mão, ao longo de toda a haste; e a cabeça era de seu primo, e ele foi morto pelas feiticeiras de Gloucester, que também deixaram seu tio coxo; e eu sou seu primo.

E há uma previsão de que você vingará essas coisas." Então Peredur e Gwalchmai se aconselharam e mandaram mensageiros a Artur e aos de sua casa, para pedir que viessem combater as feiticeiras. E começaram a lutar contra elas; e uma das feiticeiras matou um dos homens de Artur diante de Peredur, e Peredur ordenou que ela parasse.

E a feiticeira matou um homem diante de Peredur pela segunda vez, e pela segunda vez ele a proibiu de fazer isso. E pela terceira vez a feiticeira matou um homem diante de Peredur; então Peredur sacou a espada e golpeou o elmo da feiticeira; e toda a armadura que lhe cobria a cabeça se partiu em duas.

E ela soltou um grito e pediu às outras feiticeiras que fugissem, dizendo-lhes que aquele era Peredur, o homem que havia aprendido cavalaria com elas e por cujas mãos estavam destinadas a morrer. Então Artur e os de sua casa atacaram as feiticeiras e mataram todas as feiticeiras de Gloucester,

sem deixar nenhuma. E assim se conta a respeito do Castelo das Maravilhas.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

GERAINT, O FILHO DE ERBIN

✦

Arthur costumava reunir sua corte em Caerlleon, às margens do Usk. E ali a reuniu em sete Páscoas e cinco Natais. E certa vez reuniu sua corte ali em Pentecostes. Pois Caerlleon era o lugar de acesso mais fácil em seus domínios, tanto por mar quanto por terra. E ali estavam reunidos nove reis coroados, que lhe pagavam tributo, e também condes e barões.

Pois eram seus convidados em todas as grandes festas, a menos que algum grande impedimento os detivesse. E quando ele estava em Caerlleon, reunido com sua corte, treze igrejas eram reservadas para a missa.

E assim eram distribuídas: uma igreja para Arthur, seus reis e seus convidados; a segunda para Gwenhwyvar e suas damas; a terceira para o Mordomo da Casa e os que vinham fazer pedidos; a quarta para os francos e os outros oficiais; e as outras nove igrejas eram para os nove Mestres da Casa, sobretudo para Gwalchmai; pois ele, pela grandeza de sua fama guerreira e pela nobreza de seu nascimento, era o mais ilustre dos nove. E não havia outra disposição a respeito das igrejas além da que mencionamos acima.

Glewlwyd Gavaelvawr era o porteiro-chefe; mas ele próprio não exercia a função, exceto em uma das três grandes festas, pois tinha sete homens a seu serviço, e eles dividiam o ano entre si.

Eram Grynn, Pen Pighon, Llaes Cymyn, Gogyfwlch, Gwrdnei de olhos de gato, que enxergava tão bem à noite quanto de dia, Drem, filho de Dremhitid, e Clust, filho de Clustveinyd; e estes eram os guardas de Arthur.

E na terça-feira de Pentecostes, enquanto o rei estava sentado ao banquete, eis que entrou um jovem alto, de cabelos claros, vestido com uma túnica e uma sobreveste de cetim adamascado, com uma espada de punho de ouro pendurada ao pescoço e sapatos baixos de couro nos pés. E ele veio e se pôs diante de Arthur.

"Saudações, senhor!", disse ele. "Que o Céu o faça prosperar", respondeu Arthur, "e seja bem-vindo. Traz alguma novidade?" "Trago, senhor", disse ele. "Não o conheço", disse Arthur.

"É de admirar que não me conheça. Sou um de seus guardas florestais, senhor, na Floresta de Dean, e meu nome é Madawc, filho de Twrgadarn." "Diga a que veio", disse Arthur.

"Direi, senhor", disse ele. "Na floresta vi um cervo como nunca tinha visto antes." "O que há nele", perguntou Arthur, "para que nunca tenha visto outro igual?"

"Ele é completamente branco, senhor, e não anda em bando com nenhum outro animal, por sua imponência e seu orgulho, tão régio é seu porte. E venho pedir seu conselho, senhor, e saber sua vontade a respeito dele."

"Parece-me melhor", disse Arthur, "ir caçá-lo amanhã ao amanhecer; e mandar avisar a todos esta noite, em todos os cantos da corte." E Arryfuerys era o caçador-chefe de Arthur, e Arelivri era seu pajem-chefe. E todos receberam o aviso; e assim ficou combinado. E enviaram o jovem à frente deles.

Então Gwenhwyvar disse a Arthur: "O senhor me permitirá", disse ela, "ir amanhã ver e ouvir a caçada ao cervo de que o jovem falou?" "Com pra-

zer", disse Arthur.

"Então irei", disse ela. E Gwalchmai disse a Arthur: "Senhor, se lhe parecer bem, permita que aquele em cuja caçada o cervo vier a cair, seja cavaleiro ou homem a pé, possa cortar-lhe a cabeça e dá-la a quem quiser, seja à sua própria amada ou à dama de seu amigo."

"Concedo com prazer", disse Arthur, "e que o Mordomo da Casa seja castigado se todos não estiverem prontos amanhã para a caçada."

E passaram a noite com canções, divertimentos, conversas e farto entretenimento. E quando chegou a hora de todos irem dormir, eles foram. E quando veio o dia seguinte, levantaram-se; e Arthur chamou os criados que guardavam seu leito.

E estes eram quatro pajens, cujos nomes eram Cadyrnerth, filho de Porthawr Gandwy, Ambreu, filho de Bedwor, Amhar, filho de Arthur, e Goreu, filho de Custennin. E esses homens vieram até Arthur, saudaram-no e o vestiram com suas roupas. E Arthur estranhou que Gwenhwyvar não acordasse nem se movesse na cama; e os criados quiseram acordá-la. "Não a perturbem", disse Arthur, "pois ela prefere dormir a ir ver a caçada."

Então Arthur saiu e ouviu duas trompas soando, uma perto dos aposentos do caçador-chefe e a outra perto dos aposentos do pajem-chefe. E toda a multidão reunida veio até Arthur, e tomaram o caminho da floresta.

E depois que Arthur saiu do palácio, Gwenhwyvar acordou, chamou suas donzelas e se vestiu. "Donzelas", disse ela, "ontem à noite tive permissão

para ir ver a caçada. Que uma de vocês vá ao estábulo e mande trazer um cavalo que uma mulher possa montar."

E uma delas foi e encontrou apenas dois cavalos no estábulo, e Gwenhwyvar e uma de suas donzelas os montaram, atravessaram o Usk e seguiram os rastros dos homens e dos cavalos.

E enquanto cavalgavam assim, ouviram um ruído forte de algo que se aproximava depressa; olharam para trás e viram um cavaleiro montado num potro de caça de tamanho imenso; e o cavaleiro era um jovem de cabelos claros, com as pernas descobertas e porte de príncipe, e tinha uma espada de punho de ouro ao lado, vestia uma túnica e uma sobreveste de cetim e calçava dois sapatos baixos de couro; e trazia em volta do corpo uma faixa de púrpura azulada, em cada ponta da qual havia uma maçã de ouro.

E seu cavalo avançava com imponência, rapidez e orgulho; e ele alcançou Gwenhwyvar e a saudou. "Que o Céu o faça prosperar, Geraint", disse ela, "reconheci você assim que o vi agora mesmo. E que o Céu lhe dê as boas-vindas. E por que não foi caçar com seu senhor?"

"Porque não soube quando ele saiu", disse ele. "Também me admira", disse ela, "como ele pôde sair sem que eu soubesse." "De fato, senhora", disse ele. "Eu estava dormindo e não soube quando ele saiu; mas você, jovem, é a companhia mais agradável que eu poderia ter em todo o reino; e pode ser que eu me divirta mais com a caçada do que eles; pois ouviremos as trompas quando soarem, e ouviremos os cães quando forem soltos e começarem a latir."

Assim foram até a orla da floresta, e ali pararam. “Deste lugar”, disse ela, “ouviremos quando soltarem os cães.” E então ouviram um grande ruído, olharam para o lugar de onde vinha e viram um anão montado num cavalo imponente, espumante, que se empinava, forte e fogoso. E na mão do anão havia um chicote.

E perto do anão viram uma dama sobre um belo cavalo branco, de passo firme e majestoso; e ela estava vestida com uma roupa de brocado de ouro. E perto dela estava um cavaleiro sobre um cavalo de guerra de grande tamanho, e tanto ele quanto seu cavalo usavam armaduras pesadas e brilhantes.

E, de fato, nunca antes tinham visto cavaleiro, cavalo ou armadura de tamanho tão extraordinário. E estavam todos perto uns dos outros.

“Geraint”, disse Gwenhwyvar, “sabe o nome daquele cavaleiro alto ali?” “Não o conheço”, disse ele, “e a estranha armadura que ele usa me impede de ver seu rosto ou suas feições.”

“Vá, donzela”, disse Gwenhwyvar, “e pergunte ao anão quem é aquele cavaleiro.” Então a donzela se aproximou do anão; e o anão esperou pela donzela quando a viu vindo em sua direção. E a donzela perguntou ao anão quem era o cavaleiro.

“Não lhe direi”, respondeu ele. “Já que é tão grosseiro que não quer me dizer”, disse ela, “perguntarei a ele mesmo.” “Não perguntará, por minha fé”, disse ele.

“Por quê?”, disse ela. “Porque você não tem posição honrosa o bastante para ser digna de falar com meu senhor.” Então a donzela virou a cabeça de

seu cavalo na direção do cavaleiro, e o anão a golpeou com o chicote que tinha na mão, no rosto e nos olhos, até que o sangue escorreu. E a donzela, ferida pelo golpe que recebera, voltou para Gwenhwyvar, queixando-se da dor.

"O anão a tratou com muita brutalidade", disse Geraint. "Eu mesmo irei saber quem é o cavaleiro." "Vá", disse Gwenhwyvar. E Geraint se aproximou do anão. "Quem é aquele cavaleiro?", disse Geraint.

"Não lhe direi", disse o anão. "Então perguntarei a ele mesmo", disse ele. "Não fará isso, por minha fé", disse o anão, "você não tem posição honrosa o bastante para falar com meu senhor." Geraint disse: "Já falei com homens da mesma posição que ele."

E virou a cabeça de seu cavalo na direção do cavaleiro; mas o anão o alcançou e o golpeou como fizera com a donzela, de modo que o sangue tingiu a faixa que Geraint usava.

Então Geraint pôs a mão no punho da espada, mas refletiu consigo mesmo e considerou que não obteria vingança matando o anão e sendo atacado sem armadura pelo cavaleiro armado, e por isso voltou para onde estava Gwenhwyvar.

"Você agiu com sabedoria e prudência", disse ela. "Senhora", disse ele, "ainda vou segui-lo, com sua permissão; e por fim ele chegará a algum lugar habitado, onde poderei conseguir armas emprestadas ou mediante uma garantia, para que eu possa enfrentar o cavaleiro." "Vá", disse ela, "e não o ataque até ter boas armas, e ficarei muito preocupada com você até receber no-

tícias suas." "Se eu estiver vivo", disse ele, "terá notícias minhas até amanhã à tarde"; e com isso partiu.

⁂

E o caminho que tomaram passava abaixo do palácio de Caerlleon e atravessava o vau do Usk; e seguiram por uma bela, plana e elevada faixa de terreno, até chegarem a uma cidade, e na extremidade da cidade viram uma fortaleza e um castelo. E chegaram à extremidade da cidade.

E enquanto o cavaleiro passava por ela, todas as pessoas se levantavam, saudavam-no e lhe davam as boas-vindas. E quando Geraint entrou na cidade, olhou para cada casa, para ver se conhecia alguma das pessoas que via. Mas não conhecia ninguém, e ninguém o conhecia para lhe fazer a gentileza de ceder armas emprestadas ou mediante uma garantia.

E toda casa que via estava cheia de homens, armas e cavalos. E estavam polindo escudos, lustrando espadas, lavando armaduras e ferrando cavalos. E o cavaleiro, a dama e o anão cavalgaram até o castelo que havia na cidade, e todos no castelo se alegraram. E das ameias e dos portões arriscavam o pescoço, tamanha era a ânsia de saudá-los e demonstrar sua alegria.

Geraint ficou ali para ver se o cavaleiro permaneceria no castelo; e, quando teve certeza de que assim seria, olhou ao redor; e, a pouca distância da cidade, viu um velho palácio em ruínas, onde havia um salão que estava se deteriorando.

E, como não conhecia ninguém na cidade, foi em direção ao velho palácio; e, quando se aproximou do palácio, viu apenas um aposento, e uma ponte de mármore que levava até ele. E na ponte viu sentado um homem de ca-

belos brancos, vestido com roupas esfarrapadas. E Geraint o olhou atentamente por muito tempo. Então o homem de cabelos brancos lhe falou.

"Jovem", disse ele, "por que está pensativo?" "Estou pensativo", respondeu ele, "porque não sei aonde ir esta noite." "Quer vir por aqui, chefe?", disse ele, "e terá do melhor que se puder conseguir para você." Assim, Geraint avançou. E o homem de cabelos brancos entrou no salão à sua frente. E no salão ele desmontou e deixou ali seu cavalo.

Então seguiu com o homem de cabelos brancos até o aposento superior. E no aposento viu uma mulher velha e decrépita, sentada numa almofada, vestida com roupas velhas e esfarrapadas de cetim; e lhe pareceu que nunca tinha visto uma mulher mais bela do que ela devia ter sido na plenitude da juventude.

E ao lado dela havia uma donzela, que usava uma túnica e um véu velhos, que começavam a se desgastar. E, de fato, ele nunca tinha visto uma donzela tão cheia de formosura, graça e beleza como ela. E o homem de cabelos brancos disse à donzela: "Não há ninguém além de você para cuidar do cavalo deste jovem."

"Prestarei o melhor serviço que puder", disse ela, "tanto a ele quanto ao seu cavalo." E a donzela retirou a armadura do jovem e depois deu palha e grãos ao cavalo dele. E foi ao salão como antes e depois voltou ao aposento. E o homem de cabelos brancos disse à donzela: "Vá à cidade", disse ele, "e traga o melhor que puder encontrar de comida e bebida."

"Irei com prazer, senhor", disse ela. E a donzela foi à cidade. E eles conversaram enquanto a donzela estava na cidade. E eis que a donzela voltou, e

com ela um jovem, trazendo nas costas um cantil cheio de bom hidromel que havia comprado, e um quarto de um novilho.

E nas mãos a donzela trazia uma quantidade de pão branco, e no véu trazia alguns pães de farinha fina, e entrou no aposento. “Não consegui nada melhor do que isto”, disse ela, “nem me teriam confiado nada melhor a crédito.”

“Está muito bom”, disse Geraint. E mandaram cozinhar a carne; e, quando a comida ficou pronta, sentaram-se. E foi assim: Geraint sentou-se entre o homem de cabelos brancos e sua esposa, e a donzela os serviu. E comeram e beberam.

⁂

E, quando terminaram de comer, Geraint conversou com o homem de cabelos brancos e perguntou primeiro a quem pertencia o palácio em que estava. “Na verdade”, disse ele, “fui eu que o construí, e também me pertenciam a cidade e o castelo que você viu.”

“Que pena!”, disse Geraint. “Como foi que os perdeu?” “Perdi um grande condado, além deles”, disse ele, “e foi assim que os perdi. Eu tinha um sobrinho, filho de meu irmão, e tomei para mim suas posses; e, quando ele chegou à idade de ter forças para se defender, exigiu de mim seus bens, mas eu me recusei a entregá-los. Então ele me fez guerra e arrancou de mim tudo o que eu possuía.”

“Bom senhor”, disse Geraint, “poderia me dizer por que o cavaleiro, a dama e o anão acabaram de entrar na cidade, e para que são os preparativos que vi e a organização das armas?”

"Direi", respondeu ele. "Os preparativos são para a competição que o jovem conde realizará amanhã, e que será assim. No meio de um prado que há aqui, serão fincados dois postes com forquilhas, e sobre as duas forquilhas será posta uma vara de prata, e sobre a vara de prata, um gavião, e haverá um torneio para disputar o gavião. E ao torneio irá toda aquela comitiva de homens, cavalos e armas que você viu na cidade. E com cada homem irá a dama que ele mais ama; e nenhum homem pode disputar o gavião numa justa sem que a dama que ele mais ama esteja com ele.

E o cavaleiro que você viu ganhou o gavião nestes dois últimos anos; e, se o ganhar no terceiro ano, dali em diante o enviarão a ele todos os anos, e ele próprio não virá mais aqui. E, daquele momento em diante, será chamado de Cavaleiro do Gavião."

"Senhor", disse Geraint, "que conselho me dá a respeito desse cavaleiro, por causa da ofensa que recebi do anão e daquela que recebeu a donzela de Gwenhwyvar, esposa de Artur?" E Geraint contou ao homem de cabelos brancos qual tinha sido a ofensa que recebera.

"Não é fácil aconselhá-lo, pois você não tem dama nem donzela a quem esteja ligado e por quem possa disputar uma justa. No entanto, tenho aqui armas que você poderia usar; e também há meu cavalo, se lhe parecer melhor do que o seu."

"Ah, senhor", disse ele, "que o Céu o recompense. Mas meu próprio cavalo, ao qual estou acostumado, junto com suas armas, será suficiente para mim. E se, quando chegar amanhã a hora marcada, o senhor me permitir lançar o desafio em nome daquela donzela que é sua filha, prometo, se sair vivo do

torneio, amar a donzela enquanto eu viver; e, se não sair vivo, a honra dela permanecerá intacta como antes."

"Com prazer darei minha permissão", disse o homem de cabelos brancos, "e, já que assim decidiu, é necessário que seu cavalo e suas armas estejam prontos amanhã ao raiar do dia. Pois então o Cavaleiro do Gavião fará uma proclamação e pedirá à dama que mais ama que tome o gavião. 'Pois', dirá a ela, 'você é a mais bela das mulheres, e o teve no ano passado e no ano anterior; e, se alguém lhe negar isso hoje, eu o defenderei para você pela força.' E, por isso", disse o homem de cabelos brancos, "é preciso que esteja lá ao amanhecer; e nós três estaremos com você." E assim ficou decidido.

E à noite, eis que foram dormir; e antes do amanhecer se levantaram e se vestiram; e, quando o dia clareou, os quatro estavam no prado. E lá estava o Cavaleiro do Gavião fazendo a proclamação e pedindo à sua amada que fosse buscar o gavião.

"Não vá buscá-lo", disse Geraint, "pois há aqui uma donzela que é mais bela, mais nobre e mais formosa, e que tem mais direito a ele do que você." "Se afirma que o gavião pertence a ela por direito, avance e lute comigo." E Geraint avançou até a parte mais alta do prado, levando sobre si e sobre seu cavalo uma armadura pesada, enferrujada, sem valor e de forma grosseira.

Então se enfrentaram e quebraram um par de lanças, e quebraram um segundo par, e um terceiro. E assim fizeram a cada investida, e quebraram tantas lanças quantas lhes foram trazidas. E, quando o conde e sua comitiva viram o Cavaleiro do Gavião levando vantagem, houve gritos, alegria e diversão entre eles. E o homem de cabelos brancos, sua esposa e sua filha ficaram tristes.

E o homem de cabelos brancos entregava lanças a Geraint sempre que ele as quebrava, e o anão fazia o mesmo para o Cavaleiro do Gavião. Então o homem de cabelos brancos se aproximou de Geraint.

"Ó chefe", disse ele, "já que nenhum outro resistirá a você, veja, aqui está a lança que eu tinha na mão no dia em que recebi a honra de me tornar cavaleiro; e, desde aquele dia até hoje, nunca a quebrei. E ela tem uma excelente ponta." Então Geraint pegou a lança, agradecendo ao homem de cabelos brancos. E, nesse momento, o anão também trouxe uma lança ao seu senhor.

"Veja, aqui está uma lança para você, tão boa quanto a dele", disse o anão. "E lembre-se de que nenhum cavaleiro jamais resistiu a você por tanto tempo quanto este."

"Declaro perante o Céu", disse Geraint, "que, a menos que a morte me leve depressa daqui, ele não terá proveito algum de seu serviço." E Geraint esporeou seu cavalo em direção a ele, de longe, e, depois de avisá-lo, investiu contra ele e desferiu um golpe tão forte, furioso e feroz na face de seu escudo que o partiu em dois, rompeu sua armadura e arrebentou as cilhas de sua sela, de modo que tanto ele quanto a sela foram lançados ao chão por cima da garupa do cavalo.

E Geraint desmontou depressa. E estava furioso, e desembainhou a espada e avançou ferozmente contra ele. Então o cavaleiro também se levantou e desembainhou sua espada contra Geraint. E lutaram a pé com suas espadas, até que suas armas arrancaram umas das outras faíscas de fogo como estrelas; e assim continuaram lutando até que o sangue e o suor lhes obscureceram a visão.

E, quando Geraint levava vantagem, o homem de cabelos brancos, sua esposa e sua filha ficavam alegres; e, quando o cavaleiro levava vantagem, o conde e seu grupo se alegravam.

Então o homem de cabelos brancos viu Geraint receber um golpe forte, aproximou-se depressa e lhe disse: "Ó chefe, lembre-se do tratamento que recebeu do anão; não buscará vingança pela ofensa que lhe fizeram e pela ofensa a Gwenhwyvar, esposa de Artur?"

E Geraint se inflamou com o que ele lhe disse, reuniu todas as suas forças, ergueu a espada e golpeou o cavaleiro no alto da cabeça, de modo que rompeu toda a proteção de sua cabeça e cortou toda a carne e a pele, até o crânio, chegando a ferir o osso.

⁂

Então o cavaleiro caiu de joelhos, largou a espada e implorou misericórdia a Geraint. "De fato", disse ele, "abandono minha ousadia excessiva e meu orgulho ao pedir sua misericórdia; e, se não tiver tempo de me entregar ao Céu por meus pecados e de falar com um sacerdote, sua misericórdia pouco me valerá."

"Eu lhe concederei clemência com esta condição", disse Geraint, "que vá até Gwenhwyvar, esposa de Artur, para lhe dar satisfação pela ofensa que sua donzela recebeu de seu anão. Quanto a mim, pela ofensa que recebi de você e de seu anão, estou satisfeito com o que fiz a você. Não desmonte desde o momento em que sair daqui até chegar à presença de Gwenhwyvar, para lhe fazer a reparação que for determinada na corte de Artur."

“Farei isso com prazer. E quem é você?”, disse ele. “Sou Geraint, filho de Erbin. E diga também quem você é.” “Sou Edeyrn, filho de Nudd.” Então ele montou em seu cavalo e seguiu para a corte de Artur, e a dama que ele mais amava foi à frente dele e do anão, com muita lamentação. E até aqui vai esta história, até aquele momento.

Então o pequeno conde e suas tropas vieram até Geraint, saudaram-no e o convidaram para seu castelo. “Não posso ir”, disse Geraint, “pois onde estive ontem à noite, ali estarei também esta noite.”

“Já que não quer aceitar meu convite, terá em abundância tudo o que eu puder providenciar para você, no lugar onde esteve ontem à noite. E mandarei preparar um unguento para que se recupere de seus esforços e do cansaço que o aflige.”

“Que o Céu o recompense”, disse Geraint, “e agora irei para meus aposentos.” E assim partiram Geraint, o conde Ynywl, sua esposa e sua filha. Quando chegaram ao quarto, os criados e os servidores do jovem conde já haviam chegado à corte e arrumado todas as casas, preparando-as com palha e fogo; e em pouco tempo o unguento estava pronto, e Geraint foi até lá, e lavaram-lhe a cabeça.

Então veio o jovem conde, com quarenta cavaleiros honrados dentre seus servidores e os que haviam sido convidados para o torneio. E Geraint voltou depois de receber o unguento. E o conde o convidou a ir ao salão para comer.

“Onde estão o conde Ynywl”, disse Geraint, “sua esposa e sua filha?” “Estão naquele quarto”, disse o camareiro do conde, “vestindo as roupas que o

conde mandou trazer para eles."

"Que a donzela não vista nada", disse ele, "além de sua veste e seu véu, até chegar à corte de Artur, para que Gwenhwyvar a vista com as roupas que escolher." Assim, a donzela não trocou de roupa.

Então todos entraram no salão, lavaram-se e foram se sentar para comer. E assim se sentaram. De um lado de Geraint sentou-se o jovem conde, e além dele, o conde Ynywl; do outro lado de Geraint ficaram a donzela e sua mãe. Depois deles, todos se sentaram segundo a precedência de sua posição. E comeram.

Foram servidos com abundância e receberam uma profusão de presentes de diversos tipos. Então conversaram entre si. E o jovem conde convidou Geraint para visitá-lo no dia seguinte.

"Não irei, pelo Céu", disse Geraint. "Amanhã irei à corte de Artur com esta donzela. E já me basta ver o conde Ynywl na pobreza e na aflição; vou sobretudo procurar aumentar seus meios de sustento."

"Ah, chefe", disse o jovem conde, "não é por minha culpa que o conde Ynywl está sem suas posses." "Por minha fé", disse Geraint, "ele não ficará sem elas, a menos que a morte logo me leve daqui."

"Ó chefe", disse ele, "quanto à desavença entre mim e Ynywl, seguirei de bom grado seu conselho e concordarei com o que julgar justo entre nós." "Só lhe peço", disse Geraint, "que lhe devolva o que é dele e o que deveria ter recebido desde o momento em que perdeu suas posses até o dia de hoje."

“Farei isso de bom grado, por você”, respondeu ele. “Então”, disse Geraint, “quem estiver aqui e dever homenagem a Ynywl, que se apresente e a preste agora mesmo.” E todos os homens assim fizeram. E cumpriram esse acordo. Seu castelo, sua cidade e todas as suas posses foram restituídos a Ynywl. E ele recebeu de volta tudo o que havia perdido, até a menor joia.

Então o conde Ynywl falou a Geraint. “Chefe”, disse ele, “eis a donzela por quem lançou seu desafio no torneio; eu a concedo a você.” “Ela irá comigo”, disse Geraint, “à corte de Artur; e Artur e Gwenhwyvar decidirão sobre ela como desejarem.” E no dia seguinte seguiram para a corte de Artur. Até aqui o relato de Geraint.

Ora, foi assim que Artur caçou o veado. Os homens e os cães foram divididos em grupos de caça, e os cães foram soltos atrás do veado. E o último cão a ser solto era o favorito de Artur. Seu nome era Cavall. Ele deixou todos os outros cães para trás e fez o veado mudar de direção. Na segunda mudança de direção, o veado veio para o grupo de caça de Artur. E Artur o atacou.

Antes que qualquer outro pudesse matá-lo, Artur lhe cortou a cabeça. Então tocaram a trompa para anunciar a morte da presa, e todos se reuniram ao redor.

Então Kadyrieith veio até Artur e lhe falou. “Senhor”, disse ele, “veja, ali está Gwenhwyvar, e ninguém está com ela, a não ser uma única donzela.” “Ordene a Gildas, filho de Caw, e a todos os estudiosos da corte”, disse Artur, “que acompanhem Gwenhwyvar ao palácio.” E assim fizeram.

Então todos partiram, conversando entre si sobre a cabeça do veado e a quem ela deveria ser dada. Um queria que fosse dada à dama que mais

amava, e outro à dama a quem mais queria. E todos os membros da casa e os cavaleiros discutiam acaloradamente sobre a cabeça. E assim chegaram ao palácio.

Quando Artur e Gwenhwyvar os ouviram discutindo sobre a cabeça do veado, Gwenhwyvar disse a Artur: "Meu senhor, este é meu conselho quanto à cabeça do veado: que ela não seja dada a ninguém até que Geraint, filho de Erbin, volte da missão em que se encontra." E Gwenhwyvar contou a Artur qual era essa missão.

"Com muito prazer, assim será", disse Artur. E assim ficou decidido. No dia seguinte, Gwenhwyvar mandou pôr vigias nas muralhas para aguardar a chegada de Geraint.

Depois do meio-dia, avistaram um homenzinho disforme a cavalo e, atrás dele, pelo que lhes parecia, uma dama ou uma donzela, também a cavalo; e atrás dela um cavaleiro de grande estatura, curvado, com a cabeça muito baixa e triste, vestido com uma armadura quebrada e imprestável.

⁂

Antes que se aproximassem do portão, um dos vigias foi até Gwenhwyvar e lhe contou que tipo de pessoas viam e que aspecto tinham. "Não sei quem são", disse ele.

"Mas eu sei", disse Gwenhwyvar; "este é o cavaleiro que Geraint perseguiu, e me parece que ele não vem aqui por sua livre vontade. Geraint o alcançou e vingou plenamente o insulto feito à donzela." E então um porteiro chegou ao lugar onde Gwenhwyvar estava.

"Senhora", disse ele, "há um cavaleiro no portão, e nunca vi um homem de aspecto tão lastimável. A armadura que veste é miserável e quebrada, e nela a cor do sangue aparece mais que sua própria cor."

"Sabe o nome dele?", perguntou ela. "Sei", disse ele; "ele me diz que é Edeyrn, filho de Nudd." Então ela respondeu: "Não o conheço."

Então Gwenhwyvar foi ao portão para encontrá-lo, e ele entrou. Gwenhwyvar sentiu pena ao ver o estado em que ele se encontrava, embora estivesse acompanhado pelo anão grosseiro. Então Edeyrn saudou Gwenhwyvar.

"Que o Céu o proteja", disse ela. "Senhora", disse ele, "Geraint, filho de Erbin, seu melhor e mais valente servidor, lhe envia saudações." "Ele o encontrou?", perguntou ela.

"Sim", disse ele, "e não foi para meu bem; e a culpa não foi dele, mas minha, senhora. Geraint lhe envia suas cordiais saudações; e, ao enviá-las, obrigou-me a vir aqui cumprir sua vontade pelo insulto que sua donzela recebeu do anão. Ele perdoa o insulto que lhe foi feito, por ter posto minha vida em perigo. E me impôs uma condição digna de um homem, honrada e própria de um guerreiro: fazer-lhe justiça, senhora."

"E onde ele o alcançou?" "No lugar onde disputávamos as justas e competíamos pelo gavião, na cidade que agora se chama Cardiff. E não havia ninguém com ele além de três pessoas de condição humilde e roupas esfarrapadas. Eram um velho de cabelos brancos, uma mulher de idade avançada e uma bela jovem donzela, vestida com roupas gastas. E foi para afirmar seu amor por essa donzela que Geraint disputou o gavião nas justas do torneio,

pois disse que ela tinha mais direito ao gavião do que esta donzela que estava comigo. Então nos enfrentamos, e ele me deixou, senhora, como está vendo."

"Senhor", disse ela, "quando pensa que Geraint estará aqui?" "Amanhã, senhora, creio que estará aqui com a donzela."

Então Artur veio até ele, e ele saudou Artur; e Artur o observou por muito tempo, espantado ao vê-lo assim. E, pensando que o conhecia, perguntou-lhe: "Você é Edeyrn, filho de Nudd?"

"Sou, senhor", disse ele, "e passei por muitas aflições e recebi ferimentos insuportáveis." Então contou a Artur toda a sua aventura. "Bem", disse Artur, "pelo que ouço, convém que Gwenhwyvar tenha misericórdia de você."

"A misericórdia que deseja, senhor", disse ela, "eu lhe concederei, pois um insulto feito a mim é tão ofensivo ao senhor quanto um insulto feito à sua própria pessoa."

"O melhor será fazer assim", disse Artur; "que este homem receba cuidados médicos até sabermos se poderá viver. E, se viver, dará a reparação que os homens da corte julgarem melhor; e obtenha fiadores para garantir isso. E, se morrer, a morte de um jovem como Edeyrn será um preço alto demais por um insulto a uma donzela."

"Isso me agrada", disse Gwenhwyvar. E Artur se tornou fiador de Edeyrn, assim como Caradawc, filho de Llyr, Gwallawg, filho de Llenawg, Owain, filho de Nudd, Gwalchmai e muitos outros com eles. E Artur mandou chamar Morgan Tud. Ele era o médico principal.

"Leve consigo Edeyrn, filho de Nudd, mande preparar um quarto para ele e dê-lhe os cuidados da medicina como faria comigo, se eu estivesse ferido; e não deixe ninguém entrar em seu quarto para perturbá-lo, a não ser você e seus discípulos, para lhe administrar remédios."

"Farei isso de bom grado, senhor", disse Morgan Tud. Então o administrador da casa perguntou: "Para onde convém encaminhar a donzela, senhor?" "Para Gwenhwyvar e suas aias", disse ele. E o administrador da casa assim a encaminhou. Até aqui o relato deles.

No dia seguinte, Geraint veio em direção à corte; e Gwenhwyvar havia posto vigias nas muralhas para que ele não chegasse sem ser percebido. E um dos vigias veio ao lugar onde Gwenhwyvar estava.

"Senhora", disse ele, "parece-me que vejo Geraint, e a donzela com ele. Está a cavalo, mas usa suas roupas de caminhada, e a donzela parece estar de branco, como se vestisse uma roupa de linho."

"Reúna todas as mulheres", disse Gwenhwyvar, "e venham ao encontro de Geraint, para lhe dar as boas-vindas e desejar-lhe felicidade." E Gwenhwyvar foi ao encontro de Geraint e da donzela. Quando Geraint chegou ao lugar onde Gwenhwyvar estava, ele a saudou.

"Que o Céu o faça prosperar", disse ela, "e seja bem-vindo. Sua jornada foi bem-sucedida, afortunada, irresistível e gloriosa. E que o Céu o recompense por ter conseguido uma reparação tão honrosa para mim."

"Senhora", disse ele, "desejei de todo o coração obter uma reparação conforme sua vontade; e eis aqui a donzela por meio de quem obteve sua vingança." "De fato", disse Gwenhwyvar, "que ela receba as boas-vindas do

Céu; e é justo que a recebamos com alegria." Então entraram e desmontaram. E Geraint foi até onde Artur estava e o saudou.

"Que o Céu o proteja", disse Artur, "e que receba as boas-vindas do Céu. E, já que Edeyrn, filho de Nudd, recebeu a derrota e os ferimentos de suas mãos, sua jornada foi próspera."

"Que a culpa não recaia sobre mim", disse Geraint, "pois foi pela arrogância do próprio Edeyrn, filho de Nudd, que não fomos amigos. Eu não o deixaria até saber quem ele era e até que um tivesse vencido o outro."

"Agora", disse Artur, "onde está a donzela por quem ouvi dizer que lançou seu desafio?" "Ela foi com Gwenhwyvar para o quarto dela."

Então Artur foi ver a donzela. E Artur, todos os seus companheiros e toda a sua corte ficaram contentes com a donzela. E todos tinham certeza de que, se suas roupas fossem à altura de sua beleza, nunca teriam visto uma donzela mais bela que ela. E Artur deu a donzela em casamento a Geraint.

E o vínculo costumeiro entre duas pessoas foi firmado entre Geraint e a donzela, e as melhores roupas de Gwenhwyvar foram dadas à donzela; e, assim vestida, ela pareceu bela e graciosa a todos os que a viram. E aquele dia e aquela noite foram passados com muita música de menestréis, fartas dádivas de bebida e uma multidão de jogos.

E, quando chegou a hora de dormir, foram se deitar. E, no aposento onde ficava o leito de Artur e Gwenhwyvar, foi preparado o leito de Geraint e Enid. E, a partir de então, ela se tornou sua esposa. E, no dia seguinte, Artur satisfez com presentes generosos todos os que tinham algo a reclamar de Geraint.

E a donzela passou a morar no palácio; e tinha muitos companheiros, tanto homens como mulheres, e não havia donzela mais estimada que ela na ilha da Bretanha.

⁂

Então Gwenhwyvar falou. “Julguei bem”, disse ela, “a respeito da cabeça do cervo, ao decidir que não deveria ser dada a ninguém até a volta de Geraint; e eis que agora há uma ocasião apropriada para concedê-la. Que seja dada a Enid, filha de Ynywl, a mais ilustre donzela. E não creio que alguém se ressinta de que ela a receba, pois entre ela e cada pessoa aqui nada existe além de amor e amizade.”

Isso foi muito aplaudido por todos, e também por Artur. E a cabeça do cervo foi dada a Enid. E, com isso, sua fama aumentou, e dali em diante seus amigos se tornaram mais numerosos que antes. E Geraint, a partir de então, tomou gosto pela caça ao cervo, pelos torneios e pelos combates difíceis; e saiu vitorioso de todos eles.

E assim prosseguiu por um ano, e um segundo, e um terceiro, até que sua fama se espalhou por todo o reino.

E certa vez Artur reunia sua corte em Caerlleon, às margens do Usk, na época de Pentecostes. E eis que chegaram até ele embaixadores, sábios e prudentes, cheios de conhecimento e eloquentes na fala, e saudaram Artur.

“Que o Céu lhes conceda prosperidade”, disse Artur, “e que sejam bem-vindos pelo Céu. E de onde vêm?” “Viemos, senhor”, disseram eles, “da Cornualha; somos embaixadores de Erbin, filho de Custennin, seu tio, e nossa missão nos traz ao senhor. E ele lhe envia suas saudações, como um

tio deve saudar seu sobrinho e como um vassalo deve saudar seu senhor. E lhe faz saber que está ficando pesado e fraco, e avançando em idade. E os chefes vizinhos, sabendo disso, tornam-se insolentes com ele e cobiçam suas terras e seus bens.

E ele lhe suplica com fervor, senhor, que permita a Geraint, seu filho, voltar para junto dele, para proteger seus bens e conhecer suas fronteiras. E a ele faz saber que seria melhor empregar a flor de sua juventude e o vigor de sua idade na preservação de suas próprias fronteiras do que em torneios, que não trazem proveito algum, embora neles obtenha glória."

"Pois bem", disse Artur, "vão, tirem seus equipamentos, comam e descansem de suas fadigas; e, antes de partirem daqui, terão uma resposta." E eles foram comer.

E Artur pensou que lhe seria difícil deixar Geraint partir de sua companhia e de sua corte; tampouco achava justo impedir seu primo de ir proteger seus domínios e suas fronteiras, já que seu pai não era capaz de fazê-lo. Não menores eram a tristeza e o pesar de Gwenhwyvar, de todas as suas mulheres e de todas as suas donzelas, pelo medo de que a donzela as deixasse.

E aquele dia e aquela noite foram passados com fartos banquetes. E Artur explicou a Geraint o motivo da missão e da vinda dos embaixadores da Cornualha até ele.

"Na verdade", disse Geraint, "seja para minha vantagem ou desvantagem, senhor, farei conforme a sua vontade a respeito desta embaixada." "Veja", disse Artur, "embora me entristeça separar-me de você, meu conselho é que

vá morar em seus próprios domínios e defender suas fronteiras, e que leve consigo, para acompanhá-lo, quantos quiser daqueles a quem mais ama entre os meus fiéis, entre seus amigos e entre seus companheiros de armas."

"Que o Céu o recompense; e assim farei", disse Geraint. "Que conversa", disse Gwenhwyvar, "é essa que ouço entre vocês? É sobre aqueles que acompanharão Geraint até sua terra?"

"É", disse Artur. "Então preciso pensar", disse ela, "nas companheiras e nos preparativos para a senhora que está comigo?" "Fará bem", disse Artur.

E naquela noite foram dormir. E, no dia seguinte, os embaixadores receberam permissão para partir, e lhes foi dito que Geraint os seguiria. E, no terceiro dia, Geraint partiu, e muitos foram com ele.

Gwalchmai, filho de Gwyar, e Riogonedd, filho do rei da Irlanda, e Ondyaw, filho do duque da Borgonha, Gwilim, filho do governante dos francos, Howel, filho de Emyr da Bretanha, Elivry e Nawkyrd, Gwynn, filho de Tringad, Goreu, filho de Custennin, Gweir Gwrhyd Vawr, Garannaw, filho de Golithmer, Peredur, filho de Evrawc, Gwynnllogell, Gwyr, juiz na corte de Artur, Dyvyr, filho de Alun de Dyved, Gwrei Gwalstawd Ieithoedd, Bedwyr, filho de Bedrawd, Hadwry, filho de Gwryon, Kai, filho de Kynyr, Odyar, o Franco, o administrador da corte de Artur, e Edeyrn, filho de Nudd.

Disse Geraint: "Acho que terei cavaleiros suficientes comigo." "Sim", disse Artur, "mas não será adequado levar Edeyrn com você, embora ele esteja bem, até que se faça a paz entre ele e Gwenhwyvar."

“Gwenhwyvar pode permitir que ele vá comigo, se ele apresentar fiadores.” “Se ela quiser, pode deixá-lo ir sem fiadores, pois ele já sofreu dor e aflição suficientes pelo insulto que a donzela recebeu do anão.”

“Na verdade”, disse Gwenhwyvar, “já que isso parece bom ao senhor e a Geraint, farei isso de bom grado, senhor.” Então ela permitiu que Edeyrn partisse livremente. E muitos acompanharam Geraint, e eles partiram; e nunca se viu comitiva mais bela viajando em direção ao Severn.

E, do outro lado do Severn, estavam os nobres de Erbin, filho de Custennin, tendo à frente o pai de criação de Geraint, para recebê-lo com alegria; e muitas das mulheres da corte, com a mãe dele, vieram receber Enid, filha de Ynywl, sua esposa.

E houve grande júbilo e alegria em toda a corte e por todo o país por causa de Geraint, pela grandeza do amor que lhe tinham, pela grandeza da fama que conquistara desde que saíra do meio deles e porque viera tomar posse de seus domínios e preservar suas fronteiras. E chegaram à corte.

E na corte tiveram farto acolhimento, uma multidão de presentes, bebida em abundância, serviço suficiente e uma variedade de músicas de menestréis e de jogos. E, para honrar Geraint, todos os principais homens do país foram convidados a visitá-lo naquela noite. E passaram aquele dia e aquela noite na maior alegria.

E, ao amanhecer do dia seguinte, Erbin se levantou e chamou à sua presença Geraint e os nobres que o haviam acompanhado. E disse a Geraint: “Sou um homem fraco e idoso, e, enquanto pude manter o domínio para

você e para mim, assim fiz. Mas você é jovem e está na flor de seu vigor e de sua juventude; de agora em diante, preserve seus bens."

"Na verdade", disse Geraint, "com o meu consentimento, o senhor não entregará neste momento em minhas mãos o poder sobre seus domínios, nem me afastará da corte de Artur."

"Em suas mãos os entregarei", disse Erbin, "e ainda hoje você receberá a homenagem de seus súditos."

⁂

Então Gwalchmai disse: "Seria melhor satisfazer hoje aqueles que têm favores a pedir, e amanhã poderá receber a homenagem de seus domínios." Assim, todos os que tinham favores a pedir foram reunidos num só lugar. E Kadyrieith veio até eles para saber quais eram seus pedidos. E cada um pediu o que desejava.

E os seguidores de Artur começaram a dar presentes, e imediatamente os homens da Cornualha vieram e também deram. E não demoraram a dar, tamanha era a vontade de todos de conceder presentes. E, daqueles que vieram pedir presentes, nenhum partiu insatisfeito. E aquele dia e aquela noite foram passados na maior alegria.

E, no dia seguinte, ao amanhecer, Erbin pediu a Geraint que enviasse mensageiros aos homens, para perguntar se lhes desagradava que ele viesse receber sua homenagem e se tinham algo a opor a ele. Então Geraint enviou embaixadores aos homens da Cornualha para lhes perguntar isso.

E todos disseram que seria para eles a plenitude da alegria e da honra que Geraint viesse receber sua homenagem. Assim, ele recebeu a homenagem dos que estavam ali. E eles ficaram com ele até a terceira noite. E, no dia seguinte, os seguidores de Artur pretendiam partir.

"Ainda é cedo demais para partirem", disse ele, "fiquem comigo até que eu termine de receber a homenagem dos meus principais homens, que concordaram em vir até mim." E eles ficaram com ele até que tivesse feito isso. Então partiram em direção à corte de Artur; e Geraint foi acompanhá-los, assim como Enid, até Diganhwy: ali se separaram.

Então Ondyaw, filho do duque da Borgonha, disse a Geraint: "Vá primeiro visitar as partes mais altas de seus domínios e cuide bem das fronteiras de seus territórios; e, se tiver algum problema a respeito delas, mande avisar seus companheiros."

"Que o Céu o recompense", disse Geraint, "e assim farei." E Geraint viajou até a parte mais distante de seus domínios. E guias experientes e os principais homens de seu país foram com ele. E o ponto mais distante que lhe mostraram, ele manteve em sua posse.

E, como costumava fazer quando estava na corte de Artur, frequentava torneios. E conheceu homens valentes e poderosos, até conquistar ali tanta fama quanto antes conquistara em outros lugares.

E enriqueceu sua corte, seus companheiros e seus nobres com os melhores cavalos e as melhores armas, e com as melhores e mais valiosas joias, e não parou até que sua fama se espalhasse por todo o reino. E, quando soube

que assim era, começou a gostar do descanso e do prazer, pois não havia ninguém que valesse a pena enfrentar.

E amava sua esposa e gostava de permanecer no palácio, com música de menestréis e diversões. E por muito tempo ficou em casa. E depois disso começou a se fechar no aposento de sua esposa e não sentia prazer em mais nada, a ponto de abandonar a amizade de seus nobres, assim como suas caçadas e seus divertimentos, e perder a afeição de todos os que estavam em sua corte; e havia murmúrios e zombarias a seu respeito entre os habitantes do palácio, por abandonar tão completamente a companhia deles pelo amor de sua esposa.

E essas notícias chegaram a Erbin. E, quando Erbin ouviu essas coisas, falou com Enid e perguntou se era ela quem levara Geraint a agir assim e a abandonar seu povo e suas hostes.

"Não fui eu, pela minha confissão ao Céu", disse ela, "nada me é mais odioso que isso." E ela não sabia o que fazer, pois, embora lhe fosse difícil admitir isso a Geraint, tampouco lhe era fácil escutar o que ouvia sem alertar Geraint a respeito. E ela estava muito triste.

E certa manhã, no verão, estavam em seu leito, e Geraint jazia à beira dele. E Enid estava sem dormir no aposento, que tinha janelas de vidro. E o sol brilhava sobre o leito. E as cobertas haviam escorregado de seus braços e de seu peito, e ele dormia. Então ela contemplou a extraordinária beleza de sua aparência e disse: "Ai de mim! Será que sou a causa de estes braços e este peito terem perdido sua glória e a fama guerreira de que antes desfrutavam tão plenamente?"

E, enquanto dizia isso, as lágrimas caíram de seus olhos e tombaram sobre o peito dele. E as lágrimas que ela derramou e as palavras que havia dito o despertaram; e outra coisa contribuiu para despertá-lo: a ideia de que não era pensando nele que ela falava assim, mas porque amava outro homem mais do que a ele e desejava outra companhia.

Com isso, Geraint ficou perturbado e chamou seu escudeiro; e, quando ele veio, disse-lhe: "Vá depressa, prepare meu cavalo e minhas armas e deixe tudo pronto. E você, levante-se", disse a Enid, "e vista-se; mande preparar seu cavalo e ponha a pior roupa de montaria que possui. E que o mal recaia sobre mim", disse ele, "se você voltar aqui antes de saber se perdi minha força tão inteiramente quanto disse. E, se for assim, será fácil para você buscar a companhia que desejava daquele em quem estava pensando."

Então ela se levantou e vestiu suas roupas mais humildes. "Não entendo, senhor", disse ela, "o que quer dizer." "E tampouco entenderá agora", disse ele.

Então Geraint foi ver Erbin. "Senhor", disse ele, "vou partir em uma busca e não sei ao certo quando poderei voltar. Cuide, portanto, de seus domínios até meu retorno."

"Assim farei", disse ele, "mas me causa estranheza que parta tão de repente. E quem irá com você, já que não está forte o bastante para atravessar sozinho a terra de Lloegyr?"

"Apenas uma pessoa irá comigo." "Que o Céu o aconselhe, meu filho", disse Erbin, "e que muitos se juntem a você em Lloegyr." Então Geraint foi até onde estava seu cavalo, equipado com uma armadura estrangeira, pe-

sada e reluzente. E ordenou que Enid montasse em seu cavalo, seguisse adiante e se mantivesse bem à frente dele.

"E, seja o que for que veja, seja o que for que ouça a meu respeito", disse ele, "não volte para trás. E, a menos que eu fale com você, também não diga uma só palavra." E partiram. E ele não escolheu a estrada mais agradável e mais frequentada, mas a mais selvagem e mais infestada de ladrões, salteadores e animais venenosos.

E chegaram a uma estrada principal, que seguiram até avistarem uma vasta floresta; dirigiram-se para ela e viram quatro cavaleiros armados saírem da floresta. Quando os cavaleiros os viram, um deles disse aos outros: "Vejam, aqui temos uma boa ocasião para capturar dois cavalos e uma armadura, e também uma dama; pois não teremos dificuldade em fazer isso contra aquele cavaleiro sozinho, que baixa a cabeça tão pensativo e abatido."

E Enid ouviu essa conversa e não sabia o que fazer, por medo de Geraint, que lhe havia ordenado que ficasse em silêncio. "Que a vingança do Céu recaia sobre mim", disse ela, "se eu não preferir morrer pelas mãos dele a morrer pelas mãos de qualquer outro; e, mesmo que ele me mate, ainda assim falarei com ele, para não ter a desgraça de presenciar sua morte."

Então esperou por Geraint até que ele se aproximasse. "Senhor", disse ela, "ouviu as palavras daqueles homens a seu respeito?" Então ele ergueu os olhos e olhou para ela com raiva.

"Você só precisava", disse ele, "ficar calada, como lhe ordenei. Quero apenas silêncio, e não avisos. E, ainda que deseje ver minha derrota e minha morte pelas mãos daqueles homens, não sinto medo algum." Então o primeiro de-

les pôs a lança em posição de ataque e avançou contra Geraint. E ele o enfrentou, e com muita força.

Mas deixou a estocada passar ao lado, enquanto atingia o cavaleiro no centro do escudo, de tal maneira que o escudo se partiu, a armadura se rompeu e um côvado da haste da lança de Geraint atravessou seu corpo, lançando-o ao chão, pelo comprimento da lança, para além da garupa de seu cavalo. Então o segundo cavaleiro o atacou furiosamente, irado com a morte do companheiro.

Mas, com uma estocada, Geraint também o derrubou e o matou, como fizera com o outro. Então o terceiro avançou contra ele, e ele o matou da mesma maneira. E assim também matou o quarto. Triste e pesarosa ficou a donzela ao ver tudo isso.

Geraint desmontou, tomou as armas dos homens que havia matado, colocou-as sobre as selas deles e amarrou umas às outras as rédeas de seus cavalos; depois tornou a montar em seu cavalo.

"Veja o que deve fazer", disse ele; "leve os quatro cavalos e conduza-os à sua frente, e siga adiante, como lhe ordenei há pouco. E não me diga uma só palavra, a menos que eu fale primeiro com você. E declaro ao Céu", disse ele, "que, se não fizer isso, pagará por isso."

"Farei o que puder, senhor", disse ela, "para atender ao seu desejo." Então seguiram pela floresta; e, quando saíram dela, chegaram a uma vasta planície, no centro da qual havia um emaranhado de pequenas árvores; e dali viram sair três cavaleiros que vinham em sua direção, bem equipados com armaduras, tanto eles quanto seus cavalos.

Então a donzela os observou atentamente; e, quando se aproximaram, ouviu-os dizer uns aos outros: "Vejam, que boa chegada para nós; aí vêm quatro cavalos e quatro armaduras para nós. Vamos tomá-los facilmente, apesar daquele cavaleiro pesaroso, e a donzela também cairá em nosso poder."

"Isso é bem verdade", disse ela consigo mesma, "pois meu marido está cansado do combate anterior. A vingança do Céu recairá sobre mim se eu não o avisar disso." Então a donzela esperou até que Geraint a alcançasse.

"Senhor", disse ela, "não ouve a conversa daqueles homens a seu respeito?" "O que disseram?", perguntou ele. "Dizem uns aos outros que vão tomar facilmente todo este despojo."

"Declaro ao Céu", respondeu ele, "que as palavras deles me afligem menos do que sua recusa em ficar calada e seguir meu conselho." "Meu senhor", disse ela, "temi que eles o pegassem desprevenido."

"Cale-se, então", disse ele, "não é silêncio que eu quero?" E então um dos cavaleiros pôs a lança em posição de ataque e investiu contra Geraint. E desferiu contra ele uma estocada que julgou que seria muito eficaz; mas Geraint a recebeu com indiferença, desviou-a com um golpe e então avançou contra ele, mirando o centro de seu corpo; e, diante do choque de homem e cavalo, de nada lhe valeu toda a sua armadura, e a ponta da lança e parte da haste o atravessaram, de modo que foi lançado ao chão, a uma distância de um braço e uma lança para além da garupa de seu cavalo.

E os outros dois cavaleiros avançaram, cada um por sua vez, mas seus ataques não tiveram mais sucesso do que o de seu companheiro. E a donzela ficou ali, observando tudo isso; e, por um lado, estava aflita com o receio de

que Geraint fosse ferido em seu confronto com os homens, e, por outro, estava alegre por vê-lo vitorioso.

Então Geraint desmontou e amarrou as três armaduras às três selas, e prendeu umas às outras as rédeas de todos os cavalos, de modo que tinha sete cavalos consigo. E montou em seu próprio cavalo e ordenou à donzela que conduzisse os outros adiante.

"De nada me adianta falar com você ou deixar de falar, pois não dará ouvidos ao meu conselho." "Farei isso até onde puder, senhor", disse ela; "mas não posso esconder do senhor as palavras ferozes e ameaçadoras que ouvir contra o senhor de gente estranha como essa que ronda estas terras desertas."

"Declaro ao Céu", disse ele, "que não desejo nada além de silêncio; por conseguinte, fique calada." "Assim farei, senhor, enquanto puder." E a donzela seguiu com os cavalos à sua frente, continuando seu caminho sempre adiante. E, a partir do emaranhado de pequenas árvores já mencionado, atravessaram uma vasta e desolada planície aberta.

E, a grande distância, avistaram um bosque, e não conseguiam ver seu fim nem seus limites, a não ser do lado que estava mais próximo deles, e seguiram em sua direção.

Então saíram do bosque cinco cavaleiros, impetuosos, ousados, poderosos e fortes, montados em cavalos de batalha vigorosos, de ossos grandes e de temperamento fogoso, que bufavam com altivez; e tanto os homens quanto os cavalos estavam bem equipados com armas.

E, quando se aproximaram, Enid os ouviu dizer: "Vejam, aí vem um belo despojo para nós, que obteremos facilmente e sem esforço, pois não teremos dificuldade em tomar todos aqueles cavalos e armas, e também a dama, daquele cavaleiro sozinho, tão pesaroso e triste."

⁂

A jovem ficou profundamente aflita ao ouvir aquela conversa, sem saber de modo algum o que fazer. Por fim, porém, decidiu avisar Geraint; assim, virou a cabeça de seu cavalo na direção dele.

"Senhor", disse ela, "se tivesse ouvido como eu o que aqueles cavaleiros disseram a seu respeito, sua tristeza seria ainda maior." Geraint sorriu para ela com raiva e amargura, e disse: "Ouço você fazendo tudo o que lhe proibi; mas talvez ainda se arrependa disso." E imediatamente os homens vieram ao encontro deles, e Geraint venceu os cinco com bravura e valentia.

E colocou as cinco armaduras sobre as cinco selas, amarrou juntas as rédeas dos doze cavalos e os deixou aos cuidados de Enid. "Não sei", disse ele, "de que me adianta dar ordens a você; mas desta vez lhe dou esta ordem de maneira especial."

Assim, a jovem seguiu em direção à floresta, mantendo-se à frente de Geraint, como ele lhe havia pedido; e ele se entristecia, tanto quanto sua ira permitia, ao ver uma jovem tão ilustre quanto ela tendo tanto trabalho para cuidar dos cavalos. Então chegaram à floresta, que era densa e vasta; e ali a noite os alcançou.

"Ah, jovem", disse ele, "é inútil tentar seguir adiante!" "Pois bem, senhor", disse ela, "faremos o que desejar." "Será melhor", respondeu ele, "sairmos

da floresta, descansarmos e esperarmos o dia, para prosseguir nossa viagem."

"Faremos isso com prazer", disse ela. E assim fizeram. Depois de desmontar, ele a ajudou a descer do cavalo. "De tão cansado, não consigo de modo algum resistir ao sono", disse ele.

"Por conseguinte, vigie os cavalos e não durma." "Assim farei, senhor", disse ela. Então ele adormeceu com a armadura, e assim passou a noite, que não era longa naquela época do ano. E, quando ela viu surgir a luz do amanhecer, olhou ao redor para ver se ele estava acordado, e nesse momento ele despertou.

"Meu senhor", disse ela, "há algum tempo venho querendo acordá-lo." Mas ele nada lhe disse a respeito do cansaço, pois havia ordenado que ela ficasse em silêncio. Então se levantou e lhe disse: "Pegue os cavalos e siga em frente; continue sempre em frente, como fez ontem."

E, logo cedo, saíram da floresta e chegaram a uma região de campos abertos, com prados de um lado e ceifeiros cortando a relva. E havia um rio diante deles, e os cavalos abaixaram a cabeça e beberam a água.

E saíram do rio subindo uma encosta alta e íngreme; ali encontraram um rapaz esguio, com uma sacola pendurada ao pescoço, e viram que havia algo dentro dela, mas não sabiam o que era. E ele trazia na mão uma pequena jarra azul, com uma tigela sobre a boca da jarra. E o rapaz saudou Geraint.

"Que o Céu lhe dê prosperidade", disse Geraint, "e de onde você vem?" "Venho", disse ele, "da cidade que fica à sua frente. Meu senhor", acrescen-

tou, “o senhor se incomodaria se eu também perguntasse de onde vem?”

“De modo algum. Vim por aquela floresta.” “Não atravessou a floresta hoje.” “Não”, respondeu ele, “passamos a noite na floresta.” “Tenho certeza”, disse o rapaz, “de que sua situação ali na noite passada não foi das mais agradáveis, e de que não teve comida nem bebida.”

“Não tive, por minha fé”, disse ele. “Aceitaria meu conselho”, disse o rapaz, “e faria uma refeição oferecida por mim?” “Que tipo de refeição?”, perguntou ele.

“O desjejum que está sendo enviado àqueles ceifeiros, nada menos que pão, carne e vinho; e, se o senhor quiser, eles ficarão sem nada.” “Aceito”, disse ele, “e que o Céu o recompense por isso.”

⁂

Então Geraint desmontou, e o rapaz ajudou a jovem a descer do cavalo. Depois eles se lavaram e fizeram sua refeição. E o rapaz cortou o pão em fatias, deu-lhes de beber e os serviu em tudo. E, quando terminaram, o rapaz se levantou e disse a Geraint: “Meu senhor, com sua permissão, vou agora buscar comida para os ceifeiros.”

“Vá primeiro à cidade”, disse Geraint, “e consiga uma hospedagem para mim no melhor lugar que conhecer, e que seja o mais adequado para os cavalos; e escolha o cavalo e as armas que quiser como pagamento por seu serviço e sua oferta.”

“Que o Céu o recompense, senhor”, disse o rapaz, “pois isso seria mais que suficiente para pagar serviços muito maiores do que os que lhe prestei.” E o

rapaz foi à cidade e conseguiu a melhor e mais agradável hospedagem que conhecia; depois foi ao palácio, levando consigo o cavalo e a armadura, dirigiu-se ao lugar onde estava o conde e lhe contou toda a sua aventura.

"Vou agora, senhor", disse ele, "encontrar o jovem e conduzi-lo à sua hospedagem." "Vá, com prazer", disse o conde, "e ele será recebido aqui com muita alegria, se vier." E o rapaz foi encontrar Geraint e lhe disse que o conde o receberia com prazer em seu próprio palácio; mas ele quis ir apenas à sua hospedagem.

E tinha um belo aposento, onde havia bastante palha e tecidos, e um lugar espaçoso e adequado para os cavalos; e o rapaz preparou bastante forragem para eles. E, depois que tiraram seus trajes de viagem, Geraint falou assim a Enid: "Vá", disse ele, "para o outro lado do aposento e não venha para este lado da casa; e pode chamar a dona da casa para lhe fazer companhia, se quiser."

"Farei, senhor", disse ela, "como manda." E então o dono da casa veio até Geraint e lhe deu as boas-vindas. "Ó chefe", disse ele, "já fez sua refeição?" "Já", respondeu ele. Então o rapaz lhe dirigiu a palavra e perguntou se não gostaria de beber alguma coisa antes de se encontrar com o conde.

"Certamente gostaria", disse ele. Assim, o rapaz foi à cidade e lhes trouxe bebida. E eles beberam. "Preciso dormir", disse Geraint. "Pois bem", disse o rapaz, "enquanto o senhor dorme, irei ver o conde."

"Vá, com prazer", disse ele, "e volte aqui quando eu precisar de você." E Geraint foi dormir; e Enid também.

E o rapaz chegou ao lugar onde estava o conde, e o conde lhe perguntou onde o cavaleiro estava hospedado, e ele lhe disse. "Preciso ir", disse o rapaz, "servi-lo à noite."

"Vá", respondeu o conde, "e transmita-lhe minhas cordiais saudações, e diga-lhe que à noite irei visitá-lo." "Assim farei", disse o rapaz. Então ele chegou quando era hora de eles acordarem. E eles se levantaram e saíram. E, quando chegou a hora de comer, fizeram sua refeição. E o rapaz os serviu.

E Geraint perguntou ao dono da casa se havia algum de seus companheiros que ele desejasse convidar, e ele respondeu que sim. "Traga-os aqui e receba-os à minha custa com o melhor que puder comprar na cidade."

⁂

E o dono da casa trouxe aqueles que escolheu e lhes ofereceu um banquete à custa de Geraint. Então o conde veio visitar Geraint, acompanhado de seus doze honrados cavaleiros. E Geraint se levantou e lhe deu as boas-vindas.

"Que o Céu o proteja", disse o conde. Então todos se sentaram conforme sua precedência em honra. E o conde conversou com Geraint e lhe perguntou o objetivo de sua viagem.

"Não tenho outro", respondeu ele, "senão buscar aventuras e seguir minha própria vontade." Então o conde lançou os olhos sobre Enid e a olhou fixamente. E pensou que nunca havia visto uma jovem mais bela ou de aparência mais agradável que ela. E voltou para ela todos os seus pensamentos e seu afeto.

Então perguntou a Geraint: "Tenho sua permissão para ir conversar com aquela jovem? Pois vejo que ela está afastada do senhor." "Dou-lhe com prazer", disse ele. Assim, o conde foi até onde estava a jovem e falou com ela.

"Ah, jovem", disse ele, "não pode ser agradável para você viajar assim com aquele homem!" "Não me é desagradável", disse ela, "viajar pela mesma estrada que ele."

"Você não tem rapazes nem moças para servi-la", disse ele. "Na verdade", respondeu ela, "é mais agradável para mim seguir aquele homem do que ser servida por rapazes e moças."

"Vou lhe dar um bom conselho", disse ele. "Colocarei todo o meu condado em suas mãos, se quiser viver comigo." "Isso eu não farei, pelo Céu", disse ela; "aquele homem foi o primeiro a quem prometi fidelidade; e haveria eu de ser infiel a ele?"

"Você está errada", disse o conde; "se eu matar aquele homem, poderei mantê-la comigo pelo tempo que quiser; e, quando você já não me agradar, poderei mandá-la embora. Mas, se vier comigo por sua própria vontade, declaro que nossa união permanecerá eterna e indivisível enquanto eu viver." Então ela refletiu sobre essas palavras e considerou prudente encorajá-lo em seu pedido.

"Pois bem, chefe, isto é o mais conveniente a fazer para me poupar de qualquer acusação desnecessária: venha aqui amanhã e me leve embora como se eu nada soubesse disso."

"Assim farei", disse ele. Então se levantou, despediu-se e saiu com seus acompanhantes. E ela não contou naquele momento a Geraint nada da conversa que tivera com o conde, para não despertar sua ira e lhe causar inquietação e preocupação.

E, à hora de costume, foram dormir. No começo da noite, Enid dormiu um pouco; e, à meia-noite, levantou-se e reuniu todas as peças da armadura de Geraint, para que estivessem prontas para vestir.

E, embora temesse o que ia fazer, aproximou-se da cama de Geraint e falou com ele em voz baixa e suave, dizendo: "Meu senhor, levante-se e vista-se, pois estas foram as palavras do conde para mim, e esta é a intenção dele a meu respeito." Então contou a Geraint tudo o que havia acontecido. E, embora estivesse zangado com ela, ele levou o aviso a sério e se vestiu.

E ela acendeu uma vela, para que ele tivesse luz para isso. "Deixe a vela aí", disse ele, "e peça ao dono da casa que venha aqui." Então ela foi, e o dono da casa veio até ele.

"Sabe quanto lhe devo?", perguntou Geraint. "Creio que me deve muito pouco." "Fique com os onze cavalos e as onze armaduras." "Que o Céu o recompense, senhor", disse ele, "mas não gastei com o senhor o valor de uma única armadura."

"Por essa razão", disse Geraint, "ficará mais rico. E agora, virá me guiar para fora da cidade?" "Irei com prazer", disse ele, "e em que direção pretende seguir?"

"Quero sair da cidade por um caminho diferente daquele por onde entrei." Assim, o dono da hospedagem o acompanhou até onde ele desejou. Então

Geraint mandou a donzela seguir à sua frente; e ela assim fez, seguindo sempre adiante, e seu anfitrião voltou para casa. E ele mal havia chegado em casa quando, eis que se aproximou o maior tumulto que jamais se ouvira.

E, ao olhar para fora, viu oitenta cavaleiros com armaduras completas ao redor da casa, com o conde Dwnn à frente deles. “Onde está o cavaleiro que estava aqui?”, disse o conde.

“Pela sua mão”, disse ele, “partiu daqui há algum tempo.” “Por que, patife”, disse o conde, “deixou que ele fosse embora sem me avisar?” “Meu senhor, não me ordenou que o fizesse, senão eu não teria permitido que ele partisse.”

“Que caminho acha que ele tomou?” “Não sei, a não ser que seguiu pela estrada principal.” E eles viraram seus cavalos naquela direção e, vendo as marcas dos cascos na estrada principal, seguiram o rastro. E, quando a donzela viu o dia amanhecer, olhou para trás e viu imensas nuvens de poeira se aproximando cada vez mais.

Então ficou inquieta e pensou que eram o conde e seus homens vindo atrás deles. E então viu um cavaleiro surgir em meio à névoa. “Pela minha fé”, disse ela, “mesmo que ele me mate, será melhor morrer por suas mãos do que vê-lo ser morto sem avisá-lo. Meu senhor”, disse a ele, “vê aquele homem vindo depressa atrás do senhor, e muitos outros com ele?”

“Eu o vejo”, disse ele, “e, apesar de todas as minhas ordens, vejo que você nunca ficará calada.” Então ele se voltou contra o cavaleiro e, com a primeira estocada, derrubou-o debaixo das patas de seu cavalo. E, enquanto

restou um dos oitenta cavaleiros, derrubou cada um deles no primeiro ataque.

E, do mais fraco ao mais forte, todos o atacaram um após o outro, exceto o conde; e, por último, o conde também veio contra ele. E quebrou sua lança, e depois quebrou uma segunda.

Mas Geraint se voltou contra ele e o atingiu com a lança no centro do escudo, de modo que, com aquela única estocada, o escudo se partiu, toda a sua armadura se quebrou e ele próprio foi lançado por cima da garupa do cavalo ao chão, ficando em perigo de vida. E Geraint se aproximou dele; e, ao ruído dos cascos de seu cavalo, o conde recobrou os sentidos.

"Piedade, senhor", disse ele a Geraint. E Geraint lhe concedeu piedade. Mas, pela dureza do chão onde haviam caído e pela violência do golpe que haviam recebido, não houve entre eles um único cavaleiro que escapasse de sofrer, pelas mãos de Geraint, uma queda de gravidade mortal, terrivelmente dolorosa e que lhe causasse ferimentos desesperadores.

⁂

E Geraint seguiu pela estrada principal que tinha à frente, e a donzela ia adiante; e, perto deles, avistaram um vale que era o mais belo que jamais se vira, e pelo qual corria um grande rio; e havia uma ponte sobre o rio, e a estrada principal levava à ponte. E, acima da ponte, na margem oposta do rio, avistaram uma cidade fortificada, a mais bela que jamais se vira.

E, ao se aproximarem da ponte, Geraint viu vir em sua direção, saindo de um bosque cerrado, um homem montado num cavalo grande e alto, de passo regular e fogoso, embora dócil.

"Ah, cavaleiro", disse Geraint, "de onde vem?" "Venho", disse ele, "do vale abaixo de nós." "Pode me dizer", disse Geraint, "quem é o dono deste belo vale e daquela cidade murada?"

"Direi com prazer", disse ele. "Os francos o chamam de Gwiffert Petit, mas os galeses o chamam de Pequeno Rei." "Posso passar por aquela ponte", disse Geraint, "e pela estrada de baixo, que passa abaixo da cidade?"

Disse o cavaleiro: "Não pode passar pela torre dele, do outro lado da ponte, a menos que pretenda combatê-lo, pois é costume dele enfrentar todo cavaleiro que entra em suas terras."

"Declaro ao Céu", disse Geraint, "que, mesmo assim, seguirei viagem por esse caminho." "Se fizer isso", disse o cavaleiro, "provavelmente encontrará vergonha e desonra como recompensa por sua ousadia." Então Geraint seguiu pela estrada que levava à cidade, e a estrada o conduziu a um terreno duro, acidentado, alto e cheio de elevações.

E, enquanto viajava assim, viu um cavaleiro que o seguia num cavalo de guerra forte e grande, de andar altivo, cascos largos e peito amplo. E nunca vira homem de estatura menor que aquele que estava sobre o cavalo. E tanto ele quanto seu cavalo estavam inteiramente armados.

Quando alcançou Geraint, disse-lhe: "Diga-me, chefe, se é por ignorância ou por presunção que procura insultar minha dignidade e infringir minhas regras." "Não", respondeu Geraint, "eu não sabia que esta estrada era proibida a quem quer que fosse."

"Sabia, sim", disse o outro; "venha comigo à minha corte para me dar satisfação." "Não farei isso, pela minha fé", disse Geraint; "não iria nem mesmo

à corte de seu senhor, a menos que Artur fosse seu senhor."

"Pela mão do próprio Artur", disse o cavaleiro, "hei de obter satisfação, ou serei derrubado por suas mãos." E imediatamente investiram um contra o outro. E um escudeiro dele veio lhe fornecer lanças à medida que ele as quebrava. E desferiram um contra o outro golpes tão duros e severos que seus escudos perderam toda a cor.

Mas era muito difícil para Geraint lutar com ele por causa de seu tamanho pequeno, pois mal conseguia mirá-lo em cheio, por mais que se esforçasse. E lutaram assim até que seus cavalos caíram de joelhos; e, por fim, Geraint lançou o cavaleiro de cabeça ao chão; e então lutaram a pé, desferindo um contra o outro golpes tão ousados e ferozes, tão frequentes e tão violentamente poderosos que seus elmos foram perfurados, suas proteções internas de cabeça se quebraram, suas armas ficaram despedaçadas e a luz de seus olhos foi obscurecida pelo suor e pelo sangue.

Por fim, Geraint se enfureceu e reuniu todas as suas forças; e, tomado de uma ira ousada, de uma resolução imediata e de uma determinação furiosa, ergueu a espada e o atingiu no alto da cabeça com um golpe tão mortalmente doloroso, tão violento, tão feroz e tão penetrante que atravessou toda a armadura de sua cabeça, sua pele e sua carne, até ferir o próprio osso, e a espada voou da mão do Pequeno Rei até a extremidade mais distante da planície, e ele implorou a Geraint que tivesse piedade e compaixão dele.

"Embora não tenha sido cortês nem justo", disse Geraint, "terá piedade, com a condição de que se torne meu aliado e se comprometa a nunca mais lutar contra mim, mas a vir em meu auxílio sempre que souber que estou em dificuldades."

"Farei isso com prazer, senhor", disse ele. Assim, deu-lhe sua palavra de que o faria. "E agora, senhor, venha comigo", disse ele, "à minha corte ali adiante, para se recuperar do cansaço e da fadiga." "Não farei isso, pelo Céu", disse Geraint.

Então Gwiffert Petit avistou Enid onde ela estava, e entristeceu-se ao ver alguém de porte tão nobre parecer tão profundamente aflita. E disse a Geraint: "Meu senhor, faz mal em não descansar e se refazer um pouco; pois, se encontrar alguma dificuldade em seu estado atual, não será fácil superá-la." Mas Geraint não quis fazer outra coisa senão prosseguir viagem, e montou em seu cavalo com dor e todo coberto de sangue. E a donzela seguiu à frente, e eles avançaram em direção ao bosque que viam diante de si.

E o calor do sol era muito forte, e, por causa do sangue e do suor, a armadura de Geraint grudava em sua carne; e, quando chegaram ao bosque, ele parou debaixo de uma árvore para se proteger do calor do sol; e seus ferimentos doíam mais do que no momento em que os recebera. E a donzela parou debaixo de outra árvore.

E eis que ouviram o som de trompas e um ruído tumultuoso; e a causa disso era que Artur e sua comitiva haviam descido ao bosque. E, enquanto Geraint pensava em que caminho tomar para evitá-los, eis que foi avistado por um pajem que seguia a pé e servia ao intendente da casa real; e ele foi até o intendente e lhe contou que tipo de homem havia visto no bosque.

Então o intendente mandou selar seu cavalo, pegou sua lança e seu escudo e foi até o lugar onde Geraint estava. "Ah, cavaleiro!", disse ele, "o que faz aqui?" "Estou debaixo de uma árvore que dá sombra, para me proteger do calor e dos raios do sol."

"Qual é o propósito de sua viagem, e quem é você?" "Procuro aventuras e vou aonde quero." "É mesmo?", disse Kai. "Então venha comigo ver Artur, que está aqui perto."

"Não farei isso, pelo Céu", disse Geraint. "Terá de vir", disse Kai. Então Geraint reconheceu quem ele era, mas Kai não reconheceu Geraint. E Kai atacou Geraint da melhor maneira que pôde. E Geraint ficou furioso e o atingiu com a haste de sua lança, de modo que ele rolou de cabeça ao chão. Mas não quis lhe infligir castigo pior que esse.

⁂

Assustado e desvairado, Kai se levantou, montou em seu cavalo e voltou ao seu alojamento. Dali, seguiu para a tenda de Gwalchmai. "Ó senhor", disse ele a Gwalchmai, "um dos servos me contou que viu no bosque lá em cima um cavaleiro ferido, vestindo uma armadura danificada; e, se quiser fazer o que é certo, irá ver se isso é verdade."

"Não me oponho a fazer isso", disse Gwalchmai. "Pegue, então, seu cavalo e parte de sua armadura", disse Kai, "pois ouvi dizer que ele não é muito cortês com os que se aproximam dele." Assim, Gwalchmai pegou sua lança e seu escudo, montou em seu cavalo e foi ao lugar onde Geraint estava.

"Senhor cavaleiro", disse ele, "por que está viajando?" "Viajo por meu próprio prazer e para buscar as aventuras do mundo." "Quer me dizer quem é? Ou quer vir visitar Artur, que está aqui perto?"

"Não farei aliança com você, nem irei visitar Artur", disse ele. E ele sabia que era Gwalchmai, mas Gwalchmai não o reconheceu. "Não pretendo deixá-lo", disse Gwalchmai, "até saber quem é." E investiu contra ele com

sua lança, atingindo seu escudo, de modo que a haste se desfez em lascas, e os cavalos ficaram frente a frente. Então Gwalchmai o olhou fixamente e o reconheceu.

"Ah, Geraint", disse ele, "é você que está aqui?" "Não sou Geraint", disse ele. "É Geraint, pelos céus", respondeu, "e esta é uma expedição desgraçada e insensata." Então olhou ao redor, viu Enid e a saudou com alegria.

"Geraint", disse Gwalchmai, "venha ver Artur; ele é seu senhor e seu primo." "Não irei", disse ele, "pois não estou em condições de visitar ninguém." Nisso, eis que um dos pajens veio atrás de Gwalchmai para falar com ele. Então Gwalchmai o enviou para avisar Artur de que Geraint estava ali ferido, de que não iria visitá-lo e de que dava pena ver o estado em que se encontrava.

E fez isso sem que Geraint soubesse, pois falou ao pajem em voz baixa. "Peça a Artur", disse ele, "que mande trazer sua tenda para perto da estrada, pois ele não irá encontrá-lo de boa vontade, e não é fácil obrigá-lo com o ânimo em que está." Assim, o pajem foi até Artur e lhe contou isso. E ele mandou que sua tenda fosse transferida para a beira da estrada.

E a jovem se alegrou em seu coração. E Gwalchmai conduziu Geraint pela estrada, até chegarem ao lugar onde Artur estava acampado, e os pajens estavam armando sua tenda à beira da estrada.

"Senhor", disse Geraint, "eu o saúdo." "Que o céu lhe dê prosperidade; e quem é você?", disse Artur. "É Geraint", disse Gwalchmai, "e por sua própria vontade ele não viria ao seu encontro."

"De fato", disse Artur, "ele perdeu a razão." Então Enid se aproximou e saudou Artur. "Que o céu a proteja", disse ele. E logo mandou que um dos pajens a ajudasse a descer do cavalo.

"Ah, Enid", disse Artur, "que expedição é esta?" "Não sei, senhor", disse ela, "a não ser que devo viajar pela mesma estrada por onde ele viaja." "Meu senhor", disse Geraint, "com sua permissão, partiremos."

"Para onde irá?", disse Artur. "Não pode seguir viagem agora, a menos que seja para a morte." "Ele não aceita meu convite", disse Gwalchmai. "Mas aceitará o meu", disse Artur, "e, ademais, não sairá daqui até estar curado."

"Eu preferiria, senhor", disse Geraint, "que me deixasse partir." "Isso eu não farei, declaro diante do céu", disse ele. Então mandou chamar uma jovem para conduzir Enid à tenda onde ficava o aposento de Gwenhwyvar. E Gwenhwyvar e todas as suas mulheres se alegraram com a chegada dela; tiraram-lhe a roupa de montaria e a vestiram com outras roupas.

Artur também chamou Kadyrieith e ordenou que armasse uma tenda para Geraint e os médicos; e lhe recomendou que fornecesse a Geraint, em abundância, tudo de que ele pudesse precisar. E Kadyrieith fez como ele havia ordenado. E Morgan Tud e seus discípulos foram levados até Geraint.

E Artur e suas tropas permaneceram ali quase um mês, enquanto Geraint se recuperava. E, quando ficou inteiramente restabelecido, Geraint foi até Artur e pediu sua permissão para partir.

"Não sei se você já está de todo bem." "Na verdade estou, senhor", disse Geraint. "Não acreditarei em sua palavra quanto a isso, mas na dos médi-

cos que estiveram com você." Então Artur mandou chamar os médicos à sua presença e perguntou se aquilo era verdade.

"É verdade, senhor", disse Morgan Tud. Assim, no dia seguinte, Artur permitiu que ele partisse, e ele prosseguiu em sua viagem. E naquele mesmo dia Artur também partiu dali. E Geraint pediu a Enid que seguisse adiante e se mantivesse à sua frente, como fazia antes. E ela avançou pela estrada principal.

E, enquanto viajavam assim, ouviram um pranto extremamente alto perto deles. "Fique aqui", disse ele, "e irei ver qual é a causa desse pranto." "Ficarei", disse ela. Então ele avançou até uma clareira aberta perto da estrada. E na clareira viu dois cavalos, um com sela de homem e o outro com sela de mulher.

E eis que havia um cavaleiro morto, deitado com sua armadura, e uma jovem donzela em traje de montaria de pé junto dele, lamentando. "Ah, senhora!", disse Geraint, "o que lhe aconteceu?"

"Veja", respondeu ela, "eu viajava por aqui com meu amado marido quando, subitamente, três gigantes nos atacaram e, sem motivo algum neste mundo, o mataram." "Por onde foram?", perguntou Geraint.

"Por ali, pela estrada principal", respondeu ela. Então ele voltou até Enid. "Vá", disse ele, "até a senhora que está ali embaixo e espere por mim até que eu volte." Ela ficou triste quando ele lhe deu essa ordem, mas mesmo assim foi até a donzela, cujo pranto dava pena de ouvir, e teve certeza de que Geraint jamais voltaria.

Enquanto isso, Geraint seguiu os gigantes e os alcançou. E cada um deles era maior em estatura do que três outros homens, e cada um levava uma enorme clava no ombro. Então ele se lançou contra um deles e atravessou seu corpo com a lança. E, depois de retirá-la, atravessou outro deles da mesma maneira.

Mas o terceiro se voltou contra ele e o golpeou com sua clava, de modo que partiu seu escudo, esmagou seu ombro e abriu novamente suas feridas, e todo o seu sangue começou a escorrer. Mas Geraint desembainhou a espada, atacou o gigante e lhe deu um golpe no alto da cabeça tão forte, feroz e violento que a cabeça e o pescoço se partiram até os ombros, e ele caiu morto.

Assim, Geraint o deixou e voltou até Enid. E, ao vê-la, caiu do cavalo sem vida. Agudo, alto e comovente foi o grito que Enid soltou. E ela se aproximou e ficou de pé junto dele, no lugar onde havia caído. E, ao som de seus gritos, vieram o conde de Limours e a comitiva que viajava com ele, pois seus lamentos os fizeram sair de seu caminho.

E o conde disse a Enid: “Pobre senhora, o que lhe aconteceu?” “Ah, bom senhor!”, disse ela, “o único homem que amei ou que algum dia amarei foi morto.” Então ele disse à outra: “E qual é a causa de sua dor?”

“Mataram também meu amado marido”, disse ela. “E quem foi que os matou?” “Alguns gigantes”, respondeu ela, “mataram meu bem-amado, e o outro cavaleiro foi atrás deles e voltou no estado que o senhor está vendo, perdendo muito sangue; mas me parece que ele não deixou os gigantes sem matar alguns deles, se não todos.”

O conde mandou enterrar o cavaleiro que estava morto, mas achou que ainda restava alguma vida em Geraint; e, para ver se ele sobreviveria, mandou que o levassem consigo na parte côncava de seu escudo, sobre uma padiola. E as duas donzelas foram para a corte; e, quando chegaram lá, Geraint foi colocado sobre um leito portátil diante da mesa que havia no salão.

Então todos tiraram seus trajes de viagem, e o conde pediu a Enid que fizesse o mesmo e vestisse outras roupas. "Não farei isso, pelos Céus", disse ela. "Ah, senhora!", disse ele, "não fique tão triste por causa disso."

"Seria difícil me convencer a ficar de outro modo", disse ela. "Eu a tratarei de tal maneira que você não precisará ficar triste, quer aquele cavaleiro viva ou morra. Veja, um bom condado, junto comigo, eu lhe darei; portanto, fique feliz e alegre."

"Declaro aos Céus", disse ela, "que de agora em diante jamais terei alegria enquanto viver." "Venha, então", disse ele, "e coma." "Não, pelos Céus, não comerei", respondeu ela.

"Mas, pelos Céus, comerá", disse ele. Então ele a levou consigo à mesa contra a vontade dela e muitas vezes lhe pediu que comesse. "Tomo os Céus por testemunha", disse ela, "de que não comerei até que o homem que está naquela padiola também coma."

"Você não pode cumprir isso", disse o conde, "aquele homem já está morto." "Provarei que posso", disse ela. Então ele lhe ofereceu uma taça de bebida. "Beba esta taça", disse ele, "e ela a fará mudar de ideia."

“Que a desgraça caia sobre mim”, respondeu ela, “se eu beber qualquer coisa antes que ele também beba.” “Na verdade”, disse o conde, “de nada me adianta ser gentil com você, tanto quanto ser rude.” E deu-lhe uma bofetada no ouvido.

Então ela soltou um grito alto e agudo, e seus lamentos foram muito maiores do que antes, pois pensava consigo que, se Geraint estivesse vivo, ele não teria ousado bater nela daquela maneira.

Mas eis que, ao som de seu grito, Geraint voltou de seu desmaio, sentou-se na padiola e, encontrando sua espada na parte côncava do escudo, correu até onde estava o conde e lhe desferiu no alto da cabeça um golpe que feria com ferocidade, crueldade extrema e força implacável, de modo que o partiu em dois, até que a espada foi detida pela mesa.

Então todos abandonaram a mesa e fugiram. E isso aconteceu menos por medo do homem vivo do que pelo pavor que sentiram ao ver o morto se levantar para matá-los. E Geraint olhou para Enid e se entristeceu por dois motivos: um era ver que Enid havia perdido a cor e sua aparência habitual, e o outro, saber que ela tinha razão.

“Senhora”, disse ele, “sabe onde estão nossos cavalos?” “Sei, senhor, onde está seu cavalo”, respondeu ela, “mas não sei onde está o outro. Seu cavalo está naquela casa.” Então ele foi até a casa, trouxe seu cavalo para fora, montou nele, ergueu Enid do chão e a colocou no cavalo consigo. E seguiu adiante. E o caminho passava entre duas sebes.

E a noite ia tomando o lugar do dia. E eis que viram atrás de si as hastes de lanças recortadas contra o céu e ouviram o tropel de cavalos e o ruído de

uma tropa que se aproximava.

"Ouço algo nos seguindo", disse ele, "e vou colocá-la do outro lado da sebe." E assim fez. E então eis que um cavaleiro avançou a galope em sua direção e pôs a lança em posição de ataque. Quando Enid viu isso, gritou: "Ó chefe, seja quem for, que glória ganhará matando um homem morto?"

"Ó Céus!", disse ele, "é Geraint?" "Sim, de fato", disse ela. "E quem é você?" "Sou o Pequeno Rei", respondeu ele, "e venho em seu auxílio, pois ouvi dizer que você estava em apuros. E, se tivesse seguido meu conselho, nenhuma dessas dificuldades teria lhe acontecido."

"Nada pode acontecer", disse Geraint, "sem a vontade dos Céus, embora muitos benefícios resultem dos conselhos." "Sim", disse o Pequeno Rei, "e agora sei de um bom conselho para você. Venha comigo à corte de um genro de minha irmã, que fica perto daqui, e terá os melhores cuidados médicos do reino."

"Farei isso de bom grado", disse Geraint. E Enid foi colocada no cavalo de um dos escudeiros do Pequeno Rei, e eles seguiram até o palácio do barão. E foram recebidos ali com alegria e encontraram hospitalidade e atenção. E na manhã seguinte foram buscar médicos; e não demorou até que eles chegassem, e cuidaram de Geraint até que ele ficou completamente bem.

E, enquanto Geraint recebia cuidados médicos, o Pequeno Rei mandou consertar sua armadura, até que ela ficou tão boa quanto antes. E permaneceram ali por uma quinzena e um mês.

Então o Pequeno Rei disse a Geraint: "Agora iremos para minha própria corte, para descansar e nos divertir." "Ainda não", disse Geraint, "primeiro

viajaremos por mais um dia e depois voltaremos."

"De todo o coração", disse o Pequeno Rei, "vá, então." E partiram logo cedo. E naquele dia Enid viajou com eles com mais prazer e alegria do que jamais sentira. E chegaram à estrada principal. E, quando alcançaram um lugar onde a estrada se dividia em duas, viram um homem a pé vindo em sua direção por um desses caminhos, e Gwiffert perguntou ao homem de onde vinha.

"Venho", disse ele, "de cumprir uma tarefa no campo." "Diga-me", disse Geraint, "qual destas duas estradas é a melhor para eu seguir?" "Aquela é a melhor para você seguir", respondeu ele, "pois, se for por esta, jamais voltará. Lá embaixo", disse ele, "há uma sebe de névoa, e dentro dela há jogos encantados, e ninguém que foi até lá jamais voltou. E a corte do conde Owain fica ali, e ele não permite que ninguém se hospede na cidade sem que vá à sua corte."

"Declaro aos Céus", disse Geraint, "que tomaremos a estrada de baixo." E seguiram por ela até chegar à cidade. E escolheram o lugar mais belo e agradável da cidade para se hospedar. E, enquanto estavam ali, eis que um jovem veio até eles e os saudou.

"Que os Céus lhe sejam favoráveis", disseram eles. "Bons senhores", disse ele, "que preparativos estão fazendo aqui?" "Estamos nos acomodando", disseram eles, "para passar a noite."

"Não é costume do senhor desta cidade", respondeu ele, "permitir que alguém de nascimento nobre permaneça aqui, a menos que venha se hospedar em sua corte; por conseguinte, venham à corte."

"Iremos de bom grado", disse Geraint. E foram com o pajem e foram recebidos com alegria. E o conde veio ao salão para encontrá-los e ordenou que pusessem as mesas. E eles se lavaram e se sentaram.

E esta foi a ordem em que se sentaram: Geraint de um lado do conde e Enid do outro, e ao lado de Enid o Pequeno Rei, e então a condessa ao lado de Geraint; e todos os demais conforme sua posição. Então Geraint se lembrou dos jogos e pensou que não deveria ir até eles; e por esse motivo não comeu.

Então o conde olhou para Geraint e refletiu, e lhe ocorreu que ele não comia por causa dos jogos, e se entristeceu por algum dia ter estabelecido aqueles jogos, ainda que fosse apenas por perder um jovem como Geraint. E, se Geraint lhe tivesse pedido que abolisse os jogos, ele o teria feito de bom grado.

Então o conde disse a Geraint: "Que pensamento ocupa sua mente, que você não come? Se está hesitando em ir aos jogos, não precisará ir, e nenhum outro de sua posição jamais irá."

"Que os Céus o recompensem", disse Geraint, "mas nada desejo mais do que ir aos jogos e que me mostrem o caminho até lá." "Se é isso que prefere, será atendido de bom grado."

"É mesmo o que prefiro", disse ele. Então comeram, e foram servidos com fartura, e receberam presentes variados e bebida em abundância. E, quando terminaram de comer, levantaram-se. E Geraint pediu seu cavalo e sua armadura, e equipou tanto a si mesmo quanto ao cavalo.

E toda a comitiva saiu, até chegar junto à sebe, e a sebe era tão alta que alcançava o ponto mais elevado que podiam enxergar no ar, e em cada estaca da sebe, exceto duas, havia a cabeça de um homem, e o número de estacas ao longo da sebe era muito grande. Então disse o Pequeno Rei: "Ninguém pode entrar com o chefe?"

"Ninguém pode", disse o conde Owain. "Por onde posso entrar?", perguntou Geraint. "Não sei", disse Owain, "mas entre pelo caminho que quiser e que lhe parecer mais fácil."

Então, sem medo nem hesitação, Geraint avançou impetuosamente para dentro da névoa. E, ao sair da névoa, chegou a um grande pomar; e no pomar viu um espaço aberto, onde havia uma tenda de cetim vermelho; e a porta da tenda estava aberta, e uma macieira se erguia diante da porta da tenda; e de um ramo da macieira pendia uma enorme trompa de caça.

Então ele desmontou e entrou na tenda; e não havia ninguém na tenda além de uma donzela sentada numa cadeira de ouro, e outra cadeira estava diante dela, vazia. E Geraint foi até a cadeira vazia e sentou-se nela.

"Ah, chefe", disse a donzela, "eu não aconselharia você a se sentar nessa cadeira." "Por quê?", perguntou Geraint. "O homem a quem essa cadeira pertence nunca permitiu que outro se sentasse nela."

"Não me importo", disse Geraint, "mesmo que lhe desagrade que eu me sente na cadeira." E então ouviram um grande tumulto ao redor da tenda. E Geraint olhou para ver qual era a causa do tumulto.

E viu lá fora um cavaleiro montado num cavalo de guerra que bufava altivamente, fogoso e de ossatura robusta; e um manto de honra em duas par-

tes cobria o cavaleiro e seu cavalo, e por baixo havia muita armadura.

"Diga-me, chefe", disse ele a Geraint, "quem mandou você se sentar aí?" "Eu mesmo", respondeu ele. "Você fez mal em me causar essa vergonha e desonra. Levante-se e me dê satisfação por sua insolência."

Então Geraint se levantou; e eles se enfrentaram imediatamente; e quebraram um par de lanças, e um segundo par, e um terceiro; e desferiram um contra o outro golpes ferozes e frequentes; e por fim Geraint se enfureceu, esporeou seu cavalo, lançou-se contra ele e o atingiu com uma estocada no centro do escudo, de modo que este se partiu, e a ponta de sua lança atravessou a armadura do cavaleiro, e as cilhas dele se romperam, e ele próprio foi lançado de cabeça ao chão por cima da garupa de seu cavalo, à distância do comprimento da lança e do braço de Geraint.

"Oh, meu senhor!", disse ele, "tenha piedade, e terá o que quiser." "Desejo apenas", disse Geraint, "que este jogo não exista mais aqui, nem a cerca de névoa, nem magia, nem encantamento."

"De bom grado lhe concederei isso, senhor", respondeu ele. "Faça, então, a névoa desaparecer deste lugar", disse Geraint. "Toque aquela trompa", disse ele, "e, quando a tocar, a névoa desaparecerá; mas ela não sairá daqui a menos que a trompa seja tocada pelo cavaleiro que me venceu." E Enid estava triste e aflita no lugar onde havia ficado, por sua preocupação com Geraint.

Então Geraint foi e tocou a trompa. E, ao primeiro toque que deu, a névoa desapareceu. E todas as comitivas se reuniram, e todos se reconciliaram uns

com os outros. E o conde convidou Geraint e o Pequeno Rei a passarem aquela noite com ele. E na manhã seguinte eles se separaram.

E Geraint seguiu para seus próprios domínios; e daí em diante reinou com prosperidade, e sua fama guerreira e seu esplendor perduraram, trazendo renome e honra tanto a ele quanto a Enid daquele tempo em diante.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

KILHWCH E OLWEN, OU O TWRCH TRWYTH

✦

Kilydd, filho do príncipe Kelyddon, desejava uma esposa que lhe fosse companheira, e a esposa que escolheu foi Goleuddydd, filha do príncipe Anlawdd. E, depois de sua união, o povo fez orações para que tivessem um herdeiro. E tiveram um filho graças às orações do povo.

Desde o início da gravidez, Goleuddydd perdeu o juízo e passou a vagar sem morada; mas, quando o parto se aproximou, a razão lhe voltou. Então foi a uma montanha onde havia um porqueiro cuidando de uma vara de porcos. E, por medo dos porcos, a rainha deu à luz.

E o porqueiro pegou o menino e o levou ao palácio; e ele foi batizado, e o chamaram Kilhwch, porque havia sido encontrado numa toca de porcos. Apesar disso, o menino era de linhagem nobre e primo de Artur; e o entregaram aos cuidados de uma ama.

Depois disso, a mãe do menino, Goleuddydd, filha do príncipe Anlawdd, adoeceu. Então chamou o marido para junto de si e lhe disse: “Morrerei desta doença, e você tomará outra esposa. Ora, as esposas são um presente do Senhor, mas seria errado você fazer mal a seu filho. Por isso, peço que não tome uma esposa até ver uma roseira-brava com duas flores sobre minha sepultura.”

E ele lhe prometeu isso. Então ela lhe pediu que cuidasse de sua sepultura todos os anos, para que nada crescesse sobre ela. Assim morreu a rainha. E o

rei enviava um criado todas as manhãs para ver se alguma coisa crescia sobre a sepultura. E, ao fim do sétimo ano, o senhor descuidou daquilo que havia prometido à rainha.

Um dia, o rei saiu para caçar e cavalgou até o lugar do sepultamento para ver a sepultura e saber se já era hora de tomar uma esposa; e o rei viu a roseira-brava. E, ao vê-la, o rei pediu conselho sobre onde encontrar uma esposa. Um de seus conselheiros disse: "Conheço uma esposa que lhe convém muito bem, e ela é a esposa do rei Doged." E resolveram ir buscá-la; e mataram o rei e levaram sua esposa e uma filha que ela tinha consigo. E conquistaram as terras do rei.

Certo dia, enquanto a senhora passeava, chegou à casa de uma velha que morava na cidade e não tinha um só dente na boca. E a rainha lhe disse: "Velha, pelo amor do Céu, diga-me o que vou lhe perguntar. Onde estão os filhos do homem que me levou à força?" A velha disse: "Ele não tem filhos." A rainha disse: "Ai de mim, que fui parar com um homem sem filhos!"

Então a velha disse: "Não precisa se lamentar por isso, pois há uma profecia de que ele terá um herdeiro com você, e com nenhuma outra. Ademais, não fique triste, pois ele tem um filho."

A senhora voltou para casa alegre e perguntou ao marido: "Por que você escondeu de mim seus filhos?" O rei disse: "Não farei mais isso." E enviou mensageiros para buscar seu filho, e ele foi trazido à corte. Sua madrasta lhe disse: "Seria bom você ter uma esposa, e eu tenho uma filha que é desejada por todos os homens de renome do mundo."

"Ainda não tenho idade para me casar", respondeu o jovem. Então ela lhe disse: "Eu lhe declaro que seu destino é não encontrar uma esposa até conseguir Olwen, filha de Yspaddaden Penkawr." E o jovem corou, e o amor pela donzela se espalhou por todo o seu corpo, embora nunca a tivesse visto. E seu pai lhe perguntou: "O que aconteceu com você, meu filho, e o que o aflige?"

"Minha madrasta me declarou que nunca terei uma esposa até conseguir Olwen, filha de Yspaddaden Penkawr." "Isso será fácil para você", respondeu seu pai. "Artur é seu primo. Vá, portanto, até Artur, para que ele lhe corte o cabelo, e peça isso a ele como um favor."

E o jovem partiu, esporeando um cavalo de quatro invernos, com a cabeça cinzenta malhada, membros firmes e cascos em forma de concha, que trazia na cabeça um freio de elos de ouro e, sobre o lombo, uma sela de ouro de grande valor.

E na mão do jovem havia duas lanças de prata, afiadas, bem temperadas, com pontas de aço, de três côvados de comprimento, com um gume capaz de ferir o vento e fazer correr sangue, e mais velozes que a queda de uma gota de orvalho de uma folha de junco até a terra, quando o orvalho de junho é mais abundante.

Junto à coxa levava uma espada de punho de ouro, cuja lâmina era de ouro e trazia uma cruz de ouro incrustado da cor do relâmpago do céu; sua trompa de guerra era de marfim. À sua frente iam dois galgos tigrados de peito branco, com fortes coleiras de rubis em volta do pescoço, que iam do ombro à orelha.

E o que estava do lado esquerdo saltava para o lado direito, e o da direita para a esquerda, e brincavam ao redor dele como duas andorinhas-do-mar. E seu corcel lançava para o alto quatro torrões com seus quatro cascos, como quatro andorinhas no ar ao redor de sua cabeça, ora acima, ora abaixo.

Ele vestia um manto de púrpura de quatro pontas, com uma maçã de ouro em cada ponta, e cada maçã valia cem vacas. E havia ouro precioso no valor de trezentas vacas sobre seus sapatos e seus estribos, do joelho à ponta do pé. E nem uma folha de relva se dobrava sob ele, tão leve era o passo de seu corcel enquanto seguia para o portão do palácio de Artur.

O jovem falou: "Há um porteiro?" "Há; e, se você não ficar quieto, será pouco bem recebido. Sou o porteiro de Artur em todo primeiro dia de janeiro. E, durante todo o restante do ano, o posto é ocupado por Huandaw, Gogigwc, Llaeskenym e Pennpingyon, que anda sobre a cabeça para poupar os pés, nem em direção ao céu nem em direção à terra, mas como uma pedra que rola pelo chão da corte."

"Abra o portão." "Não vou abri-lo." "Por que não?" "A faca está na carne, e a bebida está no chifre, e há festa no salão de Artur, e ninguém pode entrar ali, a não ser o filho de um rei de uma terra privilegiada ou um artesão que traga sua arte. Mas haverá alimento para seus cães e seus cavalos; e para você haverá fatias de carne cozidas e apimentadas, vinho delicioso e canções alegres, e lhe trarão comida para cinquenta homens na câmara dos hóspedes, onde comem o estrangeiro e os filhos de outras terras que não entram no recinto do palácio de Artur. Você será tão bem tratado ali quanto seria com Artur na corte.

Uma dama arrumará seu leito e o embalará com canções; e amanhã de manhã bem cedo, quando o portão se abrir para a multidão que chega aqui hoje, ele será aberto primeiro para você, e você poderá se sentar no lugar que escolher no salão de Artur, da extremidade superior à inferior." O jovem disse: "Não farei isso. Se você abrir o portão, muito bem. Se não o abrir, trarei desonra a seu senhor e má fama a você. E darei três gritos bem diante deste portão, mais mortais do que quaisquer outros já ouvidos, do alto de Pengwaed, na Cornualha, ao fundo de Dinsol, no Norte, e até Esgair Oervel, na Irlanda.

E todas as mulheres grávidas deste palácio perderão seus filhos; e as que não estiverem grávidas terão o coração transtornado pela doença, de modo que nunca mais terão filhos deste dia em diante."

"Por mais barulho que você faça", disse Glewlwyd Gavaelvawr, "não entrará aqui contra as leis do palácio de Artur antes que eu vá falar com Artur."

⁂

Então Glewlwyd entrou no salão. E Artur lhe disse: "Você traz notícias do portão?" — "Metade da minha vida já passou, e metade da sua. Estive antes em Kaer Se e Asse, em Sach e Salach, em Lotor e Fotor; e estive antes na Índia Maior e na Índia Menor; e estive na batalha de Dau Ynyr, quando os doze reféns foram trazidos de Llychlyn. E também estive na Europa, na África, nas ilhas da Córsega, em Caer Brythwch, Brythach e Verthach; e estive presente quando você matou a família de Clis, filho de Merin, e quando matou Mil Du, filho de Ducum, e quando conquistou a Grécia no Oriente.

E estive em Caer Oeth e Annoeth, e em Caer Nevenhyr; vimos ali nove soberanos supremos, homens belos, mas nunca vi um homem de dignidade igual à daquele que agora está à porta do portal." Então Artur disse: "Se você entrou aqui andando, volte correndo. E todos os que veem a luz, e todos os que abrem e fecham os olhos, que lhe demonstrem respeito e o sirvam, uns com chifres de beber adornados de ouro, outros com fatias de carne cozidas e apimentadas, até que se possa preparar comida e bebida para ele. Não é digno deixar ao vento e à chuva um homem como você diz que ele é."

Kai disse: "Pela mão do meu amigo, se você seguisse meu conselho, não violaria as leis da corte por causa dele." "Não, abençoado Kai. É uma honra para nós que nos procurem, e quanto maior for nossa cortesia, maiores serão nosso renome, nossa fama e nossa glória."

E Glewlwyd veio até o portão e o abriu diante dele; e, embora todos desmontassem junto ao bloco de pedra no portão, ele não desmontou, mas entrou montado em seu cavalo de guerra.

Então Kilhwch disse: "Saudações a você, governante soberano desta ilha; e que esta saudação não seja menor para o mais humilde do que para o mais elevado, e que seja igual para seus hóspedes, seus guerreiros e seus chefes — que todos a recebam tão plenamente quanto você. E que sejam plenos seu favor, sua fama e sua glória por toda esta ilha."

"Saudações também a você", disse Artur; "sente-se entre dois de meus guerreiros, e terá menestréis diante de você, e desfrutará dos privilégios de um rei nascido para o trono enquanto permanecer aqui. E, quando eu dis-

tribuir meus presentes aos visitantes e estrangeiros desta corte, eles estarão em suas mãos assim que eu começar."

O jovem disse: "Não vim aqui para consumir comida e bebida; mas, se eu obtiver o favor que procuro, eu lhe retribuirei e o exaltarei; e, se não o obtiver, levarei palavras de censura contra você aos quatro cantos do mundo, até onde seu renome chegou."

Então Artur disse: "Já que você não quer permanecer aqui, chefe, receberá o favor, seja qual for o que sua língua possa nomear, até onde o vento seca, a chuva umedece, o sol gira, o mar cerca e a terra se estende; exceto apenas meu navio; meu manto; Caledvwlch, minha espada; Rhongomyant, minha lança; Wynebgwrthucher, meu escudo; Carnwenhau, minha adaga; e Gwenhwyvar, minha esposa. Pela verdade do Céu, você o terá de boa vontade; diga o que quiser." "Desejo que você abençoe meu cabelo." "Isso lhe será concedido."

E Artur pegou um pente de ouro e uma tesoura cujas argolas eram de prata, e penteou os cabelos do jovem. E Artur perguntou quem ele era. "Pois meu coração se aquece por você, e sei que você é do meu sangue. Diga-me, por conseguinte, quem é."

"Eu lhe direi", respondeu o jovem. "Sou Kilhwch, filho de Kilydd, filho do príncipe Kelyddon, e de Goleuddydd, minha mãe, filha do príncipe Anlawdd." "É verdade", disse Artur; "você é meu primo. Qualquer favor que pedir, você receberá, seja o que for que sua língua nomear."

"Dê sua palavra pela verdade do Céu e pela fé de seu reino." "Dou minha palavra, de bom grado." "Peço então que consiga para mim Olwen, filha de

Yspaddaden Penkawr; e esse favor também peço aos seus guerreiros.

Peço a Kai, e a Bedwyr, e a Greidawl Galldonyd, e a Gwythyr, filho de Greidawl, e a Greid, filho de Eri, e a Kynddelig Kyvarwydd, e a Tathal Twyll Goleu, e a Maelwys, filho de Baeddan, e a Crychwr, filho de Nes, e a Cubert, filho de Daere, e a Percos, filho de Poch, e a Lluber Beuthach, e a Corvil Bervach, e a Gwynn, filho de Nudd, e a Edeyrn, filho de Nudd, e a Gadwy, filho de Geraint, e ao príncipe Fflewddur Fflam, e a Ruawn Pebyr, filho de Dorath, e a Bradwen, filho de Moren Mynawc, e ao próprio Moren Mynawc, e a Dalldav, filho de Kimin Côv, e ao filho de Alun Dyved, e ao filho de Saidi, e ao filho de Gwryon, e a Uchtryd Ardywad Kad, e a Kynwas Curvagyl, e a Gwrhyr Gwarthegvras, e a Isperyr Ewingath, e a Gallcoyt Govynynat, e a Duach, e a Grathach, e a Nerthach, filhos de Gwawrddur Kyrvach (esses homens vieram dos confins do inferno), e a Kilydd Canhastyr, e a Canastyr Kanllaw, e a Cors Cant-Ewin, e a Esgeir Gulhwch Govynkawn, e a Drustwrn Hayarn, e a Glewlwyd Gavaelvawr, e a Lloch Llawwynnyawc, e a Aunwas Adeiniawc, e a Sinnoch, filho de Seithved, e a Gwennwynwyn, filho de Naw, e a Bedyw, filho de Seithved, e a Gobrwy, filho de Echel Vorddwyttwll, e ao próprio Echel Vorddwyttwll, e a Mael, filho de Roycol, e a Dadweir Dallpenn, e a Garwyli, filho de Gwythawc Gwyr, e ao próprio Gwythawc Gwyr, e a Gormant, filho de Ricca, e a Menw, filho de Teirgwaedd, e a Digon, filho de Alar, e a Selyf, filho de Smoit, e a Gusg, filho de Atheu, e a Nerth, filho de Kedarn, e a Drudwas, filho de Tryffin, e a Twrch, filho de Perif, e a Twrch, filho de Annwas, e a Iona, rei da França, e a Sel, filho de Selgi, e a Teregud, filho de Iaen, e a Sulyen, filho de Iaen, e a Bradwen, filho de Iaen, e a Moren, filho de Iaen, e a Siawn, filho de Iaen, e a Cradawc, filho de Iaen.

(Eram homens de Caerdathal, parentes de Artur pelo lado paterno.) A Dirmyg, filho de Kaw, e a Justic, filho de Kaw, e a Etmic, filho de Kaw, e a Anghawd, filho de Kaw, e a Ovan, filho de Kaw, e a Kelin, filho de Kaw, e a Connyn, filho de Kaw, e a Mabsant, filho de Kaw, e a Gwyngad, filho de Kaw, e a Llwybyr, filho de Kaw, e a Coth, filho de Kaw, e a Meilic, filho de Kaw, e a Kynwas, filho de Kaw, e a Ardwyad, filho de Kaw, e a Ergyryad, filho de Kaw, e a Neb, filho de Kaw, e a Gilda, filho de Kaw, e a Calcas, filho de Kaw, e a Hueil, filho de Kaw (ele jamais havia feito um pedido a qualquer senhor).

E a Samson Vinsych, e a Taliesin, chefe dos bardos, e a Manawyddan, filho de Llyr, e a Llary, filho do príncipe Kasnar, e a Ysperni, filho de Fflergant, rei da Armórica, e a Saranhon, filho de Glythwyr, e a Llawr Eilerw, e a Annyanniawc, filho de Menw, filho de Teirgwaedd, e a Gwynn, filho de Nwyvre, e a Fflam, filho de Nwyvre, e a Geraint, filho de Erbin, e a Ermid, filho de Erbin, e a Dyvel, filho de Erbin, e a Gwynn, filho de Ermid, e a Kyndrwyn, filho de Ermid, e a Hyveidd Unllenn, e a Eiddon Vawr Vrydic, e a Reidwn Arwy, e a Gormant, filho de Ricca (irmão de Artur por parte de mãe; seu pai era o Penhynev da Cornualha), e a Llawnrodded Varvawc, e a Nodawl Varyf Twrch, e a Berth, filho de Kado, e a Rheidwn, filho de Beli, e a Iscovan Hael, e a Iscawin, filho de Panon, e a Morvran, filho de Tegid (ninguém o golpeou na batalha de Camlan por causa de sua feiura; todos pensavam que era um demônio auxiliar.

Tinha pelos como os de um cervo). E a Sandde Bryd Angel (ninguém o tocou com uma lança na batalha de Camlan por causa de sua beleza; todos pensavam que era um anjo a serviço de Deus). E a Kynwyl Sant (o terceiro homem que escapou da batalha de Camlan, e foi o último a se separar de

Artur, montado em seu cavalo Hengroen). E a Uchtryd, filho de Erim, e a Eus, filho de Erim, e a Henwas Adeinawg, filho de Erim, e a Henbedestyr, filho de Erim, e a Sgilti Yscawndroed, filho de Erim.

(Esses três homens tinham estas três qualidades: ninguém conseguia acompanhar Henbedestyr, fosse a cavalo ou a pé; com Henwas Adeinawg, nenhum animal de quatro patas conseguia correr a distância de um acre, muito menos ir além dela; e, quanto a Sgilti Yscawndroed, quando pretendia levar uma mensagem para seu senhor, nunca procurava um caminho, mas, sabendo aonde devia ir, se seu percurso atravessasse uma floresta, seguia pelo alto das árvores. Durante toda a sua vida, nenhuma folha de capim se curvou sob seus pés, muito menos se quebrou, tão leve era seu passo.)

A Teithi Hên, filho de Gwynhan (seus domínios foram engolidos pelo mar, e ele próprio escapou por pouco e veio até Artur; e sua faca tinha esta peculiaridade: desde que ele chegou ali, nenhum cabo jamais permanecia nela, e por isso ele adoeceu e foi definhando pelo resto da vida, e disso morreu). E a Carneddyr, filho de Govynyon Hên, e a Gwenwynwyn, filho de Nav Gyssevin, campeão de Artur, e a Llysgadrudd Emys, e a Gwrbothu Hên (eram tios de Artur, irmãos de sua mãe).

A Kulvanawyd, filho de Goryon, e a Llenlleawg Wyddel, do promontório de Ganion, e a Dyvynwal Moel, e a Dunard, rei do Norte, a Teirnon Twryf Bliant, e a Tegvan Gloff, e a Tegyr Talgellawg, a Gwrdinal, filho de Ebrei, e a Morgant Hael, a Gwystyl, filho de Rhun, filho de Nwython, e a Llwyddeu, filho de Nwython, e a Gwydre, filho de Llwyddeu (Gwenabwy, filha de [Kaw], era sua mãe; Hueil, seu tio, o esfaqueou, e havia ódio entre

Hueil e Artur por causa do ferimento). A Drem, filho de Dremidyd (quando o mosquito se levantava pela manhã com o sol, ele conseguia vê-lo de Gelli Wic, na Cornualha, até a distante Pen Blathaon, no norte da Britânia).

E a Eidyol, filho de Ner, e a Glwyddyn Saer (que construiu Ehangwen, o salão de Artur). A Kynyr Keinvarvawc (quando lhe disseram que lhe havia nascido um filho, disse à esposa: 'Donzela, se seu filho for meu, seu coração estará sempre frio, e não haverá calor em suas mãos; e ele terá outra peculiaridade: se for meu filho, será sempre teimoso; e terá outra peculiaridade: quando carregar um fardo, seja grande ou pequeno, ninguém conseguirá vê-lo, nem à sua frente nem às suas costas; e terá outra peculiaridade: ninguém conseguirá resistir ao fogo e à água tão bem quanto ele; e terá outra peculiaridade: nunca haverá um criado ou um oficial igual a ele').

A Henwas, e a Henwyneb (um velho companheiro de Artur). A Gwallgoyc (outro; quando chegava a uma cidade, ainda que nela houvesse trezentas casas, se quisesse alguma coisa, não deixava que o sono chegasse aos olhos de ninguém enquanto permanecesse ali). A Berwyn, filho de Gerenhir, e a Paris, rei da França, e a Osla Gyllellvawr (que trazia uma adaga curta e larga.

Quando Artur e suas tropas chegavam diante de uma torrente, procuravam um lugar estreito por onde pudessem atravessar a água, e punham a adaga embainhada de um lado ao outro da torrente, e ela formava uma ponte suficiente para os exércitos das três ilhas da Britânia e das três ilhas vizinhas, com seus despojos). A Gwyddawg, filho de Menestyr (que matou Kai, e a quem Artur matou, junto com seus irmãos, para vingar Kai). A

Garanwyn, filho de Kai, e a Amren, filho de Bedwyr, e a Ely Amyr, e a Rheu Rhwyd Dyrys, e a Rhun Rhudwern, e a Eli, e a Trachmyr (os principais caçadores de Artur).

E a Llwyddeu, filho de Kelcoed, e a Hunabwy, filho de Gwryon, e a Gwynn Godyvron, e a Gweir Datharwenniddawg, e a Gweir, filho de Cadell, filho de Talaryant, e a Gweir Gwrhyd Ennwir, e a Gweir Paladyr Hir (os tios de Artur, irmãos de sua mãe). Aos filhos de Llwch Llawwynnyawg (de além do mar furioso). A Llenlleawg Wyddel, e a Ardderchawg Prydain. A Cas, filho de Saidi, a Gwrvan Gwallt Avwyn, e a Gwyllennhin, rei da França, e a Gwittart, filho de Oedd, rei da Irlanda. A Garselit Wyddel, a Panawr Pen Bagad, e a Ffleudor, filho de Nav, a Gwynnhyvar, prefeito da Cornualha e de Devon (o nono homem que reagrupou as tropas na batalha de Camlan).

A Keli e a Kueli, e a Gilla Coes Hydd (ele atravessava trezentos acres com um só salto: era o maior saltador da Irlanda). A Sol, e a Gwadyn Ossol, e a Gwadyn Odyeith. (Sol conseguia ficar o dia inteiro sobre um só pé. Gwadyn Ossol, se ficasse no alto da montanha mais elevada do mundo, ela se tornaria uma planície nivelada sob seus pés. Quanto a Gwadyn Odyeith, as solas de seus pés soltavam faíscas quando batiam em coisas duras, como a massa de metal aquecida ao ser retirada da forja. Ele abria caminho para Artur quando este encontrava algum obstáculo.) A Hirerwm e a Hiratrwm.

(No dia em que faziam uma visita, três cantrevs providenciavam seu sustento, e eles comiam até o meio-dia e bebiam até a noite, quando iam dormir. E então, de tanta fome, devoravam as cabeças dos bichos, como se nunca tivessem comido coisa alguma. Quando faziam uma visita, não dei-

xavam nem a gordura nem a carne magra, nem o quente nem o frio, nem o azedo nem o doce, nem o fresco nem o salgado, nem o cozido nem o cru.) A Huarwar, filho de Aflawn (que pediu a Artur um favor que o satisfizesse. Foi a terceira grande praga da Cornualha quando ele o recebeu. Ninguém conseguia arrancar dele um sorriso, a não ser quando estava satisfeito).

A Gware Gwallt Euryn. Aos dois filhotes de Gast Rhymi, Gwyddrud e Gwyddneu Astrus. A Sugyn, filho de Sugnedydd (que sugava o mar sobre o qual havia trezentos navios, até deixar apenas uma praia seca. Tinha o peito largo). A Rhacymwri, o criado de Artur (qualquer que fosse o celeiro que lhe mostrassem, mesmo que contivesse a produção de trinta arados, ele o golpeava com um mangual de ferro até que os caibros, as vigas e as tábuas não fossem maiores que os pequenos grãos de aveia no monte sobre o chão do celeiro). A Dygyflwng e a Anoeth Veidawg. E a Hir Eiddyl, e a Hir Amreu (eram dois criados de Artur).

E a Gwevyl, filho de Gwestad (no dia em que estava triste, deixava um dos lábios cair abaixo da cintura, enquanto virava o outro para cima, como um gorro sobre a cabeça). A Uchtryd Varyf Draws (que espalhava sua barba ruiva e sem aparar sobre os quarenta e oito caibros que havia no salão de Artur). A Elidyr Gyvarwydd. A Yskyrdav e a Yscudydd (eram dois criados de Gwenhwyvar. Seus pés eram tão rápidos quanto seus pensamentos quando levavam uma mensagem). A Brys, filho de Bryssethach (da Colina do Samambaial Negro, no norte da Britânia). E a Grudlwyn Gorr. A Bwlch, e a Kyfwlch, e a Sefwlch, filhos de Cleddyf Kyfwlch, netos de Cleddyf Difwlch.

(Seus três escudos eram três fulgores cintilantes; suas três lanças eram três pontas perfurantes; suas três espadas eram três lâminas que dilaceravam e esmagavam; Glas, Glessic e Gleisad. Seus três cães, Call, Cuall e Cavall. Seus três cavalos, Hwyrdyddwd, e Drwgdyddwd, e Llwyrdyddwg. Suas três esposas, Och, e Garym, e Diaspad. Seus três netos, Lluched, e Neved, e Eissiwed. Suas três filhas, Drwg, e Gwaeth, e Gwaethav Oll. Suas três criadas, Eheubryd, filha de Kyfwlch, Gorascwrn, filha de Nerth, Ewaedan, filha de Kynvelyn Keudawd Pwyll, o meio-homem.)

A Dwnn Diessic Unbenn, a Eiladyr, filho de Pen Llarcau, a Kynedyr Wyllt, filho de Hettwn Talaryant, a Sawyl Ben Uchel, a Gwalchmai, filho de Gwyar, a Gwalhaved, filho de Gwyar, a Gwrhyr Gwastawd Ieithoedd (que conhecia todas as línguas), e a Kethcrwm, o sacerdote. A Clust, filho de Clustveinad (ainda que estivesse enterrado sete côvados abaixo da terra, ouviria a formiga a cinquenta milhas de distância sair de seu ninho pela manhã). A Medyr, filho de Methredydd (de Gelli Wic, ele conseguia, num piscar de olhos, acertar com um disparo as duas pernas de uma carriça em Esgeir Oervel, na Irlanda).

A Gwiawn Llygad Cath (que conseguia cortar um fruto de espinheiro do olho do mosquito sem machucá-lo). A Ol, filho de Olwydd (sete anos antes de ele nascer, os porcos de seu pai foram roubados, e quando se tornou homem ele seguiu o rastro dos porcos e os trouxe de volta em sete manadas). A Bedwini, o bispo (que abençoava a comida e a bebida de Artur). Em nome das filhas desta ilha que usam correntes de ouro. Em nome de Gwenhwyvar, sua principal dama, e de Gwennhwyach, sua irmã, e de Rathtyeu, a única filha de Clemenhill, e de Rhelemon, filha de Kai, e de

Tannwen, filha de Gweir Datharwenîddawg. De Gwenn Alarch, filha de Kynwyl Canbwch.

De Eurneid, filha de Clydno Eiddin. De Eneuawc, filha de Bedwyr. De Enrydreg, filha de Tudvathar. De Gwennwledyr, filha de Gwaledyr Kyrvach. De Erddudnid, filha de Tryffin. De Eurolwen, filha de Gwdolwyn Gorr. De Teleri, filha de Peul. De Indeg, filha de Garwy Hir. De Morvudd, filha de Urien Rheged. De Gwenllian Deg, a donzela majestosa. De Creiddylad, filha de Lludd Llaw Ereint. (Ela era a donzela mais esplêndida das três ilhas dos poderosos e das três ilhas vizinhas, e por ela Gwythyr, filho de Greidawl, e Gwynn, filho de Nudd, lutam a cada primeiro de maio até o dia do juízo final.)

De Ellylw, filha de Neol Kynn-Crog (ela viveu três eras). De Essyllt Vinwen e de Essyllt Vingul." E a todos esses Kilhwch, filho de Kilydd, suplicou solenemente que lhe obtivessem o favor pedido.

⁂

Então Arthur disse: "Oh, chefe! Nunca ouvi falar da donzela de quem você fala, nem de seus parentes, mas enviarei de bom grado mensageiros à sua procura. Dê-me tempo para procurá-la." E o jovem disse: "Concederei de boa vontade o prazo desta noite até a mesma noite ao fim de um ano para fazer isso."

Então Arthur enviou mensageiros a todas as terras de seus domínios para procurar a donzela; e, ao fim do ano, os mensageiros de Arthur voltaram sem ter obtido qualquer conhecimento ou notícia sobre Olwen além do que sabiam no primeiro dia. Então Kilhwch disse: "Todos receberam o fa-

vor que pediram, e eu ainda não recebi o meu. Partirei e levarei comigo a sua honra."

Então Kai disse: "Chefe imprudente! Você censura Arthur? Venha conosco, e não nos separaremos até que você confesse que a donzela não existe no mundo, ou até que a consigamos." Então Kai se levantou. Kai tinha esta peculiaridade: conseguia prender a respiração por nove noites e nove dias debaixo d'água, e podia passar nove noites e nove dias sem dormir.

Nenhum médico conseguia curar uma ferida feita pela espada de Kai. Kai era muito astuto. Quando queria, podia ficar tão alto quanto a árvore mais alta da floresta.

E tinha outra peculiaridade: tão grande era o calor de sua natureza que, mesmo quando chovia com mais força, tudo o que carregava permanecia seco um palmo acima e um palmo abaixo de sua mão; e, quando seus companheiros sentiam mais frio, ele lhes servia de combustível com que acender o fogo.

⁂

E Arthur chamou Bedwyr, que nunca recuava diante de qualquer empreendimento ao qual Kai se dedicasse. Em toda esta ilha, ninguém o igualava em rapidez, exceto Arthur e Drych Ail Kibddar. E, embora tivesse apenas uma mão, três guerreiros não conseguiam derramar sangue mais depressa do que ele no campo de batalha. Tinha ainda outra qualidade: sua lança produzia uma ferida igual às de nove lanças adversárias.

⁂

E Arthur chamou Kynddelig, o Guia: "Vá nesta expedição com o chefe." Pois ele era tão bom guia numa terra que nunca tinha visto quanto em sua própria terra.

Chamou Gwrhyr Gwalstawt Ieithoedd, porque ele conhecia todas as línguas.

Chamou Gwalchmai, filho de Gwyar, porque ele nunca voltava para casa sem concluir a aventura que saíra para buscar. Era o melhor dos combatentes a pé e o melhor dos cavaleiros. Era sobrinho de Arthur, filho de sua irmã, e seu primo.

E Arthur chamou Menw, filho de Teirgwaedd, para que, se entrassem numa terra selvagem, ele pudesse lançar sobre eles um encantamento e uma ilusão, de modo que ninguém os visse, enquanto eles podiam ver a todos.

Viajaram até chegar a uma vasta planície aberta, onde viram um grande castelo, o mais belo dos castelos do mundo. E viajaram naquele dia até o anoitecer, e, quando pensaram estar perto do castelo, não estavam mais próximos dele do que pela manhã. E viajaram no segundo e no terceiro dia, e mesmo então mal conseguiram chegar até lá.

E, quando chegaram diante do castelo, viram um vasto rebanho de ovelhas, sem limites e sem fim. E no alto de um monte havia um pastor guardando as ovelhas. E ele se cobria com uma manta feita de peles; e ao seu lado havia um mastim de pelo desgrenhado, maior que um corcel de nove invernos. Nunca perdera sequer um cordeiro de seu rebanho, muito menos uma ovelha grande.

Não deixava passar ocasião alguma sem causar algum dano ou mal. Todas as árvores e arbustos mortos da planície ele queimava com seu sopro até rente ao chão.

Então Kai disse: "Gwrhyr Gwalstawt Ieithoedd, vá saudar aquele homem." "Kai", disse ele, "não me comprometi a ir mais longe do que você mesmo." "Vamos então juntos", respondeu Kai. Menw, filho de Teirgwaedd, disse: "Não tenham medo de ir até lá, pois lançarei um feitiço sobre o cão, para que não faça mal a ninguém."

E subiram ao monte onde estava o pastor e lhe disseram: "Como vai, pastor?" "Que vocês não vão menos bem do que eu." "De fato, você é o chefe?" "Nenhum mal pode me ferir, a não ser o meu próprio."[5] "De quem são as ovelhas que você guarda, e a quem pertence aquele castelo?"

"Vocês são mesmo tolos! O mundo inteiro sabe que este é o castelo de Yspaddaden Penkawr." "E quem é você?" "Sou chamado Custennin, filho de Dyfnedig, e meu irmão Yspaddaden Penkawr me oprimiu por causa de meus bens. E vocês, quem são?"

"Somos uma embaixada de Arthur, vinda buscar Olwen, filha de Yspaddaden Penkawr." "Oh, homens! Que a misericórdia do Céu esteja com vocês; não façam isso por nada neste mundo. Ninguém que veio aqui nessa busca voltou vivo." E o pastor se levantou. E, enquanto ele se levantava, Kilhwch lhe deu um anel de ouro.

E ele tentou colocar o anel, mas era pequeno demais para ele, por isso o colocou no dedo de sua luva. E foi para casa e deu a luva à esposa para guar-

dar. E ela tirou o anel da luva quando a recebeu e disse: “De onde veio este anel? Você não costuma ter boa sorte.”

“Fui”, disse ele, “ao mar procurar peixes e, veja só, vi um cadáver levado pelas ondas. E nunca vi cadáver mais belo. E de seu dedo tirei este anel.” “Ó homem! O mar permite que seus mortos usem joias? Mostre-me então esse corpo.”

“Oh, esposa, você verá aqui à noite aquele a quem este anel pertencia.” “E quem é ele?”, perguntou a mulher. “Kilhwch, filho de Kilydd, filho do príncipe Kelyddon, e de Goleuddydd, filha do príncipe Anlawdd, sua mãe, que veio buscar Olwen como esposa.”

E, quando ouviu isso, seus sentimentos se dividiram entre a alegria de saber que seu sobrinho, filho de sua irmã, vinha visitá-la, e a tristeza por nunca ter conhecido ninguém que tivesse partido vivo depois de vir nessa busca.

E seguiram até o portão da morada de Custennin, o pastor. E, quando ela ouviu seus passos se aproximando, correu alegremente ao encontro deles. E Kai apanhou um pedaço de lenha da pilha. E, quando ela os encontrou, tentou abraçá-los pelo pescoço. E Kai colocou o pedaço de lenha entre as duas mãos dela, e ela o apertou de tal modo que ele se tornou uma espiral retorcida.

“Oh, mulher”, disse Kai, “se você tivesse me apertado assim, ninguém jamais poderia voltar a se afeiçoar a mim. Seria um amor funesto.” Entraram na casa e foram servidos; e, pouco depois, todos saíram para se divertir. En-

tão a mulher abriu uma arca de pedra que estava diante do canto da lareira, e dela se levantou um jovem de cabelos louros e cacheados.

Gwrhyr disse: “É uma pena esconder este jovem. Sei que não é por um crime seu que ele está sendo castigado assim.” “Este é apenas o que restou”, disse a mulher.

“Yspaddaden Penkawr matou vinte e três de meus filhos, e não tenho mais esperança quanto a este do que tinha quanto aos outros.” Então Kai disse: “Deixe que ele venha ser meu companheiro, e não será morto a menos que eu também seja morto com ele.” E comeram. E a mulher lhes perguntou: “Com que propósito vocês vêm aqui?”

“Viemos buscar Olwen para este jovem.” Então a mulher disse: “Em nome do Céu, já que ninguém do castelo viu vocês ainda, voltem para onde vieram.” “O Céu é nossa testemunha de que não voltaremos antes de ver a donzela.” Kai disse: “Ela vem alguma vez aqui, de modo que se possa vê-la?”

“Ela vem aqui todos os sábados lavar a cabeça, e, na vasilha em que se lava, deixa todos os seus anéis, e nunca vem buscá-los, nem manda mensageiros para isso.”

“Ela virá aqui se mandarem chamá-la?” “O Céu sabe que não arruinarei minha alma, nem trairei aqueles que confiam em mim; a menos que me deem sua palavra de que não lhe farão mal, não mandarei chamá-la.” “Damos nossa palavra”, disseram eles. Assim, uma mensagem foi enviada, e ela veio.

⁂

A donzela estava vestida com uma túnica de seda cor de chama, e ao redor do pescoço trazia um colar de ouro avermelhado, no qual havia preciosas esmeraldas e rubis.

Seus cabelos eram mais amarelos que a flor da giesta, e sua pele era mais branca que a espuma da onda, e suas mãos e seus dedos eram mais belos que as flores da anêmona dos bosques entre os borrifos da fonte do prado. O olho do gavião treinado, o olhar do falcão que passara por três mudas de penas, não era mais brilhante que o dela.

Seu colo era mais branco que a neve, mais que o peito do cisne branco, e sua face era mais vermelha que as rosas mais vermelhas. Quem a contemplava ficava cheio de amor por ela. Quatro trevos brancos brotavam onde quer que ela pisasse. E por isso era chamada Olwen.

Ela entrou na casa e sentou-se ao lado de Kilhwch no banco principal; e, assim que ele a viu, a reconheceu. E Kilhwch lhe disse: "Ah, donzela! Você é aquela a quem tenho amado; venha comigo, para que não falem mal de você e de mim. Há muitos dias que amo você."

"Não posso fazer isso, pois dei minha palavra a meu pai de que não partiria sem seu conselho, porque a vida dele só durará até o momento de meu casamento. O que tiver de ser, será. Mas darei um conselho a você, se quiser aceitá-lo. Vá pedir minha mão a meu pai, e conceda o que ele exigir de você, e me terá; mas, se lhe negar alguma coisa, não me terá, e já será uma sorte se escapar com vida." "Prometo tudo isso, se a ocasião se apresentar", disse ele.

Ela voltou a seus aposentos, e todos eles se levantaram e a seguiram até o castelo. E mataram em silêncio os nove porteiros que estavam nos nove

portões. E mataram os nove cães de guarda sem que nenhum deles latisse. E seguiram até o salão.

"A saudação do Céu e dos homens esteja com você, Yspaddaden Penkawr", disseram eles. "E vocês, por que vieram?" "Viemos pedir sua filha Olwen para Kilhwch, filho de Kilydd, filho do príncipe Kelyddon." "Onde estão meus pajens e meus criados? Ergam as forquilhas sob minhas duas sobrancelhas, que caíram sobre meus olhos, para que eu possa ver a aparência de meu genro." E assim fizeram. "Voltem aqui amanhã, e terão uma resposta."

Eles se levantaram para sair, e Yspaddaden Penkawr apanhou um dos três dardos envenenados que estavam ao seu lado e o arremessou atrás deles. E Bedwyr o pegou e o lançou de volta, ferindo gravemente Yspaddaden Penkawr no joelho. Então ele disse: "Um genro maldito e grosseiro, de fato. Por causa de sua rudeza, andarei pior para sempre, e nunca terei cura. Este ferro envenenado me dói como a picada de uma mutuca. Maldito seja o ferreiro que o forjou e a bigorna em que foi trabalhado! Como é afiado!"

Naquela noite também se hospedaram na casa de Custennin, o pastor. No dia seguinte, ao amanhecer, aprontaram-se às pressas e seguiram para o castelo, entraram no salão e disseram: "Yspaddaden Penkawr, dê-nos sua filha em troca de seu dote e do pagamento por sua virgindade, que faremos a você e também às duas parentas dela. E, se não fizer isso, encontrará a morte por causa dela."

Então ele disse: "As quatro bisavós e os quatro bisavôs dela ainda estão vivos; preciso pedir conselho a eles." "Assim seja", responderam eles, "vamos comer." Quando se levantaram, ele pegou o segundo dardo que estava ao seu lado e o arremessou atrás deles.

E Menw, filho de Gwaedd, o pegou e o lançou de volta contra ele, ferindo-o no centro do peito, de modo que saiu pela parte inferior de suas costas. “Um genro maldito e grosseiro, de fato”, disse ele, “o ferro duro me dói como a mordida de uma sanguessuga de cavalo. Maldita seja a fornalha em que foi aquecido e o ferreiro que o moldou! Como é afiado! De agora em diante, sempre que eu subir uma colina, terei falta de ar e dor no peito, e muitas vezes sentirei repulsa pela comida.” E eles foram comer.

E no terceiro dia voltaram ao palácio. E Yspaddaden Penkawr lhes disse: “Não atirem em mim outra vez, a menos que desejem a morte. Onde estão meus servidores? Levantem os suportes das minhas sobrancelhas, que caíram sobre meus olhos, para que eu possa ver a aparência do meu genro.”

Então eles se levantaram e, enquanto faziam isso, Yspaddaden Penkawr pegou o terceiro dardo envenenado e o lançou contra eles. E Kilhwch o apanhou e o arremessou com força, ferindo-o no olho, de modo que o dardo saiu pela parte de trás da cabeça.

“Um genro maldito e grosseiro, de fato! Enquanto eu viver, minha visão ficará prejudicada. Sempre que eu andar contra o vento, meus olhos vão lacrimejar; e talvez minha cabeça arda, e eu tenha tontura a cada lua nova. Maldito seja o fogo em que ele foi forjado. Como a mordida de um cão raivoso é o golpe deste ferro envenenado.” E foram comer.

E no dia seguinte vieram novamente ao palácio e disseram: “Não atire mais em nós, a menos que deseje sofrer ferimentos, danos e tormentos como os que tem agora, e ainda maiores.” “Dê-me sua filha, e, se não quiser dá-la, receberá a morte por causa dela.” “Onde está aquele que procura minha fi-

lha? Venha aqui, onde eu possa vê-lo." E puseram para ele uma cadeira de frente para Yspaddaden.

⁂

Disse Yspaddaden Penkawr: "É você que procura minha filha?" "Sou eu", respondeu Kilhwch. "Preciso da sua promessa de que só agirá comigo de maneira justa, e, quando eu tiver conseguido aquilo que vou pedir, você terá minha filha." "Prometo de boa vontade", disse Kilhwch, "peça o que quiser." "Assim farei", disse ele.

"Está vendo aquela vasta colina?" "Estou." "Exijo que ela seja arrancada pela raiz, que os restos arrancados sejam queimados sobre a terra para adubá-la, que a terra seja arada e semeada em um dia, e que em um dia o grão amadureça. E com esse trigo pretendo fazer comida e bebida dignas do seu casamento com minha filha. E exijo que tudo isso seja feito em um dia."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que isso seja fácil para você, há algo que não será. Nenhum lavrador pode cultivar ou preparar essa terra, tão selvagem ela é, a não ser Amaethon, filho de Don, e ele não virá com você por vontade própria, e você não poderá obrigá-lo."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. Que Govannon, filho de Don, venha à cabeceira do campo para limpar o ferro; ele não fará trabalho algum por vontade própria, a não ser para um rei legítimo, e você não poderá obrigá-lo."

"Será fácil para mim conseguir isso."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá: os dois bois pardos de Gwlwlyd, ambos sob o mesmo jugo, para arar com vigor aquela terra selvagem. Ele não os dará por vontade própria, e você não poderá obrigá-lo."

"Será fácil para mim conseguir isso."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá: exijo o touro amarelo e o malhado sob o mesmo jugo."

"Será fácil para mim conseguir isso."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá: os dois bois de chifres, um dos quais está do outro lado e o outro deste lado da montanha pontuda, atrelados ao mesmo arado. E esses são Nynniaw e Peibaw, que Deus transformou em bois por causa de seus pecados."

"Será fácil para mim conseguir isso."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. Está vendo aquele terreno vermelho e lavrado?"

"Estou."

"Quando conheci a mãe desta donzela, nove alqueires de linho foram semeados ali, e nenhum brotou até hoje, nem branco nem preto; e ainda te-

nho comigo a medida. Exijo o linho para semear naquela terra nova, para que, quando crescer, dele se faça um véu branco para a cabeça de minha filha, no dia do seu casamento."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. Exijo mel nove vezes mais doce que o mel do enxame virgem, sem espuma nem abelhas, para fazer cerveja de mel para a festa."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"O recipiente de Llwyr, filho de Llwyryon, que é de imenso valor. Não há outro recipiente no mundo capaz de conter essa bebida. Você não o conseguirá pela vontade dele, nem poderá obrigá-lo."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. O cesto de Gwyddneu Garanhir: se o mundo inteiro se reunisse, três vezes nove homens por vez, a comida que cada um desejasse seria encontrada dentro dele. Exijo comer dele na noite em que minha filha se tornar sua esposa. Ele não o dará a ninguém por vontade própria, e você não poderá obrigá-lo."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. O chifre de Gwlgawd Gododin para nos servir bebida naquela noite. Ele não o dará por vontade própria, e você não poderá obrigá-lo."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. A harpa de Teirtu para tocar para nós naquela noite. Quando um homem deseja que ela toque, ela toca sozinha, e, quando ele deseja que pare, ela para. E ele não a dará por vontade própria, e você não poderá obrigá-lo."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. O caldeirão de Diwrnach Wyddel, o administrador de Odgar, filho de Aedd, rei da Irlanda, para cozinhar a carne da sua festa de casamento."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. Preciso lavar a cabeça e raspar a barba, e exijo a presa de Yskithyrwyn Penbaedd para me barbear com ela; seu uso não me servirá de nada se ela não for arrancada da cabeça dele enquanto estiver vivo."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. Não há ninguém no mundo capaz de arrancá-la da cabeça dele, a não ser Odgar, filho de Aedd, rei da Irlanda."

"Será fácil para mim conseguir isso."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. Não confiarei a ninguém a guarda da presa, a não ser a Gado, do norte da Britânia. Ora, os sessenta cantrevs do norte da Britânia estão sob seu domínio, e ele não sairá de seu reino por vontade própria, e você não poderá obrigá-lo."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. Preciso espalhar meu cabelo para raspá-lo, e ele nunca será espalhado sem que eu tenha o sangue da feiticeira negra como azeviche, filha da feiticeira branca e pura, de Pen Nant Govid, nos confins do Inferno."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. Só aceitarei o sangue se estiver quente, e nenhum recipiente manterá quente o líquido posto nele, a não ser as garrafas de Gwyddolwyd Gorr, que conservam o calor da bebida colocada nelas no leste até chegarem ao oeste. E ele não as dará por vontade própria, e você não poderá obrigá-lo."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. Alguns desejarão leite fresco, e não será possível ter leite fresco para todos, a menos que tenhamos as garrafas de Rhinnon Rhin Barnawd, nas quais nenhum líquido jamais azeda. E ele não as dará por vontade própria, e você não poderá obrigá-lo."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. No mundo inteiro não há pente nem tesoura com que eu possa arrumar meu cabelo, por ser tão espesso, a não ser o pente e a tesoura que estão entre as duas orelhas de Twrch Trwyth, filho do príncipe Tared. Ele não os dará por vontade própria, e você não poderá obrigá-lo."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. Não será possível caçar Twrch Trwyth sem Drudwyn, o filhote de Greid, filho de Eri."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. No mundo inteiro não há guia capaz de segurá-lo, a não ser a guia de Cwrs Cant Ewin."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. No mundo inteiro não há coleira que segure a guia, a não ser a coleira de Canhastyr Canllaw."

“Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil.”

“Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. A corrente de Kilydd Canhastyr para prender a coleira à guia.”

“Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil.”

“Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. No mundo inteiro não há caçador capaz de caçar com esse cão, a não ser Mabon, filho de Modron. Ele foi tirado de sua mãe quando tinha três noites de vida, e não se sabe onde está agora, nem se está vivo ou morto.”

“Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil.”

“Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. Gwynn Mygdwn, o cavalo de Gweddw, que é tão veloz quanto a onda, para levar Mabon, filho de Modron, à caça do javali Trwyth. Ele não o dará por vontade própria, e você não poderá obrigá-lo.”

“Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil.”

“Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. Você não conseguirá Mabon, pois não se sabe onde ele está, a menos que encontre Eidoel, seu parente de sangue, filho de Aer. Pois seria inútil procurá-lo. Ele é seu primo.”

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. Garselit, o irlandês, é o principal caçador da Irlanda; o Twrch Trwyth jamais poderá ser caçado sem ele."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Ainda que consiga isso, há algo que não conseguirá. Uma guia feita da barba de Dillus Varvawc, pois essa é a única capaz de segurar aqueles dois filhotes. E a guia não servirá de nada se os pelos não forem arrancados da barba dele enquanto estiver vivo, puxados com pinças de madeira. Enquanto viver, ele não permitirá que lhe façam isso, e a guia não terá utilidade se ele estiver morto, porque será quebradiça."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você possa pensar que não será fácil."

"Mesmo que você consiga isso, ainda há algo que não conseguirá. Em todo o mundo não há caçador que possa segurar aqueles dois filhotes, exceto Kynedyr Wyllt, filho de Hettwn Glafyrawc; ele é nove vezes mais selvagem que a fera mais selvagem das montanhas. Você nunca o conseguirá, nem jamais conseguirá minha filha."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você pense que não será fácil."

"Mesmo que você consiga isso, ainda há algo que não conseguirá. Não é possível caçar o javali Trwyth sem Gwynn, filho de Nudd, a quem Deus co-

locou no comando da ninhada de demônios em Annwvyn, para que não destruam a raça atual. Ele nunca será dispensado de lá."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você pense que não será fácil."

"Mesmo que você consiga isso, ainda há algo que não conseguirá. Não há cavalo no mundo capaz de levar Gwynn para caçar o Twrch Trwyth, exceto Du, o cavalo de Mor de Oerveddawg."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você pense que não será fácil."

"Mesmo que você consiga isso, ainda há algo que não conseguirá. Até que venha Gilennhin, o rei da França, o Twrch Trwyth não poderá ser caçado. Não será digno dele deixar seu reino por sua causa, e ele nunca virá aqui."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você pense que não será fácil."

"Mesmo que você consiga isso, ainda há algo que não conseguirá. O Twrch Trwyth jamais poderá ser caçado sem o filho de Alun Dyved; ele é muito hábil em soltar os cães."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você pense que não será fácil."

"Mesmo que você consiga isso, ainda há algo que não conseguirá. O Twrch Trwyth não poderá ser caçado a menos que você consiga Aned e Aethlem. Eles são tão velozes quanto a ventania, e nunca foram soltos contra uma fera sem que a matassem."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você pense que não será fácil."

"Mesmo que você consiga isso, ainda há algo que não conseguirá: Artur e seus companheiros para caçar o Twrch Trwyth. Ele é um homem poderoso

e não virá por sua causa, nem você será capaz de obrigá-lo."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você pense que não será fácil."

"Mesmo que você consiga isso, ainda há algo que não conseguirá. O Twrch Trwyth não poderá ser caçado a menos que você consiga Bwlch e Kyfwlch [e Sefwlch], os netos de Cleddyf Difwlch. Seus três escudos são três fulgores cintilantes. Suas três lanças são três perfuradoras pontiagudas. Suas três espadas são três cortadoras estridentes, Glas, Glessic e Clersag. Seus três cães, Call, Cuall e Cavall. Seus três cavalos, Hwyrdydwg, Drwgdydwg e Llwyrdydwg. Suas três esposas, Och, Garam e Diaspad. Seus três netos, Lluched, Vyned e Eissiwed. Suas três filhas, Drwg, Gwaeth e Gwaethav Oll.

Suas três criadas [Eheubryd, filha de Kyfwlch; Gorasgwrn, filha de Nerth; e Gwaedan, filha de Kynvelyn]. Esses três homens tocarão a trompa, e todos os outros gritarão, de modo que todos pensarão que o céu está caindo sobre a terra."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você pense que não será fácil."

"Mesmo que você consiga isso, ainda há algo que não conseguirá. A espada de Gwrnach, o Gigante; ele jamais será morto senão com ela. Por sua própria vontade, ele não a entregará, seja por um preço, seja como presente, e você nunca será capaz de obrigá-lo."

"Será fácil para mim conseguir isso, embora você pense que não será fácil."

"Mesmo que você consiga isso, ainda há algo que não conseguirá. Você encontrará dificuldades e passará noites sem dormir em busca disso, e, se não o obtiver, também não obterá minha filha."

"Terei cavalos e cavaleiros; e meu senhor e parente Artur obterá para mim todas essas coisas. E eu conquistarei sua filha, e você perderá a vida."

"Siga em frente. E você não terá de arcar com a comida nem com as roupas de minha filha enquanto estiver buscando essas coisas; e, quando tiver conseguido todas essas maravilhas, terá minha filha como esposa."

⁂

Durante todo aquele dia eles viajaram até o anoitecer, e então avistaram um vasto castelo, que era o maior do mundo. E eis que um homem negro, maior que três dos homens deste mundo, saiu do castelo. E eles lhe disseram: "De onde você vem, homem?"

"Do castelo que vocês veem ali." "De quem é aquele castelo?", perguntaram. "Vocês são mesmo tolos, homens. Não há ninguém no mundo que não saiba a quem pertence este castelo. É o castelo de Gwrnach, o Gigante."

"Como são tratados os hóspedes e os estrangeiros que param naquele castelo?" "Oh! Chefe, que o Céu o proteja. Nenhum hóspede jamais voltou de lá com vida, e ninguém pode entrar ali a menos que traga consigo seu ofício."

⁂

Então seguiram em direção ao portão. Disse Gwrhyr Gwalstawt Ieithoedd: "Há um porteiro?" "Há. E você, se sua língua não está muda dentro da cabeça, por que chama?"

"Abra o portão." "Não vou abri-lo." "Por que não?" "A faca está na carne, e a bebida está no chifre, e há festa no salão de Gwrnach, o Gigante, e, exceto

para um artesão que traga seu ofício, o portão não será aberto esta noite."

"De fato, porteiro", disse então Kai, "trago comigo meu ofício." "Qual é seu ofício?" "Sou o melhor polidor de espadas do mundo." "Vou dizer isso a Gwrnach, o Gigante, e lhe trarei uma resposta."

Então o porteiro entrou, e Gwrnach lhe disse: "Tem alguma notícia do portão?" "Tenho. Há um grupo à porta do portão que deseja entrar." "Você perguntou a eles se dominavam alguma arte?"

"Perguntei", disse ele, "e um deles me disse que era muito hábil em polir espadas." "Então precisamos dele. Há algum tempo procuro alguém para polir minha espada e não consegui encontrar ninguém. Deixe esse homem entrar, já que traz consigo seu ofício." O porteiro então voltou e abriu o portão. E Kai entrou sozinho e saudou Gwrnach, o Gigante.

E colocaram uma cadeira para ele diante de Gwrnach. E Gwrnach lhe disse: "Homem! É verdade o que dizem de você, que sabe polir espadas?" "Sei muito bem como fazer isso", respondeu Kai. Então lhe trouxeram a espada de Gwrnach. E Kai tirou de debaixo do braço uma pedra de amolar azul e perguntou se ele queria que a espada fosse polida até ficar branca ou azul.

"Faça como lhe parecer melhor, e como faria se ela fosse sua." Então Kai poliu uma metade da lâmina e a colocou na mão dele. "Isso lhe agrada?", perguntou. "Eu preferiria ver toda ela assim a possuir tudo o que há em meus domínios. É uma surpresa para mim que um homem como você esteja sem um companheiro."

"Oh! Nobre senhor, tenho um companheiro, embora ele não seja hábil nesta arte." "Quem seria ele?" "Mande o porteiro sair, e eu lhe direi como

poderá reconhecê-lo. A ponta de sua lança se soltará da haste, tirará sangue do vento e descerá de novo sobre a haste." Então o portão foi aberto, e Bedwyr entrou. E Kai disse: "Bedwyr é muito habilidoso, embora não conheça esta arte."

E houve muita conversa entre os que estavam do lado de fora, porque Kai e Bedwyr tinham entrado. E um jovem que estava com eles, o filho único de Custennin, o pastor, também entrou. E fez com que todos os seus companheiros se mantivessem perto dele enquanto passava pelos três postos de guarda, até chegar ao centro do castelo.

E seus companheiros disseram ao filho de Custennin: "Você conseguiu! Você é o melhor de todos os homens." E daí em diante ele foi chamado Goreu, filho de Custennin. Então se dispersaram pelos alojamentos, para matar os que ali estavam hospedados, sem que o Gigante soubesse.

A espada agora estava polida, e Kai a entregou à mão de Gwrnach, o Gigante, para ver se ele estava satisfeito com seu trabalho. E o Gigante disse: "O trabalho é bom, estou satisfeito com ele." Disse Kai: "Foi sua bainha que enferrujou sua espada; entregue-a a mim para que eu tire suas laterais de madeira e coloque outras novas."

E pegou a bainha dele, com a espada na outra mão. E se aproximou e ficou diante do Gigante, como se fosse colocar a espada na bainha; e com ela golpeou a cabeça do Gigante e a decepou de um só golpe. Então saquearam o castelo e levaram dele os bens e as joias que quiseram.

E de novo, no mesmo dia, no começo do ano, chegaram à corte de Artur, trazendo consigo a espada de Gwrnach, o Gigante.

Então, quando contaram a Artur como haviam se saído, Artur disse: "Qual dessas maravilhas será melhor buscarmos primeiro?" "Será melhor", disseram eles, "buscar Mabon, filho de Modron; e ele não será encontrado a menos que primeiro encontremos Eidoel, filho de Aer, seu parente."

Então Artur se levantou, e com ele os guerreiros das Ilhas da Bretanha, para procurar Eidoel; e seguiram até chegarem diante do castelo de Glivi, onde Eidoel estava preso. Glivi estava no alto de seu castelo e disse: "Artur, o que você exige de mim, já que nada me resta nesta fortaleza, e nela não tenho alegria nem prazer, nem trigo nem aveia? Por conseguinte, não procure me fazer mal."

Disse Artur: "Não vim aqui para lhe fazer mal, mas para buscar o prisioneiro que está com você." "Vou lhe entregar meu prisioneiro, embora não tivesse pensado em entregá-lo a ninguém; e, com isso, você terá meu apoio e minha ajuda."

Seus seguidores disseram a Artur: "Senhor, volte para casa; você não pode seguir com seu exército em busca de aventuras tão pequenas quanto estas." Então Artur disse: "Seria bom que você, Gwrhyr Gwalstawt Ieithoedd, partisse nesta busca, pois conhece todas as línguas e está familiarizado com as dos pássaros e das feras. Você, Eidoel, também deve ir com meus homens em busca de seu primo. E, quanto a vocês, Kai e Bedwyr, tenho esperança de que, seja qual for a aventura que busquem, vocês terão sucesso. Cumpram esta aventura por mim."

⁂

Seguiram em frente até chegarem ao Melro de Cilgwri. E Gwrhyr lhe suplicou em nome do Céu, dizendo: “Diga-me se sabe alguma coisa sobre Mabon, filho de Modron, que foi levado de entre sua mãe e a parede quando tinha três noites de vida.”

E o Melro respondeu: “Quando cheguei aqui, havia uma bigorna de ferreiro neste lugar, e eu era então um pássaro jovem; e, desde aquela época, nenhum trabalho foi feito nela, salvo as bicadas de meu bico todas as tardes, e agora não resta dela nem mesmo o tamanho de uma noz; no entanto, que a vingança do Céu caia sobre mim se, durante todo esse tempo, alguma vez ouvi falar do homem por quem vocês perguntam. Ainda assim, farei o que é certo e o que convém fazer por uma comitiva de Artur. Há uma raça de animais que foi formada antes de mim, e eu os guiarei até ela.”

Então seguiram para o lugar onde estava o Cervo de Redynvre. “Cervo de Redynvre, veja, viemos até você, uma comitiva de Artur, pois não ouvimos falar de nenhum animal mais velho que você. Diga, sabe alguma coisa sobre Mabon, filho de Modron, que foi levado de sua mãe quando tinha três noites de vida?”

O Cervo disse: “Quando cheguei aqui, havia uma planície ao meu redor, sem nenhuma árvore além de um carvalho novo, que cresceu e se tornou um carvalho de cem galhos. E esse carvalho desde então morreu, de modo que agora nada resta dele além do toco seco; e daquele dia até hoje tenho estado aqui, mas nunca ouvi falar do homem por quem vocês perguntam. Ainda assim, como são uma comitiva de Artur, eu os guiarei até o lugar onde há um animal que foi formado antes de mim.”

Então seguiram até o lugar onde estava a Coruja de Cwm Cawlwyd. “Coruja de Cwm Cawlwyd, aqui está uma comitiva de Artur; você sabe alguma coisa sobre Mabon, filho de Modron, que foi tirado de sua mãe depois de três noites?”

“Se eu soubesse, contaria a vocês. Quando cheguei aqui, o amplo vale que vocês veem era um vale coberto de árvores. E veio um povo e as arrancou pela raiz. E ali cresceu uma segunda floresta; e esta floresta é a terceira. Minhas asas não são agora tocos ressequidos? No entanto, durante todo esse tempo, até o dia de hoje, nunca ouvi falar do homem por quem vocês perguntam. Ainda assim, guiarei a comitiva de Artur até o lugar onde está o animal mais velho deste mundo, e aquele que mais viajou, a Águia de Gwern Abwy.”

Gwrhyr disse: “Águia de Gwern Abwy, viemos até você como uma comitiva de Artur, para perguntar se você sabe alguma coisa sobre Mabon, filho de Modron, que foi tirado de sua mãe quando tinha três noites de vida.”

A Águia disse: “Estou aqui há muito tempo, e quando cheguei havia aqui uma rocha, de cujo topo eu bicava as estrelas todas as noites; e agora ela não tem sequer um palmo de altura. Daquele dia até hoje estive aqui, e nunca ouvi falar do homem por quem vocês perguntam, exceto uma vez, quando fui procurar alimento até Llyn Llyw. E quando cheguei lá, cravei minhas garras num salmão, pensando que ele me serviria de alimento por muito tempo. Mas ele me arrastou para as profundezas, e mal consegui escapar dele.

Depois disso, fui com todos os meus parentes atacá-lo e tentar destruí-lo, mas ele enviou mensageiros e fez as pazes comigo; e veio me implorar que

tirasse cinquenta arpões de suas costas. Se ele não souber alguma coisa sobre aquele que vocês procuram, não sei quem poderá saber. Contudo, guiarei vocês até o lugar onde ele está."

Então foram até lá; e a Águia disse: "Salmão de Llyn Llyw, vim até você com uma comitiva de Artur, para perguntar se você sabe alguma coisa a respeito de Mabon, filho de Modron, que foi tirado de sua mãe com três noites de vida."

"Tudo o que sei, eu lhe contarei. A cada maré, subo o rio até chegar perto das muralhas de Gloucester, e ali encontrei uma injustiça como nunca encontrei em outro lugar; e, para que vocês acreditem nisso, que um de vocês vá até lá sobre cada um dos meus dois ombros."

Então Kai e Gwrhyr Gwalstawt Ieithoedd subiram nos dois ombros do salmão, e seguiram até chegar ao muro da prisão, e ouviram um grande choro e lamento vindo da masmorra. Gwrhyr disse: "Quem é que se lamenta nesta casa de pedra?"

"Ah, há motivos de sobra para quem está aqui se lamentar. É Mabon, filho de Modron, quem está preso aqui; e nunca houve prisão tão penosa quanto a minha, nem a de Lludd Llaw Ereint, nem a de Greid, filho de Eri."

"Você tem esperança de ser libertado por ouro ou prata, ou por quaisquer presentes de riqueza, ou por meio de batalha e luta?" "Será pela luta que conseguirei tudo o que puder obter."

Então saíram dali, voltaram a Artur e lhe contaram onde Mabon, filho de Modron, estava preso. E Artur convocou os guerreiros da Ilha, e eles viajaram até Gloucester, ao lugar onde Mabon estava na prisão. Kai e Bedwyr

foram sobre os ombros do peixe, enquanto os guerreiros de Artur atacavam o castelo. E Kai abriu uma passagem pelo muro até a masmorra e levou o prisioneiro nas costas, enquanto a luta entre os guerreiros continuava. E Artur voltou para casa, e Mabon com ele, em liberdade.

Artur disse: "Qual das maravilhas será melhor procurarmos primeiro agora?" "Será melhor procurar os dois filhotes de Gast Rhymhi." "Sabe-se", perguntou Artur, "onde ela está?"

"Ela está em Aber Deu Cleddyf", disse um deles. Então Artur foi à casa de Tringad, em Aber Cleddyf, e lhe perguntou se tinha ouvido falar dela por ali. "Em que forma ela está?"

"Ela está na forma de uma loba", disse ele, "e com ela há dois filhotes." "Ela muitas vezes matou animais dos meus rebanhos, e está lá embaixo, numa caverna em Aber Cleddyf."

⁂

Então Artur foi por mar em seu navio Prydwen, e os outros foram por terra, para caçá-la. E eles cercaram a loba e seus dois filhotes, e Deus os transformou novamente, para Artur, em sua própria forma. E o exército de Artur se dispersou em grupos de um e de dois.

Certo dia, enquanto Gwythyr, filho de Greidawl, caminhava por uma montanha, ouviu um lamento e um grito de aflição. E, ao ouvi-lo, lançou-se adiante e foi em sua direção. E quando chegou lá, puxou sua espada e cortou um formigueiro rente ao chão, e assim ele escapou de ser queimado pelo fogo.

E as formigas lhe disseram: “Receba de nós a bênção do Céu, e aquilo que nenhum homem pode dar, nós lhe daremos.” Então foram buscar os nove alqueires de sementes de linho que Yspaddaden Penkawr havia exigido de Kilhwch, e trouxeram a medida completa, sem faltar nada, exceto uma semente de linho, que a formiga manca trouxe antes da noite.

Enquanto Kai e Bedwyr estavam sentados sobre um monte de pedras de sinalização no cume de Plinlimmon, sob o vento mais forte que já houve no mundo, olharam ao redor e viram, muito longe, para o sul, uma grande fumaça que não se curvava com o vento. Então Kai disse: “Pela mão do meu amigo, vejam, ali está a fogueira de um ladrão!”

Então se apressaram em direção à fumaça e chegaram tão perto que puderam ver Dillus Varvawc chamuscando um javali. “Veja, ali está o maior ladrão que já fugiu de Artur”, disse Bedwyr a Kai.

“Você o conhece?” “Conheço”, respondeu Kai. “Ele é Dillus Varvawc, e nenhuma correia no mundo será capaz de segurar Drudwyn, o filhote de Greid, filho de Eri, a não ser uma correia feita da barba daquele que você vê ali. E mesmo essa será inútil, a menos que sua barba seja arrancada com pinças de madeira enquanto ele estiver vivo; pois, se estiver morto, ela será quebradiça.”

“O que você acha que devemos fazer a respeito disso?”, disse Bedwyr. “Vamos deixá-lo”, disse Kai, “comer quanta carne quiser, e depois ele cairá no sono.” E, durante esse tempo, ocuparam-se em fazer as pinças de madeira.

E quando Kai teve certeza de que ele estava dormindo, fez uma cova sob seus pés, a maior do mundo, e lhe deu um golpe violento, e o comprimiu

para dentro da cova. E ali arrancaram toda a sua barba com as pinças de madeira; e depois disso o mataram de vez.

E dali os dois foram para Gelli Wic, na Cornualha, levando consigo a correia feita da barba de Dillus Varvawc, e a entregaram nas mãos de Artur. Então Artur compôs este Englyn —

Kai fez uma correia

Da barba de Dillus, filho de Eurei.

Se ele estivesse vivo, seria sua morte.

E com isso Kai ficou furioso, de modo que os guerreiros da Ilha mal conseguiram fazer as pazes entre Kai e Artur. E, dali em diante, nem nas dificuldades de Artur, nem pela morte de seus homens, Kai jamais voltou a prestar-lhe auxílio.

Artur disse: "Qual das maravilhas será melhor procurarmos agora?" "Será melhor procurarmos Drudwyn, o filhote de Greid, filho de Eri."

Pouco tempo antes disso, Creiddylad, filha de Lludd Llaw Ereint, e Gwythyr, filho de Greidawl, haviam ficado noivos. E antes que ela se tornasse sua esposa, Gwyn ap Nudd veio e a levou à força; e Gwythyr, filho de Greidawl, reuniu seu exército e foi lutar contra Gwyn ap Nudd.

Mas Gwyn o venceu e capturou Greid, filho de Eri, e Glinneu, filho de Taran, e Gwrgwst Ledlwm, e Dynvarth, seu filho. E capturou Penn, filho de Nethawg, e Nwython, e Kyledyr Wyllt, seu filho. E mataram Nwython, arrancaram seu coração e obrigaram Kyledyr a comer o coração de seu pai. E por causa disso Kyledyr enlouqueceu.

Quando Artur soube disso, foi para o Norte, convocou Gwyn ap Nudd à sua presença, libertou os nobres que ele havia posto na prisão e fez as pazes entre Gwyn ap Nudd e Gwythyr, filho de Griedawl.

E este foi o acordo de paz: que a donzela permanecesse na casa de seu pai, sem vantagem para nenhum dos dois, e que Gwyn ap Nudd e Gwythyr, filho de Greidawl, lutassem por ela todo dia primeiro de maio, dali em diante até o dia do juízo, e que aquele que então fosse o vencedor ficasse com a donzela.

E quando Artur assim reconciliou esses chefes, obteve Mygdwn, o cavalo de Gweddw, e a correia de Cwrs Cant Ewin.

E depois disso Artur foi à Armórica, e com ele Mabon, filho de Mellt, e Gware Gwallt Euryn, para procurar os dois cães de Glythmyr Ledewic. E quando os conseguiu, foi ao oeste da Irlanda, em busca de Gwrgi Seven; e Odgar, filho de Aedd, rei da Irlanda, foi com ele. E dali Artur foi para o Norte e capturou Kyledyr Wyllt; e foi atrás de Yskithyrwyn Penbaedd.

E Mabon, filho de Mellt, veio trazendo pela mão os dois cães de Glythmyr Ledewic, e Drudwyn, o filhote de Greid, filho de Eri. E o próprio Artur foi à caçada, conduzindo seu cão Cavall. E Kaw, do norte da Britânia, montou Llamrei, a égua de Artur, e foi o primeiro a atacar.

Então Kaw, do norte da Britânia, empunhou um machado poderoso e, com total ousadia, avançou valentemente até o javali e partiu sua cabeça em duas. E Kaw levou a presa. Ora, o javali não foi morto pelos cães que Yspaddaden havia mencionado, mas por Cavall, o próprio cão de Artur.

E depois que Yskithyrwyn Penbaedd foi morto, Artur e seu exército partiram para Gelli Wic, na Cornualha. E dali ele enviou Menw, filho de Teirgwaedd, para ver se os objetos preciosos estavam entre as duas orelhas de Twrch Trwyth, pois seria inútil enfrentá-lo se eles não estivessem lá. Porém, sabia-se com certeza onde ele estava, pois havia devastado a terça parte da Irlanda.

E Menw foi procurá-lo e o encontrou na Irlanda, em Esgeir Oervel. E Menw tomou a forma de uma ave; e desceu sobre o alto de sua toca e tentou arrancar dele um dos objetos preciosos, mas não levou nada além de uma de suas cerdas. E o javali se levantou furioso e se sacudiu, de modo que um pouco de seu veneno caiu sobre Menw, e daquele dia em diante ele nunca mais teve saúde.

Depois disso, Artur enviou uma comitiva a Odgar, filho de Aedd, rei da Irlanda, para pedir o caldeirão de Diwrnach Wyddel, seu provedor. E Odgar ordenou que ele o entregasse. Mas Diwrnach disse: “O Céu é minha testemunha: se até mesmo olhar para ele lhe trouxesse algum proveito, ele não teria permissão para fazê-lo.” E a comitiva de Artur voltou da Irlanda com essa recusa.

E Artur partiu com uma pequena comitiva, embarcou em Prydwen, seu navio, e atravessou para a Irlanda. E foram à casa de Diwrnach Wyddel. E os exércitos de Odgar viram sua força. Quando eles haviam comido e bebido tanto quanto desejavam, Artur exigiu que lhe fosse entregue o caldeirão.

E ele respondeu: “Se eu o tivesse dado a alguém, teria sido por ordem de Odgar, rei da Irlanda.”

⁂

Quando ele lhes deu essa recusa, Bedwyr se levantou, agarrou o caldeirão e o colocou nas costas de Hygwyd, servo de Artur, que era irmão, por parte de mãe, de Cachamwri, servo de Artur. Sua função era sempre carregar o caldeirão de Artur e acender fogo debaixo dele. E Llenlleawg Wyddel agarrou Caledvwlch e a brandiu. E mataram Diwrnach Wyddel e seus companheiros.

Então vieram os irlandeses e lutaram contra eles. E depois de pô-los em fuga, Artur seguiu com seus homens até o navio, levando o caldeirão cheio de dinheiro irlandês. E desembarcou na casa de Llwydden, filho de Kelcoed, em Porth Kerddin, em Dyved. E ali está a medida do caldeirão.

Então Arthur convocou todos os guerreiros que estavam nas três Ilhas da Bretanha e nas três Ilhas vizinhas, e todos os que estavam na França e na Armórica, na Normandia e no País do Verão, e todos os soldados de infantaria escolhidos e os valentes cavaleiros. E com todos eles foi para a Irlanda. E na Irlanda havia grande medo e terror por causa dele.

E, quando Arthur desembarcou no país, os santos da Irlanda vieram até ele e imploraram sua proteção. E ele lhes concedeu sua proteção, e eles lhe deram sua bênção. Então os homens da Irlanda vieram até Arthur e lhe trouxeram provisões. E Arthur foi até Esgeir Oervel, na Irlanda, ao lugar onde estava o Javali Trwyth com seus sete filhotes.

E os cães foram soltos contra ele por todos os lados. Naquele dia, até o anoitecer, os irlandeses lutaram contra ele; ainda assim, ele devastou a quinta

parte da Irlanda. E no dia seguinte os homens da casa de Arthur lutaram contra ele, mas foram vencidos e não conseguiram nenhuma vantagem.

E no terceiro dia o próprio Arthur o enfrentou, e lutou contra ele nove noites e nove dias sem conseguir matar sequer um único filhote. Os guerreiros perguntaram a Arthur qual era a origem daquele porco; e ele lhes disse que havia sido um rei, e que Deus o transformara em porco por causa de seus pecados.

Então Arthur enviou Gwrhyr Gwalstawt Ieithoedd para tentar falar com ele. E Gwrhyr assumiu a forma de um pássaro e pousou sobre a toca onde ele estava com os sete filhotes. E Gwrhyr Gwalstawt Ieithoedd lhe perguntou: "Por aquele que os transformou nesta forma, se podem falar, peço que um de vocês venha conversar com Arthur." Grugyn Gwrych Ereint lhe respondeu.

(Suas cerdas eram como fios de prata e, quer passasse pela floresta, quer pela planície, era possível seguir seu rastro pelo brilho de suas cerdas.) E esta foi a resposta de Grugyn: "Por aquele que nos transformou nesta forma, não faremos isso e não falaremos com Arthur. Já nos basta sofrer por termos sido transformados assim, sem que vocês venham aqui lutar contra nós."

"Vou lhes dizer. Arthur vem apenas lutar pelo pente, pela navalha e pela tesoura que estão entre as duas orelhas de Twrch Trwyth." Grugyn disse: "A menos que primeiro lhe tire a vida, jamais terá esses objetos preciosos. E amanhã de manhã sairemos daqui e iremos para a terra de Arthur, e lá faremos todo o mal que pudermos."

Assim, eles partiram pelo mar em direção ao País de Gales. E Arthur e suas tropas, seus cavalos e seus cães embarcaram em Prydwen, para que pudessem enfrentá-los sem demora. Twrch Trwyth desembarcou em Porth Cleis, em Dyved, e Arthur chegou a Mynyw. No dia seguinte, disseram a Arthur que eles haviam passado, e ele os alcançou enquanto matavam o gado de Kynnwas Kwrr y Vagyl, depois de terem matado todos os que estavam em Aber Gleddyf, tanto homens como animais, antes da chegada de Arthur.

Quando Arthur se aproximou, Twrch Trwyth seguiu até Preseleu, e Arthur e suas tropas o seguiram até lá, e Arthur enviou homens para caçá-lo: Eli e Trachmyr, levando Drudwyn, o filhote de Greid, filho de Eri; e Gwarthegyd, filho de Kaw, por outro lado, com os dois cães de Glythmyr Ledewic; e Bedwyr, levando Cavall, o cão do próprio Arthur.

E todos os guerreiros se posicionaram ao redor do Nyver. E chegaram ali os três filhos de Cleddyf Divwlch, homens que haviam conquistado grande fama ao matar Yskithyrwyn Penbaedd; e eles seguiram de Glyn Nyver e chegaram a Cwm Kerwyn.

E ali Twrch Trwyth parou para lutar e matou quatro dos campeões de Arthur: Gwarthegyd, filho de Kaw, e Tarawc de Allt Clwyd, e Rheidwn, filho de Eli Atver, e Iscovan Hael. E, depois de ter matado esses homens, tornou a enfrentá-los no mesmo lugar. E ali matou Gwydre, filho de Arthur, e Garselit Wyddel, e Glew, filho de Ysgawd, e Iscawyn, filho de Panon; e ali ele próprio foi ferido.

E na manhã seguinte, antes de clarear o dia, alguns dos homens o alcançaram. E ele matou Huandaw, Gogigwr e Penpingon, três servidores de Glewlwyd Gavaelvawr, de modo que o Céu sabe que não lhe restou ne-

nhum servidor, exceto Llaesgevyn, um homem de quem ninguém jamais recebeu bem algum. E, junto com esses, matou muitos dos homens daquela terra e Gwlydyn Saer, o arquiteto-chefe de Arthur.

Então Arthur o alcançou em Pelumyawc, e ali ele matou Madawc, filho de Teithyon, e Gwyn, filho de Tringad, filho de Neved, e Eiryawn Penllorau. Dali foi para Aberteivi, onde tornou a enfrentá-los e onde matou Kyflas, filho de Kynan, e Gwilenhin, rei da França. Então foi até Glyn Ystu, e ali os homens e os cães perderam seu rastro.

Então Arthur chamou Gwyn ab Nudd e lhe perguntou se sabia alguma coisa de Twrch Trwyth. E ele disse que não.

E todos os caçadores foram caçar os porcos até Dyffryn Llychwr. E Grugyn Gwallt Ereint e Llwydawg Govynnyad os enfrentaram e mataram todos os caçadores, de modo que apenas um homem escapou. E Arthur e suas tropas chegaram ao lugar onde estavam Grugyn e Llwydawg. E ali ele soltou todos os cães contra eles, e, com a gritaria e os latidos que se ergueram, Twrch Trwyth veio ajudá-los.

⁂

E, desde que eles haviam atravessado o mar da Irlanda, Arthur não o tinha avistado até aquele momento. Então lançou homens e cães contra ele, e com isso ele disparou e foi para Mynydd Amanw. E ali um de seus filhotes foi morto. Então eles o atacaram numa luta de vida ou morte, e Twrch Llawin foi morto, e depois outro dos porcos foi morto, cujo nome era Gwys.

Depois disso ele seguiu para Dyffryn Amanw, e ali Banw e Bennwig foram mortos. De todos os seus filhotes, nenhum saiu vivo daquele lugar com ele, exceto Grugyn Gwallt Ereint e Llwydawg Govynnyad.

Dali ele seguiu para Llwch Ewin, e Arthur o alcançou ali, e ele parou para lutar. E ali matou Echel Forddwytwll e Garwyli, filho de Gwyddawg Gwyr, e também muitos homens e cães. E dali foram para Llwch Tawy. Grugyn Gwrych Ereint se separou deles ali e foi para Din Tywi. E dali seguiu para Ceredigiawn, e Eli e Trachmyr foram com ele, assim como uma multidão.

Então chegou a Garth Gregyn, e ali Llwydawg Govynnyad lutou no meio deles e matou Rhudvyw Rhys e muitos outros junto com ele. Então Llwydawg foi dali para Ystrad Yw, e ali os homens da Armórica o enfrentaram, e ali ele matou Hirpeissawg, rei da Armórica, e Llygatrudd Emys e Gwrbothu, tios de Arthur, irmãos de sua mãe, e ali ele próprio foi morto.

Twrch Trwyth foi dali para um lugar entre Tawy e Euyas, e Arthur convocou toda a Cornualha e Devon para junto de si, no estuário do Severn, e disse aos guerreiros desta Ilha: “Twrch Trwyth matou muitos dos meus homens, mas, pelo valor dos guerreiros, enquanto eu viver ele não entrará na Cornualha. E não o seguirei mais, mas o enfrentarei numa luta de vida ou morte. Façam como quiserem.”

E resolveu enviar um grupo de cavaleiros, com os cães da Ilha, até Euyas, para que dali voltassem ao Severn, e que guerreiros experientes atravessassem a Ilha e o forçassem a entrar no Severn.

E Mabon, filho de Modron, o alcançou no Severn, montado em Gwynn Mygdwn, o cavalo de Gweddw, e também Goreu, filho de Custennin, e Menw, filho de Teirgwaedd; isso foi entre Llyn Lliwan e Aber Gwy. E Arthur o atacou junto com os campeões da Bretanha.

E Osla Kyllellvawr se aproximou, e Manawyddan, filho de Llyr, e Kacmwri, o servo de Arthur, e Gwyngelli, e eles o agarraram, segurando-o primeiro pelos pés, e o mergulharam no Severn, de modo que as águas o cobriram.

De um lado, Mabon, filho de Modron, esporeou seu cavalo e arrancou dele a navalha, e Kyledyr Wyllt o alcançou do outro lado, montado em outro cavalo, no Severn, e tirou dele a tesoura.

Mas, antes que pudessem obter o pente, ele já havia firmado os pés no chão, e, desde o momento em que chegou à margem, nem cão, nem homem, nem cavalo conseguiu alcançá-lo até que chegou à Cornualha. Se tiveram dificuldade para tirar dele os objetos preciosos, tiveram muito mais ao tentar salvar os dois homens de se afogarem.

Kacmwri, enquanto o puxavam para fora, foi arrastado para o fundo por duas pedras de moinho. E, enquanto Osla Kyllellvawr corria atrás do javali, sua faca havia caído da bainha, e ele a perdera; depois disso, a bainha se enchera de água, e seu peso o puxava para o fundo enquanto o puxavam para fora.

Então Arthur e suas tropas seguiram até alcançar o javali na Cornualha, e as dificuldades que haviam enfrentado antes eram uma simples brincadeira comparadas às que encontraram ao tentar obter o pente. Mas, de uma difi-

culdade a outra, por fim conseguiram o pente. E então ele foi perseguido para fora da Cornualha e impelido diretamente para o mar profundo.

E desde então nunca se soube para onde ele foi; e Aned e Aethlem foram com ele. Então Arthur foi para Gelli Wic, na Cornualha, para se ungir e descansar de suas fadigas.

Arthur disse: "Ainda falta obter alguma das maravilhas?" Um de seus homens disse: "Sim: o sangue da bruxa Orddu, filha da bruxa Orwen, de Pen Nant Govid, nos confins do Inferno." Arthur partiu em direção ao Norte e chegou ao lugar onde ficava a caverna da bruxa.

E Gwyn ab Nudd e Gwythyr, filho de Greidawl, o aconselharam a enviar Kacmwri e seu irmão Hygwyd para lutar com a bruxa. E, quando entraram na caverna, a bruxa os agarrou, pegou Hygwyd pelos cabelos e o atirou ao chão debaixo dela.

E Kacmwri a pegou pelos cabelos e a arrastou de cima de Hygwyd para o chão, mas ela se voltou de novo contra os dois e os expulsou a pontapés e bofetadas.

E Arthur ficou furioso ao ver seus dois servidores quase mortos e tentou entrar na caverna; mas Gwyn e Gwythyr lhe disseram: "Não seria adequado nem digno para nós vê-lo brigando com uma velha bruxa. Deixe Hiramreu e Hireidil irem à caverna." Assim, eles foram. Mas, se grande foi a dificuldade dos dois primeiros que foram, muito maior foi a desses dois.

E o Céu sabe que nenhum dos quatro conseguia sair do lugar, até que os colocaram todos sobre Llamrei, a égua de Arthur. E então Arthur correu até a entrada da caverna, e ali golpeou a bruxa com Carnwennan, sua

adaga, e a partiu ao meio, de modo que ela caiu em duas partes. E Kaw, da Bretanha do Norte, recolheu o sangue da bruxa e o guardou.

Então Kilhwch partiu, e Goreu, filho de Custennin, foi com ele, assim como todos os que desejavam o mal de Yspaddaden Penkawr. E levaram as maravilhas consigo à corte dele. E Kaw da Bretanha do Norte veio e raspou inteiramente sua barba, sua pele e sua carne até o osso, de orelha a orelha.

"Sua barba está feita, homem?", disse Kilhwch. "Está feita", respondeu ele. "Sua filha agora é minha?" "Ela é sua", disse ele, "mas por isso você não deve agradecer a mim, e sim a Arthur, que realizou isso por você. Por minha livre vontade, você jamais a teria, pois com ela perco minha vida."

Então Goreu, filho de Custennin, o agarrou pelos cabelos e o arrastou até a torre de defesa, cortou sua cabeça e a colocou numa estaca na cidadela. Então tomaram posse de seu castelo e de seus tesouros.

E naquela noite Olwen se tornou a noiva de Kilhwch e continuou sendo sua esposa enquanto viveu. E as tropas de Arthur se dispersaram, cada homem para sua própria terra. E assim Kilhwch obteve Olwen, a filha de Yspaddaden Penkawr.

Notas

5 Este diálogo consiste numa série de réplicas com um jogo de palavras que é impossível acompanhar na tradução.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O SONHO DE RHONABWY

✦

Madawc, filho de Maredudd, possuía Powys dentro de suas fronteiras, de Porfoed a Gwauan, nas terras altas de Arwystli. Naquele tempo, tinha um irmão, Iorwerth, filho de Maredudd, que não era igual a ele em posição. Iorwerth sentia grande tristeza e pesar por causa da honra e do poder de que seu irmão desfrutava e que ele não compartilhava.

Procurou seus companheiros e irmãos de criação, e consultou-os sobre o que deveria fazer a respeito. Eles decidiram enviar alguns deles para buscar sustento para Iorwerth. Então Madawc ofereceu-lhe o cargo de mordomo, cavalos, armas e honra, e que vivesse como ele. Mas Iorwerth recusou.

Iorwerth fez uma incursão em Loegria, matando os habitantes, incendiando casas e levando prisioneiros. Madawc consultou os homens de Powys, e eles decidiram colocar cem homens em cada um dos três cantrefs de Powys para procurá-lo. Assim fizeram nas planícies de Powys, em Aber Ceirawc, em Allictwn Ver e em Rhyd Wilure, no Vyrnwy, os três melhores cantrefs de Powys. Por isso, nem ele nem seus homens viviam melhor em Powys ou em suas planícies. Eles espalharam esses homens pelas planícies até Nillystwn Trevan.

Um dos homens que participavam dessa busca chamava-se Rhonabwy. Rhonabwy, Kynwrig Vrychgoch, um homem de Mawddwy, e Cadwgan Vras, um homem de Moelvre, em Kynlleith, chegaram juntos à casa de Heilyn Goch, filho de Cadwgan, filho de Iddon. Quando se aproximaram

da casa, viram um salão velho, muito escuro e com uma empena alta, de onde saía muita fumaça.

Ao entrar, encontraram o chão cheio de poças e montes de sujeira; era difícil ficar de pé, tão escorregadio estava com o barro do gado. Onde havia poças, a água e a sujeira chegavam até os tornozelos. Ramos de azevinho estavam espalhados pelo chão, e o gado havia comido os brotos.

Ao chegar ao salão da casa, viram compartimentos cheios de poeira e muito sombrios; de um lado, uma velha bruxa fazia fogo. Sempre que sentia frio, jogava sobre o fogo um avental cheio de palha, levantando uma fumaça tão forte que mal se podia suportá-la quando subia pelas narinas.

Do outro lado, havia no chão uma pele amarela de bezerro; era um grande privilégio para quem conseguisse deitar sobre ela.

Quando se sentaram, perguntaram à velha onde estavam as pessoas da casa. Ela não respondeu, apenas resmungou. Então, eis que as pessoas da casa entraram: um homem ruivo, grosseiro e de cabelos encaracolados, com um feixe de lenha nas costas, e uma mulher pálida e magra, também carregando um embrulho debaixo do braço. Mal deram as boas-vindas aos homens e acenderam o fogo com os ramos. A mulher preparou alguma coisa e lhes deu de comer: pão de cevada, queijo, leite e água.

Levantou-se uma tempestade de vento e chuva, de modo que mal era possível sair em segurança. Cansados da viagem, deitaram-se e tentaram dormir. Quando olharam para a cama, ela parecia feita apenas de um pouco de palha grossa, cheia de poeira e bichos, com os talos dos ramos atravessados

nela, pois o gado havia comido toda a palha que fora posta na cabeceira e nos pés.

Sobre ela estava estendido um tapete velho, cor de castanha, gasto e esburacado; sobre o tapete havia um lençol grosseiro, cheio de rasgos, e sobre o lençol, um travesseiro mal recheado e uma coberta gasta. Depois de muito sofrer com os bichos e com o desconforto da cama, os companheiros de Rhonabwy caíram num sono profundo.

Mas Rhonabwy, sem conseguir dormir nem descansar, pensou que sofreria menos se fosse deitar sobre a pele amarela de bezerro estendida no chão. E ali dormiu.

Assim que o sono lhe fechou os olhos, pareceu-lhe que viajava com seus companheiros pela planície de Argyngroeg e que seguia em direção a Rhyd y Groes, no Severn. Enquanto viajava, ouviu um ruído tremendo, como nunca tinha ouvido antes.

Olhou para trás e viu um jovem de cabelos loiros e cacheados, com a barba recém-aparada, montado num cavalo castanho cujas pernas eram cinzentas desde o alto das patas dianteiras e, nas traseiras, desde as juntas para baixo.

O cavaleiro vestia uma túnica de cetim amarelo bordada com seda verde e trazia na coxa uma espada com punho de ouro e bainha de couro novo de Córdoba, presa com uma tira de pele de cervo e fivela de ouro. Por cima, usava uma faixa de cetim amarelo bordada com seda verde, cujas bordas também eram verdes.

O verde dos arreios do cavalo e das roupas do cavaleiro era tão verde quanto as folhas do pinheiro, e o amarelo era tão amarelo quanto as flores

da giesta. O aspecto do cavaleiro era tão feroz que eles se apavoraram e começaram a fugir. O cavaleiro os perseguiu.

Quando o cavalo expirava, os homens se afastavam dele; quando inspirava, eram puxados para perto, até o peito do cavalo. Quando os alcançou, imploraram por sua misericórdia.

"Concedo-a de bom grado", disse ele. "Não tenham medo." "Ah, chefe, já que tens misericórdia de mim, conta-me também quem és", disse Rhonabwy. "Não esconderei de ti minha linhagem: sou Iddawc, filho de Mynyo, mas sou mais conhecido pelo apelido do que pelo nome."

"E nos dirás qual é o teu apelido?" "Direi: Iddawc, Fomentador da Discórdia na Bretanha." "Ah, chefe", disse Rhonabwy, "por que te chamam assim?" "Vou te contar. Fui um dos mensageiros entre Arthur e Medrawd, seu sobrinho, na batalha de Camlan. Naquele tempo, eu era um jovem imprudente e, por meu desejo de lutar, provoquei discórdia entre eles e despertei sua ira. Arthur, o Imperador, havia me enviado para conversar com Medrawd e mostrar-lhe que era seu filho de criação e sobrinho, e para buscar a paz, a fim de que os filhos dos reis da Ilha da Bretanha e dos nobres não fossem mortos.

Arthur me encarregou das palavras mais gentis que pôde imaginar, mas eu disse a Medrawd as palavras mais duras que pude inventar. Por isso me chamam Iddawc, Fomentador da Discórdia na Bretanha, pois foi daí que resultou a batalha de Camlan. Três noites antes do fim da batalha de Camlan, deixei-os e fui para Llech Las, no norte da Bretanha, fazer penitência. Fiquei ali fazendo penitência por sete anos e, depois disso, obtive perdão."

Então, eis que ouviram um ruído tremendo, muito mais alto do que o que tinham ouvido antes. Quando olharam na direção do som, viram um jovem ruivo, sem barba nem bigode, de aparência nobre, montado num belo cavalo. Do pescoço e da parte da frente dos joelhos para baixo, o cavalo era castanho-avermelhado.

O homem vestia uma roupa de cetim vermelho bordada com seda amarela, e as bordas de sua faixa eram amarelas. As partes amarelas de sua roupa e dos arreios do cavalo eram tão amarelas quanto as flores da giesta; as partes vermelhas eram tão rubras quanto o sangue mais vermelho do mundo.

Então, eis que o cavaleiro os alcançou e pediu a Iddawc que lhe cedesse alguns dos homenzinhos que o acompanhavam. “Concederei o que me cabe conceder, e serás companheiro deles como eu fui.” O cavaleiro foi embora. “Iddawc”, perguntou Rhonabwy, “quem era aquele cavaleiro?” “Rhuvawn Pebyr, filho do príncipe Deorthach.”

Eles atravessaram a planície de Argyngroeg até o vau de Rhyd y Groes, no Severn. Por uma milha ao redor do vau, dos dois lados da estrada, viram tendas e acampamentos, e ouviam o tumulto de um grande exército. Chegaram à margem do vau e ali viram Arthur sentado numa ilha plana abaixo do vau, com Bedwini, o bispo, de um lado e Gwarthegyd, filho de Kaw, do outro.

Diante dele estava um jovem alto, de cabelos castanho-avermelhados, com a espada embainhada na mão, vestido com túnica e gorro de cetim negro como azeviche. Seu rosto era branco como marfim, as sobrancelhas eram negras como azeviche, e a parte do pulso que aparecia entre a luva e a

manga era mais branca que o lírio e mais grossa que o tornozelo de um guerreiro.

⁂

Então Iddawc e os que estavam com ele se aproximaram, ficaram diante de Arthur e o saudaram. “Que o Céu te conceda prosperidade”, disse Arthur. “E onde, Iddawc, encontraste esses homenzinhos?”

“Encontrei-os, senhor, ali adiante na estrada.” Então o Imperador sorriu. “Senhor”, disse Iddawc, “por que estás rindo?” “Iddawc”, respondeu Arthur, “não estou rindo; tenho pena de que homens de estatura como a deles tenham esta ilha sob seu domínio, depois dos homens que a protegiam antigamente.”

Então Iddawc disse: “Rhonabwy, vês o anel com uma pedra engastada que está na mão do Imperador?” “Vejo”, respondeu ele. “Uma das propriedades dessa pedra é permitir que te lembres do que vês aqui esta noite. Se não tivesses visto a pedra, nunca conseguirias lembrar-te de nada disso.”

Depois disso, viram um grupo que vinha em direção ao vau. “Iddawc”, perguntou Rhonabwy, “a quem pertence aquele grupo?” “São os companheiros de Rhuvawn Pebyr, filho do príncipe Deorthach. Esses homens são servidos com honra, com hidromel e bragget, e são muito queridos pelas filhas dos reis da Ilha da Bretanha. Merecem isso, pois sempre estiveram na linha de frente e na retaguarda em todo perigo.”

Ele viu uma só cor nos homens e nos cavalos daquele grupo: todos eram vermelhos como sangue. Quando um dos cavaleiros saiu do grupo, parecia um pilar de fogo cruzando o céu. O grupo acampou acima do vau.

Então viram outro grupo que vinha em direção ao vau. Do peito dos cavalos para cima, os cavaleiros eram mais brancos que o lírio; para baixo, mais negros que azeviche.

Viram um desses cavaleiros passar à frente dos outros e esporear o cavalo vau adentro, de tal maneira que a água espirrou sobre Arthur, o bispo e os que conversavam com eles, deixando-os tão molhados como se tivessem sido encharcados no rio. Quando virou a cabeça do cavalo, o jovem que estava diante de Arthur atingiu o focinho do animal com a espada embainhada.

Se a lâmina estivesse nua, teria sido de espantar se não ferisse também o osso, além da carne. O cavaleiro puxou metade da espada para fora da bainha e perguntou: "Por que golpeaste meu cavalo? Foi para me insultar ou para me aconselhar?"

"De fato, estás precisando de conselho. Que loucura te fez cavalgar tão furiosamente a ponto de jogar a água do vau sobre Arthur, o bispo consagrado e seus conselheiros, deixando-os tão molhados como se tivessem sido arrastados para fora do rio?" "Então aceitarei isso como conselho." E virou a cabeça do cavalo em direção ao seu exército.

"Iddawc", disse Rhonabwy, "quem era aquele cavaleiro?" "O jovem mais eloquente e sábio desta ilha: Adaon, filho de Taliesin." "E quem era o homem que golpeou seu cavalo?" "Um jovem de natureza rebelde: Elphin, filho de Gwyddno."

Então falou um homem alto e imponente, de fala nobre e fluente. Disse que era espantoso um exército tão vasto estar reunido num espaço tão es-

treito, e mais espantoso ainda que estivessem ali, naquele momento, aqueles que haviam prometido estar ao meio-dia na batalha de Badon, lutando contra Osla Gyllellvawr.

"Que decidas seguir adiante ou não, eu seguirei." "Tens razão", disse Arthur, "e iremos todos juntos." "Iddawc", disse Rhonabwy, "quem era o homem que há pouco falou com tanta veemência a Arthur?"

"Um homem que pode falar com toda a franqueza que quiser: Caradawc Vreichvras, filho de Llyr Marini, seu principal conselheiro e primo."

Então Iddawc tomou Rhonabwy atrás de si em seu cavalo, e aquele poderoso exército avançou, cada tropa em sua ordem, em direção a Cevndigoll. Quando chegaram ao meio do vau do Severn, Iddawc virou a cabeça do cavalo, e Rhonabwy olhou pelo vale do Severn. Então viu duas belas tropas vindo em direção ao vau.

Uma delas vinha em branco brilhante, e cada homem trazia um lenço de cetim branco com bordas negras como azeviche. Os joelhos e o alto dos ombros dos cavalos eram negros como azeviche, embora o restante do corpo fosse de um branco puro. Seus estandartes eram brancos puros, todos com pontas negras.

"Iddawc", disse Rhonabwy, "quem é aquela tropa toda vestida de branco?" "São os homens da Noruega, e March, filho de Meirchion, é seu príncipe. Ele é primo de Arthur." Mais adiante, Rhonabwy viu uma tropa cujos homens vestiam roupas negras como azeviche, com bordas brancas puras em cada lenço; o alto dos ombros e os joelhos dos cavalos eram brancos puros.

Seus estandartes eram negros como azeviche, com uma ponta branca pura em cada um.

"Iddawc", disse Rhonabwy, "quem é aquela tropa negra como azeviche?" "São os homens da Dinamarca, e Edeyrn, filho de Nudd, é seu príncipe."

Quando alcançaram o exército, Arthur e seus poderosos guerreiros desmontaram abaixo de Caer Badou, e Rhonabwy percebeu que ele e Iddawc tinham seguido o mesmo caminho que Arthur. Depois que desmontaram, ouviu grande tumulto e confusão entre as tropas. Os que estavam nos flancos foram para o centro, e os que estavam no centro se deslocaram para os flancos.

Então, eis que viu um cavaleiro vindo, vestido, assim como seu cavalo, com uma armadura de malha cujos anéis eram mais brancos que o mais branco dos lírios e cujos rebites eram mais vermelhos que o sangue mais rubro. Ele cavalgava entre as tropas.

"Iddawc", disse Rhonabwy, "aquele exército vai fugir?" "O rei Arthur nunca fugiu; se alguém ouvisse essa tua fala, estarias perdido. Quanto ao cavaleiro que vês ali, é Kai. Em toda a corte de Arthur, Kai é o cavaleiro mais belo; os homens que estão na frente do exército correm para a retaguarda a fim de vê-lo cavalgar, e os que estão no centro se afastam para os lados, assustados com o choque de seu cavalo. É por isso que o exército está confuso."

Então ouviram chamarem Kadwr, conde da Cornualha, e eis que ele se levantou com a espada de Arthur na mão. Na espada havia, em ouro, a imagem de duas serpentes. Quando a espada foi tirada da bainha, pareceu que

duas chamas irrompiam das bocas das serpentes. A espada era tão extraordinária que era difícil alguém olhar para ela. O exército ficou em silêncio, o tumulto cessou, e o conde voltou à tenda.

"Iddawc", disse Rhonabwy, "quem é o homem que carregava a espada de Arthur?" "Kadwr, o conde da Cornualha, cuja tarefa é armar o rei nos dias de batalha e guerra."

Então ouviram chamarem Eirynwych Amheibyn, servidor de Arthur: um homem ruivo, desgrenhado e de aparência desagradável, com costeletas ruivas e pelos eriçados. Eis que ele veio montado num cavalo alto e vermelho, com a crina dividida dos dois lados, trazendo consigo uma grande e bela carga de bagagem.

O enorme jovem ruivo desmontou diante de Arthur e tirou da bagagem uma cadeira de ouro e um tapete de cetim adamascado. Estendeu o tapete diante de Arthur; havia uma maçã de ouro avermelhado em cada canto, e ele pôs a cadeira sobre o tapete. A cadeira era tão grande que três guerreiros armados poderiam sentar-se nela.

O tapete se chamava Gwenn, e tinha a propriedade de que ninguém podia ver quem estivesse sobre ele, embora essa pessoa pudesse ver todos. Ele não conservava nenhuma cor além da sua própria.

⁂

Arthur sentou-se sobre o tapete, e Owain, filho de Urien, estava de pé diante dele. "Owain", disse Arthur, "queres jogar xadrez?" "Quero, senhor", respondeu Owain. O jovem ruivo trouxe as peças e o tabuleiro de xadrez

para Arthur e Owain: peças de ouro e um tabuleiro de prata. E começaram a jogar.

Enquanto estavam assim, entretidos com a partida, eis que viram uma tenda branca com um dossel vermelho. No alto da tenda havia a figura de uma serpente negra como azeviche, com olhos vermelhos, brilhantes e venenosos, e uma língua em chamas. Veio então um jovem pajem de cabelos amarelos e encaracolados, olhos azuis e barba começando a crescer.

Vestia uma túnica e uma sobre túnica de cetim amarelo, calças de tecido fino amarelo-esverdeado e, por cima delas, sapatos de couro de várias cores, presos no peito do pé por fivelas de ouro. Trazia uma espada pesada de três gumes, com punho de ouro, numa bainha de couro preto com a ponta adornada de ouro fino. Ele se dirigiu ao lugar onde o imperador e Owain jogavam xadrez.

O jovem cumprimentou Owain. Owain estranhou que ele o cumprimentasse sem cumprimentar o imperador Arthur. Arthur percebeu o que Owain pensava e lhe disse: “Não estranhes que o jovem te cumprimente agora, pois já me cumprimentou antes; o recado dele é para ti.”

Então o jovem disse a Owain: “Senhor, os jovens pajens e servidores do imperador estão atormentando e maltratando teus corvos. Fazem isso com tua permissão? Se não, pede ao imperador que os proíba.”

“Senhor”, disse Owain, “ouves o que o jovem diz. Se te parecer bem, proíbe que maltratem meus corvos.” “Continua tua partida”, disse Arthur. Então o jovem voltou à tenda.

Terminaram aquela partida e começaram outra. Quando estavam no meio do jogo, eis que saiu de uma tenda amarelo-brilhante um jovem ruivo, de cabelos castanho-avermelhados e encaracolados, olhos grandes, bem desenvolvido e com a barba recém-feita. No alto da tenda havia a figura de um leão vermelho vivo.

Ele vestia uma túnica de cetim amarelo que chegava até a batata da perna, bordada com fios de seda vermelha. Nos pés, usava meias de fino buckram branco e, por cima delas, botas de couro preto com fivelas de ouro. Na mão trazia uma espada enorme, pesada e de três gumes, numa bainha de couro de cervo vermelho com a ponta adornada de ouro.

Ele foi até o lugar onde Arthur e Owain jogavam xadrez e cumprimentou Owain. Owain ficou incomodado com a saudação, mas Arthur não lhe deu mais atenção do que antes. O jovem disse a Owain: "Não queres que os servidores do imperador atormentem teus corvos, matando alguns e maltratando outros? Se isso é contra a tua vontade, pede a ele que os proíba."

"Senhor", disse Owain, "proíbe teus homens, se te parecer bem." "Continua tua partida", disse o imperador. E o jovem voltou à tenda.

A partida terminou, e outra começou. Quando iam fazer a primeira jogada, viram, a pouca distância, uma tenda amarelo-mesclada, a maior que já se tinha visto, com a figura de uma águia de ouro e uma pedra preciosa na cabeça dela.

Da tenda saiu um jovem de cabelos amarelos e espessos, belo e atraente, usando um lenço de cetim azul e um broche de ouro no lenço, sobre o ombro direito, tão grande quanto o dedo médio de um guerreiro. Nos pés,

usava meias de fino tecido de Totnes e sapatos de couro de várias cores, presos por fivelas de ouro.

O jovem tinha porte nobre, rosto belo, bochechas coradas e grandes olhos de falcão. Na mão, trazia uma lança poderosa, amarelo-mesclada, com a ponta recém-afiada; nela, um estandarte tremulava.

Furioso e andando depressa, o jovem foi até o lugar onde Arthur jogava xadrez com Owain. Perceberam que estava irado. Ele cumprimentou Owain e lhe contou que a maior parte dos corvos havia sido morta e que os que não tinham sido mortos estavam tão feridos e machucados que nenhum deles conseguia erguer as asas nem mesmo um côvado acima do chão.

"Senhor", disse Owain, "proíbe teus homens." "Continua a jogar", respondeu Arthur, "se assim desejares." Então Owain disse ao jovem: "Volta e, onde encontrares a luta mais acirrada, ergue o estandarte. Que aconteça o que o Céu quiser."

O jovem voltou ao lugar onde a luta mais castigava os corvos e ergueu o estandarte. Assim que o fez, todos os corvos se ergueram no ar, furiosos, ferozes e cheios de ânimo, batendo as asas ao vento e livrando-se do cansaço que os dominava.

Recuperando as forças e a coragem, desceram com fúria e júbilo, num só movimento, sobre as cabeças dos homens que antes lhes haviam causado raiva, dor e ferimentos. Agarraram alguns pela cabeça, outros pelos olhos, alguns pelas orelhas e outros pelos braços, e os levaram pelos ares.

No céu houve grande tumulto com o bater das asas dos corvos triunfantes e seus grasnidos; e houve outro grande tumulto com os gemidos dos ho-

mens que eram rasgados e feridos, alguns deles mortos.

Enquanto jogavam xadrez, Arthur e Owain se espantaram com o tumulto. Ao olharem, viram um cavaleiro vindo em sua direção num cavalo castanho-acinzentado. A cor do cavalo era extraordinária. O ombro direito era vermelho vivo, e, do alto das pernas até o meio dos cascos, ele era amarelo vivo. O cavaleiro e o cavalo estavam totalmente equipados com armadura pesada estrangeira.

A cobertura do cavalo, da abertura dianteira para cima, era de sendal vermelho vivo; da abertura para baixo, de sendal amarelo vivo. O jovem trazia na coxa uma grande espada de um só gume, com punho de ouro, numa bainha azul-clara com a ponta adornada de latão espanhol.

O cinturão da espada era de couro verde-escuro, com passadores de ouro e uma fivela de marfim; sobre a fivela havia uma peça negra como azeviche. O cavaleiro usava um elmo de ouro cravejado de pedras preciosas de grande poder. No alto do elmo havia a imagem de um leopardo cor de fogo, com duas pedras vermelho-rubi na cabeça.

Era espantoso para qualquer guerreiro, por mais corajoso que fosse, olhar para o rosto do leopardo, e mais ainda para o rosto do cavaleiro. Na mão, ele trazia uma lança de haste azul, mas, da empunhadura até a ponta, ela estava manchada de vermelho-carmesim pelo sangue e pelas penas dos corvos.

O cavaleiro chegou ao lugar onde Arthur e Owain estavam sentados jogando xadrez. Perceberam que ele vinha aflito, irritado e cansado. O jovem cumprimentou Arthur e lhe contou que os corvos de Owain estavam ma-

tando seus jovens e servidores. Arthur olhou para Owain e disse: “Proíbe teus corvos.” “Senhor”, respondeu Owain, “continua tua partida.” E eles continuaram a jogar. O cavaleiro voltou para a luta, e os corvos não foram proibidos, como antes.

⁂

E, enquanto jogavam, ouviram um grande tumulto, homens em pranto e corvos grasnando, enquanto levavam os homens pelos ares com sua força e, rasgando-os entre si, deixavam-nos cair em pedaços no chão. Em meio ao tumulto, viram um cavaleiro aproximar-se, montado num cavalo cinza-claro, cuja pata dianteira esquerda era negra como azeviche até o meio do casco.

O cavaleiro e o cavalo estavam inteiramente equipados com uma enorme e pesada armadura azul. O cavaleiro vestia uma túnica de honra de cetim amarelo adamascado, com bordas azuis. Os arreios do cavalo eram negros como azeviche, com bordas de amarelo vivo. Na coxa do jovem havia uma espada longa, de três gumes e pesada.

A bainha era de couro vermelho recortado, e o cinturão, de pele nova de cervo vermelha, tinha muitas passadeiras de ouro e uma fivela feita de osso de morsa, cuja lingueta era negra como azeviche. O cavaleiro usava um elmo de ouro, com pedras de safira de grande poder incrustadas.

No alto do elmo havia a figura de um leão cor de fogo, com uma língua vermelho-fogo que saía mais de um palmo de sua boca e olhos venenosos, vermelho-carmesim, na cabeça. O cavaleiro vinha com uma lança grossa de

freixo na mão, cuja ponta, recém-mergulhada em sangue, era revestida de prata.

E o jovem saudou o Imperador: “Senhor”, disse ele, “não te importas com a morte de teus pajens, de teus jovens e dos filhos dos nobres da Ilha da Bretanha? Daqui em diante, será difícil defender esta ilha para sempre.” “Owain”, disse Arthur, “detém teus corvos.” “Continue este jogo, Senhor”, disse Owain.

Então terminaram o jogo e começaram outro. Quando estavam terminando esse jogo, ouviram um grande tumulto, o clamor de homens armados, corvos grasnando e o bater de asas no ar, enquanto lançavam ao chão armaduras inteiras e, em pedaços, homens e cavalos. Então viram aproximar-se um cavaleiro montado num cavalo malhado, de cabeça erguida.

O ombro esquerdo do cavalo era vermelho-vivo, e a perna direita, do peito até a cavidade do casco, era toda branca. O cavaleiro e o cavalo estavam equipados com armas amarelas salpicadas, adornadas com latão espanhol. Ele e o cavalo vestiam uma túnica de honra dividida em duas partes, branca e preta, com bordas de púrpura dourada.

Sobre a túnica, ele usava uma espada de três gumes, reluzente, com punho de ouro. O cinturão da espada era trabalhado em ouro amarelo e tinha uma fivela feita da pálpebra de uma morsa negra, com lingueta de ouro amarelo.

Na cabeça do cavaleiro havia um elmo brilhante de latão amarelo, com pedras de cristal cintilantes, e no alto do elmo havia a figura de um grifo, com uma pedra de muitos poderes na cabeça. Ele segurava uma lança de freixo

com haste redonda, azul-celeste. A ponta da lança estava recém-manchada de sangue e revestida de prata fina.

Furioso, o cavaleiro foi até onde Arthur estava e contou que os corvos tinham matado seus homens da casa e os filhos dos principais chefes desta ilha. Pediu-lhe que mandasse Owain deter seus corvos. Arthur pediu a Owain que os detivesse. Então Arthur pegou as peças de ouro do tabuleiro e as esmagou até virarem pó. Em seguida, Owain ordenou a Gwres, filho de Rheged, que baixasse seu estandarte. Ele foi baixado, e tudo ficou em paz.

Então Rhonabwy perguntou a Iddawc quem eram os três primeiros homens que tinham ido até Owain para lhe dizer que seus corvos estavam sendo mortos. Iddawc respondeu: "Eram homens que lamentavam que Owain sofresse uma perda: seus companheiros chefes, Selyv, filho de Kynan Garwyn de Powys; Gwgawn Gleddyvrudd; e Gwres, filho de Rheged, aquele que leva o estandarte no dia da batalha e da luta."

"E quem", perguntou Rhonabwy, "eram os três últimos homens que foram até Arthur e lhe disseram que os corvos estavam massacrando seus homens?" "Os melhores dos homens", disse Iddawc, "os mais corajosos, e que ficariam muito tristes se Arthur sofresse algum dano: Blathaon, filho de Mawrheth; Rhuvawn Pebyr, filho do príncipe Deorthach; e Hyveidd Unllenn."

Então, eis que chegaram vinte e quatro cavaleiros enviados por Osla Gyllellvawr para pedir a Arthur uma trégua de quinze dias e um mês. Arthur se levantou e foi aconselhar-se.

Chegou a um lugar onde, a pouca distância, havia um homem alto, de cabelos castanho-avermelhados e cacheados, e ali reuniu seus conselheiros: Bedwini, o bispo; Gwarthegyd, filho de Kaw; March, filho de Meirchawn; Caradawc Vreichvras; Gwalchmai, filho de Gwyar; Edeyrn, filho de Nudd; Rhuvawn Pebyr, filho do príncipe Deorthach; Rhiogan, filho do rei da Irlanda; Gwenwynwyn, filho de Nav; Howel, filho de Emyr Llydaw; Gwilym, filho de Rhwyf Freinc; Daned, filho de Ath; Goreu Custennin; Mabon, filho de Modron; Peredur Paladyr Hir; Hyveidd Unllenn; Twrch, filho de Perif; Nerth, filho de Kadarn; Gobrwy, filho de Echel Vorddwyttwll; Gair, filho de Gwestyl; Gadwy, filho de Geraint; Trystan, filho de Tallwch; Moryen Manawc; Granwen, filho de Llyr; Llacheu, filho de Arthur; Llawvrodedd Varvawc; Kadwr, conde da Cornualha; Morvran, filho de Tegid; Rhyawd, filho de Morgant; Dyvyr, filho de Alun Dyved; Gwrhyr Gwalstawd Ieithoedd; Adaon, filho de Taliesin; Llary, filho de Kasnar Wledig; Fflewddur Fflam; Greidawl Galldovydd; Gilbert, filho de Kadgyffro; Menw, filho de Teirgwaedd; Gwrthmwl Wledig; Cawrdav, filho de Caradawc Vreichvras; Gildas, filho de Kaw; Kadyriaith, filho de Saidi; muitos homens da Noruega e da Dinamarca, muitos homens da Grécia e uma multidão dos homens do exército.

"Iddawc", disse Rhonabwy, "quem era aquele homem de cabelos castanho-avermelhados a quem foram agora mesmo?" "Rhun, filho de Maelgwn Gwynedd, um homem que tem o privilégio de participar dos conselhos de todos." "E por que permitiram que um rapaz tão jovem como Kadyriaith, filho de Saidi, tomasse parte no conselho, junto de homens tão importantes como os que estão ali?" "Porque não há em toda a Bretanha homem mais hábil em dar conselhos do que ele."

Então, eis que chegaram bardos e recitaram versos diante de Arthur. Ninguém entendia aqueles versos, exceto Kadyriaith, embora fossem em louvor a Arthur.

E eis que chegaram vinte e quatro jumentos carregados de ouro e prata, cada um acompanhado por um homem cansado de longa viagem, trazendo tributo a Arthur das Ilhas da Grécia. Então Kadyriaith, filho de Saidi, pediu que fosse concedida a Osla Gyllellvawr uma trégua de quinze dias e um mês, e que os jumentos e suas cargas fossem dados aos bardos como recompensa por sua permanência, e que seus versos fossem recompensados durante a trégua. Assim ficou decidido.

"Rhonabwy", disse Iddawc, "não seria errado impedir que um jovem capaz de dar um conselho tão generoso como esse participasse dos conselhos de seu Senhor?"

Então Kai se levantou e disse: "Quem quiser seguir Arthur, que esteja com ele esta noite na Cornualha; quem não quiser, que se oponha a Arthur, mesmo durante a trégua." E, em meio ao grande tumulto que se seguiu, Rhonabwy despertou. Ao acordar, estava sobre a pele amarela de bezerro, depois de dormir três dias e três noites.

E este conto se chama O Sonho de Rhonabwy. Ninguém conhece o sonho sem um livro, nem bardo nem vidente dotado, por causa das muitas cores dos cavalos, das cores maravilhosas das armas e armaduras, dos preciosos mantos e das pedras dotadas de poder.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PWYLL, PRÍNCIPE DE DYVED

✦

Pwyll, Príncipe de Dyved, era senhor dos sete cantrevs de Dyved. Certa vez, estava em Narberth, seu palácio principal, e decidiu sair para caçar. A parte de seus domínios onde queria caçar era Glyn Cuch. Então partiu de Narberth naquela noite e foi até Llwyn Diarwyd. Passou a noite ali e, de manhã cedo, levantou-se e chegou a Glyn Cuch.

Soltou os cães na mata, tocou a trompa e começou a caçada. Enquanto seguia os cães, perdeu seus companheiros. Ao escutar os cães de caça, ouviu o latido de outros cães, diferente do dos seus e vindo da direção oposta.

Ele viu uma clareira na mata, formando uma planície. Quando seus cães chegaram à beira da clareira, viu um cervo diante dos outros cães. E eis que, ao chegar ao meio da clareira, os cães que perseguiam o cervo o alcançaram e o derrubaram. Então olhou para a cor dos cães, sem parar para olhar o cervo.

De todos os cães de caça que já vira no mundo, nunca tinha visto outros como aqueles. O pelo deles era de um branco brilhante e reluzente, e as orelhas eram vermelhas. Assim como brilhava a brancura de seus corpos, reluziam também suas orelhas vermelhas. Ele se aproximou dos cães, afastou os que haviam derrubado o cervo e lançou seus próprios cães contra ele.

Enquanto instigava seus cães, viu um cavaleiro vindo em sua direção num grande cavalo cinzento-claro. Trazia uma trompa de caça ao redor do pes-

coço e vestia roupas de lã cinzenta, próprias para a caça. O cavaleiro se aproximou e falou com ele: “Chefe”, disse, “sei quem és, mas não te saúdo.”

“Talvez”, disse Pwyll, “sejas de tão alta posição que não precisas fazê-lo.” “Na verdade”, respondeu ele, “não é minha posição que me impede.” “Então o que é, chefe?”, perguntou Pwyll.

“Pelo Céu, é tua própria ignorância e falta de cortesia.” “Que falta de cortesia viste em mim, chefe?” “Nunca vi em homem maior falta de cortesia”, disse ele, “do que afastar os cães que estavam matando o cervo e lançar os teus contra ele. Isso foi uma descortesia. E, embora eu não possa me vingar de ti, declaro ao Céu que te desonrarei mais do que valem cem cervos.”

“Ó chefe”, respondeu Pwyll, “se fiz mal, vou reconquistar tua amizade.” “Como vais reconquistá-la?” “De acordo com tua posição, mas não sei quem és.” “Sou um rei coroado na terra de onde venho.”

“Senhor”, disse Pwyll, “que teu dia seja próspero. De que terra vens?” “De Annwvyn”, respondeu ele. “Sou Arawn, rei de Annwvyn.” “Senhor”, disse Pwyll, “como posso conquistar tua amizade?”

“Assim poderás”, disse ele. “Há um homem cujos domínios fazem fronteira com os meus e que está sempre em guerra comigo. Ele é Havgan, rei de Annwvyn. Se me livrares dessa opressão, o que podes fazer com facilidade, conquistarás minha amizade.”

“Farei isso de bom grado”, disse Pwyll. “Mostra-me como.” “Vou te mostrar. Vê como podes fazer. Vou firmar contigo uma amizade verdadeira, e farei o seguinte: vou te enviar a Annwvyn em meu lugar e te darei a mais bela dama que já viste para ser tua companheira. Também te darei minha

aparência e meu porte, para que nenhum pajem da câmara, nenhum oficial nem qualquer outro homem que sempre me acompanhou saiba que não sou eu. Isso durará um ano a partir de amanhã; depois nos encontraremos neste lugar."

"Sim", disse Pwyll, "mas, depois de passar um ano lá, como vou encontrar aquele de quem falas?" "Daqui a um ano, nesta noite", respondeu Arawn, "é a hora marcada para nos encontrarmos no Vau. Vai até lá com minha aparência e, com um só golpe, poderás matá-lo. E, se ele te pedir outro golpe, não o dês, por mais que ele implore. Quando fiz isso, ele lutou comigo no dia seguinte tão bem quanto antes."

"De fato", disse Pwyll, "o que farei com meu reino?" Arawn respondeu: "Farei com que ninguém em teus domínios, homem ou mulher, perceba que não sou tu, e irei para lá em teu lugar."

"Então partirei de bom grado", disse Pwyll. "Teu caminho será livre, e nada te deterá até chegares aos meus domínios. Eu mesmo serei teu guia!"

Arawn o conduziu até que avistassem o palácio e suas construções. "Vê", disse ele, "a corte e o reino sob teu poder. Entra na corte; ninguém lá te reconhecerá. Quando vires os serviços que são feitos ali, conhecerás os costumes da corte."

Pwyll seguiu até a corte e, ao chegar, viu quartos de dormir, salões, câmaras e os mais belos edifícios que já se viram. Entrou no salão para trocar de roupa. Vieram jovens e pajens e o ajudaram a se despir; todos que entravam o saudavam. Dois cavaleiros vieram, tiraram dele as roupas de caça e o vestiram com trajes de seda e ouro. O salão foi preparado.

Então ele viu a comitiva e a multidão entrando; eram as pessoas mais bonitas e mais bem vestidas que já vira. Com elas entrou também a Rainha, a mulher mais bela que ele já tinha visto. Ela vestia uma túnica amarela de cetim reluzente. Todos se lavaram e foram à mesa. Sentaram-se, a Rainha de um lado dele e, do outro, alguém que parecia ser um conde.

Pwyll começou a conversar com a Rainha e, por sua fala, achou que ela era a dama mais graciosa e nobre na conversa e no modo de ser que já existira. Comeram e beberam, com música e banquete. De todas as cortes da Terra, aquela era a mais bem abastecida de comida e bebida, vasos de ouro e joias reais.

Ele passou o ano caçando, ouvindo música, participando de banquetes e diversões e conversando com seus companheiros, até a noite marcada para o combate. Quando essa noite chegou, até os que viviam na parte mais distante de seus domínios se lembravam dela. Pwyll foi ao encontro, acompanhado pelos nobres do reino.

Ao chegar ao Vau, um cavaleiro se levantou e falou: “Senhores”, disse, “escutem bem. Este encontro é entre dois reis, e somente entre eles. Cada um reivindica do outro suas terras e seus domínios. Afastem-se todos e deixem que a luta seja entre os dois.”

Então os dois reis se aproximaram no meio do Vau e se enfrentaram. No primeiro golpe, o homem que estava no lugar de Arawn acertou Havgan no centro do umbo do escudo, partindo-o em dois e quebrando sua armadura. Havgan foi lançado ao chão, por cima da garupa do cavalo, à distância de um braço e de uma lança, e recebeu um golpe mortal.

"Ó chefe", disse Havgan, "que direito tens de me matar? Eu não te fazia mal algum, e não sei por que queres me matar. Mas, pelo amor do Céu, já que começaste a me matar, termina o que começaste."

"Ah, chefe", respondeu Pwyll, "talvez eu ainda me arrependa de fazer isso contigo. Quem quer que te mate, eu não o farei." "Meus fiéis senhores", disse Havgan, "levem-me daqui. Minha morte chegou. Já não poderei defendê-los."

"Meus nobres", disse também aquele que tinha a aparência de Arawn, "decidam quem deve ser meu súdito." "Senhor", disseram os nobres, "todos devem sê-lo, pois não há outro rei em toda Annwvyn além de ti."

"Sim", respondeu ele, "é justo receber com bondade quem vem humildemente. Mas quem não vier em obediência será obrigado pela força das espadas." Então recebeu a homenagem dos homens e começou a conquistar o país. No dia seguinte, ao meio-dia, os dois reinos estavam sob seu poder. Depois, foi cumprir o encontro marcado e chegou a Glyn Cuch.

⁂

Quando chegou, o rei de Annwvyn estava lá para encontrá-lo, e os dois ficaram felizes em se ver. "De fato", disse Arawn, "que o Céu te recompense por tua amizade comigo. Ouvi falar dela. Quando voltares aos teus domínios", disse ele, "verás o que fiz por ti." "Que o Céu te retribua por tudo o que fizeste por mim."

Então Arawn devolveu a Pwyll, Príncipe de Dyved, sua aparência e seu porte, e retomou os seus. Arawn partiu para a corte de Annwvyn. Alegrou-se ao rever sua comitiva e sua casa, que não via havia tanto tempo. Eles não

tinham percebido sua ausência e não se admiraram mais com sua volta do que de costume. Aquele dia foi de alegria e diversão; ele se sentou e conversou com a esposa e os nobres. Quando chegou a hora de dormir, em vez de continuar a festa, foram descansar.

Pwyll, Príncipe de Dyved, também voltou ao seu país e aos seus domínios. Começou a perguntar aos nobres da terra como havia sido seu governo durante o ano passado, em comparação com antes.

"Senhor", disseram eles, "nunca tiveste tanta sabedoria, nem foste tão bondoso ou tão generoso ao dar teus presentes. Nunca tua justiça se mostrou de maneira tão digna como neste ano."

"Pelo Céu", disse Pwyll, "por todo o bem que desfrutaram, devem agradecer àquele que esteve com vocês. Pois foi assim que aconteceu." Então contou tudo a eles.

"De fato, senhor", disseram eles, "agradece ao Céu por teres um companheiro assim e não nos tires o governo que desfrutamos neste último ano." "Tomo o Céu por testemunha de que não o tirarei", respondeu Pwyll.

A partir de então, fortaleceram a amizade que havia entre eles. Cada um enviava ao outro cavalos, galgos, falcões e todo tipo de joias que julgava agradar ao outro. Como passara aquele ano em Annwvyn, governara ali com tanto sucesso e, por sua coragem e valentia, reunira os dois reinos em um só dia, Pwyll perdeu o nome de Príncipe de Dyved e, dali em diante, passou a ser chamado Pwyll, Senhor de Annwvyn.

Certa vez, Pwyll estava em Narberth, seu palácio principal, onde se preparara um banquete para ele, acompanhado por uma grande multidão de ho-

mens. Depois da primeira refeição, Pwyll se levantou para caminhar e foi ao alto de um monte acima do palácio, chamado Gorsedd Arberth.

"Senhor", disse alguém da corte, "é próprio desse monte que quem quer que se sente nele não poderá sair sem receber ferimentos ou golpes, ou então ver algo extraordinário."

"Não temo receber ferimentos ou golpes em meio a uma multidão como esta. Mas gostaria muito de ver algo extraordinário. Por conseguinte, vou me sentar no monte."

E ele se sentou no monte. Enquanto estava ali, viram uma dama num cavalo branco puro e de grande porte. Ela vestia uma roupa de ouro reluzente e vinha pela estrada que levava ao monte. O cavalo parecia avançar em passo lento e constante, aproximando-se do monte.

"Meus homens", disse Pwyll, "alguém de vocês conhece aquela dama?" "Ninguém, senhor", responderam. "Que um de vocês vá encontrá-la, para sabermos quem ela é." Um deles se levantou e foi pela estrada ao encontro dela, mas ela passou por ele. Ele a seguiu o mais rápido que pôde, a pé; e, quanto mais depressa corria, mais longe ela ficava.

Ao ver que não adiantava segui-la, voltou para Pwyll e disse: "Senhor, é inútil qualquer pessoa no mundo tentar segui-la a pé." "De fato", disse Pwyll, "vai ao palácio, pega o cavalo mais veloz que encontrares e vai atrás dela."

E ele pegou um cavalo e partiu. Chegou a uma planície aberta e plana e esporeou o cavalo; mas, quanto mais o apressava, mais ela se afastava. Ainda assim, ela mantinha o mesmo passo de antes. O cavalo dele começou a fra-

quejar e, quando suas patas já não aguentavam, ele voltou para onde Pwyll estava.

"Senhor", disse ele, "não adianta ninguém seguir aquela senhora. Não conheço cavalo mais veloz nestas terras, e nem assim consegui alcançá-la." "De fato", disse Pwyll, "deve haver algum encantamento nisso. Vamos ao palácio." Foram então ao palácio e passaram ali o dia. No dia seguinte, levantaram-se e também passaram o dia ali, até chegar a hora da refeição.

Depois da primeira refeição, Pwyll disse: "Vamos, como ontem, todos juntos até o alto do monte. E tu", disse a um de seus jovens, "pega o cavalo mais veloz que conheces no campo." O jovem assim fez. Foram até o monte levando o cavalo. Enquanto estavam sentados, viram a senhora vindo pela mesma estrada, no mesmo cavalo e com as mesmas roupas.

"Olhem", disse Pwyll, "é a senhora de ontem. Prepara-te, rapaz, para descobrir quem ela é." "Meu senhor", disse ele, "farei isso com prazer." Nesse momento, a senhora passou diante deles. O jovem montou no cavalo e, antes mesmo de se ajeitar na sela, ela passou, deixando um espaço livre entre eles. Mas sua velocidade não era maior do que no dia anterior.

Ele pôs o cavalo num trote e pensou que, apesar do passo tranquilo, logo a alcançaria. Mas não adiantou, e ele soltou as rédeas. Mesmo assim, não chegou mais perto dela do que quando o cavalo ia a passo. Quanto mais o apressava, mais ela se afastava. Ainda assim, ela não cavalgava mais depressa do que antes. Quando viu que não adiantava segui-la, voltou para onde Pwyll estava.

"Senhor", disse ele, "o cavalo não consegue mais do que o senhor viu." "Vejo, de fato, que não adianta ninguém segui-la. E, pelo Céu", disse ele, "ela deve ter algum assunto com alguém nesta planície, se a pressa lhe permitir contá-lo. Vamos voltar ao palácio." Foram ao palácio e passaram a noite cantando e festejando, como bem quiseram.

⁂

No dia seguinte, divertiram-se até chegar a hora da refeição. Quando terminaram de comer, Pwyll perguntou: "Onde estão os companheiros que foram ontem e anteontem ao alto do monte?"

"Senhor, estamos aqui", responderam. "Vamos", disse ele, "sentar no monte. E tu", disse ao pajem que cuidava de seu cavalo, "sele bem meu cavalo, leve-o depressa para a estrada e traga também minhas esporas." O rapaz fez isso. Foram e se sentaram no monte; pouco depois, viram a senhora vindo pela mesma estrada, do mesmo jeito e no mesmo passo.

"Rapaz", disse Pwyll, "vejo a senhora chegando; traze meu cavalo." Mal ele montou, ela passou por ele. Pwyll virou o cavalo e foi atrás dela. Deixou-o avançar em saltos ligeiros, pensando que a alcançaria no segundo ou terceiro passo. Mas não chegou mais perto do que antes. Então apressou o cavalo ao máximo, mas viu que não adiantava segui-la.

Pwyll disse: "Moça, por aquele que mais amas, espera por mim." "Esperarei com prazer", disse ela, "e teria sido melhor para teu cavalo se tivesses pedido isso há mais tempo." A moça parou e puxou para trás a parte do toucado que lhe cobria o rosto. Fixou os olhos nele e começou a conversar.

“Senhora”, perguntou ele, “de onde vens e para onde vais?” “Vou cuidar dos meus próprios assuntos”, disse ela, “e fico muito contente por te ver.” “Recebe minhas saudações”, disse ele. Então pensou que a beleza de todas as moças e senhoras que já vira não era nada comparada à dela.

“Senhora”, disse ele, “podes me contar algo sobre o que pretendes?” “Posso”, disse ela. “Minha principal missão era te procurar.” “Então”, disse Pwyll, “essa é para mim a missão mais agradável que poderias ter empreendido. E me dirás quem és?”

“Direi, senhor”, disse ela. “Sou Rhiannon, filha de Heveydd Hên. Tentaram me dar um marido contra a minha vontade. Não quero marido algum por causa do meu amor por ti, e não aceitarei nenhum, a menos que tu me rejeites. Vim até aqui para ouvir tua resposta.”

“Pelo Céu”, disse Pwyll, “esta é a minha resposta: se eu pudesse escolher entre todas as senhoras e moças do mundo, escolheria a ti.” “De fato”, disse ela, “se pensas assim, promete encontrar-te comigo antes que me entreguem a outro.”

“Quanto antes, mais prazer terei”, disse Pwyll, “e onde quiseres, lá me encontrarei contigo.” “Quero que te encontres comigo daqui a um ano no palácio de Heveydd. Mandarei preparar um banquete para que esteja pronto quando chegares.”

“Com prazer”, disse ele, “cumprirei esse encontro.” “Senhor”, disse ela, “fica bem e lembra-te de cumprir tua promessa. Agora vou partir.” E assim se separaram. Pwyll voltou para seus companheiros e para os de sua casa. Sempre que lhe perguntavam algo sobre a moça, ele mudava de assunto.

Quando se passou um ano, mandou que cem cavaleiros se preparassem para acompanhá-lo ao palácio de Heveydd Hên. Ao chegar, foi recebido com grande alegria, muita gente reunida e muitos preparativos para sua chegada. Toda a corte ficou às suas ordens.

O salão foi enfeitado e eles foram comer. Sentaram-se assim: Heveydd Hên de um lado de Pwyll e Rhiannon do outro; todos os demais, segundo sua posição. Comeram, festejaram e conversaram. No começo da celebração que se seguiu à refeição, entrou um jovem alto, de cabelos castanho-avermelhados e porte nobre, vestido com uma roupa de cetim.

Ao entrar no salão, saudou Pwyll e seus companheiros. "Que a bênção do Céu esteja contigo, meu querido", disse Pwyll. "Vem sentar-te." "Não", disse ele, "sou um pretendente e vim tratar de um assunto."

"Trata dele à vontade", disse Pwyll. "Senhor", disse o jovem, "vim até ti para pedir um favor." "Seja qual for o favor que me pedires, receberás, na medida do que estiver ao meu alcance."

"Ah", disse Rhiannon, "por que deste essa resposta?" "Ele não a deu diante destes nobres?", perguntou o jovem. "Meu querido", disse Pwyll, "que favor me pedes?"

"A senhora que mais amo será tua noiva esta noite. Venho pedir que me cedas a ela, com o banquete e a festa que estão sendo oferecidos aqui." Pwyll ficou em silêncio por causa da resposta que dera.

"Fica em silêncio quanto quiseres", disse Rhiannon. "Ninguém jamais usou tão mal o próprio juízo como tu." "Senhora", disse ele, "eu não sabia

quem ele era." "Este é o homem a quem queriam me entregar contra a minha vontade", disse ela.

"É Gwawl, filho de Clud, um homem de grande poder e riqueza. Por causa da palavra que deste, entrega-me a ele, para que não caias em desonra." "Senhora", disse ele, "não entendo o que queres dizer. Nunca poderia fazer o que pedes."

"Entrega-me a ele", disse ela, "e farei com que nunca seja dele." "Como isso será possível?", perguntou Pwyll. "Vou pôr em tua mão uma pequena bolsa", disse ela.

"Cuida bem dela. Ele te pedirá o banquete, a festa e os preparativos, que não estão sob teu poder. Eu darei a festa aos anfitriões e aos da casa. Essa será tua resposta. Quanto a mim, prometo tornar-me sua noiva daqui a um ano, nesta mesma noite. Ao fim do ano, volta aqui", disse ela, "e traz a bolsa contigo. Deixa teus cem cavaleiros no pomar ali adiante. Quando ele estiver no meio da alegria e da festa, entra sozinho, vestido com roupas esfarrapadas e com a bolsa na mão.

Não peças nada além de uma bolsa cheia de comida, e farei com que, mesmo que toda a comida e a bebida destes sete cantrevs sejam postas dentro dela, ela não fique mais cheia do que antes. Depois de colocarem nela uma grande quantidade, ele te perguntará se tua bolsa algum dia ficará cheia. Responde que nunca ficará, até que um homem de nobre nascimento e grande riqueza se levante e aperte a comida dentro da bolsa com os dois pés, dizendo: 'Já foi posta comida suficiente nela.' Farei com que ele vá pisar na comida dentro da bolsa. Quando fizer isso, vira a bolsa para que ele fique com a cabeça enfiada nela e então dá um nó nas cordas.

Leva também uma boa trompa de caça pendurada ao pescoço. Assim que o prenderes na bolsa, toca a trompa; esse será o sinal entre ti e teus cavaleiros. Quando ouvirem o som, que venham sobre o palácio."

"Senhor", disse Gwawl, "é justo que eu receba uma resposta ao meu pedido." "Receberás tudo o que pediste e que esteja ao meu alcance", respondeu Pwyll. "Meu querido", disse Rhiannon a ele, "quanto à festa e ao banquete que estão aqui, eu os destinei aos homens de Dyved, aos da casa e aos guerreiros que nos acompanham. Não posso permitir que sejam dados a outra pessoa. Daqui a um ano, nesta mesma noite, será preparado um banquete para ti neste palácio, e então me tornarei tua noiva."

⁂

Assim, Gwawl foi para suas terras, e Pwyll também voltou a Dyved. Ambos passaram aquele ano até chegar a época da festa no palácio de Heveydd Hên. Então Gwawl, filho de Clud, partiu para a festa que havia sido preparada para ele e chegou ao palácio, onde foi recebido com alegria.

Pwyll, o Chefe de Annwvyn, também foi ao pomar com seus cem cavaleiros, como Rhiannon lhe ordenara, levando consigo a bolsa. Pwyll vestia roupas grosseiras e rasgadas, e calçava sapatos velhos, grandes e desajeitados. Quando soube que o banquete depois da refeição já havia começado, dirigiu-se ao salão.

Ao entrar, saudou Gwawl, filho de Clud, e toda a sua companhia, homens e mulheres. "Que o céu te favoreça", disse Gwawl, "e que a bênção do céu esteja contigo."

“Senhor”, disse ele, “que o céu te recompense. Tenho um pedido a fazer.” “Teu pedido será bem-vindo; se me pedires algo justo, terás de bom grado.” “É justo”, respondeu ele.

“Peço apenas por necessidade, e o favor que desejo é que enchas de comida esta pequena bolsa que estás vendo.” “É um pedido razoável”, disse Gwawl, “e terás isso com prazer. Tragam comida para ele.” Muitos criados se levantaram e começaram a encher a bolsa, mas, por mais que colocassem comida nela, não ficava mais cheia do que antes.

“Meu caro”, disse Gwawl, “será que tua bolsa nunca vai encher?” “Não vai, afirmo diante do céu”, disse ele, “por mais que coloquem nela, a menos que alguém com terras, domínios e riquezas se levante e pise com os dois pés na comida que está dentro da bolsa, dizendo: ‘Já foi colocada comida suficiente.’” Então Rhiannon disse a Gwawl, filho de Clud: “Levanta-te depressa.”

“Levanto-me de bom grado”, disse ele. Então se levantou e pôs os dois pés dentro da bolsa. Pwyll virou as bordas da bolsa, de modo que Gwawl ficou dentro dela, coberto até a cabeça. Pwyll a fechou depressa, deu um nó nas correias e soprou sua trompa. Logo depois, eis que seus homens chegaram ao palácio.

Eles agarraram todos os que tinham vindo com Gwawl e os lançaram na própria prisão dele. Pwyll tirou os farrapos, os sapatos velhos e as roupas rasgadas. À medida que entravam, cada cavaleiro de Pwyll dava uma pancada na bolsa e perguntava: “O que há aqui?”

"Um texugo", respondiam. E assim brincavam, cada um golpeando a bolsa com o pé ou com um bastão. Dessa maneira brincavam com a bolsa. Cada um que chegava perguntava: "Que brincadeira é essa?"

"A brincadeira do texugo na bolsa", respondiam. E foi assim que a brincadeira do texugo na bolsa foi inventada.

"Senhor", disse o homem dentro da bolsa, "se ao menos me ouvisses, verias que não mereço morrer dentro de uma bolsa." Heveydd Hên disse: "Senhor, ele fala a verdade. Seria justo ouvi-lo, pois ele não merece isso."

"De fato", disse Pwyll, "seguirei teu conselho a respeito dele." "Este é então o meu conselho", disse Rhiannon: "agora cabe a ti acolher os suplicantes e os bardos; deixa que ele os recompense em teu lugar e exige dele a promessa de que nunca tentará se vingar pelo que lhe aconteceu. Isso será castigo suficiente."

"Farei isso de bom grado", disse o homem dentro da bolsa. "E eu aceitarei de bom grado", disse Pwyll, "pois esse é o conselho de Heveydd e Rhiannon." "Esse é, então, o nosso conselho", responderam eles.

"Aceito", disse Pwyll. "Arranja fiadores." "Nós seremos fiadores dele", disse Heveydd, "até que seus homens possam responder por ele." Então o tiraram da bolsa e libertaram seus vassalos.

"Agora exige de Gwawl os fiadores dele", disse Heveydd. "Sabemos quem deve ser escolhido." Heveydd indicou os fiadores. Gwawl disse: "Redige tu mesmo o acordo."

"Basta que seja como Rhiannon disse", respondeu Pwyll. E os fiadores se comprometeram com aquele acordo. "Senhor", disse Gwawl, "estou muito

ferido e cheio de hematomas. Preciso passar unguento; com tua licença, vou embora. Deixarei nobres em meu lugar para responder por mim em tudo o que exigires." "Podes fazer isso, de bom grado", disse Pwyll. Então Gwawl foi para suas terras.

O salão foi preparado para Pwyll e os homens de seu grupo, assim como para os que viviam no palácio. Eles foram às mesas e se sentaram. Assim como tinham se sentado um ano antes, naquela ocasião, sentaram-se naquela noite. Comeram, festejaram e passaram a noite em alegria e tranquilidade. Quando chegou a hora de dormir, Pwyll e Rhiannon foram para seus aposentos.

Na manhã seguinte, ao raiar do dia, Rhiannon disse: "Meu senhor, levanta-te e começa a dar teus presentes aos bardos. Hoje não recuses ninguém que venha pedir tua generosidade."

"Assim farei de bom grado", disse Pwyll, "hoje e em todos os dias que durar a festa." Pwyll se levantou, mandou anunciar silêncio e pediu a todos os suplicantes e bardos que mostrassem e indicassem os presentes que desejavam. Feito isso, a festa continuou, e enquanto durou ele não recusou ninguém.

Quando a festa terminou, Pwyll disse a Heveydd: "Meu senhor, com tua permissão, partirei amanhã para Dyved." "Certamente", disse Heveydd. "Que o céu te favoreça. Marca também um dia para Rhiannon ir ao teu encontro."

"Pelo céu", disse Pwyll, "partiremos juntos daqui." "É isso que desejas, senhor?", perguntou Heveydd. "Sim, pelo céu", respondeu Pwyll.

No dia seguinte, partiram rumo a Dyved e viajaram até o palácio de Narberth, onde uma festa foi preparada para eles. Vieram muitas pessoas importantes e as damas mais nobres da região. Rhiannon deu a cada uma delas um presente valioso: uma pulseira, um anel ou uma pedra preciosa. Governaram a região com prosperidade naquele ano e no seguinte.

No terceiro ano, os nobres da região começaram a se entristecer ao ver um homem de quem gostavam tanto — e que, além disso, era seu senhor e irmão de criação — sem herdeiro. Foram falar com ele. O encontro aconteceu em Preseleu, em Dyved.

"Senhor", disseram eles, "sabemos que não és tão jovem quanto alguns homens desta região, e tememos que talvez não tenhas um herdeiro com a esposa que escolheste. Por conseguinte, toma outra esposa, com quem possas ter herdeiros. Não poderás ficar conosco para sempre, e, mesmo que queiras continuar como estás, não permitiremos."

"Na verdade", disse Pwyll, "faz pouco tempo que nos unimos, e muita coisa ainda pode acontecer. Concedam-me um ano a partir de agora; viveremos juntos durante esse período e, depois, farei o que desejarem." Eles aceitaram. Antes de o ano terminar, nasceu um filho de Pwyll. Ele nasceu em Narberth. Na noite em que nasceu, trouxeram mulheres para cuidar da mãe e do menino.

As mulheres dormiram, assim como Rhiannon, mãe do menino. Eram seis as mulheres que tinham sido levadas ao quarto. Elas vigiaram por boa parte da noite, mas, antes da meia-noite, todas adormeceram. Perto do amanhecer, acordaram e olharam para onde tinham deixado o menino. Mas ele não estava lá.

"Ah!", disse uma das mulheres. "O menino desapareceu?" "Sim", disse outra, "e será pouca vingança se formos queimadas ou mortas por causa da criança." Uma delas disse: "Será que existe alguma saída para nós?"

"Existe", respondeu outra. "Tenho um bom conselho." "Qual?", perguntaram. "Há aqui uma cadela de caça que teve uma ninhada. Vamos matar alguns filhotes, passar o sangue no rosto e nas mãos de Rhiannon, pôr os ossos diante dela e afirmar que ela mesma devorou o filho. Sozinha, ela não conseguirá desmentir nós seis." Foi assim que decidiram fazer.

Pela manhã, Rhiannon acordou e disse: "Mulheres, onde está meu filho?" "Senhora", disseram elas, "não nos pergunte pelo teu filho. Só recebemos os golpes e hematomas que ganhamos ao lutar contigo. Na verdade, nunca vimos mulher tão violenta, pois não adiantava resistir a ti. Não foste tu mesma que devoraste teu filho? Portanto, não o peças a nós."

"Por piedade!", disse Rhiannon. "O Senhor Deus sabe de tudo. Não me acusem injustamente. Se dizem isso por medo, afirmo diante do céu que vou protegê-las." "Na verdade", disseram elas, "não faríamos mal a nós mesmas por ninguém no mundo."

"Por piedade!", disse Rhiannon, "vocês não sofrerão mal algum por dizer a verdade." Mas, apesar de tudo o que disse, com gentileza ou severidade, as mulheres só lhe deram a mesma resposta.

⁂

Pwyll, o Chefe de Annwvyn, levantou-se, junto com seus homens e suas tropas. O ocorrido não pôde ser escondido; a notícia se espalhou por toda a região, e todos os nobres ficaram sabendo. Então os nobres foram até Pwyll

e lhe pediram que repudiasse a esposa por causa do grave crime que ela cometera.

Mas Pwyll respondeu que não tinham motivo para pedir que ele a repudiasse, a não ser o fato de ela não ter filhos. “Mas agora ela teve um filho, por conseguinte não vou repudiá-la. Se fez algo errado, que cumpra uma penitência por isso.”

Então Rhiannon mandou chamar os mestres e os sábios e, como preferia cumprir uma penitência a discutir com as mulheres, aceitou uma punição. A penitência imposta foi que permanecesse no palácio de Narberth até o fim de sete anos e se sentasse todos os dias junto a um bloco de montar a cavalo que ficava do lado de fora do portão.

Deveria contar a história a todos os que chegassem, se achasse que ainda não a conheciam, e oferecer-se para carregá-los nas costas até o palácio, caso permitissem. Raramente alguém aceitava. Assim passou parte do ano.

Naquela época, Teirnyon Twryv Vliant era senhor de Gwent Is Coed e o melhor homem do mundo. Em sua casa havia uma égua mais bela do que qualquer outra égua ou cavalo do reino. Na noite de cada primeiro de maio, ela dava à luz, mas ninguém jamais descobria o que acontecia com o potro.

Certa noite, Teirnyon conversou com a esposa: “Mulher”, disse ele, “é muito estranho que nossa égua dê à luz todo ano e que não fiquemos com nenhum dos potros.”

“O que podemos fazer?”, perguntou ela. “Esta é a noite do primeiro de maio”, disse ele. “Que o céu me castigue se eu não descobrir quem leva os

potros." Mandou levar a égua para dentro de uma casa, armou-se e começou a vigiar naquela noite. No começo da noite, a égua deu à luz um potro grande e belo. Ele ficou de pé no local. Teirnyon se levantou e observou o tamanho do potro.

Nesse instante, ouviu um grande tumulto. Depois do barulho, eis que uma garra entrou pela janela da casa e agarrou o potro pela crina. Teirnyon puxou a espada e cortou o braço no cotovelo, de modo que o pedaço do braço e o potro ficaram dentro da casa com ele. Então ouviu, ao mesmo tempo, um tumulto e lamentos. Abriu a porta e correu na direção do barulho.

Por causa da escuridão da noite, não conseguiu ver o que causava o tumulto, mas correu atrás do som e o seguiu. Então se lembrou de que havia deixado a porta aberta e voltou. Diante da porta, encontrou um menino envolto em faixas e coberto por um manto de cetim. Pegou o menino, que era muito forte para a idade que tinha.

Então ele fechou a porta e foi até o quarto onde estava sua esposa. "Senhora", disse ele, "estás dormindo?" "Não, senhor", disse ela, "eu estava dormindo, mas acordei quando entraste."

"Olha, aqui está um menino para ti, se quiseres", disse ele, "já que nunca tiveste um." "Meu senhor", disse ela, "que aventura é essa?" "Foi assim", disse Teirnyon; e contou a ela como tudo aconteceu.

"Na verdade, senhor", disse ela, "que tipo de roupa o menino está usando?" "Um manto de cetim", disse ele. "Então ele é um menino de nobre linhagem", respondeu ela.

"Meu senhor", disse ela, "se quiseres, vou me divertir muito. Vou chamar minhas mulheres e dizer a elas que estive grávida." "Concedo isso de bom grado", respondeu ele. E assim fizeram. Mandaram batizar o menino, e a cerimônia foi realizada ali; deram-lhe o nome de Gwri Wallt Euryn, porque os cabelos que tinha na cabeça eram amarelos como ouro.

E o menino foi criado na Corte até completar um ano. Antes de o ano terminar, já caminhava com firmeza. Era maior do que um menino de três anos, mesmo um de grande estatura e tamanho. O menino foi criado durante o segundo ano e, então, era do tamanho de uma criança de seis anos.

Antes de completar quatro anos, subornava os cavalariços para que o deixassem levar os cavalos para beber água. "Meu senhor", disse a esposa de Teirnyon, "onde está o potro que salvaste na noite em que encontraste o menino?"

"Ordenei aos cavalariços", disse ele, "que cuidassem dele." "Não seria bom, senhor", disse ela, "mandar domá-lo e dá-lo ao menino, já que o potro nasceu na mesma noite em que encontraste o menino e tu o salvaste?"

"Não vou me opor a ti nisso", disse Teirnyon. "Vou deixar que lhe dês o potro." "Senhor", disse ela, "que o Céu te recompense; vou dá-lo a ele." Assim, o cavalo foi dado ao menino. Então ela foi falar com os cavalariços e os tratadores dos cavalos, e ordenou que cuidassem bem do animal, para que ele estivesse domado quando o menino pudesse montá-lo.

⁂

Enquanto essas coisas aconteciam, chegaram notícias de Rhiannon e de seu castigo. Teirnyon Twryv Vliant, movido pela pena que sentiu ao ouvir

aquela história sobre Rhiannon e seu castigo, investigou-a a fundo, até ouvir o relato de muitos que iam à sua corte.

Então Teirnyon, muitas vezes lamentando aquela triste história, refletiu consigo mesmo e olhou atentamente para o menino. Ao observá-lo, pareceu-lhe que nunca tinha visto tamanha semelhança entre pai e filho como a que havia entre o menino e Pwyll, o Chefe de Annwvyn. Ele conhecia bem a aparência de Pwyll, pois outrora fora um de seus seguidores.

Por isso, ficou aflito com a injustiça que cometia ao manter consigo um menino que sabia ser filho de outro homem. Na primeira vez em que ficou a sós com a esposa, disse a ela que não era justo manter o menino com eles e deixar que uma dama tão nobre como Rhiannon fosse tão severamente castigada por causa dele, quando o menino era filho de Pwyll, o Chefe de Annwvyn.

A esposa de Teirnyon concordou que deveriam mandar o menino para Pwyll. “E ganharemos três coisas com isso, senhor”, disse ela. “Agradecimentos e presentes por livrar Rhiannon de seu castigo; agradecimentos de Pwyll por termos criado seu filho e o devolvido a ele; e, em terceiro lugar, se o menino tiver bom caráter, será nosso filho de criação e nos fará todo o bem que puder.” Assim, decidiram seguir esse conselho.

No dia seguinte, Teirnyon já estava pronto para partir, acompanhado de outros dois cavaleiros. O menino, como quarto integrante do grupo, foi com eles montado no cavalo que Teirnyon lhe dera. Viajaram em direção a Narberth e não demoraram a chegar. Ao se aproximarem do palácio, viram Rhiannon sentada ao lado do bloco de montar.

Quando passaram diante dela, ela disse: “Chefe, não sigas adiante assim. Vou carregar cada um de vocês até o palácio; essa é minha penitência por ter matado meu próprio filho e o devorado.”

“Oh, bela dama”, disse Teirnyon, “não penses que vou deixar que me carregues nas costas.” “Eu também não”, disse o menino. “De verdade, meu caro”, disse Teirnyon, “não vamos.” Então seguiram até o palácio, onde sua chegada foi recebida com grande alegria. Prepararam um banquete no palácio, pois Pywll voltara dos confins de Dyved.

Eles entraram no salão e se lavaram, e Pwyll alegrou-se ao ver Teirnyon. Sentaram-se nesta ordem: Teirnyon entre Pwyll e Rhiannon, seus dois companheiros do outro lado de Pwyll, e o menino entre eles. Depois da refeição, começaram a beber e a conversar. Teirnyon contou a aventura da égua e do menino, e como ele e a esposa haviam criado a criança como se fosse deles.

“E aqui está teu filho, senhora”, disse Teirnyon. “Quem quer que tenha contado essa mentira a teu respeito, agiu mal. Quando soube de tua tristeza, fiquei aflito e com o coração pesado. E acredito que não há ninguém nesta comitiva que não perceba que o menino é filho de Pwyll”, disse Teirnyon.

“Ninguém”, disseram todos, “tem dúvida disso.” “Declaro diante do Céu”, disse Rhiannon, “que, se isso for verdade, meus problemas finalmente chegaram ao fim.” “Senhora”, disse Pendaran Dyved, “fizeste bem em chamar teu filho de Pryderi,[3] e o nome de Pryderi, filho de Pwyll, Chefe de Annwvyn, lhe cai bem.”

"Dize-me", disse Rhiannon, "o nome que ele já tem não lhe cairia melhor?" "Que nome ele tem?", perguntou Pendaran Dyved. "Gwri Wallt Euryn é o nome que lhe demos."

"Pryderi", disse Pendaran, "será o nome dele." "Seria mais apropriado", disse Pwyll, "que o menino recebesse seu nome da palavra que sua mãe disse quando recebeu a alegre notícia a respeito dele." E assim ficou decidido.

"Teirnyon", disse Pwyll, "que o Céu te recompense por ter criado o menino até agora. Como ele é de nobre linhagem, seria justo que te retribuísse por isso." "Meu senhor", disse Teirnyon, "foi minha esposa quem o criou, e ninguém no mundo sofre tanto quanto ela por ter de se separar dele. Seria bom que ele se lembrasse do que minha esposa e eu fizemos por ele."

"Tomo o Céu por testemunha", disse Pwyll, "de que, enquanto eu viver, sustentarei a ti e aos teus bens, enquanto puder preservar os meus. Quando ele tiver condições, poderá mantê-los melhor do que eu. Se este conselho te agradar e agradar também aos meus nobres, como tu o criaste até agora, vou entregá-lo a Pendaran Dyved para que o crie daqui em diante. Vocês serão companheiros e ambos serão pais de criação dele."

"Esse é um bom conselho", disseram todos. Então o menino foi entregue a Pendaran Dyved, e os nobres da região foram enviados com ele. Teirnyon Twryv Vliant e seus companheiros partiram de volta para sua terra e seus domínios, com amor e alegria. Não partiram sem que lhes oferecessem as mais belas joias, os mais belos cavalos e os melhores cães, mas ele não aceitou nada disso.

Então todos permaneceram em seus próprios domínios. Pryderi, filho de Pwyll, o Chefe de Annwvyn, foi criado com todo o cuidado devido, até se tornar o jovem mais belo e mais formoso, e o mais habilidoso em todos os bons jogos, entre todos os do reino. Assim se passaram muitos anos, até que chegou o fim da vida de Pwyll, o Chefe de Annwvyn, e ele morreu.

Pryderi governou com prosperidade os sete Cantrevs de Dyved, e era amado por seu povo e por todos os que viviam ao redor. Por fim, acrescentou a eles os três Cantrevs de Ystrad Tywi e os quatro Cantrevs de Cardigan; juntos, passaram a ser chamados de Sete Cantrevs de Seissyllwch. Depois de fazer essa ampliação, Pryderi, filho de Pwyll, o Chefe de Annwvyn, quis se casar. A esposa que escolheu foi Kicva, filha de Gwynn Gohoyw, filho de Gloyw Wallt Lydan, filho do príncipe Casnar, um dos nobres desta Ilha.

E assim termina esta parte do Mabinogion.

Notas

2 Hades.

3 A palavra “Pryder” ou “Pryderi” significa ansiedade.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

BRANWEN, FILHA DE LLYR

✦

Bendigeid Vran, filho de Llyr, era o rei coroado desta ilha e havia sido exaltado com a coroa de Londres. Certa tarde, ele estava em Harlech, em Ardudwy, na sua corte, sentado sobre a rocha de Harlech, olhando para o mar.

Com ele estavam seu irmão Manawyddan, filho de Llyr, e seus irmãos por parte de mãe, Nissyen e Evnissyen, além de muitos nobres, como convinha estar ao redor de um rei. Seus dois irmãos por parte de mãe eram filhos de Eurosswydd com sua mãe, Penardun, filha de Beli, filho de Manogan.

Um desses jovens era bom e de natureza gentil; fazia as pazes entre seus parentes e levava sua família a se reconciliar quando a ira deles chegava ao auge. Esse era Nissyen. O outro, porém, provocava discórdia entre os dois irmãos quando estavam em maior paz. Enquanto estavam assim sentados, viram treze navios vindos do sul da Irlanda e se dirigindo a eles.

Os navios avançavam depressa, com o vento a favor, e logo se aproximaram. “Vejo navios ao longe”, disse o rei, “vindo rapidamente em direção à terra. Ordenem aos homens da corte que se preparem, vão até eles e descubram o que pretendem.” Os homens se prepararam e desceram em direção aos navios.

Quando os viram de perto, alguns disseram que nunca tinham visto navios tão bem equipados. Neles havia belas bandeiras de cetim. Então um dos navios ultrapassou os outros, e eles viram um escudo erguido acima da late-

ral do navio, com a ponta voltada para cima, em sinal de paz. Os homens se aproximaram para conversar. Depois, lançaram os barcos à água e vieram até a terra.

Saudaram o rei. Ele podia ouvi-los do lugar onde estava, sobre a rocha, acima de suas cabeças. “Que o céu os proteja”, disse ele, “e sejam bem-vindos. A quem pertencem esses navios, e quem é o chefe entre vocês?”

“Senhor”, disseram eles, “Matholwch, rei da Irlanda, está aqui, e estes navios pertencem a ele.” “Por que ele vem?”, perguntou o rei, “e virá à terra?” “Ele vem pedir-te algo, senhor”, disseram eles, “e não desembarcará se não receber o que deseja.”

“E o que seria?”, perguntou o rei. “Ele deseja fazer uma aliança contigo, senhor”, disseram eles, “e vem pedir Branwen, filha de Llyr, para que, se te parecer bem, a Ilha dos Poderosos faça aliança com a Irlanda, e ambas se tornem mais poderosas.”

“Muito bem”, disse ele. “Que venha à terra, e conversaremos sobre isso.” Essa resposta foi levada a Matholwch. “Irei de bom grado”, disse ele. Então desembarcou, e o receberam com alegria. Naquela noite, o palácio ficou cheio de gente, entre seus anfitriões e os homens da corte. No dia seguinte, conversaram e decidiram dar Branwen a Matholwch. Ela era uma das três principais damas desta ilha e a jovem mais bela do mundo.

Escolheram Aberffraw como o lugar onde ela se tornaria sua esposa. Partiram dali, e as tropas seguiram em direção a Aberffraw: Matholwch e seus homens nos navios, Bendigeid Vran e seus homens por terra, até chegarem a Aberffraw. Ali começaram a festa e se sentaram.

O rei da Ilha dos Poderosos e Manawyddan, filho de Llyr, sentaram-se de um lado; Matholwch, do outro, com Branwen, filha de Llyr, ao seu lado. Não estavam dentro de uma casa, mas sob tendas. Nenhuma casa poderia jamais abrigar Bendigeid Vran. Começaram o banquete, beberam e conversaram.

Quando preferiram dormir a continuar bebendo, foram descansar, e naquela noite Branwen se tornou esposa de Matholwch.

No dia seguinte, levantaram-se, e todos os homens da corte, junto com os oficiais, começaram a preparar e alinhar os cavalos e os servidores. Colocaram-nos em ordem até o mar.

Certo dia, Evnissyen, o homem briguento mencionado acima, passou por acaso pelo lugar onde estavam os cavalos de Matholwch e perguntou de quem eram. “São os cavalos de Matholwch, rei da Irlanda, que se casou com Branwen, tua irmã. São os cavalos dele.”

“Então foi assim que trataram uma jovem como ela, ainda por cima minha irmã, entregando-a sem meu consentimento? Não poderiam ter me feito insulto maior”, disse ele. Em seguida, correu para debaixo dos cavalos e cortou-lhes os lábios junto aos dentes, as orelhas rente à cabeça e as caudas rente ao corpo. Onde conseguia agarrar as pálpebras, cortava até o osso. Desfigurou os cavalos e os deixou inúteis.

Levaram essa notícia a Matholwch, dizendo que os cavalos estavam desfigurados e tão feridos que nenhum deles jamais poderia voltar a ser útil. “De fato, senhor”, disse um deles, “isso foi um insulto contra ti, e foi essa a intenção.” “É realmente espantoso para mim que, se queriam me insultar,

tenham me dado uma jovem de tão alta posição e tão querida por sua família." "Senhor", disse outro, "estás vendo o que aconteceu; não te resta fazer nada além de ir para teus navios." Então ele partiu em direção aos navios.

Chegou a Bendigeid Vran a notícia de que Matholwch estava deixando a corte sem pedir licença, e mensageiros foram enviados para perguntar por que fazia isso. Foram enviados Iddic, filho de Anarawd, e Heveydd Hir. Eles o alcançaram e perguntaram o que pretendia fazer e por que estava partindo.

"Na verdade", disse ele, "se soubesse, não teria vindo até aqui. Fui inteiramente insultado; ninguém jamais foi tratado pior do que eu fui aqui. Mas há uma coisa que me surpreende acima de tudo."

"O que é?", perguntaram eles. "Que Branwen, filha de Llyr, uma das três principais damas desta ilha e filha do rei da Ilha dos Poderosos, tenha sido dada a mim como esposa, e que depois disso eu tenha sido insultado. Espanta-me que não me tenham insultado antes de me entregarem uma jovem tão ilustre."

"Senhor, certamente não era essa a vontade de ninguém da corte, nem de ninguém do conselho, que recebesses esse insulto", disseram eles. "E, já que foste insultado, a desonra é maior para Bendigeid Vran do que para ti."

"De fato", disse ele, "também penso assim. Mesmo assim, ele não pode desfazer o insulto." Os mensageiros voltaram ao lugar onde estava Bendigeid Vran e lhe contaram a resposta de Matholwch.

"Certamente", disse ele, "faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para impedir que ele vá embora em inimizade conosco." "Então, senhor", disse-

ram eles, "envia outra embaixada atrás dele."

"Assim farei", disse ele. "Levantem-se, Manawyddan, filho de Llyr, Heveydd Hir e Unic Glew Ysgwyd. Vão atrás dele e digam que receberá um cavalo saudável para cada um dos que foram feridos. Além disso, como reparação pelo insulto, receberá um bastão de prata tão grande e alto quanto ele próprio, e um prato de ouro da largura de seu rosto. Mostrem-lhe quem fez isso e digam que foi contra a minha vontade. Mas quem o fez é meu irmão por parte de mãe, e por isso me seria difícil condená-lo à morte. Peçam que venha me encontrar", disse ele, "e faremos as pazes da maneira que ele desejar."

A embaixada foi atrás de Matholwch e lhe transmitiu todas essas palavras de modo amigável. Ele as ouviu. "Homens", disse ele, "vou consultar meu conselho." Foi então ao conselho. Ali, consideraram que, se recusassem a proposta, provavelmente passariam por maior vergonha, em vez de receber uma reparação tão generosa. Por isso, decidiram aceitá-la e voltaram em paz à corte.

⁂

Então arrumaram os pavilhões e as tendas à maneira de um salão. Foram comer e se sentaram nos mesmos lugares que haviam ocupado no início da festa. Matholwch e Bendigeid Vran começaram a conversar. Enquanto falavam, Bendigeid Vran percebeu que Matholwch não estava tão alegre quanto antes.

Pensou que o chefe talvez estivesse triste por considerar pequena a reparação que recebera pelo mal que lhe haviam feito. "Meu amigo", disse Bendi-

geid Vran, “esta noite não conversas com a mesma alegria de costume. Se isso se deve à pequena reparação, acrescenta o que quiseres, e amanhã te entregarei os cavalos.”

“Senhor”, disse ele, “que o céu te recompense.” “E vou aumentar a reparação”, disse Bendigeid Vran, “pois te darei um caldeirão com a propriedade de que, se um dos teus homens for morto hoje e for lançado nele, amanhã estará tão bem quanto antes, exceto que não recuperará a fala.” Então Matholwch lhe agradeceu muito e ficou muito feliz por isso.

Na manhã seguinte, entregaram a Matholwch cavalos treinados, enquanto ainda havia deles. Depois viajaram para outro território, onde lhe deram potros até completar o pagamento. A partir de então, esse território passou a se chamar Talebolion.

E passaram juntos uma segunda noite. “Meu senhor”, disse Matholwch, “de onde você tirou o caldeirão que me deu?” “Recebi de um homem que esteve em sua terra”, disse ele, “e não o daria a ninguém que não fosse de lá.”

“Quem era ele?”, perguntou. “Llassar Llaesgyvnewid; veio para cá da Irlanda com Kymideu Kymeinvoll, sua esposa, que escapou da Casa de Ferro na Irlanda, quando ela foi aquecida ao rubro ao redor deles, e fugiu para cá. E me espanta que você não saiba nada sobre isso.”

“Sei alguma coisa”, disse ele, “e vou lhe contar tudo o que sei. Um dia, eu caçava na Irlanda e cheguei ao monte na cabeceira do lago chamado Lago do Caldeirão. Vi um homem enorme, de cabelos amarelos, saindo do lago com um caldeirão nas costas. Era um homem de tamanho imenso e aparên-

cia horrenda, e uma mulher vinha atrás dele. Se o homem era alto, a mulher era duas vezes maior que ele. Eles vieram na minha direção e me cumprimentaram. 'Digam-me', perguntei, 'por que estão viajando?' 'Veja', ele me respondeu, 'este é o motivo da nossa viagem.

Daqui a um mês e quinze dias, esta mulher terá um filho; e a criança que nascer ao fim desse prazo será um guerreiro com armadura completa.' Então os levei comigo e cuidei deles. Ficaram comigo por um ano, e durante esse ano não me incomodaram. Mas depois disso começaram as reclamações, porque eles estavam comigo. Desde o começo do quarto mês, passaram a se fazer odiar e a causar desordem no país, cometendo atrocidades, molestando e importunando os nobres e as damas. Então meu povo se levantou e me pediu que me livrasse deles, dizendo que eu devia escolher entre eles e meus domínios.

Consultei o conselho do meu país para saber o que fazer com eles, pois não partiriam por vontade própria, e também não podiam ser obrigados a ir embora pela força, em combate. Diante desse impasse, o povo mandou construir uma câmara inteiramente de ferro. Quando ela ficou pronta, vieram todos os ferreiros da Irlanda e todos os que possuíam tenazes e martelos. Mandaram empilhar carvão até o alto da câmara.

Fizeram servir bastante comida e bebida ao homem, à mulher e às crianças; quando souberam que estavam bêbados, começaram a pôr fogo no carvão ao redor da câmara e sopraram as brasas com foles até que a construção ficasse incandescente por todos os lados. Então fizeram um conselho no centro do chão da câmara. O homem esperou até que as placas de ferro ficassem brancas de tão quentes. Por causa do calor intenso, ele bateu com o

ombro nas placas e as arrebentou; sua esposa o seguiu. Mas, além dele e da esposa, ninguém conseguiu escapar dali. Então suponho, senhor", disse Matholwch a Bendigeid Vran, "que ele veio até você."

"Sem dúvida veio para cá", disse ele, "e me deu o caldeirão." "Como você os recebeu?" "Espalhei-os por todas as partes dos meus domínios, e eles se tornaram numerosos e prosperam por toda parte. Fortificam os lugares onde vivem com homens e armas, dos melhores que já se viram."

Naquela noite, continuaram conversando à vontade, com música e festa. Quando lhes pareceu mais agradável dormir do que continuar sentados, foram descansar. E assim o banquete prosseguiu com alegria. Quando terminou, Matholwch partiu para a Irlanda com Branwen. Saíram de Aber Menei com treze navios e chegaram à Irlanda.

Houve grande alegria na Irlanda por causa da chegada deles. Não houve grande senhor ou nobre dama que visitasse Branwen sem que ela lhe desse, para guardar, um broche, um anel ou uma joia real, algo que era uma honra receber. Assim, passou aquele ano com grande prestígio, vivendo com prazer, desfrutando de honra e amizade.

Enquanto isso, aconteceu que ela engravidou e, no tempo devido, teve um filho. Deram a ele o nome de Gwern, filho de Matholwch, e o menino foi entregue a uma família para ser criado num lugar onde viviam os melhores homens da Irlanda.

No segundo ano, surgiu um tumulto na Irlanda por causa do insulto que Matholwch sofrera em Cambria e do pagamento que recebera pelos cavalos. Seus irmãos de criação e os que lhe eram mais próximos o censuraram

abertamente por aquilo. Ele não teve paz por causa do tumulto até que se vingassem dele daquela desonra.

A vingança que fizeram foi tirar Branwen do mesmo quarto que ele e obrigá-la a cozinhar para a corte. Depois de cortar a carne, o açougueiro vinha até ela todos os dias e lhe dava um tapa na orelha. Essa foi a punição que lhe impuseram.

"Senhor", disseram os homens de Matholwch, "proíba agora os navios, as balsas e os barcos de couro de irem para Cambria. Prenda os que vierem de Cambria para cá, para que não voltem e contem o que aconteceu." E assim ele fez. Isso durou pelo menos três anos.

Branwen criou um estorninho na tampa da masseira, ensinou-o a falar e contou à ave que tipo de homem era seu irmão. Escreveu uma carta contando suas aflições e o desprezo com que era tratada, amarrou-a à raiz da asa da ave e a enviou para a Bretanha. A ave chegou a esta ilha e, certo dia, encontrou Bendigeid Vran em Caer Seiont, em Arvon, conversando com outras pessoas. Pousou em seu ombro e eriçou as penas, deixando a carta à vista. Eles perceberam que a ave fora criada em casa.

Então Bendigeid Vran pegou a carta e a leu. Ao saber das aflições de Branwen, ficou profundamente triste. Imediatamente, começou a enviar mensageiros para reunir a ilha inteira. Convocou cento e quarenta países e contou pessoalmente a eles o sofrimento de sua irmã. Então se aconselharam.

Na reunião, decidiram ir à Irlanda e deixar sete homens como príncipes aqui, tendo Caradawc, filho de Bran, como chefe, junto com seus sete cava-

leiros. Esses homens foram deixados em Edeyrnion. Os sete cavaleiros foram postos na cidade por este motivo.

Seus nomes eram Caradawc, filho de Bran; Heveydd Hir; Unic Glew Ysgwyd; Iddic, filho de Anarawc Gwalltgrwn; Fodor, filho de Ervyll; Gwlch Minascwrn; Llassar, filho de Llaesar Llaesgygwyd; e Pendaran Dyved, que ficou com eles como jovem pajem. Esses permaneceram como sete ministros encarregados de cuidar desta ilha, e Caradawc, filho de Bran, era o chefe entre eles.

⁂

Bendigeid Vran, com o exército de que falamos, navegou em direção à Irlanda. A travessia do mar era curta, e ele chegou a águas rasas. Isso aconteceu por causa de dois rios, chamados Lli e Archan, cujas águas cobriram o mar. Então ele avançou levando nas costas os suprimentos que tinha e se aproximou da costa da Irlanda.

Os porqueiros de Matholwch estavam à beira-mar e foram até ele. “Senhor”, disseram, “saudações.” “Que o céu proteja vocês”, disse ele. “Têm alguma notícia?” “Senhor”, disseram, “temos uma notícia espantosa. Vimos um bosque no mar, num lugar onde nunca tínhamos visto uma única árvore.”

“Isso é mesmo espantoso”, disse ele. “Viram mais alguma coisa?” “Vimos, senhor”, disseram, “uma enorme montanha ao lado do bosque, que se movia. No alto da montanha havia uma crista elevada, e um lago de cada lado dela. O bosque, a montanha e todas essas coisas se moviam.” “Certamente”, disse ele, “ninguém pode saber o que é isso, a não ser Branwen.”

Então foram enviados mensageiros a Branwen. “Senhora”, disseram, “o que você acha que é aquilo?” “São os homens da Ilha dos Poderosos, que vieram para cá ao saber dos maus-tratos e das aflições que sofri.”

“O que é o bosque que se vê no mar?”, perguntaram. “As vergas e os mastros dos navios”, respondeu ela. “E a montanha que se vê ao lado dos navios, o que é?”, disseram eles.

“Bendigeid Vran, meu irmão”, respondeu ela, “chegando a águas rasas. Não há navio que possa contê-lo.” “E a crista elevada, com um lago de cada lado?” “Ao olhar para esta ilha, ele fica furioso. Seus dois olhos, um de cada lado do nariz, são os dois lagos junto à crista.”

Os guerreiros e os principais homens da Irlanda foram reunidos às pressas e se aconselharam. “Senhor”, disseram os nobres a Matholwch, “a única saída é recuar para além do Linon, um rio da Irlanda, mantendo o rio entre você e ele, e derrubar a ponte que cruza o rio, pois há uma pedra magnética no fundo que impede a passagem de qualquer navio ou embarcação.” Então recuaram para o outro lado do rio e derrubaram a ponte.

Bendigeid Vran chegou à terra com a frota, junto à margem do rio. “Senhor”, disseram seus chefes, “você sabe que este rio não pode ser atravessado e que não há ponte?”

“O que vocês aconselham sobre uma ponte?”, perguntou ele. “Não há outra saída”, disse ele, “a não ser que aquele que quiser ser chefe se torne uma ponte. Eu farei isso.” Então se pronunciou pela primeira vez essa frase, que ainda hoje é usada como provérbio. Quando ele se deitou atravessado sobre o rio, puseram esteiras sobre ele, e o exército passou por cima.

Quando ele se levantou, chegaram os mensageiros de Matholwch, saudaram-no e lhe transmitiram as saudações de Matholwch, seu parente. Disseram que, por sua própria vontade, Matholwch só lhe fizera o bem.

"Pois Matholwch entregou o reino da Irlanda a Gwern, filho de Matholwch, seu sobrinho e filho de sua irmã. Ele oferece isso a você como compensação pela ofensa e pelo desprezo que Branwen sofreu. Matholwch viverá onde você quiser, seja aqui, seja na Ilha dos Poderosos." Bendigeid Vran disse: "Então eu mesmo não terei o reino? Talvez assim eu possa pensar na proposta de vocês. Até lá, não terão outra resposta minha."

"Senhor", disseram eles, "levaremos a ele a melhor resposta que você nos der, e pedimos que aguarde a resposta dele." "Vou aguardar", respondeu ele. "Voltem depressa."

Os mensageiros partiram e foram até Matholwch. "Senhor", disseram, "prepare uma proposta melhor para Bendigeid Vran. Ele não quis nem ouvir a que levamos." "Meus amigos", disse Matholwch, "o que vocês aconselham?"

"Senhor", responderam, "só há uma saída. Nunca se soube que ele tivesse ficado dentro de uma casa. Por conseguinte, construa uma casa que possa abrigá-lo e aos homens da Ilha dos Poderosos de um lado, e a você e seu exército do outro. Entregue o reino à vontade dele e preste-lhe homenagem. Em reconhecimento à honra que lhe demonstra ao construir uma casa — já que nunca antes ele tivera uma que pudesse abrigá-lo —, ele fará as pazes com você." Então os mensageiros voltaram a Bendigeid Vran, levando essa proposta.

Ele consultou os seus conselheiros, e ficou decidido que aceitaria aquilo. Tudo foi feito por conselho de Branwen e para que o país não fosse destruído. Assim se fez a paz, e construíram uma casa grande e forte.

Mas os irlandeses planejaram um ardil: colocariam suportes ao lado de cada uma das cem colunas da casa, e em cada suporte penduriam uma bolsa de couro, com um homem armado dentro. Então Evnissyen entrou antes do exército da Ilha dos Poderosos, examinou a casa com olhar feroz e selvagem e avistou as bolsas de couro em volta das colunas.

"O que há nesta bolsa?", perguntou a um dos irlandeses. "Farinha, meu bom senhor", respondeu ele. Evnissyen apalpou a bolsa até encontrar a cabeça do homem e apertou-a até sentir os dedos se juntarem no cérebro, através do osso. Deixou aquele homem e pôs a mão em outra bolsa, perguntando o que havia nela.

"Farinha", respondeu o irlandês. Fez o mesmo com cada uma delas, até que, dos duzentos homens, só deixou um vivo. Quando chegou a esse, perguntou o que havia ali.

"Farinha, meu bom senhor", respondeu o irlandês. Evnissyen apalpou até encontrar a cabeça e a apertou como fizera com as outras. Embora tenha percebido que aquele homem estava de capacete, não o soltou antes de matá-lo. Então cantou um englyn:

"Nesta bolsa há um tipo diferente de farinha,

O combatente pronto, quando o ataque começa

Pelos seus companheiros de armas, preparado para a batalha."

Em seguida, os exércitos chegaram à casa. Os homens da Ilha da Irlanda entraram por um lado, e os homens da Ilha dos Poderosos, pelo outro. Assim que se sentaram, fizeram as pazes entre si, e a soberania foi concedida ao menino. Quando a paz foi selada, Bendigeid Vran chamou o menino, que foi de Bendigeid Vran até Manawyddan. Todos que o viam o amavam.

De Manawyddan, o menino foi chamado por Nissyen, filho de Eurosswydd, e foi até ele com carinho. "Por que", disse Evnissyen, "meu sobrinho, o filho da minha irmã, não vem até mim? Mesmo que não fosse rei da Irlanda, eu ficaria feliz em acariciar o menino."

"Deixe-o ir até você, será um prazer", disse Bendigeid Vran, e o menino foi alegremente até ele. "Juro pelo céu", disse Evnissyen consigo, "a família nem imagina a matança que vou cometer neste instante."

Então ele se levantou e pegou o menino pelos pés. Antes que alguém na casa pudesse agarrá-lo, lançou-o de cabeça no fogo ardente. Ao ver o filho queimando no fogo, Branwen tentou saltar também, do lugar onde estava sentada entre os dois irmãos. Mas Bendigeid Vran a segurou com uma mão e, com a outra, segurou o escudo.

Então todos correram pela casa, e jamais exército algum causara tamanho tumulto numa casa, enquanto cada homem se armava. Então disse Morddwydtyllyon: "As moscas de Morddwydtyllyon, a Vaca!" Enquanto todos procuravam suas armas, Bendigeid Vran protegeu Branwen com o escudo e o ombro.

⁂

Então os irlandeses acenderam um fogo sob o caldeirão da renovação e lançaram nele os corpos dos mortos até enchê-lo. No dia seguinte, saíram de lá como guerreiros tão bons quanto antes, mas já não podiam falar. Ao ver que os corpos dos homens da Ilha dos Poderosos não haviam ressuscitado em parte alguma, Evnissyen disse consigo: "Ai de mim! Que desgraça ter sido eu a causa de trazer os homens da Ilha dos Poderosos a uma situação tão desesperadora. Que o mal recaia sobre mim se eu não encontrar uma saída."

Então se lançou entre os corpos dos irlandeses. Dois irlandeses descalços se aproximaram dele e, pensando que fosse um dos seus, jogaram-no no caldeirão. Ele se esticou dentro do caldeirão, partindo-o em quatro pedaços e rompendo também o próprio coração.

Foi assim que os homens da Ilha dos Poderosos conseguiram o que conseguiram, mas não foram vitoriosos, pois, de todos eles, só sete escaparam. O próprio Bendigeid Vran foi ferido no pé por um dardo envenenado. Os sete sobreviventes foram Pryderi, Manawyddan, Gluneu Eil Taran, Taliesin, Ynawc, Grudyen, filho de Muryel, e Heilyn, filho de Gwynn Hen.

Bendigeid Vran ordenou que lhe cortassem a cabeça. "Levem minha cabeça", disse ele, "e carreguem-na até o Monte Branco, em Londres, e a enterrem lá, com o rosto voltado para a França. A viagem será longa. Em Harlech, vocês festejarão por sete anos, enquanto os pássaros de Rhiannon cantam para vocês. Durante todo esse tempo, a cabeça será uma companhia tão agradável quanto quando ainda estava em meu corpo. E em Gwales, em Penvro, vocês ficarão por oitenta anos. Poderão permanecer lá, com a ca-

beça incorrupta ao lado de vocês, até abrirem a porta voltada para Aber Henvelen e para a Cornualha.

Depois que abrirem essa porta, não poderão mais ficar ali. Partam então para Londres a fim de enterrar a cabeça e sigam em frente, sem parar."

Então cortaram a cabeça, e os sete partiram levando-a consigo. Branwen foi a oitava a acompanhá-los. Chegaram à terra em Aber Alaw, em Talebolyon, e se sentaram para descansar. Branwen olhou para a Irlanda e para a Ilha dos Poderosos, para ver se conseguia avistá-las. "Ai de mim", disse ela, "que desgraça eu ter nascido! Duas ilhas foram destruídas por minha causa!" Então soltou um alto gemido, e seu coração se partiu. Fizeram para ela uma sepultura de quatro lados e a enterraram às margens do Alaw.

Então os sete seguiram viagem para Harlech, levando a cabeça. No caminho, encontraram muitos homens e mulheres. "Têm alguma notícia?", perguntou Manawyddan. "Nenhuma", responderam, "a não ser que Caswallawn, filho de Beli, conquistou a Ilha dos Poderosos e foi coroado rei em Londres."

"O que aconteceu", perguntaram eles, "a Caradawc, filho de Bran, e aos sete homens que ficaram com ele nesta ilha?" "Caswallawn os encontrou e matou seis dos homens. Caradawc morreu de tristeza por isso, pois conseguia ver a espada que matava os homens, mas não sabia quem a empunhava. Caswallawn lançou sobre ele o Véu da Ilusão, de modo que ninguém podia vê-lo matar os homens; só se via a espada. Ele não quis matar Caradawc, porque era seu sobrinho, filho de seu primo. E agora ele era o terceiro a morrer de tristeza. Pendaran Dyved, que permanecera com aqueles homens como pajem, ainda jovem, escapou para a floresta", disseram.

Então chegaram a Harlech, onde pararam para descansar. Prepararam comida e bebida e se sentaram para comer e beber. Três pássaros vieram e começaram a cantar para eles uma certa canção. Todas as canções que já tinham ouvido lhes pareciam desagradáveis em comparação. Os pássaros pareciam estar muito longe, além-mar, mas eram tão nítidos como se estivessem perto. Eles continuaram nessa refeição por sete anos.

Ao fim do sétimo ano, partiram para Gwales, em Penvro. Lá encontraram um lugar belo e majestoso, com vista para o oceano, e nele havia um grande salão. Entraram no salão. Duas portas estavam abertas, mas a terceira, a que dava para a Cornualha, estava fechada.

"Vejam ali", disse Manawyddan, "a porta que não podemos abrir." Naquela noite, banqueteavam e se alegraram. Esqueceram tudo o que tinham visto de comida posta diante deles e tudo o que tinham ouvido, assim como qualquer tristeza. Permaneceram ali por oitenta anos, sem perceber que jamais haviam vivido um tempo mais alegre e feliz.

Não estavam mais cansados do que quando chegaram, e nenhum deles sabia há quanto tempo estava ali. Ter a cabeça consigo não lhes era mais incômodo do que se o próprio Bendigeid Vran estivesse com eles. Por causa desses oitenta anos, o lugar foi chamado de "O Banquete da Nobre Cabeça". O banquete de Branwen e Matholwch aconteceu na época em que foram à Irlanda.

Um dia, Heilyn, filho de Gwynn, disse: "Que o mal recaia sobre mim se eu não abrir a porta para saber se é verdade o que dizem a respeito dela." Então abriu a porta e olhou para a Cornualha e para Aber Henvelen.

Quando olharam, lembraram-se de todos os males que já haviam sofrido, de todos os amigos e companheiros que haviam perdido e de todo o sofrimento que lhes sobreviera, como se tudo tivesse acontecido naquele mesmo lugar. E, acima de tudo, lembraram-se do destino de seu senhor. Tão perturbados ficaram que não conseguiam descansar. Partiram, então, rumo a Londres com a cabeça.

Enterraram-na no Monte Branco. Esse foi o terceiro bom esconderijo; quando a desenterraram, foi a terceira revelação funesta, pois nenhuma invasão vinda de além-mar chegou a esta ilha enquanto a cabeça permaneceu escondida ali.

E assim é contada a história daqueles que vieram da Irlanda.

Na Irlanda, ninguém sobreviveu, exceto cinco mulheres grávidas, escondidas numa caverna no ermo irlandês. Naquela mesma noite, as cinco mulheres deram à luz cinco filhos, que criaram até se tornarem rapazes crescidos. Eles pensaram em esposas e, ao mesmo tempo, desejaram tê-las. Cada um tomou por esposa a mãe de um de seus companheiros. Governaram o país e povoaram-no.

Esses cinco dividiram o país entre si, e é por causa dessa divisão que as cinco regiões da Irlanda ainda recebem esse nome. Examinaram o terreno onde as batalhas haviam acontecido e encontraram ouro e prata até ficarem ricos.

E assim termina esta parte do Mabinogi, que trata do golpe sofrido por Branwen, o terceiro golpe desastroso desta ilha; do banquete de Bran, quando os exércitos de cento e quarenta países foram à Irlanda para vingar

o golpe sofrido por Branwen; do banquete de sete anos em Harlech; do canto dos pássaros de Rhiannon; e da permanência da cabeça por oitenta anos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

MANAWYDDAN, O FILHO DE LLYR

✦

Quando os sete homens de quem falamos acima enterraram a cabeça de Bendigeid Vran no Monte Branco, em Londres, com o rosto voltado para a França, Manawyddan olhou para a cidade de Londres e para seus companheiros e soltou um grande suspiro. Uma tristeza profunda e um grande pesar tomaram conta dele.

"Ai, Céu Todo-Poderoso, pobre de mim!", exclamou. "Não há ninguém além de mim sem um lugar para passar esta noite." "Senhor", disse Pryderi, "não fique tão triste. Seu primo é rei da Ilha dos Poderosos e, ainda que lhe faça alguma injustiça, você nunca reivindicou terras ou posses. Você é o terceiro príncipe deserdado."

"Sim", respondeu ele, "mas, embora esse homem seja meu primo, me entristece ver alguém no lugar de meu irmão Bendigeid Vran, e não posso ser feliz na mesma casa que ele."

"Aceitaria o conselho de outra pessoa?", perguntou Pryderi. "Preciso de conselho", respondeu ele. "E qual seria esse conselho?" "Tenho sete cantrevs", disse Pryderi, "onde mora Rhiannon, minha mãe. Vou dar a você ela e os sete cantrevs. Mesmo que você não tivesse nenhuma posse além desses cantrevs, não poderia encontrar sete cantrevs mais belos. Kicva, filha de Gwynn Gloyw, é minha esposa e, como a herança dos cantrevs me pertence, você e Rhiannon podem desfrutá-los. Se algum dia quiser outras posses, ficará com estas."

"Não, chefe", disse ele. "Que o Céu recompense sua amizade." "Eu lhe mostraria a maior amizade do mundo, se você me deixasse." "Deixarei, meu amigo", disse ele.

"Que o Céu o recompense. Vou com você para encontrar Rhiannon e conhecer suas posses." "Fará bem", respondeu ele. "E acredito que nunca ouviu uma dama falar melhor do que ela. Quando estava no auge da vida, ninguém era mais bela. Mesmo agora, sua aparência não é desagradável."

Eles partiram e, por mais longa que fosse a viagem, por fim chegaram a Dyved. Um banquete foi preparado para recebê-los em Narberth, por Rhiannon e Kicva. Então Manawyddan e Rhiannon começaram a se sentar e conversar. A conversa aqueceu seu ânimo e seus pensamentos por ela, e ele pensou consigo mesmo que nunca tinha visto dama mais cheia de graça e beleza.

"Pryderi", disse ele, "quero que seja como você disse." "O que eu disse?", perguntou Rhiannon. "Senhora", disse Pryderi, "ofereci você como esposa a Manawyddan, filho de Llyr."

"Fico feliz em aceitar", disse Rhiannon. "Também estou muito feliz", disse Manawyddan. "Que o Céu recompense quem me demonstrou uma amizade tão perfeita."

Antes que o banquete terminasse, ela se tornou sua esposa. Pryderi disse: "Fiquem aqui pelo resto do banquete, e eu irei a Lloegyr prestar homenagem a Caswallawn, filho de Beli."

"Senhor", disse Rhiannon, "Caswallawn está em Kent, por isso você pode ficar para o banquete e esperar até que ele esteja mais perto." "Vamos espe-

rar", respondeu ele. Assim, terminaram o banquete. Começaram então a percorrer Dyved, caçar e se divertir.

Ao viajarem pelo país, nunca tinham visto terras mais agradáveis para viver, melhores lugares para caçar, nem maior abundância de mel e peixes. A amizade entre os quatro era tanta que não queriam se separar, nem de noite nem de dia.

Em meio a tudo isso, ele foi encontrar Caswallawn em Oxford e prestou homenagem. Foi recebido com honras e muito elogiado por prestar homenagem.

Depois que voltou, Pryderi e Manawyddan fizeram banquetes e descansaram, aproveitando a vida. Começaram um banquete em Narberth, pois era o principal palácio e ali se concediam todas as honras. Quando terminaram a primeira refeição naquela noite, enquanto os criados comiam, eles se levantaram, saíram e foram os quatro até o Gorsedd de Narberth, acompanhados de sua comitiva.

Enquanto estavam sentados, ouviram um trovão. Com a violência da tempestade, veio uma névoa tão espessa que ninguém conseguia ver os outros. Depois da névoa, tudo ao redor ficou claro. Quando olharam para o lugar onde costumavam ver gado, rebanhos e casas, não viram mais nada: nem casa, nem animal, nem fumaça, nem fogo, nem gente, nem moradia.

As casas da corte estavam vazias, desertas e sem habitantes; não havia nelas pessoas nem animais. De fato, todos os seus companheiros tinham desaparecido, sem que eles soubessem o que havia acontecido. Só restavam aqueles quatro.

"Pelo Céu!", exclamou Manawyddan. "Onde estão os membros da corte e toda a minha comitiva, além de nós? Vamos procurar." Entraram no salão, mas não havia ninguém. Foram ao castelo e aos quartos de dormir, mas não encontraram ninguém. Na adega e na cozinha, só havia desolação. Então os quatro banquetearam, caçaram e se divertiram.

Depois começaram a percorrer a terra e todas as suas posses. Visitaram as casas e as moradias e não encontraram nada além de animais selvagens. Quando acabaram o banquete e todas as provisões, alimentaram-se da caça que abatiam e do mel das colmeias silvestres. Assim, passaram o primeiro ano com alegria, e também o segundo. Mas, por fim, começaram a se cansar.

"De fato", disse Manawyddan, "não podemos continuar assim. Vamos a Lloegyr procurar um ofício que nos dê sustento." Foram para Lloegyr e chegaram até Hereford. Puseram-se a fazer selas. Manawyddan começou a fazer os arreios e a dourá-los, colorindo-os com esmalte azul, do modo como tinha visto Llasar Llaesgywydd fazer. Fez o esmalte azul como aquele outro homem fazia. Por isso, ainda é chamado Calch Lasar [esmalte azul], pois Llasar Llaesgywydd o havia produzido.

Enquanto Manawyddan conseguia fazer aqueles artigos, ninguém comprava sela nem arreio de qualquer seleiro de Hereford. Por fim, todos os seleiros perceberam que estavam perdendo muito dinheiro e que ninguém comprava deles, exceto quem não conseguia obter de Manawyddan o que procurava. Então se reuniram e combinaram matá-lo, junto com seus companheiros.

Eles foram avisados e discutiram se deveriam deixar a cidade. “Pelo Céu”, disse Pryderi, “não acho que devamos sair da cidade. Devemos matar esses grosseirões.” “Não”, disse Manawyddan. “Se brigarmos com eles, ficaremos mal-afamados e seremos presos. É melhor irmos para outra cidade para nos sustentar.” Assim, os quatro foram para outra cidade.

“Que ofício vamos exercer?”, perguntou Pryderi. “Vamos fazer escudos”, disse Manawyddan. “Entendemos desse ofício?”, perguntou Pryderi. “Vamos tentar”, respondeu ele. Começaram a fazer escudos, moldando-os como os bons escudos que tinham visto. Também os esmaltaram, como haviam feito com as selas.

Tiveram tanto sucesso naquele lugar que, em toda a cidade, ninguém pedia outro escudo senão os feitos por eles. Por isso, trabalhavam depressa e fizeram escudos sem conta. Mas, por fim, os artesãos perceberam o que acontecia. Reuniram-se às pressas com seus concidadãos e combinaram que tentariam matá-los.

Mas eles foram avisados e souberam que aqueles homens tinham decidido acabar com eles. “Pryderi”, disse Manawyddan, “esses homens querem nos matar.” “Não vamos aceitar isso desses grosseirões. Vamos atacá-los e matá-los.”

“Não”, respondeu ele. “Caswallawn e seus homens ficarão sabendo, e estaremos perdidos. Vamos para outra cidade.” E assim foram para outra cidade.

“Que ofício vamos exercer?”, perguntou Manawyddan. “Qualquer um que você saiba fazer”, disse Pryderi. “Não”, respondeu ele. “Vamos fazer sapa-

tos, pois os sapateiros não têm coragem suficiente para brigar conosco nem para nos incomodar.” “Não entendo desse ofício”, disse Pryderi. “Mas eu entendo”, respondeu Manawyddan. “Vou lhe ensinar a costurar. Não vamos preparar o couro; vamos comprá-lo já curtido e fazer os sapatos com ele.”

⁂

Ele começou comprando o melhor couro de Córdoba que havia na cidade e não comprou nenhum outro, exceto o couro para as solas. Associou-se ao melhor ourives da cidade e pediu que fizesse fivelas para os sapatos e as dourasse. Observou como eram feitas até aprender o método. Por isso, foi chamado de um dos três fabricantes de Sapatos de Ouro.

Enquanto era possível comprá-los dele, ninguém comprava sapatos nem botas de nenhum sapateiro da cidade. Mas, quando os sapateiros perceberam que seus ganhos estavam diminuindo — pois Manawyddan cortava o couro e Pryderi o costurava —, reuniram-se, conversaram e decidiram matá-los.

“Pryderi”, disse Manawyddan, “esses homens estão pensando em nos matar.” “Por que deveríamos aceitar isso desses ladrões grosseiros?”, perguntou Pryderi. “Vamos matar todos eles.” “Não”, disse Manawyddan. “Não vamos matá-los, nem continuar em Lloegyr. Vamos partir para Dyved e ver como está.”

Viajaram até chegar a Dyved e seguiram para Narberth. Lá acenderam uma fogueira e se sustentaram caçando. Passaram assim um mês. Reuniram os cães ao redor e ficaram ali por um ano.

Certa manhã, Pryderi e Manawyddan se levantaram para caçar. Juntaram os cães e saíram do palácio. Alguns cães correram à frente e chegaram a um pequeno mato ali perto. Mas, assim que chegaram ao mato, recuaram depressa e voltaram para os homens, com os pelos muito eriçados.

"Vamos nos aproximar do mato", disse Pryderi, "e ver o que há nele." Ao se aproximarem, viram um javali selvagem, de um branco puro, sair do mato. Os homens atiçaram os cães, que avançaram contra ele. Mas o javali saiu do mato, recuou um pouco e enfrentou os cães sem se afastar, até que os homens chegaram perto. Quando os homens se aproximaram, ele recuou outra vez e fugiu.

Eles perseguiram o javali até avistarem um castelo enorme e alto, recém-construído, num lugar onde nunca tinham visto pedra alguma nem construção alguma. O javali correu para dentro do castelo, e os cães foram atrás dele. Quando o javali e os cães entraram, eles se espantaram ao encontrar um castelo num lugar onde nunca tinham visto construção alguma.

Do alto do Gorsedd, olharam e escutaram à procura dos cães. Mas, enquanto ficaram ali, não ouviram nenhum cão nem tiveram notícia deles.

"Senhor", disse Pryderi, "vou entrar no castelo para saber dos cães." "De fato", respondeu ele, "seria imprudente entrar nesse castelo, que você nunca tinha visto até agora. Se aceitasse meu conselho, não entraria. Quem quer que tenha lançado um feitiço sobre esta terra fez esse castelo aparecer aqui." "De jeito nenhum", respondeu Pryderi. "Não posso abandonar meus cães assim." Apesar de todos os conselhos de Manawyddan, ele foi até o castelo.

Ao entrar no castelo, não viu ninguém nem animal algum: nem javali, nem cães, nem casa, nem moradia. Mas, no centro do pátio do castelo, viu uma fonte cercada de mármore. Na borda da fonte havia uma taça de ouro sobre uma laje de mármore, e correntes pendiam do alto, sem que ele pudesse ver onde terminavam.

Ele ficou encantado com a beleza do ouro e com o rico trabalho da taça. Aproximou-se e a segurou. Assim que a tocou, suas mãos ficaram presas à taça e seus pés à laje onde a taça estava. Toda a sua alegria o abandonou, e ele não conseguiu dizer uma palavra. E ficou assim, parado.

E Manawyddan esperou por ele até quase o fim do dia. Já tarde da noite, certo de que não teria notícias de Pryderi nem dos cães, voltou ao palácio. Quando entrou, Rhiannon olhou para ele.

"Onde", perguntou ela, "estão teu companheiro e teus cães?" "Veja", respondeu ele, "a aventura que me aconteceu." E contou tudo a ela. "Você foi um mau companheiro", disse Rhiannon, "e perdeu um bom companheiro." Com essas palavras, ela saiu e seguiu em direção ao castelo, conforme as indicações que ele lhe deu. Encontrou aberta a entrada do castelo. Não se intimidou e entrou.

Ao entrar, viu Pryderi agarrado à tigela e foi até ele. "Ah, meu senhor", disse ela, "o que está fazendo aqui?" E segurou a tigela junto com ele. Ao fazer isso, suas mãos ficaram presas à tigela e seus pés à laje, e ela não conseguiu dizer uma palavra. Então, ao anoitecer, eis que trovejou sobre eles e uma névoa caiu. Em seguida, o castelo desapareceu, e eles com ele.

Quando Kicva, filha de Gwynn Gloyw, viu que no palácio não havia ninguém além dela e de Manawyddan, ficou tão triste que não se importava se vivia ou morria. Manawyddan percebeu.

"Você está enganada", disse ele, "se fica assim aflita por medo de mim. Chamo o Céu por testemunha de que você nunca conheceu amizade mais pura do que a que lhe ofereceria, enquanto o Céu quiser que você permaneça assim. Declaro que, mesmo se eu estivesse no começo da juventude, manteria minha lealdade a Pryderi, e também manterei minha lealdade a você. Portanto, não tenha medo", disse ele, "pois o Céu é minha testemunha de que você receberá toda a amizade que puder desejar e que estiver ao meu alcance lhe demonstrar, enquanto o Céu quiser que continuemos nesta tristeza e aflição."

"Que o Céu lhe recompense", disse ela, "pois era isso que eu esperava de você." Então a jovem recobrou o ânimo e ficou contente.

"De fato, senhora", disse Manawyddan, "não devemos ficar aqui. Perdemos nossos cães e não conseguimos alimento. Vamos para Lloegyr; lá será mais fácil encontrar sustento." "Com prazer, senhor", disse ela, "vamos." E partiram juntos para Lloegyr.

"Senhor", disse ela, "que ofício vai exercer? Escolha um que lhe convenha." "Não escolherei nenhum outro", respondeu ele, "a não ser o de fazer sapatos, como antes." "Senhor", disse ela, "esse ofício não combina com um homem de nascimento tão nobre como você." "Mesmo assim, vou persistir nele", disse ele.

⁂

Então ele começou seu ofício e fez todo o seu trabalho com o couro mais fino que conseguiu encontrar na cidade. Como fizera no outro lugar, mandou fazer fivelas douradas para os sapatos. Todos os sapateiros da cidade, menos ele, ficaram sem ocupação e sem trabalho. Enquanto podiam comprar dele, ninguém comprava sapatos nem meias em outro lugar.

E assim permaneceram ali por um ano, até que os sapateiros ficaram com inveja e se reuniram para conversar sobre ele. Ele foi avisado, e lhe contaram que os sapateiros haviam combinado matá-lo.

"Senhor", disse Kicva, "por que suportar isso desses camponeses?" "Não", disse ele, "vamos voltar para Dyved." E partiram em direção a Dyved.

Ao partir de volta para Dyved, Manawyddan levou consigo uma carga de trigo. Seguiu para Narberth e foi morar lá. Nada o deixou mais contente do que rever Narberth e as terras onde costumava caçar com Pryderi e Rhiannon. Habituou-se a pescar e a caçar veados em seus esconderijos. Depois começou a preparar um terreno e semeou uma pequena lavoura, depois outra e uma terceira. Nunca se viu trigo melhor crescer no mundo. As três lavouras prosperaram com crescimento perfeito, e ninguém jamais viu trigo mais belo.

E assim passaram as estações do ano, até chegar a época da colheita. Ele foi ver uma de suas lavouras e viu que o trigo estava maduro. "Vou colher esta amanhã", disse. Naquela noite, voltou a Narberth e, na manhã seguinte, ao amanhecer, foi colher a lavoura. Quando chegou, encontrou apenas a palha nua. Todas as espigas haviam sido cortadas dos talos e levadas embora; só restava a palha. Ele ficou muito espantado.

Então foi ver outra lavoura e viu que também estava madura. “De fato”, disse ele, “vou colhê-la amanhã.” No dia seguinte, foi com a intenção de colhê-la, mas, quando chegou, encontrou apenas a palha nua. “Ah, Céu misericordioso”, exclamou, “sei que quem começou a me arruinar está terminando o serviço e também destruiu o país comigo.”

Então foi ver a terceira lavoura. Quando chegou, viu que nunca se vira trigo mais bonito, e aquele também estava maduro. “Que me aconteça o pior”, disse ele, “se eu não vigiar aqui esta noite. Quem levou o outro trigo virá do mesmo modo para levar este. E vou descobrir quem é.” Então pegou suas armas e começou a vigiar a lavoura. Contou a Kicva tudo o que havia acontecido. “De fato”, disse ela, “o que você pretende fazer?” “Vou vigiar a lavoura esta noite”, disse ele.

Ele foi vigiar a lavoura. À meia-noite, eis que surgiu o maior tumulto do mundo. Ele olhou e viu a maior horda de ratos do mundo, impossível de contar ou medir. Não percebeu o que era até os ratos entrarem na lavoura. Cada um subiu por um talo e o curvou com seu peso, cortou uma espiga e a levou embora, deixando o talo. Não havia um único talo sem um rato. Todos foram embora levando as espigas.

Furioso e irado, ele avançou contra os ratos, mas não conseguiu alcançá-los, como se fossem mosquitos ou pássaros no ar. Só um ficou para trás: embora fosse lento, corria tão depressa que mal se podia alcançar a pé. Ele foi atrás desse rato, pegou-o, colocou-o na luva, amarrou a abertura com um cordão e o levou consigo de volta ao palácio.

Então foi ao salão onde Kicva estava, acendeu o fogo e pendurou a luva pelo cordão num gancho. “O que você tem aí, senhor?”, perguntou Kicva.

"Um ladrão", disse ele, "que encontrei me roubando."

"Que tipo de ladrão é esse, senhor, que você conseguiu pôr na luva?", perguntou ela. "Vou lhe contar", respondeu ele. Então mostrou a ela como seus campos haviam sido devastados e destruídos, e como os ratos tinham vindo à última lavoura diante de seus olhos.

"Um deles era menos ágil que os outros e agora está na minha luva. Amanhã vou enforcá-lo e, pelo Céu, se eu tivesse os outros, enforcaria todos." "Meu senhor", disse ela, "isso é espantoso; mas não convém a um homem de sua dignidade enforcar uma criatura tão desprezível. Se fizer o que é certo, não mexa com ela; deixe-a ir."

"Que me aconteça o pior", disse ele, "se eu não enforcaria todos, caso conseguisse pegá-los. E este que peguei vou enforcar." "De fato, senhor", disse ela, "não tenho motivo para defender essa criatura, a não ser para evitar que você passe vergonha. Faça, então, como quiser."

"Se eu soubesse de algum motivo no mundo para você defendê-la, seguiria seu conselho", disse Manawyddan, "mas, como não conheço nenhum, senhora, pretendo acabar com ela." "Então faça isso à vontade", disse ela.

Então ele foi ao Gorsedd de Narberth, levando o rato consigo. Ergueu duas forquilhas no ponto mais alto do Gorsedd. Enquanto fazia isso, viu um estudioso vindo em sua direção, vestido com roupas velhas, pobres e esfarrapadas. Já fazia sete anos que ele não via naquela região homem ou animal algum, exceto aquelas quatro pessoas que haviam permanecido juntas até duas delas desaparecerem.

"Meu senhor", disse o estudioso, "bom dia." "Que o Céu lhe favoreça, e receba meus cumprimentos. De onde vem, estudioso?", perguntou ele. "Venho, senhor, de cantar em Lloegyr. Por que pergunta?"

"Porque, nos últimos sete anos", respondeu ele, "não vi ninguém aqui, além de quatro pessoas isoladas e de você, neste instante." "De fato, senhor", disse o estudioso, "estou atravessando esta terra para voltar para casa. Que trabalho está fazendo, senhor?"

"Vou enforcar um ladrão que encontrei me roubando", disse ele. "Que tipo de ladrão?", perguntou o estudioso. "Vejo uma criatura em sua mão parecida com um rato, e não convém a um homem de sua posição tocar numa criatura tão desprezível. Deixe-a ir livre."

"Não vou soltá-la, pelo Céu", disse ele. "Eu a peguei me roubando, vou lhe dar o castigo de um ladrão e enforcá-la." "Senhor", disse o estudioso, "em vez de ver um homem de sua posição fazendo algo assim, eu lhe daria uma libra que recebi de esmola para que soltasse a criatura."

"Não vou soltá-la", disse ele, "pelo Céu, nem vou vendê-la." "Como quiser, senhor", respondeu o estudioso. "Só digo que não queria ver um homem de sua posição tocando numa criatura assim; quanto a mim, não me importo." E o estudioso seguiu seu caminho.

⁂

Enquanto colocava a trave transversal sobre as duas forquilhas, eis que um sacerdote veio em sua direção montado num cavalo coberto de arreios. "Bom dia, senhor", disse ele.

“Que o Céu lhe favoreça”, disse Manawyddan. “Dê-me sua bênção.” “Que a bênção do Céu esteja com você. O que está fazendo, senhor?” “Vou enforcar um ladrão que encontrei me roubando”, disse ele.

“Que tipo de ladrão, senhor?”, perguntou o sacerdote. “Uma criatura”, respondeu ele, “com a forma de um rato. Ela tem me roubado, e vou lhe dar o castigo de um ladrão.”

“Senhor”, disse o sacerdote, “eu pagaria para libertá-la, em vez de ver você tocar nessa criatura.” “Confesso diante do Céu que não vou vendê-la nem soltá-la.”

“É verdade, senhor, que ela não vale nada, mas, para não ver você se desonrar tocando numa criatura dessas, eu lhe darei três libras para que a solte.” “Não vou aceitar pagamento algum por ela, pelo Céu”, disse ele.

“Ela será enforcada como merece.” “Faça, senhor, como bem entender.” E o sacerdote seguiu seu caminho.

Então ele passou o cordão em volta do pescoço do rato e, quando estava prestes a puxá-lo para cima, eis que viu a comitiva de um bispo, com seus cavalos de carga e seus criados. O próprio bispo veio em sua direção, e ele interrompeu o trabalho.

“Senhor bispo, abençoe-me”, disse ele. “Que a bênção do céu esteja contigo”, respondeu o bispo. “O que estás fazendo?” “Vou enforcar um ladrão que peguei roubando de mim”, disse ele.

“Isso que vejo em tua mão não é um rato?” “Sim”, respondeu ele. “E ela me roubou.” “Pois bem”, disse o bispo, “já que cheguei a tempo de decidir o destino desse animal, vou comprá-lo de ti. Dou-te sete libras por ele, em

vez de ver um homem de posição como a tua destruir um animal tão desprezível. Solta-o, e receberás o dinheiro."

"Declaro diante do Céu que não o soltarei." "Se não o soltares por esse preço, dou-te vinte e quatro libras em dinheiro vivo para libertá-lo." "Não o libertarei nem pelo dobro disso, pelo Céu", disse ele.

"Se não o libertares por esse preço, dou-te todos os cavalos que vês nesta planície, as sete cargas de bagagem e os sete cavalos que as carregam." "Pelo Céu, não", respondeu ele.

"Já que não aceitas isso, pede qualquer preço que quiseres." "Pois bem", disse ele. "Quero que Rhiannon e Pryderi sejam libertados." "Isso terás", respondeu o bispo.

"Ainda não soltarei o rato, pelo Céu." "O que mais queres?" "Quero que o feitiço e a ilusão sejam retirados dos sete cantrefi de Dyved." "Isso também terás; agora solta o rato."

"Não o soltarei, pelo Céu", disse ele. "Quero saber quem pode ser esse rato." "Ela é minha esposa." "Mesmo que seja, não a soltarei. Por que veio até mim?" "Para te despojar", respondeu o bispo.

"Sou Llwyd, filho de Kilcoed, e lancei o feitiço sobre os sete cantrefi de Dyved. Fiz isso para vingar Gwawl, filho de Clud, por causa da amizade que eu tinha por ele. E me vinguei de Pryderi por Gwawl, filho de Clud, por causa do jogo do Texugo no Saco que Pwyll Pen Annwvyn pregou nele, imprudentemente, na corte de Heveydd Hên. Quando soube que tinhas vindo morar nesta terra, meus familiares vieram pedir que eu os transformasse em ratos, para que destruíssem teu trigo. Foram os meus próprios fa-

miliares que vieram na primeira noite. Também vieram na segunda noite e destruíram teus dois campos.

Na terceira noite, minha esposa e as damas da corte vieram pedir que eu as transformasse. E eu as transformei. Agora ela está grávida. Se não estivesse, não terias conseguido alcançá-la. Mas, como isso aconteceu e ela foi capturada, vou devolver Pryderi e Rhiannon a ti e retirar o feitiço e a ilusão de Dyved. Já te contei quem ela é. Por conseguinte, solta-a."

"Não a soltarei, pelo Céu", disse ele. "O que mais queres?", perguntou o bispo. "Quero que não haja mais feitiços sobre os sete cantrefi de Dyved e que nenhum seja lançado sobre eles daqui em diante."

"Isso terás", disse o bispo. "Agora solta-a." "Não, pela minha fé", respondeu ele. "O que mais queres?", perguntou o bispo. "Quero isto", disse ele: "que ninguém se vingue disso, nem de Pryderi ou Rhiannon, nem de mim."

"Terás tudo isso. E fizeste bem em pedir. Toda essa desgraça teria recaído sobre ti." "Sim", disse ele, "foi por medo disso que fiz esse pedido." "Agora liberta minha esposa."

"Não, pelo Céu", disse ele, "até que eu veja Pryderi e Rhiannon livres aqui comigo." "Olha, lá vêm eles", respondeu o bispo.

E eis que Pryderi e Rhiannon chegaram. Ele se levantou para recebê-los, cumprimentou-os e sentou-se ao lado deles. "Ah, chefe, agora liberta minha esposa", disse o bispo. "Não recebeste tudo o que pediste?" "Terei prazer em libertá-la", disse ele. E então a soltou.

Então Llwyd a tocou com uma varinha mágica, e ela voltou a ser uma jovem, a mais bela que já se tinha visto.

“Olha para tua terra”, disse ele, “e verás que está toda cultivada e habitada, como nos seus melhores tempos.” Ele se levantou e olhou ao redor. E viu que todas as terras estavam cultivadas e cheias de rebanhos e moradias. “Que servidão Pryderi e Rhiannon sofreram?”, perguntou ele. “Pryderi teve os batentes do portão do meu palácio presos ao pescoço, e Rhiannon teve no pescoço os cabrestos dos jumentos, depois que eles carregavam feno.”

E essa foi a servidão que sofreram.

Por causa dessa servidão, esta história é chamada Mabinogi de Mynnweir e Mynord.

E assim termina esta parte do Mabinogi.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

MATH, FILHO DE MATHONWY

✦

Math, filho de Mathonwy, era senhor de Gwynedd, e Pryderi, filho de Pwyll, era senhor dos vinte e um Cantrevs do Sul; eram eles os sete Cantrevs de Dyved, os sete Cantrevs de Morganwc, os quatro Cantrevs de Ceredigiawn e os três de Ystrad Tywi.

Naquele tempo, Math, filho de Mathonwy, não podia ficar sem que seus pés estivessem no colo de uma donzela, exceto quando era impedido pelo tumulto da guerra. A donzela que ficava com ele era Goewin, filha de Pebin, de Dôl Pebin, em Arvon, e era a donzela mais bela de seu tempo conhecida por ali.

Math morava sempre em Caer Dathyl, em Arvon, e não podia percorrer a região. Em seu lugar, percorriam a região Gilvaethwy, filho de Don, e Eneyd, filho de Don, seus sobrinhos, filhos de suas irmãs, junto com sua comitiva.

A donzela ficava continuamente com Math, e Gilvaethwy, filho de Don, apaixonou-se por ela. Amava-a tanto que não sabia o que fazer, e por isso sua cor, seu aspecto e seu ânimo mudaram por amor a ela, a ponto de ser difícil reconhecê-lo.

Certo dia, seu irmão Gwydion o observou atentamente. “Rapaz”, disse ele, “o que está acontecendo contigo?” “Ora”, respondeu ele, “o que vês em mim?” “Vejo”, disse Gwydion, “que perdeste o aspecto e a cor. O que está acontecendo contigo?”

"Meu querido irmão", respondeu ele, "não me adianta confessar a ninguém o que me aflige." "O que pode ser, meu querido?", disse Gwydion. "Sabes", disse ele, "que Math, filho de Mathonwy, tem esta particularidade: se as pessoas conversam em voz baixa, por mais baixo que seja o tom, se o vento levar as palavras, ele fica sabendo." "Sim", disse Gwydion, "fica tranquilo, sei o que pretendes: estás apaixonado por Goewin."

Quando viu que seu irmão conhecia suas intenções, deu o suspiro mais profundo do mundo. "Fica quieto, meu querido, e não suspires", disse Gwydion. "Isso não vai te ajudar. Se não houver outro jeito, farei com que Gwynedd, Powys e Deheubarth se levantem para buscar a donzela. Portanto, anima-te, que eu cuidarei disso."

Então foram até Math, filho de Mathonwy. "Senhor", disse Gwydion, "soube que chegaram ao Sul uns animais que nunca foram vistos nesta ilha." "Como são chamados?", perguntou Math.

"Porcos, senhor." "E que tipo de animais são?" "São animais pequenos, e sua carne é melhor que a dos bois." "Então são pequenos?" "E mudam de nome. Agora são chamados de suínos."

"De quem são?" "De Pryderi, filho de Pwyll. Foram enviados a ele de Annwvyn por Arawn, rei de Annwvyn, e ainda conservam esse nome: metade javali, metade porco."

"Diga-me", perguntou Math, "como podemos consegui-los dele?" "Irei, senhor, com outros onze, disfarçados de bardos, para buscar os porcos." "Mas talvez ele os recuse", disse Math.

"Minha viagem não será em vão, senhor", disse Gwydion. "Não voltarei sem os porcos." "Vá, então", disse Math, "com prazer."

Gwydion e Gilvaethwy partiram, acompanhados de outros dez homens. Chegaram a Ceredigiawn, ao lugar hoje chamado Rhuddlan Teivi, onde ficava o palácio de Pryderi. Entraram disfarçados de bardos, foram recebidos com alegria, e naquela noite Gwydion foi posto ao lado de Pryderi.

"Na verdade", disse Pryderi, "gostaria muito de ouvir uma história de algum dos homens que estão aí com vocês." "Senhor", disse Gwydion, "temos o costume de que, na primeira noite em que chegamos à corte de um grande homem, o chefe dos bardos recita. Terei prazer em contar uma história." Gwydion era o melhor contador de histórias do mundo e, naquela noite, divertiu toda a corte com uma conversa agradável e histórias. Encantou a todos, e Pryderi gostou de conversar com ele.

Depois disso, Gwydion disse a Pryderi: "Senhor, seria mais agradável para ti que outra pessoa te apresentasse meu pedido, em vez de eu mesmo dizer qual é?" "Não", respondeu Pryderi, "fala à vontade."

"Então, senhor", disse Gwydion, "aqui está meu pedido: quero que me dês os animais que te foram enviados de Annwvyn." "Na verdade", respondeu Pryderi, "seria a coisa mais fácil do mundo conceder isso, se eu não tivesse feito um acordo com minha terra a respeito deles. O acordo é que não sairão daqui até que tenham dobrado seu número nesta terra."

"Senhor", disse Gwydion, "posso te livrar desse compromisso, e farei assim: não me dês os porcos esta noite, mas também não os recuses. Amanhã te mostrarei algo em troca deles."

Naquela noite, ele e seus companheiros foram para seus aposentos e se aconselharam. “Ah, meus homens”, disse Gwydion, “não conseguiremos os porcos apenas pedindo.” “Então”, disseram eles, “como podemos conseguilos?” “Vou dar um jeito”, respondeu Gwydion.

Então recorreu a seus poderes e começou a fazer um encantamento. Fez aparecer doze cavalos de guerra e doze galgos pretos, todos com o peito branco, usando doze coleiras e doze guias que, para quem os visse, pareciam feitos de ouro. Nos cavalos havia doze selas, e todas as partes que deveriam ser de ferro eram completamente de ouro; os freios eram do mesmo trabalho. Gwydion foi até Pryderi com os cavalos e os cães.

“Bom dia, senhor”, disse Gwydion. “Que o céu te proteja”, respondeu Pryderi, “e recebe minhas saudações.” “Senhor”, disse Gwydion, “aqui está uma saída para o compromisso que assumiste ontem à noite a respeito dos porcos: não os dar nem os vender. Podes trocá-los por algo melhor. Dou-te estes doze cavalos, todos com seus arreios, selas e freios, e estes doze galgos, com suas coleiras e guias, como estás vendo, além dos doze escudos dourados que vês ali.”

Gwydion os havia feito de fungos. “Muito bem”, disse Pryderi, “vamos nos aconselhar.” Eles conversaram entre si e decidiram dar os porcos a Gwydion e ficar com os cavalos, os cães e os escudos dele.

Então Gwydion e seus homens se despediram e partiram com os porcos. “Ah, meus companheiros”, disse Gwydion, “precisamos andar depressa. O encantamento só vai durar até esta mesma hora amanhã.”

Naquela noite, viajaram até a parte alta de Ceredigiawn, ao lugar que, por causa disso, ainda se chama Mochdrev. No dia seguinte, seguiram por Melenydd e chegaram à noite à cidade que, pelo mesmo motivo, se chama Mochdrev, entre Keri e Arwystli. Dali, continuaram viagem e, naquela noite, chegaram àquele commot de Powys que, também por isso, se chama Mochnant, onde pernoitaram. Depois seguiram até o Cantrev de Rhos, e o lugar onde passaram aquela noite ainda se chama Mochdrev.

"Meus homens", disse Gwydion, "precisamos avançar até os refúgios de Gwynedd com estes animais, pois um exército está vindo atrás de nós." Então seguiram até a cidade mais alta de Arllechwedd, onde fizeram um chiqueiro para os porcos. Por isso, deram à cidade o nome de Creuwyryon. Depois de fazerem o chiqueiro, foram até Math, filho de Mathonwy, em Caer Dathyl.

Ao chegarem, viram que a região estava se levantando em armas. "Que notícias há por aqui?", perguntou Gwydion. "Pryderi está reunindo os vinte e um Cantrevs para persegui-los", responderam.

"É estranho que vocês tenham viajado tão devagar." "Onde estão os animais que foram buscar?", perguntou Math. "Fizeram um chiqueiro para eles no outro Cantrev, mais abaixo", respondeu Gwydion.

⁂

Então ouviram os clarins e o exército na região. Prepararam-se, partiram e chegaram a Penardd, em Arvon.

À noite, Gwydion, filho de Don, e seu irmão Gilvaethwy voltaram a Caer Dathyl. Gilvaethwy ocupou a cama de Math, filho de Mathonwy. En-

quanto expulsava sem cerimônia as outras donzelas do quarto, obrigou Goewin a ficar.

Ao amanhecer, voltaram ao lugar onde Math, filho de Mathonwy, estava com seu exército. Quando chegaram, os guerreiros discutiam em que região deveriam esperar a chegada de Pryderi e dos homens do Sul. Então entraram no conselho, e decidiram esperar nas fortalezas de Gwynedd, em Arvon. Tomaram posição nos dois Maenors: Maenor Penardd e Maenor Coed Alun.

Pryderi os atacou ali, e ali aconteceu a batalha. O morticínio foi grande dos dois lados, mas os homens do Sul foram obrigados a fugir. Fugiram para o lugar que ainda se chama Nantcall. Eles os perseguiram até lá e fizeram grande morticínio entre eles, de modo que fugiram outra vez, até o lugar chamado Dol Pen Maen. Ali pararam e tentaram fazer as pazes.

Para conseguir a paz, Pryderi entregou reféns: Gwrgi Gwastra e outros vinte e três, filhos de nobres. Depois disso, viajaram em paz até Traeth Mawr. Mas, enquanto seguiam juntos em direção a Melenryd, não foi possível conter os homens a pé, que continuaram atirando.

Pryderi enviou uma delegação a Math para pedir que ele proibisse seu povo de fazer isso e deixasse a questão entre ele e Gwydion, filho de Don, pois fora Gwydion quem causara tudo aquilo. Os mensageiros chegaram a Math.

“Na verdade”, disse Math, “tomo o céu por testemunha: se Gwydion, filho de Don, estiver de acordo, deixarei que fique assim, com prazer. Nunca

obrigarei ninguém a lutar, mas nós mesmos faremos tudo o que pudermos."

"Na verdade", disseram os mensageiros, "Pryderi diz que seria mais justo que o homem que lhe fez esse mal enfrentasse a ele próprio, e que seu povo fosse poupado." "Declaro perante o céu que não pedirei aos homens de Gwynedd que lutem por minha causa. Se me permitirem lutar sozinho contra Pryderi, enfrentarei a ele com prazer." Os mensageiros levaram essa resposta a Pryderi. "De fato", disse Pryderi, "não precisarei pedir a ninguém que reivindique meus direitos por mim."

Então os dois avançaram e se armaram para lutar. Pela força, pela ferocidade e pela magia e pelos encantamentos de Gwydion, Pryderi foi morto. Foi enterrado em Maen Tyriawc, acima de Melenryd, e ali está seu túmulo.

Os homens do Sul partiram tristes para sua própria terra. Não admira que estivessem de luto, pois haviam perdido seu senhor e muitos de seus melhores guerreiros, além da maioria dos cavalos e das armas.

Os homens de Gwynedd voltaram alegres e triunfantes. "Senhor", disse Gwydion a Math, "não seria justo libertarmos os reféns dos homens do Sul, que nos entregaram para garantir a paz? Não devemos mantê-los presos." "Que sejam libertados, então", disse Math. Assim, aquele jovem e os outros reféns que estavam com ele foram libertados para seguir com os homens do Sul.

O próprio Math foi para Caer Dathyl. Gilvaethwy, filho de Don, e os membros de sua comitiva partiram para percorrer Gwynedd, como costuma-

vam fazer, sem ir à corte. Math entrou em seu aposento e pediu que preparassem um lugar para se reclinar, a fim de pôr os pés no colo da donzela.

"Senhor", disse Goewin, "procura agora outra pessoa para segurar teus pés, pois agora sou uma mulher casada." "O que queres dizer?", perguntou Math. "Senhor, fui atacada de surpresa, mas não me calei, e não houve ninguém na corte que não soubesse do que aconteceu. O ataque foi feito por teus sobrinhos, senhor, filhos de tua irmã: Gwydion, filho de Don, e Gilvaethwy, filho de Don. Eles me fizeram mal e te desonraram."

"Na verdade", exclamou Math, "farei tudo o que estiver ao meu alcance a respeito disso. Mas primeiro vou providenciar uma compensação para ti; depois, exigirei reparação para mim. Quanto a ti, vou tomar-te por esposa e colocar o domínio das minhas terras em tuas mãos."

Gwydion e Gilvaethwy não se aproximaram da Corte, mas ficaram nos confins da terra até que foi proibido dar-lhes comida e bebida. A princípio, não chegaram perto de Math, mas por fim foram até ele.

"Senhor", disseram, "que tenhas um bom dia." "Muito bem", disse ele, "vieram para me compensar?" "Senhor", disseram, "estamos à tua disposição." "Se dependesse de mim, não teria perdido meus guerreiros nem tantas armas como perdi. Vocês não podem compensar a minha vergonha, sem contar a morte de Pryderi. Mas, já que vieram até aqui para ficar à minha disposição, começarei imediatamente a puni-los."

Então ele pegou sua varinha mágica e golpeou Gilvaethwy, que se transformou em um cervo. Em seguida, agarrou o outro depressa, para que não escapasse. Golpeou-o com a mesma varinha mágica, e ele também se trans-

formou em um cervo. “Agora que estão presos, quero que partam juntos, sejam companheiros e tenham a natureza dos animais cuja forma assumiram. Voltem aqui daqui a doze meses.”

Ao fim de um ano, ouviu-se um grande ruído junto à parede da câmara, acompanhado pelos latidos dos cães do palácio. “Vejam”, disse ele, “o que há lá fora.” “Senhor”, disse um deles, “olhei. Há dois cervos, com um filhote.” Então ele se levantou e saiu. Ao chegar, viu os três animais. Ergueu a varinha.

“Como no ano passado vocês eram cervos, agora sejam javalis selvagens, os dois, pelo próximo ano.” Então os golpeou com a varinha mágica. “Vou ficar com o filhote e mandar batizá-lo.” O nome que lhe deu foi Hydwn.

“Vão e sejam javalis selvagens, os dois, e tenham a natureza dos javalis selvagens. Voltem aqui daqui a doze meses, junto a esta parede.”

⁂

Ao fim do ano, ouviram-se latidos de cães junto à parede da câmara. A Corte se reuniu, e então ele se levantou e saiu. Ao chegar, viu três animais. Eram dois javalis selvagens da floresta, com um filhote já bem crescido. Ele era muito grande para a idade.

“Na verdade”, disse Math, “vou ficar com este e mandar batizá-lo.” Golpeou-o com sua varinha mágica, e ele se transformou em um belo rapaz de cabelos castanho-avermelhados. O nome que lhe deu foi Hychdwn.

“Quanto a vocês, como no ano passado eram javalis selvagens, agora sejam lobos, os dois, pelo próximo ano.” Então ele os golpeou com a varinha má-

gica, e eles se transformaram em lobos.

"Tenham a natureza dos animais cuja aparência assumiram e voltem aqui daqui a doze meses, debaixo desta parede."

No mesmo dia, ao fim do ano, ele ouviu um alvoroço e latidos de cães junto à parede da câmara. Levantou-se e saiu. Ao chegar, viu dois lobos e um filhote forte com eles. "Vou ficar com este", disse Math, "e mandar batizá-lo. O nome dele já está escolhido: Bleiddwn. E estes três são:—

Os três filhos do falso Gilvaethwy,

Os três combatentes fiéis,

Bleiddwn, Hydwn e Hychdwn, o Alto."

Então ele golpeou os dois com a varinha mágica, e eles voltaram à própria forma. "Ó homens", disse ele, "a punição e a desonra que receberam já bastam pelo mal que me fizeram. Preparem agora um unguento precioso para esses homens, lavem-lhes a cabeça e vistam-nos." E assim foi feito.

Depois de vestidos, eles foram até ele. "Ó homens", disse ele, "vocês fizeram as pazes comigo e também terão minha amizade. Deem-me sua opinião: que moça devo procurar?" "Senhor", disse Gwydion, filho de Don, "é fácil aconselhá-lo: procure Arianrod, filha de Don, sua sobrinha, filha de sua irmã."

Trouxeram-na até ele, e a moça entrou. "Ora, donzela", disse ele, "você é a moça?" "Não sei, senhor, além de saber que sou." Então ele pegou sua varinha mágica e a curvou.

"Passe por cima dela", disse ele, "e saberei se você é a moça." Ela passou por cima da varinha mágica, e logo apareceu um belo menino rechonchudo, de cabelos louros. Quando o menino gritou, ela foi em direção à porta. Então se viu uma pequena figura, mas, antes que alguém pudesse olhar uma segunda vez, Gwydion a pegou, envolveu-a em um manto de veludo e a escondeu. O lugar onde a escondeu foi o fundo de um baú, aos pés de sua cama.

"De fato", disse Math, filho de Mathonwy, a respeito do belo menino de cabelos louros, "vou mandar batizá-lo, e o nome que lhe darei será Dylan."

Então batizaram o menino e, durante o batismo, ele mergulhou no mar. Assim que entrou no mar, tomou sua natureza e nadou tão bem quanto o melhor dos peixes que havia ali. Por isso foi chamado Dylan, o filho da Onda. Nenhuma onda jamais se quebrou sob ele. O golpe que lhe tirou a vida foi dado por seu tio Govannon. Foi chamado o terceiro golpe fatal.

Certa manhã, enquanto Gwydion estava acordado em sua cama, ouviu um choro no baú aos seus pés. Não era alto, mas dava para ouvi-lo. Então se levantou depressa e abriu o baú. Ao abri-lo, viu um menino estendendo os braços para fora das dobras do manto e jogando-o para o lado. Pegou o menino nos braços e o levou a um lugar onde sabia que havia uma mulher capaz de amamentá-lo. Combinou com ela que cuidasse do menino. Ele mamou durante aquele ano.

Ao fim do ano, pelo tamanho, parecia ter dois anos. No segundo ano, já era uma criança grande e conseguia ir sozinho à Corte. Quando chegou lá, Gwydion o notou. O menino logo se afeiçoou a ele e o amou mais do que a

qualquer outra pessoa. Assim, foi criado na Corte até os quatro anos, quando já era do tamanho de uma criança de oito.

Um dia, Gwydion saiu, e o menino foi atrás dele. Levou-o consigo ao castelo de Arianrod. Quando entrou na Corte, Arianrod se levantou para recebê-lo, cumprimentou-o e deu-lhe as boas-vindas.

"Que o Céu lhe seja favorável", disse ele. "Quem é o menino que vem atrás de você?", perguntou ela. "Este rapaz é seu filho", respondeu ele. "Ai de mim!", disse ela.

"O que aconteceu com você para me envergonhar assim? Por que quer me desonrar e manter essa desonra por tanto tempo?" "Se você não passar por uma desonra maior do que eu criar um menino como este, sua vergonha será pequena."

"Qual é o nome do menino?", perguntou ela. "Na verdade", respondeu ele, "ele ainda não tem nome." "Pois bem", disse ela, "determino que ele nunca tenha um nome até receber um de mim."

"O Céu é testemunha", respondeu ele, "de que você é uma mulher perversa. Mas o menino terá um nome, por mais que isso a desagrade. O que a aflige é que já não a chamam de donzela." Então ele saiu furioso, voltou a Caer Dathyl e passou a noite lá.

No dia seguinte, levantou-se, levou o menino consigo e foi caminhar pela praia entre aquele lugar e Aber Menei. Lá viu juncos e algas marinhas, e os transformou em um barco. Com gravetos secos e juncos, fez couro de Córdova em grande quantidade, e o tingiu de tal modo que ninguém jamais vira couro mais bonito.

Depois fez uma vela para o barco, e ele e o menino navegaram até o porto do castelo de Arianrod. Começou então a fazer sapatos e a costurá-los, até que foram vistos do castelo. Ao perceber que os observavam de lá, disfarçou a própria aparência e mudou também a do menino, para que não fossem reconhecidos.

"Quem são aqueles homens naquele barco?", perguntou Arianrod. "São sapateiros", responderam. "Vão ver que tipo de couro têm e que trabalho sabem fazer."

Eles foram até os dois. Quando chegaram, Gwydion estava tingindo e dourando couro de Córdova. Os mensageiros foram contar isso a Arianrod. "Pois bem", disse ela, "meçam meu pé e peçam ao sapateiro que faça sapatos para mim." Ele fez os sapatos para ela, mas não conforme a medida: fez maiores. Levaram os sapatos até ela, e estavam grandes demais.

"Estes estão grandes demais", disse ela, "mas ele receberá o pagamento. Que faça também uns menores." Então ele fez outros muito menores que o pé dela e os enviou.

"Digam a ele que não consigo calçar estes", disse ela. E lhe deram o recado. "Na verdade", disse ele, "não farei sapatos para ela se não vir o pé dela." Contaram isso a Arianrod. "Está bem", respondeu ela, "vou até ele."

⁂

Então ela desceu até o barco. Quando chegou, ele estava moldando os sapatos, e o menino os costurava. "Ah, senhora, que tenha um bom dia", disse ele. "Que o Céu lhe seja favorável", disse ela. "Espanta-me que você não

consiga fazer sapatos na medida." "Eu não conseguia", respondeu ele, "mas agora vou conseguir."

Então, eis que um pisco-de-peito-ruivo pousou no convés do barco. O menino atirou nele e o acertou na perna, entre o tendão e o osso. Ela sorriu. "Na verdade", disse ela, "o leão mirou com mão firme." "Que o Céu não a recompense! Mas agora ele recebeu um nome, e é um nome muito bom. De agora em diante, será chamado Llew Llaw Gyffes."

Então o trabalho desapareceu em meio aos juncos e às algas marinhas, e ele não continuou. Por isso foi chamado o terceiro Sapateiro de Ouro. "Na verdade", disse ela, "você não terá mais sorte por me fazer mal." "Ainda não lhe fiz mal algum", disse ele. Então devolveu o menino à sua forma original. "Pois bem", disse ela, "determino que este menino nunca tenha armas e armadura até que eu mesmo lhe dê." "Por Deus", disse ele, "por mais maliciosa que você seja, ele terá armas."

Então foram para Dinas Dinllev, onde Gwydion criou Llew Llaw Gyffes até que ele soubesse montar qualquer cavalo. Era perfeito em aparência, força e estatura. Gwydion percebeu então que ele definhava por não ter cavalos nem armas. Chamou-o para junto de si. "Ah, rapaz", disse ele, "amanhã faremos juntos uma missão. Por isso, anime-se." "Assim farei", disse o rapaz.

Na manhã seguinte, ao raiar do dia, levantaram-se. Seguiram pela costa, em direção a Bryn Aryen. No alto de Cevn Clydno, conseguiram cavalos, vestiram-se e foram ao castelo de Arianrod. Mudaram de aparência e galoparam até o portão como dois rapazes, embora Gwydion parecesse mais sério que o outro. "Porteiro", disse ele, "entre e diga que chegaram bardos de

Glamorgan." O porteiro entrou. "Que o Céu lhes dê boas-vindas; deixem-nos entrar", disse Arianrod.

Eles foram recebidos com grande alegria. Prepararam o salão e eles se sentaram para comer. Quando terminaram, Arianrod conversou com Gwydion sobre contos e histórias. Gwydion era um excelente contador de histórias. Quando chegou a hora de encerrar o banquete, prepararam um quarto para eles, e foram descansar.

Ao cair da tarde, Gwydion se levantou e invocou sua magia e seu poder. Quando o dia amanheceu, o alvoroço já se espalhava pela região, com trombetas e gritos. Quando já era dia, ouviram uma batida à porta do quarto, e Arianrod pediu que a abrissem. O jovem se levantou, abriu a porta para ela, e ela entrou acompanhada de uma donzela.

"Ah, bons homens", disse ela, "estamos em apuros." "Sim, de fato", disse Gwydion, "ouvimos trombetas e gritos. O que achas que isso pode significar?" "Ora", disse ela, "não conseguimos ver a cor do mar por causa de todos os navios, lado a lado. E eles vêm para a terra com toda a velocidade que podem. O que podemos fazer?", disse ela.

"Senhora", disse Gwydion, "não há outro conselho senão nos trancarmos no castelo e defendê-lo como pudermos." "De fato", disse ela, "que o Céu os recompense. Defendam-no, então. E aqui vocês têm armas em abundância."

Então ela saiu para buscar as armas. Eis que voltou com duas donzelas e armaduras para dois homens. "Senhora", disse ele, "arme este rapaz, e eu me

armarei com a ajuda das tuas donzelas. Escuta, ouço o tumulto dos homens se aproximando."

"Farei isso com prazer." Assim, ela o armou por completo, e com muita alegria. "Terminaste de armar o jovem?", perguntou ele. "Terminei", respondeu ela. "Eu também terminei", disse Gwydion.

"Agora vamos tirar as armaduras; não precisamos delas." "Por quê?", disse ela. "O exército está cercando a casa." "Ah, senhora, não há exército algum aqui." "Ah!", exclamou ela.

"Então de onde vinha todo esse tumulto?" "O tumulto serviu apenas para frustrar tua profecia e conseguir armas para teu filho. Agora ele tem armas sem dever nada a ti."

"Pelo Céu", disse Arianrod, "és um homem perverso. Muitos jovens poderiam ter perdido a vida por causa do tumulto que provocaste hoje neste Cantrev. Agora lançarei um destino sobre este jovem", disse ela, "para que nunca tenha uma esposa da raça que hoje habita esta terra."

"De fato", disse ele, "sempre foste uma mulher maliciosa, e ninguém deveria te apoiar. Apesar disso, ele terá uma esposa."

Em seguida, foram até Math, o filho de Mathonwy, e se queixaram amargamente de Arianrod. Gwydion também lhe mostrou como havia conseguido armas para o jovem. "Pois bem", disse Math, "nós dois tentaremos, com encantamentos e ilusões, criar para ele uma esposa feita de flores. Ele já chegou à estatura de um homem e é o jovem mais belo que alguém já viu."

Então colheram as flores do carvalho, as flores da giesta e as flores da ulmária, e delas fizeram uma donzela, a mais bela e graciosa que alguém já viu.

Eles a batizaram e lhe deram o nome de Blodeuwedd.

Depois que ela se tornou sua noiva e eles festejaram, Gwydion disse: “Não é fácil para um homem se sustentar sem posses.” “É verdade”, disse Math. “Darei ao jovem o melhor Cantrev para governar.” “Senhor”, disse ele, “qual Cantrev é esse?” “O Cantrev de Dinodig”, respondeu. Hoje ele é chamado Eivionydd e Ardudwy. O lugar do Cantrev onde ele morava era um palácio seu, num local chamado Mur y Castell, nos limites de Ardudwy. Ali ele morava e governava, e tanto ele quanto seu governo eram amados por todos.

⁂

Um dia, ele foi a Caer Dathyl visitar Math, o filho de Mathonwy. No dia em que partiu para Caer Dathyl, Blodeuwedd passeava pelo pátio. Ela ouviu o som de uma trompa. Depois do som da trompa, eis que passou um cervo cansado, seguido por cães e caçadores. Atrás dos cães e dos caçadores veio uma multidão de homens a pé. “Mandem um rapaz”, disse ela, “para perguntar quem é aquele grupo.” Um rapaz foi perguntar quem eram. “Este é Gronw Pebyr, senhor de Penllyn”, disseram eles. E assim o rapaz lhe contou.

Gronw Pebyr perseguiu o cervo e o alcançou junto ao rio Cynvael, onde o matou. Entre esfolar o cervo e dar comida aos cães, ficou ali até a noite começar a cair. Quando o dia se foi e a noite se aproximou, chegou ao portão do pátio. “De fato”, disse Blodeuwedd, “o chefe falará mal de nós se o deixarmos partir a esta hora para outra terra sem convidá-lo a entrar.” “Sim, senhora”, disseram eles, “será muito apropriado convidá-lo.”

Então foram enviados mensageiros para encontrá-lo e convidá-lo a entrar. Ele aceitou o convite com prazer, foi ao pátio, e Blodeuwedd foi recebê-lo, cumprimentou-o e deu-lhe as boas-vindas. “Senhora”, disse ele, “que o Céu recompense tua bondade.”

Depois de tirarem as roupas de caça, foram se sentar. Blodeuwedd olhou para ele e, desde o instante em que o viu, ficou tomada de amor por ele. Ele também a contemplou, e sentiu o mesmo que ela, de modo que não conseguiu esconder que a amava e lhe declarou seu amor. Ela ficou muito feliz. Toda a conversa daquela noite foi sobre o afeto e o amor que sentiam um pelo outro, e que havia nascido em menos de uma noite. Passaram aquela noite juntos.

No dia seguinte, ele quis partir. Mas ela disse: “Peço que não vás embora hoje.” Ele também ficou naquela noite. Nessa noite, conversaram sobre como poderiam ficar juntos para sempre. “Não há outro conselho”, disse ele, “senão tentares descobrir com Llew Llaw Gyffes de que maneira ele encontrará a morte. Deves fazer isso como se estivesses preocupada com ele.”

No dia seguinte, Gronw quis partir. “De fato”, disse ela, “aconselho-te a não ires embora hoje.” “A teu pedido, não irei”, disse ele, “embora, devo dizer, haja o risco de o chefe dono do palácio voltar para casa.” “Amanhã”, respondeu ela, “permitirei que vás.”

No dia seguinte, ele quis partir, e ela não o impediu. “Lembra-te do que te disse”, falou Gronw. “Conversa bastante com ele, sob o pretexto de um namoro amoroso, e descobre de que maneira ele pode morrer.”

Naquela noite, Llew Llaw Gyffes voltou para casa. Passaram o dia conversando, ouvindo música e festejando. À noite, foram descansar, e ele falou uma vez com Blodeuwedd, depois falou com ela outra vez. Mas, apesar de tudo, não conseguiu arrancar dela uma palavra.

"O que se passa?", perguntou ele. "Estás bem?" "Eu estava pensando", disse ela, "naquilo em que nunca pensaste a meu respeito: fiquei triste pensando na tua morte, com medo de que partas antes de mim."

"Que o Céu recompense tua preocupação comigo", disse ele. "Mas, enquanto o Céu não me levar, não será fácil me matar." "Por amor ao Céu e a mim, mostra-me como poderiam te matar. Tenho mais cuidado que tu ao guardar as coisas na memória."

"Contarei com prazer", disse ele. "Não é fácil me matar, a não ser com um ferimento. E a lança com que me atingirem deve levar um ano para ser feita. Ademais, nada pode ser feito para fabricá-la, exceto durante a missa aos domingos."

"Tens certeza?", perguntou ela. "Tenho, de fato", respondeu ele. "E não posso ser morto dentro de casa nem fora dela. Não posso ser morto a cavalo nem a pé." "De fato", disse ela, "então de que maneira podem te matar?"

"Vou te contar", disse ele. "É preciso preparar um banho para mim à beira de um rio, cobrir o caldeirão com um teto e cobri-lo bem com palha, trazer um bode e colocá-lo ao lado do caldeirão. Então, se eu puser um pé nas costas do bode e o outro na borda do caldeirão, quem me atingir nessa posição causará minha morte." "Pois bem", disse ela, "agradeço ao Céu por ser fácil evitar isso."

Assim que terminou essa conversa, ela mandou chamar Gronw Pebyr. Gronw se empenhou em fazer a lança, e um ano depois, naquele mesmo dia, ela ficou pronta. Naquele mesmo dia, ele mandou avisá-la.

"Senhor", disse Blodeuwedd a Llew, "estive pensando em como pode ser verdade aquilo que me contaste antes. Vais me mostrar como poderias ficar ao mesmo tempo na borda de um caldeirão e sobre um bode, se eu preparar o banho para ti?" "Vou mostrar", disse ele.

Então ela mandou chamar Gronw e pediu que ele ficasse de emboscada na colina hoje chamada Bryn Kyvergyr, à margem do rio Cynvael. Também mandou reunir todas as cabras do Cantrev e levá-las para a outra margem do rio, em frente a Bryn Kyvergyr.

No dia seguinte, ela falou assim: "Senhor", disse ela, "mandei preparar o teto e o banho, e eis que estão prontos." "Pois bem", disse Llew, "vamos vê-los com prazer."

No dia seguinte, foram ver o banho. "Queres entrar no banho, senhor?", perguntou ela. "Entro com prazer", respondeu ele. Então entrou no banho e se untou. "Senhor", disse ela, "olha os animais de que falaste, os que se chamam bodes." "Pois bem", disse ele, "manda pegar um deles e trazê-lo para cá." O bode foi trazido. Então Llew saiu do banho, vestiu as calças e pôs um pé na borda do banho e o outro nas costas do bode.

Então Gronw se levantou na colina chamada Bryn Kyvergyr, apoiou-se num joelho, lançou o dardo envenenado e o atingiu no flanco. A haste saiu, mas a ponta do dardo ficou dentro. Então Llew voou na forma de uma águia e soltou um grito terrível. E nunca mais foi visto.

Assim que ele partiu, Gronw e Blodeuwedd foram juntos ao palácio naquela noite. No dia seguinte, Gronw se levantou e tomou posse de Ardudwy. Depois de conquistar a região, governou-a, de modo que Ardudwy e Penllyn ficaram ambos sob seu domínio.

⁂

Então essas notícias chegaram a Math, o filho de Mathonwy. Math ficou abatido e triste, mas Gwydion ficou ainda mais. “Senhor”, disse Gwydion, “não descansarei até ter notícias do meu sobrinho.”

“De fato”, disse Math, “que o Céu te dê forças.” Então Gwydion partiu e seguiu caminho. Atravessou Gwynedd e Powys até os confins da região. Depois disso, foi a Arvon e chegou à casa de um vassalo em Maenawr Penardd. Desmontou e passou ali aquela noite. O dono da casa e sua família entraram, e por último veio o porqueiro.

O dono da casa perguntou ao porqueiro: “Então, rapaz, tua porca voltou esta noite?” “Voltou”, disse ele, “e acabou de voltar para os porcos.” “Para onde vai essa porca?”, perguntou Gwydion.

“Todos os dias, quando o chiqueiro é aberto, ela sai, e ninguém consegue vê-la; também não se sabe para onde vai, como se afundasse na terra.” “Podes me fazer o favor”, disse Gwydion, “de não abrir o chiqueiro até que eu esteja ao teu lado?” “Farei isso com muito prazer”, respondeu ele.

Naquela noite, foram descansar. Assim que o porqueiro viu a luz do dia, acordou Gwydion. Gwydion se levantou, vestiu-se e foi com o porqueiro até o chiqueiro. Então o porqueiro abriu o chiqueiro. Assim que o abriu,

eis que a porca saltou para fora e disparou em grande velocidade. Gwydion foi atrás dela.

Ela seguiu rio acima e tomou o caminho de um riacho que hoje se chama Nant y Llew. Ali parou e começou a comer. Gwydion se aproximou da árvore e olhou para ver o que a porca comia. Viu que ela comia carne podre e bichos. Então olhou para o alto da árvore e viu uma águia no topo. Quando a águia se sacudia, caíam dela bichos e carne podre, e a porca os devorava. Gwydion pensou que a águia fosse Llew. E cantou um Englyn:

"Carvalho que cresce entre as duas margens;

Escurecidos estão o céu e a colina!

Não direi a ele, por suas feridas,

Que este é Llew?"

Então a águia desceu até chegar ao meio da árvore. E Gwydion cantou outro Englyn:

"Carvalho que cresce em terreno elevado,

Não é molhado pela chuva? Não foi encharcado

Por nove vezes vinte tempestades?

Em seus galhos está Llew Llaw Gyffes!"

Então a águia desceu até pousar no galho mais baixo da árvore, e Gwydion cantou este Englyn:

"Carvalho que cresce sob o penhasco;

Imponente e majestoso é seu aspecto!

Não devo dizer isso?

Que Llew virá para o meu colo?"

E a águia desceu sobre o joelho de Gwydion. Gwydion a golpeou com sua varinha mágica, e ela voltou à sua forma original. Ninguém jamais viu cena mais lamentável, pois ele não passava de pele e osso.

Então ele foi a Caer Dathyl, e trouxeram-lhe bons médicos de Gwynedd. Antes do fim do ano, ele estava inteiramente curado.

"Senhor", disse ele a Math, filho de Mathonwy, "já passou da hora de eu me vingar daquele por quem sofri todo esse tormento." "De fato", disse Math, "ele nunca poderá continuar de posse do que é teu por direito." "Pois bem", disse Llew, "quanto antes eu recuperar o que é meu, mais satisfeito ficarei."

Então reuniram todo o povo de Gwynedd e partiram para Ardudwy. Gwydion foi à frente e seguiu para Mur y Castell. Quando Blodeuwedd soube que ele estava chegando, levou consigo suas criadas e fugiu para a montanha. Atravessaram o rio Cynvael e foram em direção a uma corte que havia na montanha.

Com tanto medo, só conseguiam avançar olhando para trás, e, sem perceber, caíram no lago. Todas se afogaram, exceto a própria Blodeuwedd, a quem Gwydion alcançou. Ele lhe disse: "Não vou matar você, mas farei algo pior. Vou transformá-la em uma ave; e, por causa da vergonha que você trouxe a Llew Llaw Gyffes, nunca mais mostrará o rosto à luz do dia, pois temerá todas as outras aves. Elas terão o instinto de atacá-la e expulsá-

la de todo lugar onde a encontrarem. Você não perderá seu nome: será sempre chamada Blodeuwedd."

Ora, Blodeuwedd significa coruja na língua de hoje, e por isso a coruja é odiada por todas as aves. E até hoje a coruja é chamada Blodeuwedd.

Então Gronw Pebyr retirou-se para Penllyn e de lá enviou uma embaixada. Os mensageiros que mandou perguntaram a Llew Llaw Gyffes se ele aceitaria terras, um domínio, ouro ou prata pela ofensa que sofrera. "Não aceito, juro pelo Céu", disse ele. "Olhem, isto é o mínimo que aceitarei dele: que venha ao lugar onde eu estava quando me feriu com o dardo, e que eu fique onde ele estava, e que mire nele com um dardo. Isso é o mínimo que aceitarei."

E contaram isso a Gronw Pebyr. "Por acaso preciso fazer isso?", disse ele. "Meus fiéis guerreiros, meus homens da casa e meus irmãos de criação, não há entre vocês alguém que receba o golpe em meu lugar?" "Não há, de fato", responderam. Por se recusarem a receber um único golpe pelo senhor, são chamados, até hoje, de terceira tribo desleal. "Pois bem", disse ele, "vou enfrentá-lo."

Então os dois foram às margens do rio Cynvael. Gronw ficou no lugar onde Llew Llaw Gyffes estava quando o feriu, e Llew, no lugar onde Gronw estava. Então Gronw Pebyr disse a Llew: "Como foi por causa das artimanhas de uma mulher que fiz a você o que fiz, peço-lhe, pelo Céu, que me deixe pôr entre mim e o golpe aquela laje que você vê ali na margem do rio." "De fato", disse Llew, "não vou lhe negar isso." "Ah", disse ele, "que o Céu o recompense." Então Gronw pegou a laje e colocou-a entre si e o golpe.

Então Llew lançou o dardo contra ele, e o dardo atravessou a laje e também Gronw, perfurando-lhe as costas. Assim Gronw Pebyr foi morto. A laje ainda está na margem do rio Cynvael, em Ardudwy, com o buraco atravessando-a. Por isso, até hoje, ela é chamada Llech Gronw.

Llew Llaw Gyffes tomou posse da terra pela segunda vez e governou-a com prosperidade. Segundo a história, depois disso ele foi senhor de Gwynedd. E assim termina esta parte do Mabinogi.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O SONHO DE MAXEN WLEDIG

✦

Maxen Wledig era imperador de Roma, e era um homem mais belo, melhor e mais sábio do que qualquer imperador que o precedera. E um dia reuniu um conselho de reis e disse aos seus amigos: “Desejo sair amanhã para caçar.” E na manhã seguinte partiu com sua comitiva e chegou ao vale do rio que corria em direção a Roma. E caçou pelo vale até o meio-dia.

E com ele também estavam trinta e dois reis coroados, que eram seus vassalos; o imperador não ia com eles pelo prazer da caça, mas para se colocar em pé de igualdade com aqueles reis.

E o sol estava alto no céu, sobre suas cabeças, e o calor era grande. E o sono tomou conta de Maxen Wledig. E seus servidores ficaram de pé e ergueram seus escudos ao redor dele sobre as hastes das lanças, para protegê-lo do sol, e puseram sob sua cabeça um escudo de ouro esmaltado; e assim Maxen dormiu.

E ele teve um sonho. E este é o sonho que teve. Viajava pelo vale do rio em direção à nascente; e chegou à montanha mais alta do mundo. E pareceu-lhe que a montanha era tão alta quanto o céu; e, quando a atravessou, pareceu-lhe que percorria, do outro lado, as regiões mais belas e mais planas que um homem jamais contemplara.

E viu rios grandes e caudalosos descendo da montanha para o mar, e seguiu em direção às suas fozes. E, viajando assim, chegou à foz do maior rio que já se vira. E avistou uma grande cidade na entrada do rio, e um imenso castelo

na cidade, e viu no castelo muitas torres altas de várias cores. E viu na foz do rio uma frota, a maior que já se vira.

E viu um navio entre os da frota; era de longe maior e mais belo do que todos os outros. Na parte do navio que podia ver acima da água, uma tábua era dourada e a seguinte, prateada. Viu uma ponte de osso de baleia que ligava o navio à terra, e pareceu-lhe que atravessava a ponte e entrava no navio. E uma vela foi içada no navio, e ele foi levado pelo mar e pelo oceano.

Então pareceu-lhe que chegava à ilha mais bela de todo o mundo, e atravessou a ilha de um mar ao outro, até sua costa mais distante. Viu vales, encostas íngremes, rochedos de altura espantosa e precipícios escarpados. Nunca vira nada semelhante. E dali avistou uma ilha no mar, diante daquela terra acidentada.

E entre ele e essa ilha havia uma região cuja planície era tão grande quanto o mar, e cuja montanha era tão vasta quanto a floresta. E viu um rio que vinha da montanha, atravessava a terra e desaguava no mar. E na foz do rio avistou um castelo, o mais belo que um homem já vira, e o portão do castelo estava aberto, e ele entrou no castelo.

E no castelo viu um belo salão, cujo teto parecia ser todo de ouro; as paredes do salão pareciam ser completamente de pedras preciosas cintilantes, e todas as portas pareciam ser de ouro. Viu assentos de ouro no salão, e mesas de prata. E num assento à sua frente avistou dois jovens de cabelos castanho-avermelhados jogando xadrez.

Viu um tabuleiro de prata e, sobre ele, peças de ouro. As roupas dos jovens eram de cetim negro como azeviche, e grinaldas de ouro avermelhado

prendiam seus cabelos; nelas cintilavam joias de grande valor, rubis e gemas, alternados com pedras imperiais. Nos pés usavam botas de couro novo de Córdoba, presas por passadores de ouro vermelho.

E ao lado de uma coluna do salão viu um homem de cabelos brancos, numa cadeira de marfim adornada com as figuras de duas águias de ouro avermelhado. Tinha braceletes de ouro nos braços, muitos anéis nas mãos e um colar rígido de ouro em volta do pescoço; e seus cabelos estavam presos por um diadema de ouro. Tinha uma aparência imponente. Diante dele havia um tabuleiro de xadrez de ouro e uma barra de ouro, e em sua mão, uma lima de aço. E ele esculpia peças de xadrez.

E viu uma donzela sentada diante dele numa cadeira de ouro avermelhado. Por causa de sua beleza, olhar para ela era tão difícil quanto olhar para o sol em seu maior brilho. A donzela usava uma veste de seda branca, com fechos de ouro vermelho no peito; por cima, um manto de tecido de ouro, e na cabeça, um diadema de ouro vermelho, no qual havia rubis e gemas, alternados com pérolas e pedras imperiais. E um cinto de ouro avermelhado a cingia. Era a visão mais bela que um homem jamais contemplara.

A donzela se levantou da cadeira diante dele, e ele passou os braços em volta do pescoço dela, e os dois se sentaram juntos na cadeira de ouro; e a cadeira não era menos espaçosa para ambos do que para a donzela sozinha. E, enquanto ele mantinha os braços em volta do pescoço da donzela, com o rosto junto ao dela, eis que, com a agitação dos cães presos às correias, o choque dos escudos uns contra os outros, as batidas das hastes das lanças, os relinchos dos cavalos e seus saltos, o imperador acordou.

E, quando acordou, não lhe restava ânimo nem existência por causa da donzela que vira durante o sono, pois o amor por ela tomava todo o seu ser. Então os membros de sua casa lhe falaram. “Senhor”, disseram, “já não passou da hora de fazer sua refeição?” Então o imperador montou em seu cavalo de sela, o homem mais triste que um mortal jamais vira, e partiu em direção a Roma.

E assim ficou durante uma semana. Quando os membros de sua casa iam beber vinho e hidromel em taças de ouro, ele não acompanhava nenhum deles. Quando iam ouvir canções e histórias, ele não ia com eles; e ninguém conseguia convencê-lo a fazer coisa alguma além de dormir. E, sempre que dormia, via em seus sonhos a donzela que mais amava; mas, fora do sono, nada via dela, pois não sabia em que lugar do mundo ela estava.

⁂

Um dia, o pajem de seus aposentos lhe falou; embora fosse pajem de seus aposentos, era rei dos romanos. “Senhor”, disse ele, “todo o povo fala mal do senhor.” “Por que falam mal de mim?”, perguntou o imperador. “Porque não conseguem receber do senhor mensagem nem resposta, como os homens devem receber de seu soberano. É por isso que falam mal do senhor.” “Jovem”, disse o imperador, “traga até mim os sábios de Roma, e lhes direi por que estou triste.”

Então os sábios de Roma foram levados ao imperador, e ele lhes falou. “Sábios de Roma”, disse ele, “tive um sonho. E no sonho contemplei uma donzela, e por causa dela não há em mim vida, ânimo nem existência.”

“Senhor”, responderam, “já que nos considera dignos de aconselhá-lo, nós lhe daremos um conselho. E este é o nosso conselho: envie mensageiros durante três anos às três partes do mundo, para procurar o seu sonho. E, como não sabe em que dia ou em que noite poderão chegar boas notícias, essa esperança o sustentará.”

Assim, os mensageiros viajaram durante um ano, percorrendo o mundo e buscando notícias a respeito de seu sonho. Mas, quando voltaram ao fim do ano, não sabiam uma palavra a mais do que no dia em que partiram. E então o imperador ficou extremamente triste, pois pensou que jamais teria notícias daquela que mais amava.

Então o rei dos romanos falou ao imperador. “Senhor”, disse ele, “saia para caçar pelo caminho que lhe pareceu seguir, fosse para o leste ou para o oeste.” Assim, o imperador saiu para caçar e chegou à margem do rio. “Vejam”, disse ele, “foi aqui que eu estava quando tive o sonho, e segui para o oeste, em direção à nascente do rio.”

E então treze mensageiros do imperador partiram, e diante deles viram uma montanha alta, que lhes parecia tocar o céu. E era assim que os mensageiros viajavam: cada um levava uma manga na parte da frente do gorro, como sinal de que eram mensageiros, para que, por qualquer terra hostil que passassem, nenhum mal lhes fosse feito. E, depois de atravessarem essa montanha, avistaram vastas planícies e grandes rios que corriam por elas.

“Vejam”, disseram, “a terra que nosso senhor viu.”

E seguiram pelas fozes dos rios, até chegarem ao rio caudaloso que viram correr para o mar, à vasta cidade e às altas torres de muitas cores no castelo.

Viram a maior frota do mundo no porto do rio, e um navio que era maior do que todos os outros.

"Vejam de novo", disseram, "o sonho que nosso senhor teve." E no grande navio atravessaram o mar e chegaram à Ilha da Bretanha. E atravessaram a ilha até chegarem a Snowdon.

"Vejam", disseram, "a terra acidentada que nosso senhor viu." E seguiram em frente até verem Anglesey diante deles, e até verem também Arvon. "Vejam", disseram, "a terra que nosso senhor viu durante o sono." E viram Aber Sain, e um castelo na foz do rio. Viram aberto o portal do castelo, e entraram nele, e viram um salão no castelo.

Então disseram: "Vejam, o salão que ele viu durante o sono." Entraram no salão e avistaram dois jovens jogando xadrez no banco de ouro. E avistaram o homem de cabelos brancos ao lado da coluna, na cadeira de marfim, esculpindo peças de xadrez. E avistaram a donzela sentada numa cadeira de ouro avermelhado.

Os mensageiros se ajoelharam. "Salve, imperatriz de Roma!" "Ah, nobres senhores", disse a donzela, "vocês têm a aparência de homens honrados e a insígnia de enviados; que zombaria é essa que fazem de mim?"

"Não zombamos da senhora; mas o imperador de Roma a viu durante o sono e, por sua causa, não lhe resta vida nem ânimo. Por isso, senhora, nós lhe damos a escolha: quer vir conosco e tornar-se imperatriz de Roma, ou quer que o imperador venha até aqui e a tome por esposa?"

"Ah, senhores", disse a donzela, "não negarei o que dizem, nem acreditarei nisso com muita confiança. Se o imperador me ama, que venha aqui me

buscar."

E de dia e de noite os mensageiros se apressaram em voltar. E, quando seus cavalos se esgotavam, compravam outros descansados. E, quando chegaram a Roma, saudaram o imperador e pediram sua recompensa, que lhes foi dada conforme a pediram. "Seremos seus guias, senhor", disseram, "por mar e por terra, até o lugar onde está a mulher que mais ama, pois sabemos seu nome, sua família e sua linhagem."

E imediatamente o imperador partiu com seu exército. E esses homens foram seus guias. Pelo mar e pelas águas profundas seguiram em direção à Ilha da Bretanha. E ele tomou a ilha de Beli, filho de Manogan, e de seus filhos, e os expulsou para o mar, e avançou até Arvon. E o imperador reconheceu a terra quando a viu.

E, quando avistou o castelo de Aber Sain, disse: "Olhem ali, lá está o castelo onde vi a donzela que mais amo." E seguiu em frente, entrando no castelo e no salão, e ali viu Kynan, filho de Eudav, e Adeon, filho de Eudav, jogando xadrez. E viu Eudav, filho de Caradawc, sentado numa cadeira de marfim, esculpindo peças de xadrez.

E viu sentada numa cadeira de ouro a donzela que contemplara durante o sono. "Salve, imperatriz de Roma!", disse ele. E o imperador passou os braços em volta do pescoço dela; e naquela noite ela se tornou sua esposa.

E na manhã seguinte a donzela pediu seu dote de casamento. E ele lhe disse que pedisse o que quisesse. E ela pediu que a Ilha da Bretanha fosse dada a seu pai, do Canal até o Mar da Irlanda, junto com as três ilhas vizinhas, para que ele a governasse sob a autoridade da imperatriz de Roma; e que

fossem construídos para ela três castelos principais, nos lugares que escolhesse na Ilha da Bretanha.

E escolheu que o castelo mais alto fosse construído em Arvon. E levaram para lá terra de Roma, para que fosse mais saudável para o imperador dormir, sentar-se e caminhar sobre ela. Depois disso, os outros dois castelos foram construídos para ela: Caerlleon e Caermarthen.

⁂

E um dia o imperador foi caçar em Caermarthen, e chegou até o alto de Brevi Vawr, e ali armou sua tenda. E esse local de acampamento é chamado Cadeir Maxen até hoje. E, por ter construído o castelo com uma miríade de homens, chamou-o Caervyrddin. Então Helena teve a ideia de construir grandes estradas de um castelo a outro por toda a Ilha da Bretanha.

E as estradas foram construídas. E por isso são chamadas estradas de Helena Luyddawc, pois ela descendia de um nativo desta ilha, e os homens da Ilha da Bretanha não teriam construído essas grandes estradas para ninguém além dela.

Sete anos o imperador permaneceu nessa ilha. Naquele tempo, os homens de Roma tinham um costume: qualquer imperador que permanecesse em outras terras por mais de sete anos o faria para sua própria ruína, e jamais voltaria a Roma.

Assim, fizeram um novo imperador. E este escreveu uma carta de ameaça a Maxen. Na carta não havia nada além disto: “Se você vier, e se algum dia vier a Roma.” E essa carta e essas notícias chegaram a Maxen em Caerlleon. Então ele enviou uma carta ao homem que se intitulava imperador em

Roma. Também nessa carta não havia nada além disto: “Se eu for a Roma, e se eu for.”

E então Maxen partiu em direção a Roma com seu exército, e venceu a França e a Borgonha, e todas as terras pelo caminho, e acampou diante da cidade de Roma.

O imperador permaneceu um ano diante da cidade, e não estava mais perto de tomá-la do que no primeiro dia. E depois dele chegaram da Ilha da Bretanha os irmãos de Helena Luyddawc, com uma pequena tropa, e nessa pequena tropa havia guerreiros melhores do que o dobro de romanos. E o imperador foi informado de que se avistara uma tropa que parava perto de seu exército e montava acampamento, e nenhum homem jamais vira uma tropa mais bela ou mais bem equipada para seu tamanho, nem estandartes mais bonitos.

E Helena foi ver as tropas, e reconheceu os estandartes de seus irmãos. Então Kynan, filho de Eudav, e Adeon, filho de Eudav, vieram encontrar o imperador. E o imperador se alegrou com a presença deles e os abraçou.

Então observaram os romanos enquanto atacavam a cidade. Kynan disse a seu irmão: “Vamos tentar atacar a cidade com mais habilidade do que isso.” Assim, mediram à noite a altura da muralha, enviaram seus carpinteiros à floresta, e foi feita uma escada para cada quatro homens de sua tropa.

Quando elas ficaram prontas, todos os dias ao meio-dia os imperadores iam fazer sua refeição, e os dois lados paravam de lutar até que todos terminassem de comer. E pela manhã os homens da Bretanha comeram e beberam até recobrar as forças.

E, enquanto os dois imperadores faziam sua refeição, os bretões chegaram à cidade, apoiaram suas escadas contra ela e logo entraram na cidade.

O novo imperador não teve tempo de se armar quando eles o atacaram e o mataram, e a muitos outros com ele. E passaram três noites e três dias subjugando os homens que estavam na cidade e tomando o castelo. E outros dentre eles guardavam a cidade, para que ninguém do exército de Maxen entrasse nela antes que tivessem submetido todos à sua vontade.

Então Maxen falou a Helena Luyddawc. "Eu me espanto, senhora", disse ele, "que seus irmãos não tenham conquistado esta cidade para mim." "Senhor imperador", respondeu ela, "meus irmãos são os jovens mais sábios do mundo. Vá até lá e peça a cidade a eles, e, se estiver em seu poder, eles a entregarão de bom grado." Assim, o imperador e Helena foram e pediram a cidade.

E disseram ao imperador que ninguém havia tomado a cidade, e ninguém poderia entregá-la a ele, a não ser os homens da Ilha da Bretanha. Então os portões da cidade de Roma foram abertos, e o imperador se sentou no trono, e todos os homens de Roma se submeteram a ele.

O imperador então disse a Kynan e Adeon: "Senhores, agora tomei posse de todo o meu império. Dou a vocês este exército para conquistar qualquer região do mundo que desejarem."

Assim, partiram e conquistaram terras, castelos e cidades. E mataram todos os homens, mas deixaram as mulheres vivas. E assim continuaram até que os jovens que tinham vindo com eles ficaram de cabelos brancos, por tanto tempo que passaram nessa conquista.

Então Kynan falou a Adeon, seu irmão: “O que você prefere: permanecer nesta terra ou voltar à terra de onde veio?” E ele escolheu voltar à sua própria terra, e muitos foram com ele. Mas Kynan permaneceu ali com a outra parte e ali passou a viver.

E deliberaram entre si e cortaram as línguas das mulheres, para que elas não corrompessem sua fala. E, por terem as mulheres sido silenciadas em sua própria língua, os homens da Armórica são chamados bretões. Desde aquele tempo, essa língua vinha com frequência, e ainda vem, da Ilha da Bretanha.

E este sonho é chamado o Sonho de Maxen Wledig, imperador de Roma. E aqui termina.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A HISTÓRIA DE LLUDD E LLEVELYS

✦

Beli, o Grande, filho de Manogan, teve três filhos, Lludd, Caswallawn e Nynyaw; e, segundo a história, teve um quarto filho chamado Llevelys. E, depois da morte de Beli, o reino da Ilha da Bretanha passou às mãos de Lludd, seu filho mais velho; e Lludd governou com prosperidade, reconstruiu as muralhas de Londres e cercou a cidade de inúmeras torres.

E depois ordenou aos cidadãos que construíssem ali casas que nenhuma casa dos reinos pudesse igualar. Ademais, era um guerreiro poderoso, generoso e liberal em dar comida e bebida a todos os que as buscavam. E, embora tivesse muitos castelos e cidades, amava esta mais do que qualquer outra.

E nela morava durante a maior parte do ano, e por isso ela foi chamada Caer Lludd e, por fim, Caer London. E, depois que o povo estrangeiro chegou ali, ela passou a ser chamada Londres, ou Lwndrys.

Lludd amava Llevelys mais do que a todos os seus outros irmãos, porque ele era um homem sábio e prudente. Ao saber que o rei da França havia morrido, sem deixar outro herdeiro além de uma filha, e que havia deixado todos os seus bens nas mãos dela, Llevelys foi até Lludd, seu irmão, para pedir seu conselho e sua ajuda.

E fez isso não tanto pelo próprio bem, mas para procurar aumentar a glória, a honra e a dignidade de sua família, caso pudesse ir à França cortejar a jo-

vem para tomá-la por esposa. E seu irmão logo conversou com ele, e esse plano lhe agradou.

Assim, preparou navios, encheu-os de cavaleiros armados e partiu rumo à França. E, assim que desembarcaram, enviaram mensageiros para informar aos nobres da França o motivo da missão. E, por decisão conjunta dos nobres da França e dos príncipes, a jovem foi dada a Llevelys, e com ela a coroa do reino. E, desde então, ele governou aquela terra com prudência, sabedoria e felicidade, por toda a sua vida.

Depois de algum tempo, três pragas caíram sobre a Ilha da Bretanha, como ninguém nas ilhas jamais havia visto. A primeira foi a chegada de certo povo, chamado de coranianos; e seu conhecimento era tão grande que não havia conversa em toda a Ilha, por mais baixo que se falasse, que eles não ficassem sabendo, se o vento a alcançasse. E, por causa disso, não podiam ser feridos.[4]

A segunda praga era um grito que se ouvia a cada véspera de maio, sobre cada lar da Ilha da Bretanha. E esse grito atravessava o coração das pessoas e as assustava tanto que os homens perdiam a cor e a força, e as mulheres perdiam seus filhos, e os rapazes e as moças perdiam os sentidos, e todos os animais, as árvores, a terra e as águas ficavam estéreis.

A terceira praga era que, por mais provisões e alimentos que se preparassem nas cortes do rei, mesmo que houvesse comida e bebida para um ano, nada disso jamais podia ser encontrado, exceto o que era consumido na primeira noite. E, de duas dessas pragas, ninguém jamais soube a causa; por isso, havia mais esperança de se livrar da primeira do que da segunda e da terceira.

Diante disso, o rei Lludd sentiu grande tristeza e preocupação, pois não sabia como poderia se livrar dessas pragas. E chamou todos os nobres de seu reino e pediu que o aconselhassem sobre o que deveriam fazer contra essas aflições. E, por conselho unânime dos nobres, Lludd, filho de Beli, foi procurar o conselho de Llevelys, seu irmão, rei da França, pois ele era um homem de grande discernimento e sabedoria.

E prepararam uma frota, em segredo e em silêncio, para que aquele povo não soubesse o motivo de sua viagem, nem ninguém além do rei e de seus conselheiros. E, quando tudo ficou pronto, entraram nos navios, Lludd e aqueles que ele escolheu para acompanhá-lo. E começaram a cruzar os mares rumo à França.

E, quando essas notícias chegaram a Llevelys, como ele não sabia o motivo da vinda dos navios de seu irmão, saiu do outro lado para encontrá-lo, levando consigo uma frota imensa. E, quando Lludd viu isso, deixou todos os navios em alto-mar, exceto um só; e nesse foi ao encontro do irmão, que também veio encontrá-lo em um único navio. E, quando se reuniram, cada um pôs os braços em volta do pescoço do outro, e se saudaram com amor fraterno.

Depois que Lludd explicou ao irmão o motivo de sua viagem, Llevelys disse que ele próprio sabia a causa de sua vinda àquelas terras. E decidiram juntos conversar sobre o assunto de outra maneira, para que o vento não captasse suas palavras, nem os coranianos soubessem o que diziam. Então Llevelys mandou fazer uma longa trompa de latão, e por essa trompa conversaram.

Mas, quaisquer que fossem as palavras que dissessem um ao outro pela trompa, nenhum dos dois conseguia ouvir senão palavras ásperas e hostis. E, quando Llevelys percebeu isso, e que havia um demônio atrapalhando-os e perturbando a conversa por meio da trompa, mandou colocar vinho nela para lavá-la. E, pelo poder do vinho, o demônio foi expulso da trompa.

E, quando puderam conversar sem impedimento, Llevelys disse ao irmão que lhe daria alguns insetos, dos quais deveria guardar uma parte para que se reproduzissem, caso uma aflição semelhante viesse pela segunda vez. E deveria pegar outros desses insetos e esmagá-los na água. E garantiu que ela teria o poder de destruir o povo dos coranianos.

Isto é, quando voltasse ao seu reino, deveria reunir todo o povo, tanto os de seu próprio povo quanto os coranianos, para uma conferência, como se pretendesse fazer a paz entre eles; e, quando estivessem todos juntos, deveria pegar essa água encantada e lançá-la sobre todos igualmente.

E garantiu que a água envenenaria o povo dos coranianos, mas não mataria nem faria mal aos de seu próprio povo.

“E a segunda praga”, disse ele, “que existe em seu domínio, veja, é um dragão. E outro dragão de uma raça estrangeira está lutando com ele e tentando vencê-lo. E é por isso que o dragão de vocês solta um grito terrível. E desta maneira você poderá descobrir isso. Depois de voltar para casa, mande medir a Ilha em seu comprimento e em sua largura e, no lugar em que encontrar o ponto central exato, mande cavar um buraco e colocar nele um caldeirão cheio do melhor hidromel que se possa fazer, com uma cobertura de cetim sobre a boca do caldeirão.

E então permaneça ali pessoalmente, vigiando, e verá o dragão lutando sob a forma de animais terríveis. E, por fim, eles tomarão a forma de dragões no ar. E, por último, depois de se cansarem numa luta feroz e furiosa, cairão na forma de dois porcos sobre a cobertura, e afundarão nela, e a cobertura com eles, e a arrastarão até o fundo do caldeirão. E beberão todo o hidromel; e depois dormirão. Então envolva-os imediatamente com a cobertura e enterre-os em um túmulo de lajes de pedra, no lugar mais fortificado que tiver em seus domínios, e esconda-os na terra.

E, enquanto permanecerem nesse lugar fortificado, nenhuma praga de fora virá à Ilha da Bretanha.

"A causa da terceira praga", disse ele, "é um poderoso homem de magia, que leva sua comida, sua bebida e suas provisões. E ele, por meio de ilusões e encantamentos, faz todos dormirem. Por isso, é preciso que você vigie pessoalmente sua comida e suas provisões. E, para que ele não o vença pelo sono, tenha ao seu lado um caldeirão de água fria e, quando o sono pesar sobre você, mergulhe no caldeirão."

⁂

Então Lludd voltou à sua terra. E imediatamente convocou todo o seu povo e os coranianos. E, como Llevelys lhe havia ensinado, esmagou os insetos na água, que lançou sobre todos eles reunidos, e ela logo destruiu toda a tribo dos coranianos, sem fazer mal a nenhum dos bretões.

E, algum tempo depois, Lludd mandou medir a Ilha em seu comprimento e em sua largura. E em Oxford encontrou o ponto central, e naquele lugar mandou cavar a terra e colocar no buraco um caldeirão cheio do melhor hi-

dromel que se podia fazer, com uma cobertura de cetim sobre a boca. E ele próprio ficou de vigia naquela noite. E, enquanto estava ali, viu os dragões lutando.

E, quando ficaram cansados, caíram sobre o cetim e o arrastaram consigo para o fundo do caldeirão. E, quando beberam o hidromel, dormiram. E, enquanto dormiam, Lludd os envolveu com a cobertura e, no lugar mais seguro que tinha em Snowdon, escondeu-os em um túmulo de lajes de pedra. Depois disso, esse lugar passou a ser chamado Dinas Emreis, mas antes se chamava Dinas Ffaraon. E assim cessou o grito terrível em seus domínios.

E, quando isso terminou, o rei Lludd mandou preparar um enorme banquete. E, quando ficou pronto, colocou ao seu lado um recipiente de água fria e ficou pessoalmente de vigia. E, enquanto permanecia assim, vestido com suas armas, por volta da terceira vigília da noite, ouviu muitos encantamentos extraordinários e diversos cantos. E a sonolência o impelia a dormir.

Diante disso, para que não fosse impedido de cumprir seu propósito e vencido pelo sono, entrava muitas vezes na água. E, por fim, eis que entrou um homem de tamanho imenso, vestido com uma armadura forte e pesada, trazendo um cesto. E, como era seu costume, pôs no cesto todos os alimentos e provisões de comida e bebida e começou a sair com ele. E nada jamais causara mais espanto a Lludd do que o fato de aquele cesto comportar tanta coisa.

Então o rei Lludd foi atrás dele e lhe falou assim: “Pare, pare”, disse ele, “embora você já tenha cometido muitas afrontas e muitos saques, não fará

mais isso, a menos que sua habilidade com as armas e sua valentia sejam maiores do que as minhas."

Então ele imediatamente pôs o cesto no chão e o esperou. E houve entre eles um combate feroz, de modo que faíscas brilhantes saltavam de suas armas. E, por fim, Lludd o agarrou, e o destino concedeu a vitória a Lludd. E ele derrubou a praga no chão. E, depois que Lludd o dominou com força e poder, o homem lhe implorou misericórdia.

"Como posso ter misericórdia de você", disse o rei, "depois de todos os muitos danos e injustiças que você me causou?" "Por todas as perdas que já lhe causei", disse ele, "eu o compensarei, na mesma medida do que tomei. E nunca mais farei coisa semelhante daqui em diante. Serei seu vassalo fiel." E o rei aceitou sua promessa.

E assim Lludd livrou a Ilha da Bretanha das três pragas. E, desde então até o fim de sua vida, Lludd, filho de Beli, governou a Ilha da Bretanha em paz e prosperidade. E este conto se chama A História de Lludd e Llevelys. E assim termina.

Notas

4 A versão do Greal acrescenta: "E suas moedas eram dinheiro de fadas"; literalmente, dinheiro de anão: isto é, dinheiro que, ao ser recebido, parecia ser moeda legítima, mas que, se fosse guardado, se transformava em pedaços de fungos etc.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TALIESIN

✦

Há muito tempo, vivia em Penllyn um homem de família nobre, chamado Tegid Voel. Sua morada ficava no meio do lago Tegid, e sua esposa se chamava Caridwen. Ela lhe deu um filho chamado Morvran ab Tegid e também uma filha chamada Creirwy, a donzela mais bela do mundo. Eles tinham ainda um irmão, Avagddu, o homem mais feio do mundo.

Caridwen, sua mãe, pensava que, por causa da feiura, ele dificilmente seria recebido entre os nobres, a menos que tivesse grandes qualidades ou conhecimentos. Isso aconteceu no começo do tempo de Arthur e da Távola Redonda.

Então ela resolveu, segundo as artes dos livros dos Fferyllt, ferver um caldeirão de Inspiração e Ciência para o filho, para que ele fosse honrosamente recebido por conhecer os mistérios do futuro do mundo.

Ela começou a ferver o caldeirão, que, desde o início da fervura, não podia parar por um ano e um dia, até que se obtivessem três gotas abençoadas da graça da Inspiração.

Ela pôs Gwion Bach, filho de Gwreang de Llanfair, em Caereinion, em Powys, para mexer o caldeirão, e um cego chamado Morda para acender o fogo embaixo dele. E lhes ordenou que não deixassem o caldeirão parar de ferver durante um ano e um dia. Todos os dias, ela mesma, seguindo os livros dos astrônomos e nas horas planetárias, colhia ervas dotadas de encantamento.

Certo dia, perto do fim do ano, enquanto Caridwen colhia plantas e fazia encantamentos, três gotas do líquido encantado saltaram do caldeirão e caíram no dedo de Gwion Bach. Como estavam muito quentes, ele levou o dedo à boca.

No instante em que pôs aquelas gotas de poderes maravilhosos na boca, previu tudo o que estava por vir e percebeu que sua principal preocupação devia ser se proteger das artimanhas de Caridwen, pois sua habilidade era enorme. Muito assustado, fugiu para sua terra.

O caldeirão se partiu em dois, pois todo o líquido que havia dentro dele, exceto as três gotas encantadas, era venenoso. Assim, os cavalos de Gwyddno Garanhir foram envenenados pela água do riacho em que o líquido do caldeirão correu. Desde então, o encontro desse riacho com outro foi chamado de Veneno dos Cavalos de Gwyddno.

Caridwen entrou e viu que todo o trabalho de um ano tinha sido perdido. Pegou um pedaço de madeira e golpeou o cego Morda na cabeça, até que um de seus olhos caiu sobre a face. Ele disse: “Tu me desfiguraste injustamente, pois sou inocente. Tua perda não foi por minha causa.” “Dizes a verdade”, respondeu Caridwen. “Foi Gwion Bach quem me roubou.”

Ela saiu correndo atrás dele. Quando a viu, ele se transformou em lebre e fugiu. Mas ela se transformou em galga e o perseguiu. Ele correu até um rio e virou peixe. Ela, na forma de uma lontra, perseguiu-o debaixo d’água, até que ele se viu obrigado a virar uma ave. Disfarçada de falcão, ela o seguiu e não lhe deu descanso no céu.

Quando ela estava prestes a mergulhar sobre ele, e ele temia morrer, avistou um monte de trigo peneirado no chão de um celeiro. Mergulhou no trigo e se transformou num grão. Então ela virou uma galinha preta de crista alta, foi até o trigo, remexeu-o com os pés, encontrou-o e o engoliu. Segundo conta a história, ela o carregou por nove meses.

Quando deu à luz, não teve coragem de matá-lo, por causa de sua beleza. Então o envolveu numa bolsa de couro e o lançou ao mar, à mercê de Deus, no dia 29 de abril.

Naquele tempo, o açude de Gwyddno ficava na praia entre Dyvi e Aberystwyth, perto de seu próprio castelo. Todo dia 30 de abril, pescava-se nele o equivalente a cem libras. Naqueles dias, Gwyddno tinha um único filho, chamado Elphin, o mais azarado dos jovens e o mais pobre. Isso afligia muito seu pai, que pensava que o filho tinha nascido numa hora ruim.

A conselho de seus conselheiros, o pai lhe concedeu a pesca do açude naquele ano, para ver se a sorte um dia lhe sorriria e para lhe dar algo com que começar a vida.

No dia seguinte, quando Elphin foi olhar, não havia nada no açude. Mas, ao voltar, viu a bolsa de couro presa a uma estaca do açude. Então um dos guardas do açude disse a Elphin: “Tu nunca tiveste azar até esta noite, e agora destruíste as virtudes do açude, que sempre rendia o equivalente a cem libras todo dia 30 de abril. Esta noite, só há esta bolsa de couro dentro dele.”

“Ora”, disse Elphin, “talvez haja nela algo que valha cem libras.” Eles pegaram a bolsa de couro. Quem a abriu viu a testa do menino e disse a Elphin:

"Vê esta testa radiante!"[6] "Que ele se chame Taliesin", disse Elphin. Ergueu o menino nos braços e, lamentando seu infortúnio, colocou-o atrás de si, tomado de tristeza.

Fez seu cavalo, que antes trotava, andar devagar, e o levou com tanto cuidado como se o menino estivesse sentado na cadeira mais confortável do mundo. Logo, o menino compôs uma Consolação e um elogio a Elphin e lhe anunciou honras. A Consolação era assim:

"Belo Elphin, para de lamentar!

Que ninguém fique descontente com o que tem.

O desespero não traz vantagem.

Ninguém vê o que o sustenta;

a oração de Cynllo não será em vão;

Deus não quebrará sua promessa.

Nunca no açude de Gwyddno

houve tanta sorte como esta noite.

Belo Elphin, enxuga as faces!

Ficar triste demais não adianta.

Embora penses que nada ganhaste,

a tristeza excessiva não te fará bem;

nem duvides dos milagres do Todo-Poderoso:

sou pequeno, mas muito talentoso.

Dos mares e das montanhas,

das profundezas dos rios,

Deus traz riqueza ao homem afortunado.

Elphin, de qualidades notáveis,

tua decisão não é de homem;

não fiques triste demais:

é melhor confiar em Deus que prever o mal.

Fraco e pequeno como sou,

na praia espumante do oceano,

no dia da aflição serei

mais útil a ti do que trezentos salmões.

Elphin, de qualidades notáveis,

não te aborreças com teu infortúnio;

ainda que eu esteja assim, fraco, deitado na bolsa,

há poder em minha língua.

Enquanto eu continuar a te proteger,

não tens muito a temer;

lembrando os nomes da Trindade,

ninguém poderá te fazer mal.”

⁂

Esse foi o primeiro poema que Taliesin cantou. Ele consolava Elphin, que sofria porque a pesca do açude havia sido perdida e, pior ainda, porque o mundo todo pensaria que a culpa era dele e de sua má sorte. Então Gwyddno Garanhir[7] perguntou quem ele era, homem ou espírito. Taliesin cantou esta história e disse:

“Primeiro, fui criado uma bela pessoa,

na corte de Caridwen fiz penitência;

embora pouco fosse visto, fui recebido com serenidade,

fui grande no chão do lugar para onde me levaram;

fui uma defesa estimada, e a doce musa foi a causa,

e, por lei, sem falar, fui libertado

por uma velha bruxa negra e sorridente, quando se irritou.

Terrível foi sua exigência quando me perseguiu:

fugi com vigor, fugi como um sapo,

fugi à semelhança de um corvo, mal encontrando descanso;

fugi impetuosamente, fugi como uma corrente,

fugi como uma corça por um matagal emaranhado;

fugi como filhote de lobo, fugi como lobo no deserto,

fugi como um tordo de fala profética;

fugi como raposa, acostumada a limites confusos de artimanhas;

fugi como marta, mas isso não adiantou;

fugi como esquilo, que se esconde em vão,

fugi como chifre de veado, em carreira avermelhada,

fugi como ferro no fogo ardente,

fugi como ponta de lança, desgraça para quem a deseja;

fugi como touro feroz, lutando com amargura,

fugi como javali eriçado, visto num barranco,

fugi como grão branco de trigo puro,

enredado na borda de um lençol de cânhamo,

que parecia ter o tamanho de um potro,

que se enchia como um navio nas águas;

fui lançado numa bolsa escura de couro

e deixado à deriva num mar sem limites;

isso foi para mim um sinal de que seria criado com ternura,

e então o Senhor Deus me libertou.”

Então Elphin foi à casa, ou corte, de Gwyddno, seu pai, levando Taliesin consigo. Gwyddno perguntou se ele tivera uma boa pesca no açude, e Elphin contou que conseguira algo melhor que peixe.

"O que foi?", perguntou Gwyddno. "Um Bardo", respondeu Elphin. Então Gwyddno disse: "Ai, de que te servirá?" Taliesin respondeu: "Ele te será mais útil do que o açude jamais foi." Gwyddno perguntou: "Consegues falar, sendo tão pequeno?" Taliesin respondeu: "Sou mais capaz de falar do que tu de me fazer perguntas." "Quero ouvir o que sabes dizer", disse Gwyddno. Então Taliesin cantou:

"Na água há uma qualidade abençoada;

é muito justo meditar corretamente sobre Deus;

é próprio suplicar a Deus com seriedade,

pois nenhum obstáculo impede que se obtenha dele uma recompensa.

Sei, pela meditação, que nasci três vezes;

seria triste que alguém não viesse buscar

todas as ciências do mundo, reunidas em meu peito,

pois sei o que aconteceu e o que acontecerá no futuro.

Suplicarei ao meu Senhor que encontre refúgio nele,

e que eu obtenha consideração por sua graça;

o Filho de Maria é minha confiança, nele está minha grande alegria,

pois nele o mundo é continuamente sustentado.

Deus veio para me instruir e elevar minhas esperanças,

o verdadeiro Criador do céu, que me protege;

é justo que os santos rezem todos os dias,

pois Deus, o renovador, os levará até ele."

Logo Elphin entregou sua pesca à esposa, e ela criou o menino com ternura e amor. Daí em diante, Elphin ficou cada vez mais rico, dia após dia, e cresceu no amor e na estima do rei. Taliesin permaneceu ali até os treze anos. Então Elphin, filho de Gwyddno, foi, a convite de Natal, visitar seu tio, Maelgwn Gwynedd.

Algum tempo depois, Maelgwn realizou uma corte aberta no Natal, no castelo de Dyganwy, para todos os seus senhores dos dois estados, o espiritual e o secular, com uma enorme multidão de cavaleiros e escudeiros. Entre eles, começou uma conversa e discussão. E foi dito o seguinte.

"Existe no mundo inteiro um rei tão grande quanto Maelgwn, ou alguém a quem o Céu tenha concedido tantos dons espirituais? Primeiro, aparência, beleza, mansidão e força, além de todos os poderes da alma!"

Ademais, disseram que o Céu lhe dera um dom que superava todos os outros: a beleza, a graça, a sabedoria e a modéstia de sua rainha, cujas virtudes superavam as de todas as damas e donzelas nobres de todo o reino. E então perguntaram uns aos outros: Quem tinha homens mais corajosos? Quem tinha cavalos ou galgos mais belos ou velozes? Quem tinha bardos mais habilidosos ou sábios que Maelgwn?

Naquela época, os bardos eram muito estimados pelos poderosos do reino. Ninguém exercia a função dos que hoje são chamados arautos, a menos que fosse instruído.

Eles não só eram experientes no serviço de reis e príncipes, como também estudavam e conheciam bem a linhagem, as armas e os feitos dos príncipes e reis, as questões dos reinos estrangeiros e as coisas antigas deste reino, sobretudo os anais dos primeiros nobres. Também estavam sempre preparados para responder em várias línguas: latim, francês, galês e inglês.

Ademais, eram grandes cronistas e registradores, habilidosos em compor versos e prontos para criar enigmas em cada uma dessas línguas. Naquela festa, havia vinte e quatro deles no palácio de Maelgwn, e o principal era um chamado Heinin Vardd.

Quando todos terminaram de louvar assim o rei e seus presentes, aconteceu que Elphin falou deste modo. “Na verdade, só um rei pode rivalizar com um rei; mas, se ele não fosse rei, eu diria que minha esposa é tão virtuosa quanto qualquer dama do reino e também que tenho um bardo mais habilidoso que todos os bardos do rei.”

Pouco depois, alguns de seus companheiros contaram ao rei todas as vanglórias de Elphin; e o rei ordenou que ele fosse lançado numa prisão segura, até que pudesse saber a verdade sobre as virtudes de sua esposa e a sabedoria de seu bardo.

Ora, quando Elphin foi colocado numa torre do castelo, com uma grossa corrente nos pés (dizem que era uma corrente de prata, porque ele era de

sangue real), o rei, segundo conta a história, enviou seu filho Rhun para investigar a conduta da esposa de Elphin.

Rhun era o homem mais sem vergonha do mundo, e não havia esposa ou donzela com quem tivesse conversado que não fosse mal falada. Enquanto Rhun se apressava em direção à morada de Elphin, decidido a desonrar sua esposa, Taliesin contou à sua senhora que o rei havia mantido seu senhor preso e que Rhun vinha às pressas para tentar desonrá-la.

Por isso, fez sua senhora vestir uma das criadas da cozinha com suas roupas; a nobre dama fez isso de bom grado e encheu as mãos da moça com os melhores anéis que ela e o marido possuíam.

⁂

Desse modo, Taliesin fez sua senhora sentar a moça à mesa, em seu quarto, para a ceia, e fez com que ela parecesse sua senhora, enquanto a senhora parecia a criada. Quando chegou a hora, elas se sentaram para cear como foi dito, e Rhun chegou subitamente à morada de Elphin. Foi recebido com alegria, pois todos os criados o conheciam bem; e logo o levaram ao quarto da senhora.

A criada, que estava no lugar dela, levantou-se da ceia e o recebeu com alegria. Depois, sentou-se novamente para cear, pela segunda vez, e Rhun sentou-se com ela. Então Rhun começou a brincar com a criada, que continuava parecendo sua senhora.

De fato, esta história conta que a moça ficou tão embriagada que adormeceu; e conta também que Rhun pôs um pó na bebida, que a fez dormir tão profundamente que ela nem sentiu quando ele cortou de sua mão o dedo

mínimo, no qual estava o anel com o selo de Elphin, enviado à esposa como lembrança pouco tempo antes.

Rhun voltou ao rei com o dedo e o anel como prova, para mostrar que o havia cortado da mão dela sem que ela despertasse do sono causado pela embriaguez.

O rei se alegrou muito com essas notícias e chamou seus conselheiros, a quem contou toda a história desde o começo. Mandou tirar Elphin da prisão e o repreendeu por sua vanglória.

E falou assim a Elphin: "Elphin, fique sabendo, sem dúvida alguma, que é tolice um homem confiar nas virtudes da esposa além do que pode ver; e, para que tenhas certeza da vileza de tua esposa, vê o dedo dela, com teu anel de selo, que foi cortado de sua mão ontem à noite, enquanto dormia embriagada."

Então Elphin respondeu: "Com sua licença, poderoso rei, não posso negar que o anel é meu, pois muitos o conhecem; mas afirmo com toda firmeza que o dedo em que está nunca pertenceu à mão de minha esposa, pois, com toda certeza, há três sinais notáveis a respeito dele, e nenhum deles jamais se aplicou a qualquer dedo de minha esposa. O primeiro é que, com a licença de Vossa Graça, onde quer que minha esposa esteja neste momento, sentada, de pé ou deitada, esse anel jamais ficaria em seu polegar; no entanto, podeis ver claramente que foi difícil passá-lo pela junta do dedo mínimo da mão de onde este foi cortado.

O segundo é que, desde que a conheço, minha esposa nunca deixou passar um sábado sem aparar as unhas antes de dormir, e podeis ver bem que a

unha deste dedo mínimo não foi aparada há um mês. O terceiro é que a mão de onde veio este dedo amassou massa de centeio nos três dias anteriores ao corte, e posso assegurar a Vossa Bondade que minha esposa nunca amassou massa de centeio desde que é minha esposa."

Então o rei ficou furioso com Elphin por ele se opor tão firmemente ao que dizia sobre a virtude de sua esposa. Por isso, mandou-o de volta à prisão, dizendo que não seria solto até provar a verdade de sua vanglória, tanto sobre a sabedoria de seu bardo quanto sobre as virtudes de sua esposa.

Enquanto isso, a esposa de Elphin e Taliesin continuaram alegres na morada dele. Taliesin contou à senhora que Elphin estava preso por causa deles, mas pediu que ela ficasse contente, pois iria à corte de Maelgwn para libertar seu senhor. Então ela lhe perguntou de que modo o libertaria. Ele respondeu:

"Farei uma viagem,

E chegarei ao portão;

Entrarei no salão,

E cantarei minha canção;

Proclamarei minhas palavras

Para calar os bardos reais,

Diante de seu chefe,

Saudarei para zombar,

Investirei contra eles

E libertarei Elphin.

Se surgir contenda,

Diante do príncipe,

Com um chamado aos bardos,

Pelo doce canto fluente,

Pela sabedoria dos magos

E dos druidas,

Na corte dos filhos do Distribuidor,

Há alguns que apareceram

Com planos astutos,

Por meios ardilosos e truques,

Em meio à aflição,

Para prejudicar o inocente.

Que os tolos se calem,

Como outrora na batalha de Badon,

Com Artur dos generosos

À frente, com longas lâminas vermelhas;

Por feitos de homens irascíveis,

E um chefe com seus inimigos.

Ai deles, dos tolos,

Quando a vingança vier sobre eles.

Eu, Taliesin, chefe dos bardos,

Com as palavras de um druida sábio,

Libertarei o bondoso Elphin

Dos grilhões do tirano arrogante.

Ao grito cruel e frio deles,

Pelo feito de um cavalo espantoso,

Do distante Norte,

Logo chegará o fim.

Que Maelgwn Gwynedd não tenha

Nem graça nem saúde,

Por essa força e essa injustiça;

E que extremos males,

E um fim vingado,

Caiam sobre Rhun e toda a sua linhagem:

Curta seja sua vida,

E devastadas, todas as suas terras;

E que Maelgwn Gwynedd

Seja condenado a longo exílio!"

Depois disso, despediu-se de sua senhora e finalmente chegou à corte de Maelgwn, que se preparava para sentar-se no salão e jantar em sua majestade real, como era costume naqueles dias entre reis e príncipes em toda grande festa.

Assim que Taliesin entrou no salão, ficou quieto num canto, perto do lugar onde os bardos e menestréis costumavam entrar para prestar serviço e homenagem ao rei, como era costume nas grandes celebrações, quando se anunciavam as liberalidades do rei.

Quando os bardos e arautos vieram pedir presentes e proclamar o poder e a força do rei, ao passarem pelo canto onde ele estava encolhido, Taliesin fez beiço para eles e tocou "Blerwm, blerwm" com o dedo nos lábios. Eles mal lhe deram atenção ao passar e seguiram até chegar diante do rei.

Ali fizeram reverência com o corpo, como de costume, sem dizer uma palavra: fizeram beiço para o rei, caretearam e tocaram "Blerwm, blerwm" nos lábios com os dedos, como tinham visto o menino fazer em outro lugar. Isso deixou o rei espantado, e ele pensou que estivessem embriagados de tanto beber.

Por isso, ordenou a um de seus nobres, que servia à mesa, que fosse até eles e pedisse que recobrassem o juízo, percebessem onde estavam e o que lhes cabia fazer. O nobre foi de bom grado, mas eles não pararam com a tolice.

Então o rei mandou chamá-los uma segunda e uma terceira vez, pedindo que saíssem do salão.

Por fim, ordenou a um de seus escudeiros que desse um golpe no chefe deles, chamado Heinin Vardd. O escudeiro pegou uma vassoura e bateu na cabeça dele, fazendo-o cair para trás no assento.

Então ele se levantou, ajoelhou-se e pediu licença à graça do rei para mostrar que aquela falta não se devia à ignorância nem à embriaguez, mas à influência de algum espírito que estava no salão.

Depois disso, Heinin falou assim: "Ó rei honrado, fique Vossa Graça sabendo que não é por força da bebida nem por excesso de álcool que estamos mudos, sem poder falar como bêbados, mas pela influência de um espírito sentado naquele canto, na forma de uma criança." Imediatamente, o rei ordenou ao escudeiro que o trouxesse.

Ele foi ao canto onde Taliesin estava sentado e o levou diante do rei, que lhe perguntou quem era e de onde vinha. E ele respondeu ao rei em versos.

"Sou o principal bardo de Elphin,

E minha terra de origem é a região das estrelas do verão;

Idno e Heinin me chamaram de Merddin,

Por fim, todo rei me chamará de Taliesin."

⁂

Estive com meu Senhor na esfera mais alta,

Quando Lúcifer caiu nas profundezas do inferno.

Levei um estandarte diante de Alexandre;

Conheço os nomes das estrelas, do norte ao sul;

Estive na Via Láctea, junto ao trono do Distribuidor;

Estive em Canaã quando Absalão foi morto;

Levei o Espírito Divino até o vale de Hebrom;

Estive na corte de Don antes do nascimento de Gwydion.

Fui mestre de Eli e Enoque;

O gênio do esplêndido báculo me deu asas;

Falei muito antes de receber o dom da fala;

Estive no lugar da crucificação do misericordioso Filho de Deus;

Passei três períodos na prisão de Arianrod;

Fui o principal dirigente da construção da torre de Nimrod;

Sou uma maravilha cuja origem não se conhece.

Estive na Ásia com Noé na arca,

Vi a destruição de Sodoma e Gomorra;

Estive na Índia quando Roma foi construída,

E agora cheguei aqui, aos remanescentes de Troia.

Estive com meu Senhor na manjedoura do jumento;

Fortaleci Moisés pelas águas do Jordão;

Estive no firmamento com Maria Madalena;

Recebi o dom da poesia do caldeirão de Caridwen;

Fui bardo da harpa de Lleon de Lochlin.

Estive na Colina Branca, na corte de Cynvelyn,

Por um dia e um ano, preso em troncos e correntes;

Passei fome pelo Filho da Virgem;

Fui criado na terra da Divindade;

Fui mestre de todos os seres inteligentes;

Sou capaz de instruir o universo inteiro.

Estarei na face da terra até o dia do Juízo;

E não se sabe se meu corpo é de carne ou de peixe.

Então passei nove meses

No ventre da bruxa Caridwen;

No começo, eu era o pequeno Gwion,

E por fim sou Taliesin."

Quando o rei e seus nobres ouviram a canção, ficaram muito admirados, pois nunca tinham ouvido algo parecido de um menino tão jovem.

Quando o rei soube que ele era o bardo de Elphin, pediu a Heinin, seu primeiro e mais sábio bardo, que respondesse a Taliesin e o enfrentasse.

Mas, quando Heinin veio, não conseguiu fazer outra coisa senão tocar "blerwm" nos lábios; e, quando mandou chamar os outros vinte e quatro bardos, todos fizeram o mesmo e não conseguiram fazer outra coisa. Maelgwn perguntou ao menino Taliesin qual era o seu propósito, e ele lhe respondeu em canção.

"Bardos insignificantes, estou tentando

Conquistar o prêmio, se puder;

Com uma suave melodia profética,

Esforço-me para recuperar

A perda que talvez tenha sofrido;

Espero concluir a tentativa,

Pois Elphin enfrenta dificuldades

Na fortaleza de Teganwy.

Que não lhe imponham

Correntes e grilhões em excesso;

Voltarei a buscar a Cadeira

Da fortaleza de Teganwy;

Fortalecido por minha musa, sou poderoso;

Grande é o que busco,

Pois trezentas canções e mais

Se juntam no encantamento que canto.

Não deve haver onde estou

Nem pedra, nem anel;

E não deve haver ao meu redor

Bardo algum que não saiba

Que Elphin, filho de Gwyddno,

Está na terra de Artro,

Preso por treze fechaduras,

Por ter elogiado seu instrutor;

E então eu, Taliesin,

Chefe dos bardos do oeste,

Libertarei Elphin

De uma corrente de ouro."

"Se sois bardos principais

Do mestre das ciências,

Revelai os mistérios

Que dizem respeito aos habitantes do mundo;

Há uma criatura nociva,

Vinda da muralha de Satanas,

Que venceu tudo

Entre o fundo e o raso;

Suas mandíbulas são tão largas

Quanto as montanhas dos Alpes;

A morte não a vencerá,

Nem a mão, nem as lâminas;

Há a carga de novecentas carroças

Nos pelos de suas duas patas;

Em sua cabeça há um olho,

Verde como a límpida camada de gelo;

Três fontes brotam

Na nuca de seu pescoço;

As ondas do mar por elas

Nadam e passam;

Ali se deu a dissolução dos bois

De Deivrdonwy, dotado das águas.

Os nomes das três fontes

Vêm do meio do oceano;

Uma gerou água salgada

Que vem da Corina,

Para reabastecer a correnteza

Sobre os mares que desaparecem;

A segunda, sem causar dano,

Cairá sobre nós,

Quando houver chuva lá fora,

Através do céu que transborda;

A terceira aparecerá

Pelas veias da montanha,

Como um banquete de sílex,

Obra do Rei dos reis.

Vós, bardos confusos,

Em preocupação excessiva,

Não podeis celebrar

O reino dos bretões;

E eu sou Taliesin,

Chefe dos bardos do oeste,

Que libertará Elphin

Da corrente de ouro."

"Calai-vos, então, bardos azarados e rimadores,

Pois não sabeis julgar entre a verdade e a mentira.

Se sois bardos principais, formados pelo céu,

Dizei ao vosso rei qual será seu destino.

Sou eu o adivinho e o bardo principal,

E conheço cada caminho na terra do vosso rei;

Libertarei Elphin do ventre da torre de pedra;

E direi ao vosso rei o que lhe acontecerá.

Uma criatura muito estranha virá do pântano marinho de Rhianedd

Como castigo pela maldade de Maelgwn Gwynedd;

Seus cabelos, dentes e olhos serão como ouro,

E isso trará destruição sobre Maelgwn Gwynedd."

"Descobre o que é

A criatura poderosa de antes do dilúvio,

Sem carne, sem osso,

Sem veia, sem sangue,

Sem cabeça, sem pés;

Não será mais velha nem mais nova

Do que no começo;

Para que não haja negativa,

As criaturas não têm

Necessidades grosseiras.

Grande Deus! Como o mar fica branco

Quando ela chega pela primeira vez!

Fortes são suas rajadas

Quando vem do sul;

Grandes são suas evaporações

Quando atinge as costas.

Está no campo, está na mata,

Sem mão nem pé,

Sem sinais de velhice,

Embora seja da mesma idade

Que as cinco eras ou períodos,

E ainda mais antiga,

Embora sejam anos incontáveis.

Também é tão vasta

Quanto a superfície da terra;

E não nasceu,

Nem foi vista.

Causará espanto

Onde quer que Deus queira.

No mar e em terra,

Não vê nem é vista.

Seu curso é tortuoso,

E não virá quando desejada;

Em terra e no mar,

É indispensável.

Não tem igual,

Tem quatro lados;

Não está confinada,

É incomparável;

Vem dos quatro cantos;

Não aceitará conselho,

Nem ficará sem conselho.

Começa sua jornada

Acima da rocha de mármore;

É sonora, é muda,

É suave,

É forte, é ousada;

Quando passa sobre a terra,

É silenciosa, é vocal,

É estrondosa,

É a mais barulhenta

Na face da terra.

É boa, é má,

É extremamente nociva.

Está oculta,

Pois a vista não consegue percebê-la.

É nociva, é benéfica;

Está lá, está aqui;

Causará perturbação,

Mas não reparará o dano;

Não sofrerá por seus atos,

Pois é inocente.

É molhada, é seca,

Aparece com frequência,

Vinda do calor do sol

E do frio da lua.

A lua é menos benéfica,

Pois seu calor é menor.

Um Ser a preparou,

Entre todas as criaturas,

Com um sopro terrível,

Para se vingar

De Maelgwn Gwynedd."

⁂

Enquanto cantava assim seu verso perto da porta, levantou-se uma forte tempestade de vento, de modo que o rei e todos os seus nobres pensaram que o castelo cairia sobre suas cabeças. Então o rei mandou buscar depressa Elphin em sua masmorra e o colocou diante de Taliesin. Dizem que, assim que cantou um verso, as correntes se abriram ao redor de seus pés.

"Adoro o Supremo, Senhor de toda a vida,—

Aquele que sustenta os céus, Governante de todos os extremos,

Aquele que tornou a água boa para todos,

Aquele que concedeu cada dádiva e a abençoa;—

Que Maelgwn de Anglesey, que nos abastece,

Receba abundância de hidromel de suas taças espumantes, a bebida mais pura e preciosa.

Como as abelhas recolhem, mas não desfrutam,

Temos hidromel destilado e brilhante, elogiado por todos.

A multidão de criaturas que a terra alimenta

Deus criou para o homem, para enriquecê-lo;—

Algumas são violentas, outras mudas; ele delas desfruta,

Algumas são selvagens, outras mansas; o Senhor as cria;—

Parte do que produzem se torna roupa;

Para alimento e bebida, continuarão até o fim.

Peço ao Supremo, Soberano da região da paz,

Que liberte Elphin do exílio,

O homem que me deu vinho, cerveja e hidromel,

E grandes cavalos principescos, de bela aparência;

Que ainda me dê; e, no fim,

Que Deus, por sua bondade, me conceda, em honra,

Uma sucessão de eras incontáveis, no retiro da tranquilidade.

Elphin, cavaleiro do hidromel, que tua partida demore!"

Depois, cantou a ode chamada "A excelência dos bardos".

"Qual foi o primeiro homem

Criado pelo Deus do céu;

Qual foi o discurso mais belo e lisonjeiro

Preparado por leuav;

Que comida, que bebida,

Que teto lhe serviu de abrigo;

Qual foi a primeira impressão

De seu pensamento inicial;

O que se tornou sua roupa;

Quem se disfarçou,

Por causa dos ermos do país,

No começo?

Por que uma pedra é dura;

Por que um espinho tem ponta afiada?

Quem é duro como sílex;

Quem é salgado como a salmoura;

Quem é doce como o mel;

Quem cavalga o vendaval;

Por que o nariz é saliente;

Por que a roda é redonda;

Por que a língua recebeu o dom da fala

E não outro membro?

Se vossos bardos, Heinin, são capazes,

Que me respondam, a mim, Taliesin."

Depois disso, cantou a fala chamada "A repreensão dos bardos".

"Se és um bardo inteiramente tomado

Por um talento que não se pode conter,

Não sejas indomável

Na corte de teu rei;

Até que se conheça teu palavreado sem sentido,

Fica calado, Heinin,

Quanto ao nome de teu verso,

E ao nome de tua jactância;

E quanto ao nome de teu avô

Antes de ser batizado.

E ao nome da esfera,

E ao nome do elemento,

E ao nome de tua língua,

E ao nome de tua região.

Fora, bardos lá de cima,

Fora, bardos lá de baixo!

Meu amado está embaixo,

Preso no grilhão de Arianrod.

É certo que não sabeis

Compreender a canção que entôo,

Nem distinguir claramente

A verdade da mentira;

Bardos insignificantes, corvos da região,

Por que não levantais voo?

Que o bardo que não me calar

Não consiga calar ninguém,

Até que vá ser coberto

Por cascalho e pedrinhas;

Quanto aos que me escutarem,

Que Deus os escute."

Então cantou a peça chamada "A maldade dos bardos".

"Os menestréis persistem em seu falso costume,

Gostam de canções imorais;

Recitam elogios vazios e sem gosto;

Sempre dizem mentiras;

Ridicularizam os inocentes;

Desonram mulheres casadas,

Corrompem virgens inocentes de Maria;

Passam a vida em vão,

Ridicularizando pobres inocentes;

À noite ficam bêbados, dormem durante o dia;

Alimentam-se na ociosidade, sem trabalhar;

Odeiam a Igreja e frequentam a taverna;

Associam-se a ladrões e perjuros;

Nos tribunais, perguntam pelas festas;

Dizem toda palavra sem sentido;

Louvam todo pecado mortal;

Levam toda vida vil;

Vagueiam por toda aldeia, cidade e região;

Não pensam no aperto da morte;

Não oferecem hospedagem nem caridade;

Comem em excesso.

Não usam salmos nem orações,

Não pagam dízimos nem ofertas a Deus,

Não adoram nos feriados nem aos domingos;

Não dão atenção a vigílias nem festividades.

Os pássaros voam, os peixes nadam,

As abelhas recolhem mel, os vermes rastejam,

Tudo se esforça para conseguir alimento,

Exceto os menestréis e os ladrões preguiçosos e inúteis."

⁂

Não desprezo a canção nem a arte dos menestréis,

Pois Deus as deu para aliviar os pensamentos;

Mas desprezo quem delas abusa,

Blasfemando contra Jesus e seu serviço."

Depois de libertar seu mestre da prisão, defender a inocência de sua esposa e calar os bardos, de modo que nenhum deles ousasse dizer uma palavra, Taliesin trouxe a esposa de Elphin diante de todos e mostrou que ela não tinha falta de nenhum dedo. Elphin ficou muito contente, e Taliesin também.

Então mandou Elphin apostar com o rei que tinha um cavalo melhor e mais veloz do que os cavalos do rei. Elphin fez isso, e marcaram o dia, a hora e o lugar. O lugar era aquele que hoje se chama Morva Rhiannedd. Para lá foi o rei com todo o seu povo e com os vinte e quatro cavalos mais velozes que possuía.

Depois de muito tempo, marcaram a pista e posicionaram os cavalos para a corrida. Então Taliesin chegou com vinte e quatro varas de azevinho que havia queimado até ficarem pretas. Mandou o jovem que montaria o cavalo de seu mestre colocá-las no cinto e ordenou que deixasse todos os cavalos do rei passarem à sua frente.

Ao ultrapassar cada cavalo, deveria pegar uma vara, bater com ela na garupa do cavalo e depois deixá-la cair. Em seguida, pegaria outra vara e faria o mesmo com cada cavalo que ultrapassasse. Também ordenou ao cavaleiro que prestasse muita atenção ao momento em que seu próprio cavalo tropeçasse e que jogasse o boné no lugar.

O jovem cumpriu tudo isso, golpeando cada um dos cavalos do rei e jogando o boné no lugar em que seu cavalo tropeçou. Depois que o cavalo venceu a corrida, Taliesin levou seu mestre até esse lugar. Mandou Elphin chamar trabalhadores para cavar ali um buraco. Quando cavaram fundo o bastante, encontraram um grande caldeirão cheio de ouro.

Então Taliesin disse: “Elphin, eis o pagamento e a recompensa por me tirares do açude e me criares desde aquele momento até agora.” Nesse lugar há uma poça d’água, que até hoje se chama Pwllbair.

Depois de tudo isso, o rei mandou trazer Taliesin à sua presença e pediu que recitasse sobre a criação do homem desde o princípio. Então ele compôs o poema que hoje se chama “Um dos quatro pilares da canção”.

“O Todo-Poderoso criou,

Pelo vale de Hebron,

Com suas mãos criadoras,

A bela forma de Adão:

E por quinhentos anos,

Sem qualquer ajuda,

Ali permaneceu e ficou deitado,

Sem uma alma.

Depois, criou de novo,

No paraíso tranquilo,

De uma costela do lado esquerdo,

Eva, palpitante de felicidade.

Por sete horas,

Cuidaram do pomar,

Até Satanás trazer a discórdia,

Com artimanhas do inferno.

De lá foram expulsos,

Com frio e tremendo,

Para ganhar o sustento,

Neste mundo.

Para dar à luz com dor

Seus filhos e filhas,

E tomar posse

Da terra da Ásia.

Duas vezes cinco, dez e oito,

Ela gerou por si mesma

A carga misturada

De homem e mulher.

E uma vez, às claras,

Deu à luz Abel

E Caim, o desditoso,

O homicida.

A ele e à sua companheira

Foi dada uma pá

Para revolver a terra

E assim obter pão.

O trigo puro e branco,

A terra lavrada no verão, para semear,

Para alimentar todos,

Até a grande festa de Natal.

Uma mão angelical,

Do Pai altíssimo,

Trouxe sementes para plantar,

Para que Eva as semeasse;

Mas ela então escondeu

Um décimo do presente,

E não semeou tudo

O que havia sido desenterrado.

Encontrou-se então centeio preto,

E não grãos de trigo puro,

Para mostrar o mal

Causado pelo roubo.

Por esse ato de roubo,

É necessário

Que todos paguem

O dízimo a Deus.

Do vinho rubro,

Plantado nos dias ensolarados,

E nas noites de lua nova;

E do vinho branco.

O trigo rico em grãos

E o vinho tinto que corre

Formam o corpo puro de Cristo,

Filho de Alfa.

A hóstia é carne,

O vinho é sangue derramado,

As palavras da Trindade

Os santificam.

Os livros ocultos,

Da mão de Emanuel,

Foram trazidos por Rafael

Como presente de Adão,

Quando, já velho,

Mergulhado até o queixo

Nas águas do Jordão,

Guardando jejum,

Moisés obteve,

Nas águas do Jordão,

A ajuda dos três

Bastões mais especiais.

Salomão obteve,

Na torre de Babel,

Todas as ciências

Da terra da Ásia.

Assim também obtive,

Nos meus livros de bardo,

Todas as ciências

Da Europa e da África.

Seu curso, seu rumo,

Seu caminho permitido,

E seu destino conheço,

Até o fim.

Oh! Que desgraça,

Em meio a extrema aflição,

A profecia revelará

Sobre a raça de Troia!

Uma serpente sinuosa,

Orgulhosa e impiedosa,

Sobre suas asas douradas,

Vinda da Alemanha.

Ela invadirá

A Inglaterra e a Escócia,

Da costa do mar de Lychlyn

Até o Severn.

Então os bretões

Serão como prisioneiros,

Governados por estrangeiros

Vindos da Saxônia.

Louvarão seu Senhor,

Manterão sua língua,

Perderão sua terra,

Exceto a selvagem Gales.

Até que venha alguma mudança,

Depois de longa penitência,

Quando os dois crimes

Se tornarem igualmente comuns.

Então os bretões terão

Sua terra e sua coroa,

E a multidão de estrangeiros

Desaparecerá.

Todas as palavras do anjo,

Sobre paz e guerra,

Se cumprirão

Para a raça da Bretanha."

Ele contou ainda ao rei várias profecias sobre coisas que aconteceriam no mundo, em canções, como segue.

Notas

6 Taliesin.

7 A menção a Gwyddno Garanhir em vez de Elphin ab Gwyddno neste trecho é claramente um erro de algum copista do manuscrito.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0